VELLOSIA

CONTRIBUIÇÕES

DO

MUSEU BOTANICO DO AMAZONAS

VOLUME PRIMEIRO

BOTANICA

1885 — 1888

(SEGUNDA EDIÇÃO)

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1891

PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

BENEVOLO LEITOR.

A força moral de uma nação não se determina só pelo numero de seus soldados ou de seus vasos de guerra, pelo incremento de seu commercio ou de sua industria, mas principalmente pelo gráo a que teem attingido as sciencias, as lettras e as artes. São estas que inventam o canhão, encouraçam as esquadras, impellem as locomotivas, fazem mover-se as correntes electricas, desvendam os mysterios das florestas e do solo e, tornando-os em realidades, transformam-n'os em productos que se derramam pelas fabricas e pelos mercados. E' pela força intellectual e não pela physica, pois, que uma nação progride, que campêa entre as outras. Não bastam os arsenaes, as fabricas, as alfandegas, é preciso que tudo se mova pela força do genio de seus filhos, que descobrem os materiaes que dão movimento aos operarios, ás machinas e ás pautas.

A provincia do Amazonas, que, no Imperio, possue o territorio que maior cópia de productos póde fornecer á actividade humana, ante a marcha progressiva do seculo, não cruzou seus braços, procurou conhecer o que o silencio das suas florestas esconde, para atiral-as ao mundo, e para isso teve a patriotica idéa de fundar o seu Museu, cadinho onde se apurarão as suas riquezas, para, depois de conhecidas, serem offertadas á actividade humana.

Até aqui só a intelligencia exotica, de longe em longe, percorria os seus sertões e tirava proveito do que encontrava; agora, porém, é

a propria provincia que mostrará o que ella de novo e de util guarda em seu seio.

Fundado o Museu Botanico do Amazonas, pela lei n. 629 de 18 de Junho de 1883, em 22 de Janeiro de 1884 teve o seu regulamento; mas circumstancias imprevistas fizeram com que até Junho de 1887 estivesse privado de verbas, para a sua completa organização, e por conseguinte baldo de meios para trabalhar. Honrado com a confiança da presidencia, fui immerecidamente chamado para organizar e montar o Museu, e, pondo toda a minha actividade em prova, entrei logo a lutar não só com as difficuldades que se me oppunham pela falta de elementos, como pela indifferença e má vontade que sempre apparecem, quando surge em qualquer parte uma idéa nova.

Apezar dos obstaculos e da luta constante, o Museu poude fazer apparecer hoje, modesta, sem atavios que deslumbrem, envolta na roupagem lisa da sua consciencia, a *Vellosia*, pedindo ás suas irmãs um lugar para ella, para tambem entrar no côro daquellas que acompanham os solos das encanecidas á luz do fóco da sciencia.

A *Vellosia* vem temerosa offerecer o que poude respigar no descanço das fadigas das lutas inglorias, sobraçando pequena messe, mas que prova que descuidada não andou.

O Museu julga-se feliz, por poder, estando ainda sob as faxas infantis, fazer aquillo que outros não fazem senão depois de lhes ter passado pelos archivos um grande numero de annos.

A *Vellosia*, como a *Linnaea*, a *Malpighia*, a *Bomplandia*, a *Adansonia*, a *Lindenia*, e outras, com os seus trabalhos, vem tambem render um tributo de homenagem, perpetuando o nome do brazileiro notavel que se chamou Frei JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO, o primeiro botanico que no Brazil chegou a ter publicado o fructo dos seus fatigantes trabalhos. (1) Na falta de um Mecenas, sirva o nome de um redivivo, e que as palmas que porventura colha, prestem para ornar o pedestal da sua gloria.

---

(1) Floræ Fluminensis seu descriptionum plantarum præfetura Fluminensi sponte nascentium liber primus ad systema sexuale concinnatus Augustissimæ Dominæ nostræ per manus Illm. ac Exm. Aloysii de Vasconcellos & Souza Brasilæ Pro-Regis Quarti etc. etc. Sistit Fr. Josephus Marianus a Conceptione Velloso. Prœsb. Ord. S. Franc. Reform. Prov. Flumin. 1790.

Se deparar tambem com flôres no seu caminho, e não se lacerar nos espinhos que possam tolher-lhe a marcha, essas flores a *Vellosia* atira viçosas sobre a fronte dos poucos deputados provinciaes que facultaram-lhe os meios de apparecer em publico.

Manda tambem a justiça que ella apresente os nomes do Dr. José Lustosa da Cunha Paranaguá, o presidente fundador do Museu; o do Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, presidente que dotou o Museu com um edificio proprio; o do Dr. José Jansen Ferreira Junior, que pela sua honradez e patriotismo soube evitar que um golpe de morte fosse vibrado sobre esta instituição; o do Dr. Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves, presidente a quem o Museu deve a organização do seu laboratorio chimico, e o do coronel de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, o presidente que conseguiu da assembléa os fundos necessarios para a marcha regular do Museu.

A *Vellosia* não é mais do que o archivo do que houver de original nas investigações feitas no Museu, contribuindo, por meio da botanica, da chimica, da ethnologia e da historia, para o desenvolvimento das sciencias naturaes, da geographia, da industria e do commercio.

Apresenta neste primeiro volume, para cumprir o que determina o art. 22 do Regulamento do Museu, na primeira parte o começo de um trabalho em que são descriptas differentes plantas medicinaes e industriaes, que em consciencia parecem ser novas, bem como a descripção de 25 palmeiras tambem novas. Na segunda parte, infelizmente, só apparecem uns ensaios chimicos, de algumas substancias alimenticias, porque, à despeito de todos os meus esforços e por motivos independentes da minha boa vontade, não consegui obter nenhum estudo de chimica organica vegetal, (1); na terceira vem um estudo sobre os vestigios de uma necropole dos primitivos habitantes do Amazonas e o *folklore* ou mythologia da mesma região.

---

(1) Nesta segunda edição supprimo essas analyses.

Occupando-se a ethnologia não só das leis, costumes, usos, traços physicos e origem de um povo, mas tambem da sua lingua, da sua religião e dos seus mythos, vem esses artigos não só amenisar aquella aridez que Bernardin de St. Pierre achava na botanica, como cumprir as disposições dos arts. 22 e 28 do cap. XII do citado Regulamento.

Agora ainda algumas palavras, não aos mestres da sciencia, porque estes sempre acolhem pressurosos e com jubilo os esforços de seus confrades, e estão sempre promptos a desculpar algumas faltas, mas áquelles que não sabem o que é um banquete na mesa de Linneo.

Em geral, para bem determinar-se uma planta, ha o confronto para a identificação da especie, que é feito nos grandes herbarios; porém não se dispondo desse meio, ao alcance dos botanicos estrangeiros, corre-se o risco de se fazer uma dupla classificação; vale porém mais isto de que não resulta desar algum, do que deixar, por desidia ou incuria, plantas novas ou uteis desconhecidas. Os grandes mestres da sciencia, no fóco das luzes, teem cahido em duplas determinações, que teem ido para a synonymia; poderá cahir nesse engano o autor destas linhas, porque grande é hoje a litteratura botanica, e não lhe é dado possuil-a toda; mas terá cumprido um dever.

Fracos são os meios de que dispõe o Museu, mas por isso não se deve cruzar os braços, sob pena de incorrer n'um crime de leso-patriotismo, que o autor a si proprio não perdoaria.

O Director do Museu

J. Barbosa Rodrigues

PROLOGO DA 2ª EDIÇÃO

Devo ao leitor uma explicação pela demora no apparecimento da *Vellosia*, que em tempo opportuno deixou de ser publicada. Vem esta edição perpetuar os trabalhos feitos no Museu Botanico do Amazonas durante os annos de 1885 a 1888.

Depois de incessantes trabalhos e de lutas continuas, tendo conseguido apresentar o Museu organizado e em condições de já poder ser admirado por estrangeiros, levado por odios particulares e politicos, um vice-presidente deu profundo golpe de morte na instituição, que se não se extinguiu immediatamente foi isso devido a esforços por mim empregados. Todavia, se não foi riscada do numero de suas congeneres, de então em diante conservou-se anniquilada, sem meios de se erguer, por não dispor de uma só verba que a animasse, por terem sido os seus meios de existencia desviados para outros fins, pela propria mão que a ferira.

Sem verbas, completamente desmontado pela rapida e brusca mudança de casa, não podendo o Museu soerguer-se, suspendi a publicação da revista, que já tinha um volume em circulação e impressa a parte botanica do segundo. Tendo sahido cheio de erros o volume publicado e impresso em papel de pessima qualidade, retirei-o da circulação, esperando que o Museu retomasse seu antigo curso para então imprimir de novo a revista correcta e digna de ser manuseada. Prejudicial, entretanto, era essa demora aos fóros do estabelecimento que eu creara e dirigia, porque não só os trabalhos executados com tantos sacrificios não appareciam, como a sciencia perdia, vendo retiradas da publicidade as novidades que haviam sido alcançadas.

Dormiam as estampas do 2º volume, já impressas, o somno dos condemnados e no esquecimento as especies novas, quando passou o paiz por uma revolução politica que derrubou a parcella de invejosos que perseguiam o Museu e levou para as plagas amazonenses um homem de talento que á illustração alliava subido patriotismo. Tomando as redeas do governo, desde logo estendeu mão protectora ao Museu Botanico e procurou meios de salval-o e erguel-o á altura que merecia. Immediatamente encommendou para o estabelecimento uma typographia propria que, infelizmente, não chegou a ser montada, porque antes de chegar a Manáos e antes de feitas as reformas que o governador preparava, fui chamado pelo Governo central para tomar a direcção do Jardim Botanico do Rio de Janeiro. Apezar disso, ao deixar saudoso o estabelecimento que tantos trabalhos me dera, mas que o queria como filho dilecto, o Dr. Ximeno Villeroy, o patriotico Governador do Amazonas, ordenou a impressão dos trabalhos que existiam terminados e a reimpressão do 1º volume. Apparecem, pois, hoje, esses dous volumes da revista, graças aos esforços daquelle cavalheiro, pelo que rendo-lhe aqui um publico testemunho de gratidão.

Chegando ao Rio de Janeiro, levei aos prélos da Imprensa Nacional a revista; mas, infelizmente, a grande agglomeração de trabalhos do Governo retardou muito a impressão.

O leitor do volume notará agora a falta da *Poranduba Amazonense*. Cumpre-me explicar a razão dessa falta.

Sendo um trabalho bastante longo, occupando mais de um volume da revista, de mais de 300 paginas, para não sobrecarregar os cofres do Amazonas, aceitei o convite, que gentil e cavalheirosamente me fez o digno director da Bibliotheca Nacional, Dr. Bittencourt Sampaio, para publicar esse trabalho nos *Annaes* da mesma Bibliotheca, visto tratar-se de assumpto que interessava essa repartição. De feito, foi a *Poranduba* impressa no vol. XIV dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.*

Julgo de meu dever aqui prevenir o leitor de que, tendo sido aproveitadas as estampas que estavam promptas para entrar no 2º volume, assim como as que haviam já servido no 1º, nota-se agora na parte botanica, que a numeração das respectivas estampas de I a XIII é seguida outra vez de outras de I a XXII. Contém, pois, a *Eglogae*

plantarum novarum 35 estampas divididas em duas series. As estampas que formaram a 2ª serie referem-se ao texto da pag. 31 em deante, intercaladas entre as duas series as estampas XXII a e XXII b, que foram posteriormente impressas.

Tendo-se extinguido, com a minha retirada, o Museu Botanico do Amazonas, ahi ficam esses dous volumes como vestigio de sua ephemera passagem no mundo scientifico, e como prova de que, em curto espaço de tempo, rodeado de contratempos, aquelle estabelecimento não deixou de ter verdadeira utilidade.

O leitor lerá o seu historico no segundo volume.

Estas paginas resumem os trabalhos de casa, não sendo aqui consignados os que se referem a noticias do estabelecimento no extrangeiro, a informações e propaganda de conhecimentos, não só das riquezas, como da geographia, ethnographia, climatologia, vantagens da immigração, etc.

Tendo sido modificado o formato da *Revista*, as estampas não puderam ser addicionadas ao texto, pelo que formam ellas um volume em separado. Com facilidade o leitor as cotejará com a parte descriptiva.

O Director do Museu

J. Barbosa Rodrigues.

REGULAMENTO N. 49, DE 22 DE JANEIRO DE 1884

O Presidente da Provincia do Amazonas, usando da attribuição que lhe confere o art. 24 § 4º da Carta de Lei constitucional de 12 de Agosto de 1834, resolve expedir o seguinte:

REGULAMENTO PARA O MUSEU BOTANICO DO AMAZONAS

CAPITULO I

DO MUSEU E SUA ORGANIZAÇÃO

Art. 1.º O Museu Botanico do Amazonas é destinado principalmente a estudar botanica e chimicamente a flora da provincia, e vulgarisar os seus productos; devendo colligir e ter sob sua guarda os productos naturaes e industriaes que visem áquelle fim.

Paragrapho unico. Estudando a industria indigena, terá tambem uma secção ethnographica.

Art. 2.º A direcção e fiscalização será exercida por um director, de accordo com o Presidente da Provincia.

Art. 3.º Terá o Museu o seguinte pessoal: um botanico e um chimico, sendo um delles o director, um ajudante-secretario, um dito desenhista-photographo, e um dito jardineiro, um porteiro, e quatro serventes, de preferencia indios.

CAPITULO II

DO DIRECTOR

Art. 4.º O director será nomeado pelo Presidente da Provincia devendo a nomeação recahir sobre o botanico ou o chimico.

Art. 5.º Compete ao director:

§ 1.º Propor ao Presidente da Provincia a nomeação do botanico ou do chimico, assim como a dos ajudantes e porteiro, podendo os dous primeiros servir por contracto.

§ 2.º Nomear e demittir os serventes e marcar-lhes o serviço.

§ 3.º Representar ao Presidente sobre as providencias que julgar convenientes ao estabelecimento, assignar toda a correspondencia, folhas de pagamento, e rubricar as contas.

§ 4.º Determinar ao chimico, ou ao botanico, os trabalhos que julgar convenientes.

§ 5.º Redigir a revista do Museu, e promover relações com os estabelecimentos congeneres estrangeiros.

CAPITULO III

DO BOTANICO

Art. 6.º Compete ao botanico:

§ 1.º Fazer herborisações, colher e colleccionar as plantas da provincia, segundo os preceitos scientificos.

§ 2.º Classificar, descrever, desenhar e fazer desenhar as que forem novas ou pouco conhecidas.

§ 3.º Organizar um catalogo methodico, onde, além do nome vulgar e scientifico, se encontrem as propriedades das plantas.

§ 4.º Reunir todos os productos vegetaes, e conserval-os.

§ 5.º Ter sob sua guarda o herbario em boa ordem e conservação.

CAPITULO IV

DO CHIMICO

Art. 7.º Compete ao chimico:

§ 1.º Analysar qualitativa e quantitativamente as plantas, ou os seus productos.

§ 2.º Extrahir os principios activos das mesmas e os productos chimicos, quer para as collecções do Museu, quer para amostras que tenham de ser remettidas para o estrangeiro.

§ 3.º Ter sob sua immediata guarda e em boa conservação não só o laboratorio como o gabinete chimico.

§ 4.º Fazer experiencias com os productos obtidos.

§ 5.º Registrar, methodicamente, com todas as observações e considerações as analyses que se fizerem, com as respectivas datas.

§ 6.º Apresentar mensalmente o resultado dos trabalhos com o registro acima.

§ 7.º Fazer extractos e tinturas das plantas toxicas e medicinaes.

§ 8.º Requisitar com tempo e por escripto o que for necessario para o bom desempenho de suas obrigações.

CAPITULO V

DOS AJUDANTES

Art. 8.º Os ajudantes auxiliarão ao botanico e ao chimico nas suas excursões e nos trabalhos de gabinete, assim como se auxiliarão mutuamente.

Art. 9.º Serão nomeados pelo Presidente da Provincia, sob proposta do director, apresentando provas de moralidade e de saberem pelo menos as linguas franceza e latina e arithmetica.

Art. 10. Deverão ter a qualidade de cidadão brazileiro, e, quando não se encontrem especialistas, poderão ser estrangeiros contractados.

Art. 11. Além dos requisitos do art. 9º deverão provar que estão habilitados em desenho e photographia, jardinagem e horticultura, conforme a especialidade.

CAPITULO VI

DO AJUDANTE SECRETARIO

Art. 12. Compete ao secretario, além dos serviços que como ajudante tiver de fazer:

§ 1.º Ter a seu cargo não só a correspondencia official, que será registrada, como fazer todas as cópias dos trabalhos do botanico e do chimico.

§ 2.º Conservar em boa ordem a correspondencia.

§ 3.º Fazer as folhas de pagamento e organizar as contas.

§ 4.º Ter sob sua guarda e conservar em boa ordem a secretaria e a bibliotheca do Museu, de que deverá fazer o catalogo.

CAPITULO VII

DO AJUDANTE PHOTOGRAPHO E DESENHISTA

Art. 13. Ao photographo desenhista compete :

§ 1.º Tirar as photographias e os desenhos que o director ordenar.

§ 2.º Conservar os clichés e desenhos por ordem numerica e por qualidades.

§ 3.º Ter sob sua guarda, em boa ordem, conservação e asseio, o atelier e os instrumentos, assim como os objectos de desenho.

Art. 14. Poderá ter atelier particular para seu uso, devendo, porém, recolher ao Museu, onde serão guardadas, todas as chapas photographicas e desenhos a elle destinados.

Art. 15. Não poderá dispor de photographia alguma, nem de cópias de desenhos do Museu, sob pena de suspensão ou demissão proposta ao Presidente da Provincia, conforme a gravidade do caso.

CAPITULO VIII

DO AJUDANTE JARDINEIRO

Art. 16. Compete ao jardineiro:

§ 1.º Plantar o horto e dirigir os seus trabalhos, segundo as instrucções que receber do director.

§ 2.º Fazer excursões para obter plantas vivas e sementes, sempre que lhe for ordenado.

§ 3.º Ter sob sua responsabilidade a conservação das plantas, a dos instrumentos agricolas, assim como o asseio e boa ordem do horto, onde deverá morar.

§ 4.º Para auxilial-o terá quatro empregados que serão de preferencia indios.

Art. 17. Das sementes que colher e das que germinarem, poderá o jardineiro dispor para seu uso da quarta parte, não as podendo, porém, retirar sem ordem e inspecção do director.

CAPITULO IX

DO PORTEIRO

Art. 18. Compete ao porteiro abrir e fechar as portas do estabelecimento, velar pela sua segurança, asseio e dependencias, e cumprir as ordens do director.

CAPITULO X

DOS SERVENTES

Art. 19. Aos serventes compete, conforme a designação do director:

§ 1.º Auxiliar ao porteiro no asseio do edificio.

§ 2.º Auxiliar ao chimico e ao botanico nos seus trabalhos, e limpar o herbario sob as vistas deste.

§ 3.º Empregar-se nos trabalhos da jardinagem e horticultura.

CAPITULO XI

DAS EXPOSIÇÕES

Art. 20. Logo que o Museu esteja em circumstancias, annualmente, no dia 29 de Julho, exporá os seus trabalhos e productos ao publico, por espaço de tres ou mais dias. (1)

Art. 21. Durante o anno a entrada no Museu só é permittida aos domingos ás pessoas que o queiram visitar.

Paragrapho unico. Os naturalistas nacionaes ou estrangeiros e aquelles que quizerem estudar poderão ter ingresso em outros dias, mediante ordem do director.

CAPITULO XII

DA REVISTA

Art. 22. O Museu terá uma revista trimestral, na qual serão publicados todos os seus trabalhos. Será dividida em quatro partes, na primeira se occupará da botanica, na segunda da chimica, na terceira da ethnographia, e na quarta de historia, geographia estatistica, etc., em que noticiará as regiões que forem percorridas pelo pessoal do Museu.

Art. 23. Esta revista terá assignantes no paiz e no estrangeiro, e será distribuida gratuitamente aos estabelecimentos scientificos e permutada com outras nacionaes ou de outros paizes.

Art. 24. O producto das assignaturas da revista será applicado ao custeio da mesma revista.

Art. 25. Da parte botanica e chimica se tirarão em separado alguns exemplares, quando se tratar de plantas medicinaes ou indnstriaes, para serem remettidos aos hospitaes, escolas de medicina, laboratorios e fabricas, junto a amostras das plantas de que se tratar.

Art. 26. Será escripta em francez a parte que servir para vulgarisar os productos da provincia.

CAPITULO XIII

DA SECÇÃO ETHNOGRAPHICA

Art. 27. Todos os objectos indigenas, não só os que pertencerem á industria das tribus da Provincia, tirados do reino vegetal,

---

(1) A primeira exposição foi feita no dia 29 de Julho de 1886, sendo nesse dia inaugurado o retrato de Sua Alteza a Senhora Condessa d'Eu, ex-Princeza Imperial do Brazil.

como tudo que tenha relação com os seus usos e costumes, serão recolhidos a uma secção especial.

Art. 28. Estes objectos serão distribuidos e estudados por ordem geographica e de tribus, e serão conservados sob a guarda do director.

Art. 29. Sempre que for possivel se conservarão photographias ou desenhos, representando os typos das tribus em posições que sirvam para o estudo anthropologico.

Art. 30. Os esqueletos, craneos, etc. das mesmas tribus serão conservados.

Art. 31. Para o estudo comparativo, serão recolhidos á mesma secção, numa subdivisão especial, os objectos de louça de barro, de pedra, não só modernos como archeologicos.

Art. 32. Todos estes objectos, relacionados, serão desenhados ou photographados.

Art. 33. Nenhum objecto sahirá senão por troca, depois de haver uma triplicata.

CAPITULO XIV

DAS LICENÇAS E SUBSTITUIÇÕES

Art. 34. As licenças serão concedidas aos empregados do Museu, de conformidade com as leis em vigor.

Art. 35. As substituições serão feitas reciprocamente entre o chimico e o botanico; e as dos mais empregados conforme a designação do director, percebendo o substituto, além dos seus vencimentos, mais a gratificação do logar substituido quando accumular as funcções.

Paragrapho unico. Quando as licenças excederem a um mez, o director do Museu poderá, com autorização do Presidente da Provincia, nomear um empregado interino, que perceberá todos os vencimentos do cargo.

CAPITULO XV

DISPOSIÇÕES GERAES

Art. 36. Os nomes das pessoas que fizerem donativos ao Museu, já de fibras, sementes, oleos, resinas, troncos de arvores, etc., já de objectos indigenas, serão registrados em livro especial e mencionados na revista.

Art. 37. Sempre que for preciso o director representará ao Presidente da Provincia sobre a conveniencia de sahir ou fazer sahir os

seus ajudantes para herborisações no interior da Provincia, com segurança e bom resultado.

Art. 38. As despezas de viagem do director e seus ajudantes, nos vapores subvencionados, correrão por conta da Provincia.

Art. 39. As horas de trabalhos serão marcadas pela tabella que o director organizar, podendo começar ás 6 horas da manhã e terminar ás 6 da tarde.

Art. 40. O director poderá impor aos empregados pelas faltas que commetterem as penas de desconto nas gratificações, de suspensão com perda de vencimento até 15 dias, propondo ao Presidente da Provincia, se convier, a demissão ou rescisão do contracto.

Art. 41. No caso ultimo do artigo anterior não poderá o empregado pedir indemnização alguma.

Art. 42. Os empregados terão por anno os vencimentos da tabella junta, que fica dependente de approvação da assembléa, assim como, quando em viagem, mais a diaria de seis mil réis (6$000) para o botanico ou chimico, e tres mil réis (3$000) para os ajudantes.

Palacio da Presidencia da Provincia do Amazonas, 22 de Janeiro de 1884. — *José Lustosa da Cunha Paranaguá.*

Tabella dos vencimentos annuaes dos empregados do Museu Botanico

CARGOS	ORDENADO	GRATIFICAÇÃO	TOTAL
Director	....	1:200$000	1:200$000
Botanico	4:000$000	2:000$000	6:000$000
Chimico	4:000$000	2:000$000	6:000$000
Ajudante-secretario	1:600$000	800$000	2:400$000
Dito-desenhista-photographo	1:600$000	800$000	2:400$000
Dito-jardineiro	1:600$000	800$000	2:400$000
Porteiro	800$000	400$000	1:200$000

Os serventes terão a diaria de 3$000.

Eclogae plantarum novarum

AUCTORE

J. Barbosa Rodrigues

Direct. Muzei bot. Amaz.

DICOTYLEDONEAE § EXOGENAE D. C.

Subclas. THALAMIFLORAE D. C.

Ordo ANONACEAE Juss.

Gen. CYMBOPETALUM Bentk.

1. Cymbopetalum odoratissimum (Barb. Rod. *Herb. Mus. bot. Amaz.* n. *635)* arbuscula mediocris ramosissima; ramis pubescentibus; foliis membranaceis ellipticis acutissimis basi acutis sessilibus; pedunculis solitariis supra axillaribus ebracteolatis unifloris primo erectis deinde elongatissimo nutantis triplo folium superantibus quam fructibus; sepalis subreniformibus acutis minutis; petalis exterioribus lanceolatis acutissimis membranaceis herbaceis, interioribus oblongis crassis ventricosis mucronatis albis; baccis arcuatis lateraliter compressis pedunculatis subdehiscentibus, 5-spermis, arillo bilobo magno.

Tabula nostra I.

Arbuscula tenuis, 2—4 met. alt. *Ramuli* teretes; cortice cinereo verrucoso-rimoso, novelli viridi pubescente. *Folia* 0^{m},12—0,$^{m}16\times$0,05 —0^{m}06 lat., *petiolis* subnullis. Pedunculi 0,^{m}3 lg., glabri. *Sepala* 0^{m}012 lata, 0^{m}006 lg. explicata. *Petala* exteriora extus pubescentia, longitudinaliter laeviter carinata, interiora triplo majora, carnosa, incurva lateraliter juncta, extus penninervia sulcata, linea media prominenti in apice attenuata, 0,$^{m}05\times0^{m}$03 lg. *Thorus* convexus. *Stamina* flava 0^{m},006 lg.; *filamentis* brevitus; *antheris ?*

HAB. *in silvis nemorosis prope* Parintins, *olim* Villa Bella da Imperatriz, *prov. Amaz.* Piráyauara kiynha *in lingua tupyca nominatur vel* Pimenta de boto. *Flor. et fruct. in Maio.*

Obs. As Anonaceas da região austro-oriental são representadas no Brasil pelas *Rollinias* (embiras), *Xylopias* (pacovys), *Anonas* (araticuns), *Guaterias* (pindahybas), *Duguetias* ou *Aberamoas* (biribás) e pelas *Bocageas* e *Cymbopetaluns.*

O genero Cymbopetalum foi creado pelo professor Bentham (1) e incluido nos *Genera Plantarum* de Bentham e Hooker (2). O professor Baillon o adoptou na sua *Memoire sur la famille des Anonacées* e nas *Anonaceae Mexicanae Leibannianeae enumeratae* (3) e o incluiu tambem nos seus *Genera.*

Tem por typo a antiga *Uvaria brasilienses* de Velloso, que Martius acceitou na *Flora Brasiliensis* e que até hoje, se me não engano, era a unica especie que representava o Brazil, porque as outras especies que foram levadas para o geneno pertencem ao Mexico.

Vem, pois, a de que me occupo a ser a segunda indigena. Distingue-se perfeitamente este genero não só das *Uvarias*, quasi todas asiaticas e africanas, como mesmo de todos os generos comprehendidos na tribu das *Uvariaceas*, pelas tres petalas internas da corolla inteiramente differentes das externas, como das dos outros generos, pelo que foi levada para a secção das *Mitrephoreas.*

Ordo CAPPARIDEAE Juss.

Tribu CAPPAREAE D. C.

Gen. CAPPARIS Linn.

Sub. gen. COLICODENDRON Mart. et Eich.

1. Capparis urens (Barb. Rod. *loc. cit. n. 507)* caule scandente; ramulis inflorescentibus calycibus pulverulente-ferrugineo-tomentosis; foliis petiolatis oppositis papyraceis oblongo-lanceolatis acuminatis reticulato-venosis utrinque persistenter albido v. ferrugineo-tomentosis; alabastro suboblongo v. globuloso; bacca magna ovoidea v. subrotunda éoque pulverulento-albido v. flavido.

Tabula nostra II.

(1) Journ. Linn. Soc. V. 69.
(2) Pags. 27 n. 28.
(3) Adansonia VIII, 268, 298, 342; Hist. des plant. I. 240, 287.

Radix simplex, perpendicularis, flexuosa, longitudinaliter rimulosa, cortice extus tabacino, intus albido amylaceo. *Folia* 0,^{m}09—0,^{m}11×0,^{m}04—0,06 lg. *Racemi* pauciflori v. triflori 0,^{m}02—0,04 lg. *Pedicelli* cylindracei tomentosi 0,02 lg. *Flores* anthesi, 0^{m}045 in diam. *Staminibus* inflexis subtriplo corollae superantibus ; pistillo erecto tertia circiter parte majore. *Perianthium* 4-merum. *Calix* retroflexus ; *sepala* oblonga, subobtusa concava extus pilis stellatis, tomentosa. *Petala*, alba, patentia, calyce duplo longiora, obovatata, brevi-unguiculata concava, marginibus recurvis. *Discus* calycis in squamulas liberas carnosas triangulari emarginatas, productus. *Stamina* basi subincrassata glaberrima. *Ovarium* cylindraceum, extus pilosum uniloculare ; *stigma* conico-discodeum. *Bacca* 0,^{m}06—0,^{m}11×0^{m}04—0,^{m}07 lg. pulposa, polysperma. *Semina* reniformia, 0,^{m}015×0,^{m}005—0,^{m}007 lg. fusca albido pilosa.

HAB. *in locis arvensis, ad* Parintins, *olim* Villa Bella, *et ad* Manáos, *prov. Amaz. Floret in Sept. et fruct. in Sept et Oct.. Incolis* Cipó-taia *nuncupatur.*

Obs. Entre as plantas que crescem nos logares de terras argillosas e seccas que foram cultivados, e depois postos em abandono, torna-se notavel o CIPÓ-TAIA não só pelas suas bellas flores brancas, como pelo principio acre, volatil, estimulante, e vesificante que teem as suas profundas raizes.

Posto que as hastes participem das propriedades das raizes, comtudo não são tão energicas, nem tão proveitosas, por conterem menos quantidade de principio activo. O effeito das cascas pisadas ou reduzidas a pó, misturadas com uma pequena quantidade de agua fria, até á consistencia das papas, é o mesmo que o dos synapismos da *Synapis-nigra* ou *mostarda*, sendo ainda mais irritante e vesicante.

Por esse motivo, os indigenas dellas se aproveitam no tratamento do rheumatismo, que chamam *karuara*, no enfraquecimento das pernas, e sempre com tão grande proveito, que levou a serem tambem applicadas no tratamento do *beriberi*, conseguindo-se curas extraordinarias.

O autor destas linhas, tendo sido atacado pela terrivel enfermidade, que o privava quasi de andar, lançou mão desta planta, e synapisando diariamente as pernas, aos poucos voltou-lhe a sensibilidade, perdeu a dormencia e desappareceu-lhe a inchação, ficando perfeitamente bom.

Para fazer desapparecer o ardor que causava a queimadura, tomava banhos de outra planta, que aqui descrevo, a anti-febril *Siparuna fœtida* ou *Kaa-pitiú*, que auxilia a cura, e no momento produz um bem-estar inexplicavel. Poucas não teem sido as pessoas que, atacadas do terrivel mal, teem recobrado a sua primitiva saude, graças ás propriedades beneficas desta planta, que não posso deixar de recommendar.

Pertence ella ao velho genero *Capparis* de Linneo, porém, pelos seus caracteres, pela primeira vez se apresenta no mundo scientifico entre as suas congeneres. Diversas são as especies distribuidas em varios sub-generos, porém nenhuma dellas é a que agora aqui descrevo.

Entre as especies relacionadas por De Candolle, Duchartre, Eichler, não está incluida esta, que por isto dou como nova, apezar do nome CIPÓ-TAIA, cipó que queima, ser muito antigo. E' verdade que esse nome se dá tambem a outras especies, porque Marcgraff, o companheiro de Pison, e medico do conde de Nassau, liga, na sua *Historia rerum naturalium Brasiliae*, o nome *çapotaya* á especie que Linneo denominou *Capparis cynophallophora*, que pertence á tribu *Cynophallea* de De Candolle. Não se deve tambem confundir o cipó-taia com a *kaataia*, que é o *Plumbago scandens* de Linneo, planta tambem dos alqueives do Amazonas e do Pará, porém de paragens humidas.

Os seus fructos não são vesificantes, como os da *Crataeva Benthamii* de Eichler, conhecida vulgarmente no Pará por *Catauary*, ou *Catauré* no Amazonas, que não é o *tapiá* do Sul, a *Crataeva tapia* de Linneo, cujos fructos são tambem vesificantes.

Ordo VIOLARIAE Endl.

Tribu VIOLEAE D. C.

Gen. CORYNOSTYLIS Martius.

Corynostylis palustris (Barb. Rod. *l. cit.*, *n. 654)* folia oblonga acuta ; sepala lato-ovata subobtusa ciliata ; petala 4 superiora adscendentia inaequalia, postica oblonga v. obovata concava, intermedia multo latiora obcordata recurva, antica longe calcarata lamina obcordata emarginata marginibus crispifoliatis calcare lamina majore contorto. Stamina cohaesa. Stylo staminibus multo excedente. Ovario trilineato piloso.

Tabula nostra III.

Frutex summas arbores scandens. *Rami* tereties sinistrorsum volubiles, cortice suberoso longitudinaliter rimoso, fuscicentes ; *ligno* radiato *Folia* basi in petiolum subacuta, $0^{m},06$—$0,^{m}15 \times 0,^{m}04$—$0,^{m}08$ lg., subintegerrima, minute-serrata, utrinque nitidula, pinnato nervosa, reticulato venosa, ad lentem subtus nigro-punctata, nervis subtus prominutis. *Petiolum* teretiusculum laeviter canaliculatum, $0,^{m}012$—$0,^{m}007$ lg. *Flores* in superioribus axillis solitarii et ad apices ramulorum in racemis abreviatis. *Sepala* subaequalia, concava, mucronata, ciliata, unum semper major, $0,^{m}012$—$0,^{m}006 \times 0,^{m}009$—$0,^{m}013$ lg. ; intermedia, apice recurva, lineata, $0,022 \times 0,^{m}017$ lg. ; antica lamina longitudinaliter subplicata recurva ; ad basin quinque crispo-striata, petalis intermediis paulo majora in calcar abeunte amplum $0,^{m}04$, conicum, contorto-complanatum obtusum, nervo medio prominente, cylindraceo pedunculis subtriplo majorem. *Stamina* cohaerentia ; *antherae* loculis sub sagittato-divergentibus, membrana terminali subrotunda, imbricata loculis minora ; *calcar* commune, staminum anticorum antheris duplo majorem, falcatum, barbato villosum ; appendices staminum intermediorum brevissimae, ciliatae. *Ovarium* oblongum, triaplanatum, triliniatum, barbato-villosum. *Stylus* elongato-clavatus, complanatus, curvatus, cavus. *Stigma* oblongo-perfuratum ad marginibus laeve. *Capsula* mihi ignota.

HAB. *ad ripas inundatas* igarapé Manáos, *prope* Manáos, *in prov. Amaz. Flor. Aug.*

Obs. Até hoje uma só especie continha este genero estabelecido pelo Doutor *Martius*, em 1823, nos *Nova genera et species plantarum*, o *C. hybanthus*, o *Viola hybanthus* de Aublet, cuja synonimia é grande. Até certo tempo tive a planta que descrevo, como sendo a mesma do celebre phytographo das plantas brazileiras; porém, estudando-a melhor, encontrei differenças que me levam a consideral-a, não variedade, mas especie distincta. Quando em 1846, explorou o Amazonas o Doutor Ricardo Spruce, encontrou em Manáos uma variedade de folhas menores e pubescentes, que não é a de que trato, que tem as suas completamente glabras, mesmo quando novas, apenas pontuadas de granulações pardacentas, que se observam microscopicamente. Entre outros caracteres afasta-se da de Martius pelos estames unidos, pelas petalas posteriores maiores, pela anterior muito emarginada, pelo esporão desta ser torcido desde o botão, pela forma e pubescencia do esporão dos estames, e pela inflorescencia em racemo terminal, sendo raras vezes axillar, e quando assim acontece, as flores se apresentam solitarias.

E' um grande sipó, que se ramifica muito, sempre coberto de basta folhagem, que cresce nos logares que se alagam, e que logo no começo da vasante se cobre de flores de um branco de leite, de aroma delicado, porém quasi imperceptivel.

Ordo POLYGALEACEAE Juss.

Gen. BREDEMEYRA Willd.

Bredemeyra Isabeliana (Barb. Rod. *loc. cit. n. 69)* caule scandente; ramis pubescentibus; foliis oblongis v. ellipticis acuminatis mucronatis petiolatis nitidis glabris; paniculis axillaribus et terminalibus ramosis, floribus parvis ovatis pedicellatis; sepalis inaequalibus concavis, extus pubescentibus; petalis marginibus ad basin ciliatis utrinque in medium pillosis; carina intus pubescente; vagina staminia ad apicem dense ciliata; ovario glabro; stylo geniculato pubescente.

Tabula nostra IV. fig. B.

Caulis 0,^{m}02—0,^{m}10 diam., ad cacumina arborum scandens. *Folia* 0,^{m}08—0,^{m}13×0,^{m}036—0,^{m}050, utrinque glabra, nitida, subcoriacea, vena media subtus prominente brunnea super pubescente. *Paniculae* amplae, compactae, ramulis crebris petentibus pubescentibus, *Flores* viridi-albi 0,^{m}003 longi. ; pedicelli parvi pubescentes. *Sepala* exteriora sub-orbicularia, extus pubescentia, interiora multo-majora 0,^{m}002 longa, utrinque pubescentia. *Petala* oblonga, truncata. *Carina* unguiculata, cuculliformis, plicata, intus pubescens. *Vagina* staminea ad apicem densè pillosa: filamenta brevia, inflexa. *Ovarium* ellipticum, glabrum. *Fructus* ignotus.

HAB. *in prov.* Amazonas *in silvis inundatis, prope* Manáos, *olim* Barra do Rio Negro. *Flor. in Jan.*

Obs. O genero *Bredemeyra* de Wildenow hoje reune os generos *Comesperma* Labill, e o *Catocoma* Poep. et Endl. Admittido por Bennet em sua monographia das POLYGALEACEAS, tendo como synonimos os generos acima, comtudo Baillon ainda acceitou o *Comesperma* e nelle inclue o *Bredemeyra*, apezar de Endlicher, St. Hilaire, de Candolle, Bentham e Hooker o respeitarem.

Com effeito, teem razão esses legisladores da sciencia, considerando-o distincto, porque, em relação ás especies americanas, o genero *Comesperma* não as caracterisa bem. As especies da Australia desse genero teem em geral as petalas ligadas á carina, emquanto as americanas as teem livres. E' um genero que hoje conta mais de 13 especies, umas do Norte, outras do Sul do Imperio. São plantas das capoeiras que crescem, já nas vargens humidas, já nos terrenos elevados, sempre em logares argilosos, tendo as das terras seccas as propriedades medicinaes mais energicas. Não posso deixar de destacar esta especie entre as conhecidas e descriptas, pois, em nenhuma destas encontrei caracteres que se identifiquem com os da que trato. Embora se approxime da *B. floribunda* Willd., e mesmo da *B. altissima* Bennet, apresenta caracteres que a affastam de ambas. Considerando-a nova, aqui a descrevo, impondo-lhe o nome de uma Senhora que, por sua posição e por seu amor á floricultura, tem animado e protegido a botanica, que deve-lhe já não pequeno numero de descobertas reconhecidas e sanccionadas pelas autoridades européas: Sua Alteza a Serenissima Senhora D. ISABEL, Princeza Imperial e Condessa d'Eu. Tendo-se fundado o *Museu Botanico do Amazonas* sob os auspicios da mesma Serenissima Senhora, por dever e por gratidão, a ella dedico esta especie.

O genero *Bredemeyra* até aqui não tem sido mencionado na therapeutica e nem St. Hilaire, nem Martius attribuiram-lhe propriedades medicinaes, que se encontram na familia a que pertence. O professor Alfredo Guilherme Bennett na resenha dos usos das *Polygaleaceas* publicada em sua monographia, em 1874, nada adianta sobre as do genero *Bredemeyra*. O mesmo acontece a Baillon, Richard e outros. Em geral as especies dessa familia teem propriedades que entram na classe das evacuantes e alterantes *(polygala)* e na das amargas e adstringentes, como as *Kramerias* e *Ratanhia*. Todavia as especies do genero Bredemeyra entram na classe dos tonicos e estimulantes, tendo uma acção muito directa sobre os orgãos do sexo feminino. A especie *B. Kunthiana* de Klotz, ou *Comesperma Kunthiana* de St. Hilaire, conhecida no sul de Minas, principalmente em S. Gonçalo do Sapucahy, pelo nome de *raiz do João da Costa*, é empregada efficazmente nas leucorrhéas, já empiricamente, já em formulas medicas. Meu irmão, o Dr. Arthur Barbosa Rodrigues, com a raiz dessa especie prepara um vinho e um xarope, procurados em toda a provincia de Minas-Geraes, como o antileucorrheico mais energico. A especie de que trato apresenta as mesmas propriedades.

Gen. SECURIDACA Linn.

Securidaca rosea (Barb. Rod. *loc. cit. n. 19*) caule fruticoso scandente, ramulis puberulis; foliis oblongo-lanceolatis acutis glabris vena media supra puberula et lateralibus subtus prominentibus; racemis v. paniculis gracilibus elegantibus; sepala exteriora extus hirsuta; aliae magnae intus ad basin laevissime ciliatae, in dentem subito elongatae; carina laeviter cristata, marginibus ad basin ciliolatis; ovario glabro postice papilloso, stylo elongato incurvo; fructu samaroideo guttato ala magna nervosa marginibus crenatis.

Tabula nostra IV. fig. A.

Caulis 1—3 m. long.; rami gracili, versus apicem pubescentes. *Folia* 8—0,^{m}09×0,^{m}03—0,^{m}05 longa. *Racemi* v. paniculi terminales. *Flores* 0,^{m}13 longi; pedicelli minimi, pubescentes, bracteae lineari-lanceolatæ, caducæ. *Sepala* exteriora viridia, inaequalia,

extus hirsuta, superius concavum, suborbiculare, unguiculatum extus, pubescente. *Ovarium* parvum, compressum ; *stylus* longus. *Fructus* corpus ovatum, $0^m,008 \times 0^m,005$ ala dorsalis irregulariter dentata fractura circumdantem 5—13 lata ; ala altera abortiva oblonga.

HAB. *ad ripas fluminis* Yauapery *in* Rio Negro, *prov. Amaz. Incolis* Pombinha *nuncupatur. Floret Martii.*

Obs. Entre as especies deste genero citadas e descriptas por Guilherme Bennet, em abril de 1874, na *Monographia das Polygaleaceas* que faz parte da *Flora Brasiliensis* de Martius, as 18 mencionadas são do Valle Amazonico, afastando-se, entretanto, de todas, a especie de que trato. Approximando-se da *S. lanceolata* em alguns caracteres floraes, afasta-se, comtudo, de todas pela fórma dos fructos, que, samaroideos como os das congeneres, não tem a aza erecta e alongada, e sim desenvolvida lateralmente com as margens profundamente crenadas. A aza abortiva que em algumas especies não forma mais que uma pequena apophyse, nesta se apresenta bastante desenvolvida.

E' esta uma das plantas que nos mostra o quanto ha ainda a estudar na flora Amazonica. Sendo uma das mais vulgares, conhecida por *Pombinha*, allusão ás flores, despertando attenção por suas paniculas de flores roseas, como se nota em março, teem comtudo escapado á observação dos naturalistas que passam pela região do grande rio. Suas folhas quando esfregadas produzem grande quantidade de espuma, consequencia do principio activo do acido polygalico. Não me consta que esta especie tenha propriedades medicinaes, embora o vulgo empregue plantas desta familia em remedios caseiros, baseado talvez nas propriedades tonicas, adstringentes, amargas e emeticas que as levam para a classe dos evacuantes e alterantes

Ordo TERNSTROEMIACEAE Endl. (1)

Tribu BONNETIEAE Baill.

Gen. CARAIPA Aubl.

Conspectus diagnosticus specierum

Folia lanceolata extus glandulosa-pilosa.
  Pili stellati.
    Petiolo laevi.......................... 1. C. PALUSTRIS sp. nob.
Folia elliptica extus glandulosa.
  Pili nulli.
    Pitiolo rugoso.......................... 2. C. SYLVATICA sp. nob.
Folia oblonga extus glanduloso-pilosa.
  Pili claviformi-ramosi.
    Petiolo piloso.......................... 3. C. SPURIA sp. nob.

---

(1) REMARQUE. Je reproduis ici les diagnoses que j'ai publiées sous le titre *O Tamákoaré, especies novas da familia das Ternstroemiaceas*, car elles étaient pleines de fautes littéraires.

L'AUTEUR.

Folia ovato oblonga extus incano-pilosa.
Pili conferti.
Petiolo arcuato-rugoso.................... 4. C. LACERDAEI sp. nob.
Folia oblongo-lanceolata pellucido-punctata.
Pili nulli.
Petiolo rugoso........................ 5. C. INSIDIOSA sp. nob.

---

1. Caraipa palustris (Barb. Rod. *in Tamakoaré, spec, nov. da fam. das Ternstroem, pag. 5) floribus* hermaphroditis raro apetalis; *receptaculo* convexo, *androceo* supero. *Calyce* 5-partito, *laciniis* quinconcialibus sub-aequalibus lato-ovatis obtusis concavis intus glabris extus fulvo-pilosis. *Petalis* alternis liberis oblongis incurvis subaequalibus, induplicato-imbricatis, apice cucullato interdum lobato. *Staminibus* ∞ circa ovarium evolutis insertis, exterioribus minoribus, filamentis liberis; *antheris* extrorsis, connectivo crassiusculo obtriangulato, apice concavo transversaliter sulcato, loculis longitudinaliter rimosis. *Ovario* conico 3-loculare, loculis 1-2 ovalatis. *Stylis* pubescentibus, apice excavato. *Fructu* capsulari conico trigono, *putamine* 3-loculari dehiscente. *Seminibus* 3 compressis plusve minusve lanceolatis dorsaliter angulosis. *Embryone* crasso carnoso albuminoso, cotyledonibus plano-convexis. *Radiculis* brevibus superibus.

Tabula nostra V. fig. A.

Arbor 8^m—$10^m \times 10^m$,30—10^m,60 lg.; *cortice* laevi, crocato, transversaliter rugoso. *Rami* suberecti vel erecti, coma laxiuscula. *Folia* lanceolata, acutissima, brevi-petiolata, petiolo laevi, basi angustata, subtus pallidiora, microscopice glanduloso-pilosa, pilis stellatis, 0^m,12-0^m,25$\times 0^m$,04-0^m,08 lg. *Petioli* 0^m,006—0^m,012 lg. *Rami* prae foliis minores, densiuscule floriferi, *pilis* cinnamomeis adspersi. *Pedicelli* pilosi, calycibus majores, 0^m,004—0^m,006 lg. *Bracteae* late lanceolatae, pilosae. *Sepala* extus fulvo-pilosa, pilis ramosis, 0^m004—0^m,005$\times 0^m$,003—0^m,004 lg. *Petala* sepalis multo majora, 0^m,015—0^m,016$\times 0^m$,010—0^m,012. *Capsulae* acutae, pilosae, 0^m,04$\times 0^m$,02 lg.

HAB. *in silvis humidioribus riparum* igarapés Castelhana, Cachoeira *et* Cachoeirinha, *prope* Manaos. *Flor. Oct. et Jun fruct. Jan. Incolis* Tamakoaré do igapó *nuncupatur*.

2. C. silvatica (Barb. Rod. *loc. cit. et in Herb. Mus. Bot. Amaz. n. 453*) *arbore* excelsa 10^m—$20^m \times 0,^m50$—1^m, *cortice* longitudinaliter rimoso cinereo-rufescenti. *Ramis* erectis *coma* densa. *Foliis* ellipticis acuminatis obtusis brevi-petiolatis, *petiolo* rugoso 0^m,010—0^m,012 lg., basi rotundatis, extus glandulis globulosis obtectis, 0^m,13—0^m,15$\times 0^m$,05—0^m,07. *Flores* et *capsulas* non vidi.

Tabula nostra V. fig. B.

HAB. *in silvis primaevis humidioribus ad* rio Tarumã-uaçú *in* Rio-Negro, *prov. Amazonensi. Incolis nuncupatur* Tamakoaré-reté.

3. C. spuria (Barb. Rod. *loc. cit. n. 554) arbore* mediocri 3m—7m×0m,15—0m,25 lg.,*cortice* laevi flavescenti. *Foliis* oblongis acuto-obtusis subtus pallide pilosissimis, *nervis* salientibus, *pilis* ramosis obtectis, 0,m25—0m,32×0m,08—0m,17 lg. *Racemis* vel *paniculis* prae foliis minoribus densiuscule floriferis fuscis pilosis. *Capsulis* subrotundo-trigonis acutis rugosis, pilis ramosis ferrugineis obtectis.

Tabula nostra V. fig. C.

HAB. *ad ripas* Rio-Negro *in Amaz. Fruct. Mart. Incolis* Tamakoaré-rana *nuncupatur.*

4. C. Lacerdaei (Barb. Rod. *ex descr. mss. Flor. Paraensis, VII, pg. 276) arbore* 40 ped. lg. ramosa, *Ramis* alternis cinereis rimosis aphyllis. *Racemis* foliosis luteis verrucosis sub 4-angulatis. *Foliis* ovato-oblongis aliquando ovato-lanceolatis, basi rotundata, margine ondulata, acutis, apice emarginato, subtus minutissime pilis, elevato-punctatis 6—7×3—3 ½ pol. log. *Capsulis* trigonis pyramidalibus submuricato-verrucosis.

Inflorescentia terminalis axillarisque paniculata panicula oblonga sordide lutea simplici breviter pedunculata bracteata folio breviori ramis alternis brevibus 4—3—2—1 floris.

Pedunculo communi brevi aliquando subnullo tetragono villoso basi articulato squammoso squammis ovatis acutis villosis primum luteis deinde castaneis. Bractea una ovatâ subulata sordide lutea ultra medium recurva; bracteae aliae ovatae acutae luteae unâ sub singulo pedicello sordide luteo villoso tetragono aliae ab basin singuli pedicelli oppositae insertae.

Calyx hypogynus monosepalus profunde 5 partitus coriaceus villosus sordide ex luteo viridis laciniis cordatis ciliatis acutis aequalibus margine revolutis—duabus internis duabus externis quinta demidio interna demidio externa corollae quintuplo brevioribus petalis alternis persistentibus.

Corolla hypogyna 5—petala petalis recurvis superne albis sübtus luteis obovatis villosis ciliatis basi angustioribus unguiculatis margine hinc subrectis illic convexis apice rotundatis emarginatis auriculato appendiculato appendiculo a margine recta proeminente —insertio dubia partim calyci partim tubo staminifero—laciniis calycis alternis.

Filamenta lutea capillaria indefinito receptaculo sub germine inserta (plurima ultra 300) corolla breviora basi in parvum tubum connata—1—antherifera marcescentia. Antherae luteae terminales medifixae ovato oblongae basi acutae apice bifidae biloculares loculis luteis segregatis a medio usque ad apicem lateris connectivi carnoso—trapezoïdei insertis longitudinaliter dehiscentibus. Pollen luteum.

Ovarium unicum superum luteum villosum ventricosum muricato verrucosum basi et apice attenuatum medio ventricosum (2

turbinatum) breviter pedicellatum 3—loculare loculis 2—spermis ovulis oblongis trigonis summae placentae insertis.

Stylus 1 luteus villosus basi 3—gonus 3 sulcatus postea subtrigonus. Stigma 1 orbiculatum luteum obsolete trilobum trisulcatum.

Capsula 3-gona pyramidalis non pedicellata 2 poll. longa 2 $^1/_2$ poll. lata submuricato-verrucosa praecipue ad angulos per angulis se aperiens 3 locularis 3 valvis loculis 1 an 3 spermis seminibus ovato oblongis aliquando subtrigonis summae placentae insertis perispermate praeditis corculo recto bicotyledoneo radicato cotyledonibus orbiculatis radice simplici truncato in apice perispermatis obvesse posito.

Valvis capsularum medio non septiferis per margines super placentam 3 alatam sive 3—septiferam insertis—sumitati cicatricibus insertionis seminiorum praeditis.

Arbor 40 ped. alta ramosa ramis alternis cinereis aphylis; ramulis aphylis pulvinulatis; ramunculis foliosis luteis verrucosis sub 4 — angulatis.

Folia perinnantia alterna ovata oblonga (aliquando ovato lanceolata) basi rotundata sed in medio acuta (ast in lanceolatis acutis) margine undulata cartilaginea integra reflexa lutea—apice angustata rotundata emarginata in aliis acuto acuminata acumine in apice rotundato emarginato—superne viridia laete splendentia canaliculata concava minutissime excavato punctata ad nervos sulcata nervo medio plano luteo aliis indistinctis sublente villosa pilis raris minimis castaneo luteis—subtus incana minutissime elevato ponctata pilis ad lentem supernis confertioribus nervosa nervis elevatis mediano luteo lateralibus alternis prope marginem anastomozantibus—6—7 $^1/_2$ poll. longa 3—3 $^1/_2$ poll. lata—petiolata petiolo contorto arcuato rugoso superne canaliculato subtus convexo exstipulato circiter 1 poll. longo.

HAB. Pará: fluv. *Ahuatityba* prope *Yambú-açu* lecta; floret Decembro Cortice adstringenti odoris sui generis.

Ex Lacerdei.

3. C. insidiosa (Barb. Rod. *l. cit. n. 653), arbore* excelsa 10^m—20^m×0^m,50—0^m,80 lg., cortice transversaliter rugoso cinereo-flavescenti intus carne-rubenti. *Ramis* erectis v. suberectis laevigatis, coma densa. *Foliis* oblongo-lanceolatis acuminatis, brevipetiolatis, petiolo rugoso, basi acuta, subtus pallidioribus, pellucido punctatis glabris, costa medio lateralibusque prominentibus 0^m,13—0^m, 21×0^m,04—0^m,07 lg.; *petiolo* intus canaliculato torto 0^m,005—0^m,010 lg. *Floribus* et *capsulis* ignotis.

HAB. *in silvis primaevis nunquam inundatis ad flumen* Tarumã-miry *in* Rio Negro. Tamakoaré *indianorum*.

Nota. Deixo de aqui fazer algumas observações, porquanto já largamente destas especies tratei no meu opusculo intitulado *O Tamakoaré, especies novas da ordem das Ternstroemiaceas,* da pagina 7 a 23.

Gen. CARYOCAR Linn.

Caryocar toxiferum (Barb. Rod. *loc. cit. n. 458)*, foliis longè petiolatis trifoliatis foliolis breviter petiolulatis obovalibus v. ellipticis acuminatis laeviter crenulatis v. laevis utrinque glabris, subtus venarum prominulis, medio majore, stipulae binis in apice petioli inter pedicellos erectis incurvatis; drupa globulosa, mezocapio butyroso, endocarpio lignoso, muricato, in setas rigidas intra mezocarpium productis 1-spermo.

Tabula nostra VI.

Arbor 10^m alta. *Petiolo* cylindraceo 0^m,06 longo. *Foliola* subcoriacea, superiora majora 0^m,11—13$\times$0^m,067 longa, nervis secundariis suboppositis vel alternis utrinque 9—10. *Drupa* 0^m,08 in diam.

HAB. *in silvis umbrosis ad* Tarumã-uaçú, *propé* Manáos, *et in* rio Yaupery. *Incolis* Pekeá-rana *nuncupata vel* Uariky *ad* Rio Branco. *Fructificat Aprili.*

Obs. O velho genero *Caryocar* de Linneo ou *Rhizobolus* de Gardner, e *Acanthocaryx* de Arruda Camara (1), constituiu a principio a familia das Rhizoboleaceas, creada por Pyramo de Candolle, porém Bentham e Hooker, nos seus *Genera*, incluiram essa familia na das Ternstroemiaceas de Mirbel, sendo hoje uma sub-familia desta. Aublet em sua *Histoire des Plantes de la Guyane Françoise*, vendo a differença que havia entre as especies deste genero, dividiu-o em dois, dando para nomes distinctivos e scientificos os vulgares que tinha; assim creou o *Saouari* (3-foliatis) e o *Pekeá* (5-foliatis), divisão que De Candolle acceitou, conservando, comtudo, para ella o genero *Caryocar*. A especie em questão pertence aos *Saouaris* de Aublet, ou pekeá-ranas, isto é, teem as folhas trifoliadas. Até hoje, nesta divisão estão descriptas 5 especies, que são os *C. nuciferum*, *glabrum*, *villosum*, *amygdaliferum* e *barbinerve*, porém nenhuma dellas é a de que trato, como se verá confrontando as diagnoses, pelo que a considero nova e como tal aqui a consigno. E' uma bella arvore das florestas dos rios Negro e Yauapery, de excellente madeira para construcções internas e marcenaria. Os indios aproveitam-se das cascas dos fructos, que são muito toxicas, para matarem peixe nos igarapés. Socadas as mesmas batidas em uma porção d'agua e derramada esta no rio, embriaga e mata peixes como o timbó (*Paullinia pinnata*) e conaby (*Phyllantus brasiliensis*). Os indios Makuchys empregam o mesmo processo com as folhas.

Ordo ICACINEAE Miers

Entre as plantas descobertas nos cinco annos (de 1786-1791), em que de Palissot de Beauvois residiu em Guiné e reunidas sob o titulo de *Flora d'Oware e de Benin*, figura uma colhida em *Chama*, nas margens do rio Santo Yago que serviu de typo para um novo genero, a que o mesmo bo-

---

(1) Posto que joven baixasse á sepultura, o Dr. Manoel d'Arruda Camara, natural de Pernambuco, e que viveu mais ou menos de 1798 a 1802, foi o autor das *Centurias Pernambucanas*, ou *Flora de Pernambuco*, cujo manuscripto desappareceu, indo parar ás mãos do meu velho e sempre lembrado amigo conselheiro Freire Allemão algumas estampas e notas incompletas, que, pela morte deste, tambem desappareceram.

tanico deu o nome de *Lasianthera*, e que levou para a familia das Ampelidaceas, onde o conservou De Candolle (Prodr. I. pg. 63), assim como Endlicher (Gen. Plan. pag. 797, n. 4571), entre os generos *incerta sedis*. Mais tarde Miers (Contr. I. pag. 27, ed Seem. Journ. of bot. II pag. 260), separando as Icacineaceas das Olacineaceas, entre aquellas foi incorporado o genero de Beauvois, pelos caracteres que firmou e que o separaram completamente dos da familia creada por Kunth, as Ampelidaceas. O professor Baillon (*Adamsonia*, III, pag. 367), quando mudou o nome das Icacinaceas para Mappiaceas, entre estas incluiu o genero africano, para mais tarde, porém, levando a das Mappiaceas para a tribu da familia das Terebinthaceas (Hist. des Plant., V. pags. 279 e 329), ahi o incluir. Apezar dessas mudanças, Hooker e Bentham, nos seus *Genera Plantarum* (I. pag. 350) o incluiram entre as *Olacinaceas* (tribu *Icacineas), onde tambem Walpers o conservou (Ann. Bot. syst. VII. pag. 567).* O meu sabio amigo Odoardo Beccario, autor da magistral *Malesia* (I. pag. 107), trabalho em que elle descreve plantas colhidas em sua viagem ao archipelago Indo-Malasio e Papuano, leva o genero em questão para as *Icacineaceas*, serie das *Mappieas*, onde tambem o colloco, justificado por Adolpho Engler, que das Olacinaceas tambem separou aquellas, levando para entre ellas o genero *Kummeria* de Martius, que é entre os generos brasileiros o que mais se approxima do africano.

Tribu MAPPIEAE Becc.

Gen. LASIANTHERA Pall. Beauv.

Lasianthera Amazonica (Bab. Rod. *loc. cit. n. 337)*, ramulis subflexuosis raró divisis alterneis cinereis pubescentibus; foliis subcoriaceis utrinque glabris, subtus prominulis reticulatis, nervis mediis atque lateralibus prominentibus obliquis oblongo-lanceolatis longé obtuse acuminatis, base acutis, petiolo crassiusculo supra profundé sulcato; laminis multo brevioribus paniculis folio minoribus, pendulis, pubescentibus, calyce piloso; petalis oblongis acutis glabris apice inflexo uncinatis puberulis; staminibus petalis aequilongis basi attenuatis, ad apicem dilatatis ibique intus pilis longissimis obsitis; antheris lateraliter longitudinaliter dehiscentibus, loculis parallelis. Ovario glabro cylindraceo, glandula pistilloidea opposita ad basin aucto; drupa assimetrica, oblonga, compressa, uno latere crustaceo sulcata angulis 3 distincte prominentibus alió carnoso.

Tabula nostra VII.

Arbor tenuis, erecta, 4—5 m. alta, $0^m,60$ diam. cortex cinereo laevis. *Rami* valde propendentes, ramulis subflexuosis. *Folia* $0^m,29$.. $0^m,09$ longa acumine $0^m,02$ exeuntia, *petiolo* $0^m,05$ longo. *Panicula* $0^m,10$ longa, divaricata, ramis $0^m,01$—$0^m,05$ longis. *Alabastra* obovata, $0^m,002$ longa. *Calyx* obconicus 5 dentatus. *Petala* calyce multó majora. *Drupa* extus acuta 3—carinata, laevis, lucida $0^m,020$—$0^m,023 \times 0^m,011$—$0^m,013$.

HAB. *ad* ïgarapé de Manáos, *in prov.* Amazonas. *Flor. et fruct. in Majo.*

Obs. As especies deste genero foram sempre encontradas nas regiões calidas da Africa, Asia e Oceania, e mesmo aquellas descriptas por Miquel (Flor. Ind. Bat. I. p. 793, Prod. Flor. Suppl. p. 342), que foram depois reconhecidas pertencerem aos generos *Gomphandra* Wall. e *Stemonurus* Bl. tambem são exoticas. A especie que serviu de typo para o genero, a *L. Africana,* é da Africa Occidental, a *L. austro-Caledonia* Baill. no seu nome especifico indica a patria e a *L. Papuana* Becc., é da Nova-Guiné. Restricto é, pois, o numero de especies exoticas, e nova e unica a especie que aqui descrevo que representa o genero no Brazil.

Entre as Icacineaceas brazileiras, as que estão descriptas pertencem aos generos *Emmotum* Desv. *Poraqueiba* Aubl. *Mappia,* Jacq., *Villaresia,* Ruiz et Pavon e *Kummeria,* Mart. De todos, o que mais proximo está e mais affinidade tem com a especie de que trato, é o ultimo que Miers antes denominara *Discophora* (Ann. Nat. hist. 2. pag. 118), que por uma unica especie é representada no Brazil, o *K. Brasiliensis* Mart. ou *Discophora Guianensis* Miers. O *Mappia* de Jacquin ou *Leretia* de Frei Velloso representado por algumas especies no Rio Negro (Amazonas), tem ora um disco completo, ora o tem pouco desenvolvido ou mesmo nullo, circumstancia esta que faz com que alguns botanicos não admittam a synonimia e considerem o genero de Velloso distincto do de Jacquin. Tomando-se o genero *Kummeria,* e querendo-se para elle levar a especie amazonica, se tem alguma affinidade nas folhas e no aspecto das flores, delle se afasta pela falta de disco que envolve o ovario naquelle, e sobretudo pela fórma, disposição, tamanho e contextura dos fructos. A massa carnosa e pulposa, de um branco brilhante de porcellana, que cobre um lado da drupa assimetrica, que é um dos bons caracteristicos do genero *Lasianthera,* falta completamente no *Kummeria.*

Além destas differenças, muitas outras existem nas flores, na disposição e direcção da panicula e nas folhas, que seria fastidioso aqui comparar. As flores são de um branco sujo, e os fructos, quando maduros, roxo-negros de um lado e alvos como porcellana de outro. A materia corante que enche as cellulas do tecido dos fructos em contacto com o alcool, se dissolve dando a este uma bella côr de vinho. Não me foi possivel saber o nome vulgar da planta, nem tão pouco conhecer as propriedades que o vulgo nella encontra.

Ordo CLUSIACEAE Lindl.

UANANY, ANANY, ONANY

Entre as plantas uteis do Amazonas, figura o *Anany* ou *Uanany,* da qual os indios e os tapuyas tiram grande proveito empregando a resina, em que se transforma o leite côr de enxofre que escorre das cascas do tronco, no fabrico do cerol, com que ligam os bicos das flexas, enceram as linhas, calafetam as canoas, e em todos os misteres da industria indigena.

Em 1765, Fusée Aublet (1) descreveu o *mani* ou *moronobo,* dos Caraibas, e para elle creou o genero *moronobea,* que é acceito até hoje, não contendo sinão a especie *coccinea,* que é a mesma do Amazonas.

Bem descripta foi então a planta, e não menos bem representada ; porém, nas observações que faz diz : « On observe des variétés par rapport aux fleurs. Les arbres qui croissent dans les marécages, ont la fleur plus petite ; ceux qui viennent sur les montagnes, l'ont presque deux fois plus grande, et les feuilles sont beaucoup plus petites.»

---

(1) Histoire des plantes de la Guyane Françoise, pag. 788. t. 313.

Aublet achou differença no tamanho das flores, mas, não examinando talvez a especie dos pantanaes, tomou-as como do mesmo genero, quando é de um genero bem distincto. Esta observação do notavel botanico francez tem feito com que muitos considerem as especies como sendo identicas, quando não o são, como veremos.

Como na Guyana Franceza, existem no Amazonas as duas especies que, com effeito, se distinguem logo pelo tamanho das flores e pelas côres: o uanany da terra firme e o uanany da vargem, que crescem, aquelle nos logares elevados e seccos e este nos terrenos baixos e que se alagam; aquelle tem as flores mesmo na anthese, conicas e côr de rosa, este globulosas e vermelhas *(coccinea)*.

Levado por isto Aublet adoptou o nome vulgar *Moronobo* do primeiro para genero, e a côr do segundo para especifico e dahi *Moronobea coccinea*.

Entretanto são especies de genero diverso, e razão teve Linneo filho (1) para levar o uanany da vargem para o seu genero *symphonia*, dandolhe o nome de *S. globulifera*.

As differenças que caracterisam bem as duas especies são as mesmas que Bentham e Hooker apresentam no *conspectus* dos generos da familia; por isso deixamos de descrevel-as.

UANANY DA VARGEM

SYMPHONIA { *Flores globosi. Androcei elongati lobi 5, integri, infra apicem extrorsum, 3-4 antheriferi.*

UANANY DA TERRA FIRME

MORONOBEA { *Flores ovoidei. Staminum phalanges 5, disco sub 5 lobo incertae, singulae in filamenta 5-6 longe linearia circa ovarium spiralier torta, extrorsum fere a basi antherifera divisae.*

Baillon na sua *Histoire des plantes* diz: «La résine du latex d'une *Clusiacée*, rapportée longtemps au *Moronobea coccinea*, mais qui est plutôt la *Symphonia globulifera*, c'est à dire, le veritable *bois à Cochon*.»

Conheço bem ambas as especies que, si sem as flores, pela folhagem e pelo latex se podem confundir, comtudo ante as flores jámais se confundem.

O proprio indio as distingue pelas propriedades do leite, que é muito mais proveitoso no da terra firme do que no da vargem, donde vem terem o primeiro como verdadeiro. Deste empregam a resina em cerol e daquelle em calafetar canoas.

O Sr. Dr. Saldanha da Gama, na sua *Configuração e estudo botanico dos vegetaes seculares* (2) descreve e figura bem a *S. globulifera*, mas a toma como sendo a mesma de Aublet, pelo que faz a *Moronobea coccinea* synonima daquella, a pag. 31.

---

(1) *Suppl. 49.303.*

(2) Rio de Janeiro, 1872 III parte, pag. 29, tab. XIX

De Candole, no seu Prodomus, baseado na dissertação que Choisy publicou nas *Memorias da Sociedade de Historia natural de Paris*, na parte 2ª do 1º vol., não dá as duas especies como synonimas, porém apresenta a *Symphonia globulifera*, como sendo a *Moronobea coccinea*, sem razão alguma, e faz esta, descripta por Aublet, ser uma nova especie que Choisy denominou *M. grandiflora*, trazendo maior confusão. A *M. coccinea*, ainda depois disso, teve outro nome, o de *M. montana*, dado por Scklechtendal, na Linnea (1), adoptado por Planchon e Triana, nos *Annaes de sciencias naturaes*. (2)

Ordo HIPPOCRATEACEAE Endl.

Gen. SALACIA Linn.

Sect. RADDISIA Leand. do Sacram.

Syn. TONTELEA *Aubl.*

Salacia polyanthomaniaca (Barb. Rod. *l. cit. n. 647)*, foliis oblongis acutis coriaceis; floribus 0m,5—0m,7 umbellatis pedicellatis; sepalis reniformibus 0m,02 lg.; petalis subrotundis concavis, marginibus revolutis.

Tabula nostra VIII

Altissimi scandens. *Rami* cruciati tereti, cortice cinereo. *Folia* opposita petiolata ; *petiolum* 0m,002 long. crassum supra sulcatum ; lamina oblonga, integerrima, coriacea, nervo medio subtus prominente, nervis secundaris utrinque immersis, supra nitida, subtus opaca. *Florum axillares*, floribus 5-7 pedicellatis, pedicellis 0m,014 lg. *Sepala* reniformia 0m,003 gl., carnosa. *Petala* subrotunda 0m,008×0m,007. *Disco* carnoso, ab initio rotundato, deinde ad margine tenui, diam 0m,004. *Staminibus* complanatis, basi dilatata, erectis deinde recurvis. *Antheris* transverse dehiscentibus. *Ovario* inter discum immerso in stylum trigonum attenuatum ; loculis 3 ovulatis. *Stygmatibus* minutissime trilobatis. *Drupa* globosa, aurantiaca, trivittata, pulpa cotonosa, alba, eduli, 0m,05 lg.

HAB. *in* Rio Negro *propé* Manáos, *ad ripas inundatas. Floret et fructificat in mensibus Jun. et Jul. Incolis nuncupatur* Tuyué-tipi *v.* Bochecha de velho.

Obs. Entre as plantas sarmentosas que crescem sobre as arvores dos logares que se alagam, no tempo da enchente do Amazonas, se encontra esta especie que vulgarmente é conhecida por *tuyué-tipi* ou bochecha de velho, congenere da *uaymiyurú* (bocca de velha) e a da *Uariua tapiá* (testiculo de guariba). A uaymi-

---

(1) VIII, pag. 189.
(2) Liv. IV, pag. 294.

yurú é a *Salacia grandiflora* de Peyeritsch, que pelas flores e mesmo pelo fructo se assemelha á especie de que trato, porém della se afasta por ser arvore e não cipó. As especies deste genero teem uma area geographica muito extensa. São de todo o Brazil e estendem-se ás Guyanas e ás Antilhas. Para uma dellas, colhida no Rio de Janeiro, creou Leandro do Sacramento (1) o genero *Raddisia*, como Aublet, para outra da Guyana, creou o *Tontelea*, que ambos posteriormente foram incorporados ao velho genero *Salacia* de Linneo. Todavia perpetúa ainda o nome do notavel botanico brazileiro uma secção desta familia, a que pertence a especie que aqui descrevo.

E' notavel esta especie, não pelos seus fructos rugosos, de um amarello de ouro, cujas sementes, em numero de tres, em cada loculo são cobertas por uma massa branca, cotonosa e pulposa, que, apezar de insipida, se come, mas por um facto pathologico ou nosologico, que se póde denominar *polyanthomania*. E', por assim dizer, uma molestia stenica, occasionada por um excesso de vida ou de succos nutritivos.

Normalmente, a planta apresenta na axilla de suas folhas 5 a 6 flores regulares ; sahindo os pedicellos de um olho ou especie de pequeno caruncula que se forma ; porém, acontece que em alguns galhos do cipó, este facto não se dá. Emquanto um galho apresenta as flores, outros apresentam, sahindo das axillas, uma grande massa compacta, ás vezes de um decimetro de diametro, composta de flores pequenissimas, em fórma de botões. A inflorescencia, que naturalmente é uma umbella simples,torna-se racemosa pelo alongamento do olho ou borbulha (gemma), que forma um rachis, de onde cruzadamente sahem as flores solitarias, ou apresentando novos olhos que constituem novas umbellas. Essa modificação da inflorescencia já por si só seria uma aberração, mas esta se torna mais admiravel, vendo-se como ella ainda se afasta do typo e se metamorphoséa em uma inflorescencia sympodica ou em uma especie de cymo.

No seu estado normal as flores compoem-se de cinco sepalas e cinco petalas, alternas, de tres estames oppostos ás sepalas, e tres estylos unidos em uma columna triangular. Um disco, a principio enrodilhado e depois achatado, com as bordas adelgaçadas, circula os estames e os estylos, contendo em si o ovario trilocular, cujos loculos são triovulares.

Quando dá-se a aberração, cada flor torna-se o centro de uma nova inflorescencia, da maneira seguinte: os tres estames se desenvolvem á custa do disco, que desapparece, e em vez de se terminar em uma outra flor munida de perianthо apresenta tres nas quaes o androceo e o gyneceo são metamorphoseados em seis outras flores, todas perianthadas, tendo tres ou seis tuberculos no centro, com rudimentos de antheras polliniferas. Estas flores, assim metamorphoseadas morphologicamente, ainda produzem a seu turno novas flores terciarias, que se originam dos tuberculos das secundarias. Nesse mesmo cymo, que se forma, nem todas as flores originam as terciarias ; algumas ficam em secundarias com os seus tuberculos.

O facto que se dá com a prolificação dos estames, dá-se tambem com os estylos que produzem flores semelhantes a cheitogamas. Essas flores, desenvolvendo-se umas mais do que as outras, nunca desabrocham, conservando-se sempre em botões pequenos de 1 a 3 m. de diam., formando sobre o perianthо da flor mãe um cymo compacto.

Entretanto, uma ou outra vez, das flores secundarias, ou mesmo terciarias, uma dellas se desenvolve, toma o typo das normaes, com toda a regularidade e perfeição, munida de todos os orgãos, porém duplamente menor e esteril. Com o alongamento do olho, que se transforma em rachis, este torna-se fibroso, os pedicellos das flores mães transformam-se em pedunculos tambem fibrosos, assim como os das flores secundarias e terciarias, que progressivamente tornam-se menores.

---

(1) Fr. Leandro do Sacramento era filho legitimo de Jorge Ferreira da Silva e de D. Thereza de Jesus ; nasceu na cidade do Recife, capital da provincia de Pernambuco ; professou na ordem Carmelitana em 5 de maio de 1793 ; foi para Lisboa e matriculou-se na Universidade de Coimbra, onde defendeu these e foi licenciado em philosophia em 1806, voltando para o Brazil neste mesmo anno ; foi depois nomeado lente de botanica da Academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e dava as suas lições em um dos torreões do Passeio Publico, do qual era inspector ; em 1824 foi nomeado Director do Jardim Botanico. Falleceu em 1 de julho de 1829.

Commummente os pedicellos não são todos distinctos, mas se coadunam em grupos, apresentando flores unidas em massa, mais ou menos desenvolvidas. O rachis chega a ter de comprimento 8 cent., com um diametro de 7, e os pedicellos das flores mães 14 millim. com 4 no apice.

O aspecto geral de toda a massa floral é o da inflorescencia do *Brocoli* ou couve-flor.

Vejamos agora como se dá essa aberração.

Como vimos, o polymorphismo começa pelo desenvolvimento do olho, a que se prendem as folhas, e pelo augmento do numero destas. Por uma especie de polytomia, na extremidade dos estames ha um desdobre (*diremptio*) em flores, e o filete se transforma em pedicello, protegido pelo perianthio que torna-se coriaceo ; e normalmente podemos dizer que esse desdobre do estame é em 6 partes, tendo cada filete, não uma anthera, mas sim uma flor em miniatura, perfeitamente organisada. O estylo tambem soffre o mesmo desdobre e no mesmo numero de partes, originando o mesmo numero de flores em tudo iguaes ás produzidas pelos estames. Acontece porém ás vezes unir-se o estylo aos estames duplicando então estes o numero das flores.

Como disse, não pára nas flôres secundarias a prolificação ; estas originam tambem pela mesma fórma flôres terciarias, como aquellas, tambem munidas de todos os orgãos em embryão, menos o perianthio, que sempre é symetrico e perfeito.

No systema vascular das folhas carpellares, sahem de cada uma vasos que vão se unir aos das folhas estaminaes, e destas partem outras que se unem aos daquellas, produzindo uma metamorphose heterogenea. Este primeiro desdobre origina normalmente as primeiras 36 flores, nas quaes se produz novo desdobre, que origina as flores terciarias. Esta gamomania produz uma monstruosidade esteril, e se faz sempre no disco ou gynobaso, que desapparece, sendo substituido pelos pedicellos das novas flores, que formam um verticilio, mais ou menos apparentemente trigrupado.

Pelos factos que observei, theoricamente é esta a marcha da transformação da flor em cymo, mas acontece haver sempre grande irregularidade no desdobre que augmenta o numero de divisões dos vasos, já no mesmo numero de ovulos, já em numero superior e sem regularidade alguma.

O estudo dos factos teratologicos, a que chamam erros da natura, e que se dão nos vegetaes, contribuem poderosamente para o conhecimento exacto da origem e dependencia de certos orgãos, o que é reconhecido por varios botanicos notaveis que dessa parte da botanica se teem occupado. Pelos estudos das aberrações se vê que os ovulos fazem parte da folha carpellar e não do eixo floral, como quer Augusto de St. Hilaire. A esse resultado se chegou pelos estudos de R. Brown, De Candolle, Hugo Mohl, Brogniart e outros. Auxiliaram-me muito o estudo organogenico das flores das Orchidaceas (1) que fiz, e os immensos factos teratologicos que observei. Penso que o facto que aqui descrevo é uma boa contribuição para a sciencia, pois nos vem mostrar que o disco não é uma modificação parcial e especial, produzida por uma inchação no receptaculo, mas sim uma subdivisão e desvio dos feixes vasculares dos verticilios carpellar e estaminal, e d'ahi nascem os nectarios, os estaminoides e o nectar, que me parece ser tambem uma modificação da materia estygmatica.

Nas flores normaes, os botões durante a anthese teem o disco com a fórma de uma rodilha, que mais tarde se achata adelgaçando os bordos, mas naquellas em que a aberração se dá, já os botões se apresentam sem disco e sem ovario, apresentando o que seria disco um verticilio, que se transforma em pedicellos de novas flores.

Dos factos que observei posso concluir que os estames que rompem o receptaculo e formam os pedicellos, na aberração, não são mais do que as subdivisões que se não desviam, e por hypertrophia formam o disco nos casos normaes. Este facto confirma a opinião daquelles que outr'ora diziam que o disco não era mais do que a reunião de estames disfarçados.

Comprova-me mais isso o facto de ser a inflorescencia nas Hypocrateaceas e principalmente no genero *Salacia*, quasi sempre cymosa e raras vezes fasciculada. A aberração como que tende a tornar a inflorescencia da especie em questão igual á das congeneres, procurando o typo da ordem, isto é, dispôr as flores em cymos.

---

(1) *Structure des Orchidées*. Rio de Janeiro, 1883.

Si a estructura anatomica não produz, na especie que me dá assumpto, vasos que naturalmente originem cymos, existem comtudo elles modificados, mas de tal maneira, que um excesso de vida, uma absorpção maior de elementos nutritivos, procura, talvez por atavismo, chegar ao typo primordial, a dichotomia.

Um facto que mais comprova-me que a origem do disco depende muito das folhas estaminaes, é o dos discos petaloides, ou em corôas, que bem representam uma monodelphia; a sua posição, quasi sempre entre a corolla e o pistillo, tambem o confirma.

A monstruosidade da *Salacia polyanthomaniaca* veio esclarecer-me um ponto da organographia vegetal, que, se bem que em desaccordo com os maiores botanicos, comtudo me parece ser verdadeiro: o disco não é derivado da inchação do receptaculo, mas deriva-se das folhas carpellares, e principalmente estaminaes, que, por uma modificação especial, desviando os feixes vasculares e subdividindo-os, produzem uma hypertrophia que modifica a fórma. Por atrophiamento uns vasos desapparecem e formam o disco, outros pouco se desenvolvem o formam as glandulas nectariferas, e alguns se levantam, rompem a massa geral e tornam-se estames. A união dos vasos das folhas carpellares com os dos estaminaes, produzem no disco uma modificação que faz com que elle participe da natureza do androceo e do gyneceo, e d'ahi o nectar, que parece ser exhudado pelos vasos carpellares, como é a materia viscosa do estigma.

Sub. class. CALYCIFLORAE D. C.

Ordo LEGUMINOSAE Juss.

Tribu ADENANTHERAE Benth.

Gen. ENTADA Adans.

Entada Paranaguana (Barb. Rod. *loc. cit. n. 50,*) inermis; pinnis 3-5 jubis, foliolis 5-15 jubis oblongis obtusis emarginatisve; spicis terminalibus elongatis in racemo erecto densè confertis.

Tabula nostra VII.

Caulis lignosus altè scandens. *Folia* glabra 0^m,10 — 20 long.. *Pinnae* 3-5 jugae, 0^m,08 — 0^m, 15 long.. *Foliola* 6-15 juga, oblonga obtusa-rotundata v. laeviter emarginata recta, 0^m,015 — 0^m,030 $\times$ 0^m,008 — 0^m,010 basi obliqua, inaequilatera, costa media marginibusque nerviformibus subtus prominulis, utrinque glabra. Racemis seu panicula terminalis, densus, 0^m,10 — 0^m,20 long. *Spicae* 0^m,06 — 0^m,07, singulae v. saepius germinae basi, ebracteatae. *Flores* sessiles, albescentes. *Calyx* vix 0^m,001 long. 5-dentatus, laeviter pilosus. *Petala* a basi libera, oblonga, erecto-incurva, concava, sub obtusa, 0^m,002 long.. *Stamina* alba, petalis demidio longiora, undulata. Antherae ovatae, basi emarginatae, glandulis brevi-granulosis coronatae. Ovarium sessile glabrum. *Fructum* non vidi.

HAB. *in* Brasilia *in igapós ad* Rio Negro *propè* Manáos. *Flor in Jan. Incolis* Gipó-oka *nuncupatur*.

Obs. Nos logares baixos e humidos, innundados pelo Rio Negro represado pelo Amazonas, cresce esta especie, que floresce em Janeiro agarrada ás arvores pelas gavinhas em que se transforma uma das ultimas pinnulas de varias de suas folhas. Muito proxima á sua congenere *polyphylla* de Bentham, afasta-se entretanto, pelo tamanho das folhas, pela falta de pêllos nos foliolos, pelo tamanho e fórma da panicula, pelos pêllos do calice, pela fórma dos estames e pela glandula granulosa que corôa a anthéra que é perfeitamente globulosa e nectarifera, o que chama milhões de coleopteros microscopicas para suas flores. Cresce á grande altura. As folhas apresentam alguma sensibilidade quando tocadas. Dedico esta especie, que julgo ainda não descripta, ao fundador do Museu Botanico do Amazonas, o Exm. Sr. Dr. José Lustosa da Cunha *Paranaguá*, presidente da provincia, como pequena prova de muita gratidão. O nome vulgar *gipoóka* ou *gipi-oka*, para mim, significa *o que espuma, o que se estende*, não sendo mais que uma corruptela de *yepi-og*, derivado de *tiguy-ok*, espumar estendendo-se. Penso que não tem razão de ser o significado *cipó de casa* ou *caseiro*, derivado de *gipó*, *cipó*, e *ok*, casa, porque os indios sempre nomeiam os objectos dando-lhes nomes pelos quaes possam ser conhecidos. O nome *de cipó de casa* não determinaria, porque é geral, emquanto que *o que espuma* nos aponta uma das suas propriedades, como abaixo veremos.

Não só os tapuyos como os civilisados do Amazonas e Pará empregam as raizes desta planta como preservativo da caspa, que quando existe, extingue-se completamente. Ainda as raizes, que teem o aspecto de uma mandioca, maceradas e desfeitas n'agua, produzem espuma como a do sabão. São agri-doces. No Pará as empregam na lavagem de cuias, depois de pintadas, afim de fixar a tinta.

Gen. SWARTZIA Schreb.

Swartzia chrysantha. (Barb. Rod. *loc. cit. n. 149); foliolis* solitariis oblongis acutis glabris coriaceis tenuissime reticulatis, petiolo brevissimo tereti; racemis 4-5 floris; alabastris parvis suboblongis glabris; calyce irregulariter 4-fido; petala minuta cordato-ovata acuta; staminibus magnis aequalibus incurvis; ovario glabro stylo brevissimo.

Tabula nostra IX.

Arbor tenuis, parva (3-4^{m}) glabra. *Ramuli* laeviter pubescentes nigricantes. *Foliola* oblonga, acuta, coriacea, nitida, 7,^{m}70—0,^{m}145×0^{m},24—0,^{m}60 longa. *Petiolus* crassiusculus, teres, tortus, 3—0^{m},05 longus, supra canaliculatus. Stipulae rigidulae, caducae, 0^{m},02—0^{m},03 longae. *Racemi* in ramis annotinis axillares, vel ad nodos defoliatos subramosi, folia minori. *Bracteae* minutae, rigidulae, pedicello multo minorae. *Pedicelli* 9^{m} longi. *Alabastra* oblonga, glabra, circa 5^{m} diametro. *Calyx* glaber per anthesin 4—5 fidus. *Petalum* breviter ungniculatum, cordato-ovatum, acutum, concavum, incurvum 0^{m},01 long. *Stamina* aequalia, magna, filiformia, incurva, petala et stylo multo majora, numerosa. *Antherae* minutae, curvatae. *Ovarium* glabrissimum incurvo-falcatum, stipitatum. *Stylo* brevissimo. *Ovula* 8—10.

HAB. *in ripas flum.* Yauapery, *ad* Rio Negro, *provincia* Amazonensi. *Florebat Aprilli. Indii vocant* Kokidá.

Obs. Entre as *Swartzias*, de Bentham, comprehendidas na serie das *Unifoliatae*, não está descripta a de que se trata, embora em sua monographia das LEGUMINOSAS, publicada em 1870, se ache reunido tudo que se conhecia até então. E' certo que podia ter sido classificada posteriormente, mas, como dessa data em deante não consta-me viagem alguma de botanico ou collector pelo Rio Negro, e principalmente pelo Yauapery, onde só a encontrei, e não vendo-a publicada em revista alguma moderna, a dou como nova, até que, por direito de propriedade, outra classificação a leve á synonimia. Vulgarmente é conhecida por *Kokidá*. Os naturaes empregam as cascas em cozimento contra desmancho de barriga. E' arvore de *igapós* das terras firmes, onde vive vida social. Suas flores são de um amarello dourado brilhante.

Ordo PORTULACACEAE Juss.

Gen CLAYTONIA Linn.

1. Claytonia odorata. (Barb. Rod. *l. cit. n. 366)* ; foliis alternis nervosis petiolatis, summis minimis laté-cordiformibus v. reniformibus laeviter mucronatis, radicalibus magnis cordiformibus obtusis v. acutis ; recemis pendulis multiramosis secundis multifloris ; pedicellis solitariis ; sepalis ovatis convexis obtusis ; petalis obovatis concavis apice subrotundis.

Radix tuberosa, crassa, lignosa, cylindrica. *Caulis* scandens, teres, fuscescens, glandulis minutis adpersus, ramosus. *Folia* carnosa, in petiolum antice canaliculatum producta ; summa $0^m,025 \times 0^m,030$; radicalia $0^m,15$ $0^m,85 \times 0^m,085$. *Flores* numerosissimi, minuti, $0^m,007$ diam, albi, odoratissimi : bracteae minutae, lineari-lanceolatae, acutissimae. *Sepala* petalis minora, opposita, $0^m,002$ lg. *Petala* patentia, $0^m,002$ lg. *Staminia* filamentis longé triangulatis, in basi complanatis, erectis, apice recurvis ; *antherae* medifixae, basi fidisagittatae, introrsae. *Stylus* cylindricus apice trifidus ; *stigmata* convexa. *Capsulas* non vide.

HAB. *in silvis et* capoeiras, *super arbores scandens, in* Rio Negro *prope* Manáos, *prov.* Amaz. *Flor. in Oct. Incolis* Kumakaá-y *nuncupatur*.

Obs. Poucos são os representantes desta ordem no Brazil, verdadeiramente, indigenas, tanto assim que sendo uma das mais antigas, pois, foi creada quasi ha um seculo por Lourenço Jusssieu no seu *Genera Plantarum ;* comtudo, ainda na ultima monographia do Dr. Rohzback de 1872, apenas citam-se dous generos brazileiros, o *Portulaca* e *Talinum* que contam 10 especies, sendo apenas duas deste ultimo genero. Tive a fortuna de encontrar mais uma especie e esta de um outro genero não mencionado pelo Dr. Rohzback, o *Claÿtonia*, cujas especies são Australianas e da America boreal, mas que é representada tambem nesta provincia pela planta de que me occupo. Entre as especies que De Candolle publicou no seu Prodromus e as que estão tratadas nos *Annaes* de Walpers, não está comprehendida, e comparando com algumas especies que possuo, seccas, da flora do Colorado, California etc., com nem uma se identifica. A planta em questão cresce nos alqueives de Manáos, e outros logares da provincia do Amazonas onde é conhecida pelo nome indigena de *Kumakaá-y,* para se distinguir de uma outra especie de familia das Asclepiadaceas que denominam simplesmente *Kumakaá*. Martius, no seu *Glossario*, tratando dos nomes

vulgares das plantas brazileiras, especifica esta, o que deu logar a differentes autores depois, fiados na sua autoridade, commetterem faltas, considerando-a como uma *Apocyneacea*, porque, disse o Bavaro botanico : «*Cumacahi* (Amazonas) *Apocynea lactescens*». Por falta de observação propria e levado pelo nome vulgar, confundio as especies, porque a que vulgarmente tem o nome de *Kumakaá-y*, é uma verdadeira *portulacacea*. Encontrando os indios propriedades identicas e semelhança nas folhas entre as duas plantas, deram-lhe o nome e empregaram para distinguil-as o diminuitivo *y*, pequeno. As flores em paniculas racemosas são branco-esverdeadas e de um aroma delicioso, pelo que já mereceram ser cultivadas nas cercas das hortas e nos jardins. O uso therapeutico do humakaá-y entre os naturaes é muito commum. Assim empregam as folhas batidas n'agua, em banhos, para fazer crescer os cabellos e contra a caspa, e applicam nas inchações as mesmas folhas. Na presumpção em que estou, de que trato de uma especie não descripta, pois não a encontro determinada em obra alguma, não sabendo si modernamente terá sido classificada, comtudo prefiro correr o risco de uma dupla classificação a deixal-a desconhecida. Entrei em duvida si a especie seria verdadeiramente indigena, mas certo de que se encontra tambem em logares perfeitamente virgens, não duvidei consideral-a como tal, mesmo porque em geral as plantas exoticas não são conhecidas por nomes indigenas, nem os naturaes dão outro nome, a não ser aquelles com que vem do exterior.

Ordo PASSIFLOREAE Endl.

Gen. DILKEA Benth.

Flores regulares dichlamydei hermaphroditi 4-5 meri. *Tubus* cylindrato-infundibuliformis coloratus (v. decoloratus), carnosulus; limbus erectopatens. *Sepala* 4-5 oblonga mutica subcoriacea, maculis rubis notata (v. viridiusculis), tubo vix breviora. *Petala* 4-5 sepalis conformia et subaequalia (v. duabus exterioribus latioribus) nisi tenuiora, cum iis alternantia, e fauce tubi exserta. *Corona* e tubo supra medium emergens, basi membranacea tumulata erecta, ad faucem in filorum series 5-6 divisa (v. multi divisa), filis externis liguliformibus planis quam petala paulo brevioribus, internis plurimis densim brevioribus tenuioribus, albidis apice curvatis floccosis, intimis brevissimis setaceis...

Stigmata majuscula reniformi-capitata vix inclusa (v. exclusa). *Bacca* globosa (v. oblonga, cortice coriaceo carnoso, intus pulposo) *Semina*...

Lianae (v. fructices) *lignescentes ecirratae* (v. *cirratae) cirri axillares plerumque simplices), ramis foliorum lapsu insigniter cicatrisatis. Folia alterna vel subopposita, integra 1-costata, petiolo crassiusculo instruct, stipulis..... Flores rubri* (v. albi) *ut videtur in glomerulis axillaribus sessilibus vel pedunculatis agregati, pedicellis* (v. pedunculis ?) *brevibus, basi bracteis parvis subulatis instructi*.

Ex Maxwell Masters.

Dilkea Johannesii. (Barb. Rod. *loc, cit. n. 560*) ; *foliis* integris oblongis acuminatis basi attenuatissimis ; *inflorescentia* glomerata subsessili ; *sepalis* duabus exterioribus viridibus duplo latioribus, interioribus petalisque subaequalibus albis ; *bacca* oblonga apice styli vestigiis longiter notata.

Tabula nostra X.

Frutex secandens, cirrosus. *Rami* teretes, cortice fusco, ruguloso. *Folia* alterna, spiraliter disposita, coriacea, nitida, glabra, subtus pallidiora, ad petiolum brevem (0^m,01—0^m,03), basi incrassatum corrugatum, attenuata, (0^m,24$\times$$0^m$,32$\times$$0^m$,05) longa, 1-nervia nervo, utrinque prominente, arcuato-venosa apice abruptè longiusculeque acuminata. *Inflorescentia* glomerata ; pedicelli 0^m,015 long. erecto-patentes, teretes; basi bracteolis triangularibus instructi. *Floris tubus* cylindratus, basi subventricosus, 0^m,018 longus. *Sepala* 4 tubo longiora, carnosa, duabus exterioribus duplo-latiora, oblonga, obtusa, recurva, apice concava, viridia, interioribus ligulatis, recurva, minoribus, apice subacuta alba. *Petala* 4, sepala interiora aequalia, paullò angustata, alba. *Corona supramediana* tubuliformia, exclusa, apice in lacinias perplurimas divisa flocosa, petala aequilonga, alba ; *corona faucialis* filamentosa filis 1-serialibus, petalis subaequantibus. *Filamenta* ima basi connata, supernè libera, filiformia, erecta, tubum paullò minora ; *antherae* lineari-oblongae, filamenti triplo minores. *Ovarium* ovoideum, glabrum. *Stylus* filiformis cylindratus, filamentis aequilongus, supernè in ramos 4-elongatus, erecto-patens, divisus, *tubo* exclusus. *Stygmata* crassa, aurea. *Bacca* flava, oblonga, cortice coriaceo, carnoso, intus pulposa. *Semina* 8-10 contemporanea, magna, ovata subcompressa, testa membranacea, aryllo pulposo induta, albumine crasso, carnoso. *Embryo* in axis albuminis rectus ; *cotyledones* magnae, carnosae ; *radicula* hilium spectans.

HAB. *in silvis densis et humidis ad* igarapé de Manáos, *in* Rio Negro. *Floret et fructificat Aprili. Indii vocant* akuti-kaá *et* páka-rupiá,

Obs. O genero *Dilkea* foi estabelecido na *Flora Braziliensis*, pelo Dr Maxwell T. Masters, em 1872, e perpetua o nome do barão Carlos Wentworth Dilke. Achando a planta, baseou-se em duas especies, cujos exemplares estavam imperfeitos, porém mais tarde ajuntou-lhe mais duas que não diagnosticou. Estas figuravam nos desenhos que G. Wallis levou do Amazonas ; achando-as differentes, as classificou dando a uma o nome de seu descobridor a *Dilkea Wallisii*. Quatro, pois, são as especies até hoje conhecidas : *D. retusa, acuminata, helliborifolia* e *Wallisii*, com as quaes não se identifica a especie encontrada por meu filho *João*, nas cabeceiras do igarapé de Manáos, especie que vem completar e modificar alguns dos caracteres geraes apresentados pelo sabio monographo inglez. Apresentei aqui a diagnose do genero de Masters, para que, comparada com a especifica que dou da especie em questão, se conheça a modificação que faço, ao mesmo tempo quedeve completar a do sabio botanico inglez. Este fundou seu genero baseado em individuos seccos, cujas côres se modificam, fazendo muitas vezes com que flores completamente *brancas*, depois da dissecação, tomem a côr *vermelha*, o que leva qualquer botanico a enganar-se facilmente. As modificações tambem as apresento entre parenthesis nos caracteres do Dr. Masters. O nome especifico que proponho perpetua o do descobridor da planta meu filho *João Barboza Rodrigues Junior*, que mais de uma especie nova tem encontrado, quando commigo ou só tem ido herborizar.

Gen. TACSONIA Juss.

Tacsonia coccinea. (Barb. Rod. *l. cit. n. 164*), *foliis* lanceolatis acutis, marginibus laeviter crenulatis ; petiolis apice biglandulosis ; pedunculis solitariis petiolis subaequantibus : bracteis nullis ; floribus erectis coccineis, tubu cylindrato basi subventricoso ; sepalis oblongis acutis recurvis longitudinaliter subplicatis ; petalis subaequalibus ; corona faucili biseriata ; filis externis recurvis complanatis, internis quadruplo minoribus uncinatis ; corona inframediana filamentosa ; ovario oblongo ovoideo glabro.

Tabula nostra XI.

Frutex scandens, glaber, cirratus. *Rami* teretes. *Folia* subcoriacea, apice obtosa, integerrima 0^{m},08—0^{m},11×0^{m},055 lg. *Petioli* cylindracei 0^{m},008—0^{m},012 lg., graciles, contorti, apice glandulis duabus sessilibus instructi. *Pedunculi* axillares teretes, 1-flores. *Alabastra* cylindrata. *Flores* coccinei, 0^{m},06 lg. *Tubus* cylindratus, glaber, basi subventricosus, quadrisulcatus, ad apicem dilatatus. *Sepala* 0^{m},022×0^{m},006 lg. *Petala* recurva, sepalis angustioribus paullò minora. *Corona faucialis* ; filis prae petalis multo minoribus, externis 0,^{m}003 lg. internis 0^{m},001 lg. *Corona inframediana* filis linearibus tubo adpressis 0^{m},004—0^{m}005 lg. *Gynandrophorum* tubo aequalium cylindraceum, glaberrimum.

HAB. *ad ripas* igarapés *in silvis propé* Manáos. *prov.* Amaz. *Floret mense Mart.* Marakuyá *incolis nuncupatur.*

Obs. O notavel botanico suisso Pyramo De Candolle, em 1828, no seu *Prodromus systematis*, dividiu o genero *Tacsonia* de Jussieu em quatro secções, tomando para caracter distinctivo dellas as bracteas que envolvem a base do tubo do calice, divisão que tomou os nomes de *Eutacsonia*, *Bracteogama*, *Distiphona* e *Psilanthus*. O Dr. Martius na monographia, mais moderna que existe, publicada em 1872 na Flora Brasiliensis, adoptou as duas primeiras divisões e passou as especies das outras para as verdadeiras *passifloras*, não incluindo entre as Tacsonias nenhuma especie brazileira. Deixando de parte a divisão de Endlicher, em duas secções baseadas nos caracteres das corôas fauciaes, vejo-me forçado a admittir a quarta secção de De Candolle para nella incluir a especie em questão, que está entre as que tem « involucrum nullum sub flore », ou entre as *Psilanthus*. Para incluir a *Tacsonia coccinea*, entre as passifloras, não está ella em nenhuma das secções desse genero de Martius nem de Bentham e Hooker. Posto que as Tacsonias estejam muito proximas das Passifloras, comtudo, Hooker bem as distingue quando diz : « Genus pro *Passiflora* pro maxima parte habitu et calycis tubo elongato valde distinctum » Entre as passifloras brasileiras da monographia de Martius e mesmo entre as de Frei Conceição Velloso, da *Flora Fluminensis*, nenhuma se descreve com o tubo alongado, principalmente de folhas simples, a não ser a *P. spicata* Mart. cujo tubo é muito menor. Para mim a especie em questão é uma verdadeira Tacsonia, o que não admira, porque não raras são as especies que se encontram nos paizes limitrophes como o Perú e Nova Granada.

Gen. PASSIFLORA Linn.

1. Passiflora hexagonocarpa (Barb. Rod. *loc. cit. n. 304*), scandens, caespitosa; foliis ellipticis acutis subtus puberulis margine undulatis, petiolis ad apicem biglandulosis, nervo medio subtus prominente; pedunculo 1-floro, erecto; floribus campanulatis intus rubromaculatis; corona 1-seriata, filis apice falcato-dilatatis praemorsis argutè rubro-maculatis; fructu elliptico hexagono.

Tabula nostra IX.

Scandens, caespitosa, cirrifera. *Rami* teretes. *Folia* subcoriacea, elliptica, basi rotundata, supernè nitida, subtus minutissime puberula, 1-nervata et arcuata venosa, 0m,10—0m,13×0m,05—0m,06 lg.. *Petioli* tereti, 0m,02 lg., ad apicem glandulis 2-sessilibus magnis instructi. *Pedunculi* solitarii, axillares, teretes, introflexi, petiolis subaequantibus. *Flores* campanulati, tubo 0m,024—0m,026, lg., extus albo, intus albo-rubro-maculato. *Sepala* patentia v. revoluta, oblonga, acuta v. obtusa, apice attenuata, subconcava, virescentia, 0m,027×0m,006 lg.. *Petala* aequantia, angustiora, acuta, revoluta, albida. *Corona faucialis* filis patulis prae petalis duplo minoribus, liguliformis, apice falcatis, anticè praemorsis, basi globulosis, flavis, rubro-maculatis; *corona media* e tubo infra medium emergens, filis 5-glomeratis, patulis apice falcatis dilatatis, praemorsis 0m,005 lg.. *Gynandrophorum* tubo paullò longius, gracile, glabrum, cylindraceum, apice attenuatum. *Filamenta* complanata, 1-costata, glabra. *Antheræ* lineari-oblongae, emarginatae. *Ovarium* trigonum, oblongum, 3-sulcatum, glabrum. *Styli* teretes, incurvi. *Stigmata* capitata. *Fructus* ellipticus, hexagonus, coriaceus, glabrus, 0m,080×0m,032 lg., flavus. *Semina* ovata, acuta, compressa, testa scrobiculata, fulva.

HAB. *in silvis*, capoeiras *dictis*, *propè* Manáos, *prov.* Amaz. *Flor. et fruct, Januar et Mart. Vernacule* Márakuyá-rana *dicta*.

Entre as differentes plantas sarmentosas que embellezam as margens dos rios do Amazonas e as capoeiras do Rio Negro,

> Dos folhudos festões estão pendentes
> Pelo tronco trepando, os rescendentes
> Fructos da agreste flor, quadro imitante
> Do martyrio e paixão de um Deus amante (1)

que muitas especies perpetuam.

Foi o missionario poeta Martin del Barco, que, descrevendo em verso, as plantas do Paraguay, na sua *Arjentina* (2), e tratando da *Passiflora cerulea* de Linneo, achou nella os instrumentos do martyrio de N. S. Jesus Christo, que depois tanto se vulgarisou, vindo a serem conhecidas as flores desta familia universalmente pelo

(1) *A Assumpção*, por F. Francisco de S. Carlos. Canto III.
(2) Impressa em Lisboa em 1602. Edição de Gottlieb.

nome de *flor da paixão*, ou *flor do martyrio*, do qual se aproveitou Linneo para fazer o seu genero Passiflora. Chegou a este immortal botanico o nome, mas creio que não sabia elle a significação, tanto que na sua *Philosophia botanica*, explicando os nomes dos generos, pergunta: « Passionis instrumentis ? » (1)

Explicam diversamente os instrumentos do martyrio, para uns, como Martin del Barco de Centenera, a corôa faucial é a corôa de espinhos ; os tres estiletes, os cravos; as petalas em ponta, a lança ; as gavinhas, o açoute ; para outros, as petalas roxas, a tunica ; a corôa faucial, as cordas ; a corôa media, as disciplinas ; a inferior, a corôa de espinhos ; as cinco antheras, as chagas ; os estiletes, os tres cravos ; o gymnophoro, a columna, etc.

Vulgarmente no Brasil as passifloras têm o nome indigena de Murukuyá ou Maracujá, corruptela do antigo *mborukuyá* ou *morukuyá*, de que se aproveitou Tournefort para applical-o scientificamente, denominação que De Candolle e modernamente o Dr. Maxwell Masters adoptaram. E' notavel esta especie não só pelas suas flores brancas com a corôa, verdadeira corôa ducal, côr de ouro, como pela fórma de seus fructos. Por estes assemelha-se à *P. capsularis* Lin, a antiga *Passiflora foliis bilobis* que na edicção de Burmam, estampa CXXXVIII, fig. 2, Plumier representa ; mas afasta-se inteiramente della pela fórma das folhas. Pela divisão Candoleana esta está entre as *Decaloba*, que Masters levou para o seu subgenero *Pletostemma*, emquanto que a de que trato pertence à secção das *Astropheas*, entre as *Cirratae* de Masters e as *Foliis indivisis* de F. Conceição Velloso. Os fructos quando maduros tem o epicarpo coriaceo e quebradiço e desde os seus primeiros tempos tornam-se notaveis pela ausencia completa da massa esponjosa a que se apegam as placentas nos outros congeneres. Habita as capoeiras sombrias, entrelaçando seus numerosos galhos, que partem de uma soqueira, pelos das arvores visinhas, occultando-se por entre a folhagem. Não é commum esta especie, porque as constantes dêrrubadas para cultura, teem feito desapparecer os individuos que havia, e difficilmente consegui achal-a nas nascentes do igarapé do Aterro, em Manáos servindo de base para a descripção acima.

2. P. amalocarpa (Barb. Rod. *l. cit. n. 964)*, foliis membranaceis glabris subpeltatis trinerviis trilobatis, lobis lateralibus divergentibus oblongis obtusis, lobo intermedio multo minore vel sub nullo truncato ; floribus apetalis latè campanulatis ; corona fauciali filamentosa 1-seriali erecta, supra-mediana claviformi, mediana membranacea plicata incurva margine fimbriata, basilari carnosa annulari incurva ; fructu minimo longê oblongo atropurpureo.

Tabula nostra XII.

Glabra. *Rami* graciles 5-angulati. *Folia* membranacea, nervo medio subtus prominente lobis apiculatis, 0m,09—0m,13×0m,02—0m,04 lg. *Petioli* foliis minores, teretes, eglandulosi, 0m,03, lg. *Pedunculi* solitarii, teretes, petiolis duplo longiores. *Flores* viridescentes, expansi, 0m,05 diam. *Tubus* brevis, late-explanatus, argutè pubescens. *Sepala* ligulata, obtusa, revoluta, membranacea, albo-viridia, glabra, tubo duplo longiora. *Corona faucialis* filamentosa, filis linearibus, erectis, ondulatis, albis ; *corona supra-mediana* 1-serialis, filamentosa, filis tenuissime claviformibus, incurvis ; *corona mediana* membranacea, plicata, duplo minora, incurva ; *corona basilaris* annuliformis, carnosa, incurva, pubescentia adspersa. *Gynandrophorum* tere, erectum, glabrum, album. *Filamenta* paulló breviora, patentia, ad basin dilatata, alba. *An-*

(1) Berolini, 1780, pag. 160.

therae oblongae, medifixae, ad basin emarginatae. *Ovarium* longè oblongum, album. *Styli* claviformes, dorsaliter sulcati, filamento aequali, ovario duplo longiori. *Fructus*, longè oblongus, atropurpureus, pruinosus, mollis, $0^m,045 \times 0^m,015$ lg.

HAB. *ad ripas inundatas* igarapé do Curro, *prope* Manáos, *in prov.* Amaz. Murukuyá pichuna, andirá murukuya *v.* marakujá preto ou de morcego *incolis appelatur. Flor. et fruct. in mense Junio.*

Obs. Entre as passifloras que Fr. Conceição Velloso (1) descreveu, ha duas que pelo *habitus*, principalmente pelas folhas, se approximam desta especie ; a *pertusa* (*P. Organensis* de Gardner) e a *porophylla*, de que não faz menção o Dr. M. Masters, na sua monographia da *Flora Brasiliensis*. A minha se afasta da primeira, apezar da affinidade em ser apetala, e ter quatro coroas fauciaes, sendo apenas as coroas media e basilar um pouco semelhantes ás da segunda, posto que tambem apetala, pela fórma dilatada e não linear dos filamentos da coroa faucial que corresponde á supramediana da minha, pelas flores em racemo e não solitarias, e pelos fructos, que são longamente oblongos, lisos e não angulosos. Comparando com as especies conhecidas, que o Dr. Masters em 1872 publicou na parte 1ª do 13º vol. da *Flora Brasiliensis* de Martius, nenhuma dellas se identifica com a minha, pelo que a dou como nova, salvo melhor juizo. Uma circumstancia notavel devo aqui referir. Em geral todas as passifloraceas teem fructos com o epicarpo amarello, esverdeado ou avermelhado, coriaceo ou membranaceo, secco ; porém o da especie em questão, quando o fructo está maduro, é roxo-negro, pruinoso, pulposo e coberto com uma epiderme molle, que á menor pressão se desfaz, como baga de uma *Grumichama*, (Eugenia brasiliensis). Vulgarmente esta especie é conhecida por *Marakujá de morcego*, não sei si por se assemelharem as folhas a vespertilhos de azas abertas, ou por serem avidos estes animaes de seus fructos, que por isso raros são os que chegam a amadurecer. As flores são brancas.

3. P. hydrophila (Barb. Rod. *l. cit. n. 195)*, scandente, glabra, cirrifera ; ramis cylindraceis ; foliis coriaceis ellipticis, obtusis, basi rotundatis v. laeviter cordiformibus posticé biglandulosis; pedunculis solitariis v. geminis petiolos minoribus ; corona fauciali duplici, exteriora filamentosa, filis petala minoribus ; latis complanatis apice sigmoideis intus crenulato-praemorsis ; ovario puberulo.

Tabula nostra XIII.

Frutex scandens ramosus glaber. *Rami* tereti. *Folia* $0^m,18 \times 0^m,10$ lg., coriacea, superne nitida, subtus pallidiora, 1-nervia, arcuato-venosa, nervis subtus prominentibus ; *petioli* $0^m,02$—$0^m,25$ lg. cylindracei. *Pedunculi* solitarii axillares 1-flori. *Flos* expansus $0^m,11$ diam. *Sepala* subcarnosa, lineari-oblonga, obtusa, subconcava, extus viridia, intus alba. *Petala* sepalis minoria et angustiora, apice sobrotunda alba. *Corona faucialis* filamentosa, filis triseriatis, extimis latis, complanatis, apice acuti-sigmoideis, ad

(1) Fr. José Mariano da Conceição Velloso, que antes de professar chamava-se José Velloso Xavier, nasceu na freguezia de Santo Antonio da villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, em Minas Geraes, em 1742 ; era filho legitimo de José Velloso do Carmo e D. Rita de Jesus Xavier. Tomou habito de S. Francisco em 11 de abril de 1761, no convento de S. Boaventura de Macacú, no Rio de Janeiro ; professou em 12 de abril da 1762; ordenou-se em 1766 ; foi eleito pregador em 1768 e nomeado mestre de historia natural em 1779. Terminou em 1790 a sua *Flora Fluminense*, que se compõe de 1640 vegetaes, classificados pelo systema Linneo e foi publicada em 1825. Morreu em 14 de julho de 1811.

basin fissis, intus crenulato-praemorsis, filis intimis parvis, apice sobrotundis brunneis ; *corona mediana* carnosa, integerrima, incurva rosea. *Gynandrophorum* elongatum, supra basin processu urniformi munitum. *Filamenta* cylindracea, rosea. *Antherae* oblongae. *Ovarium* oblongum puberulum. *Styli* cylindracei, rosei, *Stigmata* hemispherica. *Fructus* incognitus.

HAB. *in locis inundatis in* Rio Negro. *Flor.* August. *Incolis* Marakuyá do igapó *nuncapatur.*

Obs. Nos logares que o Rio Negro pela enchente alaga, encontra-se a planta em questão, cobrin !o os galhos das arvores, que ficam acima das aguas, dando lindas flores brancas, muito aromaticas, que, segundo informações, produzem fructos grandes, porém, acidos. Durante o tempo da vasante despe-se a planta de folhas e ficam sómente os cipós. Consta-me que as sementes têm propriedades narcoticas.

Não achando, ent:e as especies descriptas, nenhuma que com esta se identifique, a considero nova pelo que aqui a apresento.

4. P. Barbosae (Barb. Rod.) *Nob sub praes. tab*, foliis suborbiculari cordatis breviter emarginatis mucronatis petiolis glandulosis glandulis stipitulatis ; stipulis dimidiato cordatis petiolis subaequantibus vel majoribus ; bracteis 3 magnis foliaceis liberis ; floribus campanulatis, tubo brevi.

Tabula nostra XIII a.

Perennis parva scandens cirrifera. *Rami* gracilimi, cylindracei. *Folia* subcoriacea, basi cordata, arcuato-venosa geniculata (1), 0,^{m}025 × 0^{m},025 longa., *Petioli* teretes, graciles, laminâ triplo breviores, glandulis stipitatis 2 instructi. *Stipulae* foliaceae, acuminatae, erectae ; 0,^{m} 007—0,^{m}015×0,^{m} 005×0,008. *Pedunculi* axillares folia minori, uniflori, versus apice articulati, erecti, tribracteati. *Bracteæ* 3 foliaceae, lanceolatae, acuminatæ, erectæ, 0,^{m} 009 × 0,^{m} 004. *Tubus* 0,^{m}004 long., glaber, campanulatus, basi ventricosus, ad insertionem pedunculi intrusus. *Sepala* subcoriacea, ligulata, obtusa, apice parum concava, dorso corniculo brevi prædita. *Petala* sepalis conformia usque, breviora, et tenuiora. *Corona faucialis* biseriata, filamentosa, filis distinctis, arcuato-erectis, sepala minoribus, purpureis. *Corona mediana* (operculum) carnosa, inflexa plicata, crispifoliata. *Corona basilaris* e fundo tubi, carnosa, annularis, brevis. *Gynandrophorum* petalis brevius, gracile, tere basi cupulâ carnosâ excavatâ circumdatum. *Filamenta* ligulata. *Antheræ* oblongæ, emarginatæ, flavæ. *Ovarium* longe obovoideum, *stylis* gracilibus, clavatis superatum. *Stigmata* orbicularia.

HAB. *ad* Forte do Cabedello *in prov.* Parahyba, Maracujá de rato *incolis appellatur*. *Flor.* Febr.

(1) Pela sua direcção é *geniculada*, por dobrar-se na extremidade do peciolo a formar com este a nervura central da lamina um angulo recto.

Depois que ás costas do Brazil aportou Pedro Alvares Cabral, os herbarios e os jardins Europeos se enriqueceram com mais de 20,000 plantas que d'aqui partiram representando um numero superior ao de todas as especies da flora de toda a Europa.

Foi do começo do presente seculo, que começaram as grandes descobertas, porque, si bem que Lery, Thevét, Abbeville, Anchieta, Pison, Vandelli, Velloso, Ruiz, Pavon, Arruda Camara e Ro'z Ferreira, que até o fim do seculo passado se occuparam da nossa flora, foi só depois de raiar a aurora do anno de 1800 que as grandes descobertas se fizeram.

D'ahi para cá viajantes, collectores e naturalistas, uns nacionaes outros estrangeiros, todos enviavam o fructo de seus labores para a Europa onde eram estudados. Desde então, até hoje, só o estrangeiro tem se encarregado de nos dizer o que possuimos em riquezas vegetaes.

Foi à custa de nossas plantas que se celebrisaram e se perpetuaram muitos nomes.

Foi assim que appareceram Silva Feijó, Corrêa Serra, Bernardino Gomes, Henrique de Paiva, Banks, Commerson, Chamisso, Longsdorff, Gaudichaud, Gay, Leschenault, Sieber, Koffmansegg, Westin, Sellow, Link, Sprengel, Lessing, S. Hilaire, o principe Maximiliano, Martius, Mikan, Schott, Pohl, Beirich, Riedel, Karwiski, Burchell, Lund, Regnell, Spruce, Wallace, Trail, Henschell, Mosen, Rossiter, Peckolt, Glaziou, Loffgreen e muitos outros botanicos e collectores nacionaes e estrangeiros, que me escapam, que com suas remessas para a Europa, enriqueceram os herbarios e a litteratura estrangeira.

Cinco patriotas comtudo se destacam dessa phalange trabalhadora, quatro mortos e um vivo, o Dr. Lacerda, Frei Leandro do Sacramento, Frei Custodio Alves Serrão, Conselheiros Francisco Freire Allemão e Barão de Capanema, que no paiz, com os recursos litterarios que a patria lhes faculta, descobriram, classificaram plantas novas, dando-as a conhecer ao estrangeiro.

Infelizmente porém, como aquillo que não nos vem, como o rapé, de torna-viagem, com o baptismo europeu não presta, os trabalhos de Lacerda, estão destinados aos cupins, os de Frei Leandro passaram á synonymia, os de Frei Custodio desappareceram, os de Freire Allemão uns sumiram-se, outros foram usurpados, e os de Capanema, esses dormem o somno do esquecimento, porque, desgostoso, abandonou a sciencia em que era mestre consummado, e della se occupa por desfastio.

Apezar, porém, das importantes remessas dos collectores, das minuciosas pesquizas dos naturalistas viajantes, e das indagações dos sabios, ainda a nossa natureza é tão prodiga, paga tão bem o trabalho daquelles que se encarregam de estudar as suas riquezas, que diariamente ella lhes offerece alguma cousa de novo, para indemnizal-os.

O botanico no Brazil não deve desprezar logar algum como indigno de sua visita, porque por mais occulto que seja o logar, por mais que tenha sido visitado, não o foi em todas as epocas da florescencia de todas as plantas, e basta o abandono de alguns mezes para nova vegetação, inteiramente differente, apparecer.

E' assim que muitas vezes nos logares mais batidos, se encontram plantas que escapam á vista e á observação de muitos. O ter sido em logar explorado por um naturalista, por mais distincto que seja, não implica estar a flora desse ponto conhecida, do contrario disso temos exemplos diariamente.

Eis porque, apezar de percorrido com avidez, o nosso paiz, por naturalistas estrangeiros, ainda se deparam com plantas novas.

A prova dessa asserção está no que me obriga a escrever estas linhas.

De passagem para o Rio de Janeiro no dia 1º de fevereiro de 1888, desembarcou meu filho João Barbosa Rodrigues Junior, junto ao forte do Cabedello, na provincia da Parahyba, e para não passar ocioso o dia que ahi esteve, entreteve-se em colleccionar algumas plantas.

Posto que muito moço, foi sempre no Amazonas o meu companheiro de herborização, quando não as fazia só, e pelo gosto e habito, querendo dar-me uma prova de seu amor filial, sabendo quanto prazer me daria, enviou-me algumas plantas seccas, com observações, que foram portadoras das saudades que lhe iam n'alma.

Perfeitamente conservadas me chegaram, e qual não foi a minha satisfação encontrando entre as plantas remettidas, uma linda passiflora de flores roxas, e folhas miudas, conhecida por *Maracujá de rato* entre os naturaes.

Muito mais satisfeito fiquei, quando classifiquei a especie, porque pude dar um perpetuo agradecimento áquelle que, quando descobriu a planta, tinha no coração e na imaginação a minha lembrança.

Dedicando, pois, a meu filho a especie que descrevi, de accordo com as leis da nomenclatura botanica, satisfaço um dever de amizade e de reconhecimento paternal.

3. P. muralis *Nob sub praes. tab.* scandente; foliis velutino — villosis membranaceis trilobis, lobis dentatis acutis; stipulis parvis, laciniatis villosis pilis glanduligeris; bracteis 3-4 — pinnatisectis, segmentis linearibus pilosis glanduloso-capitellatis; floris tubo brevi patelliformi; piloso; sepalis obtusis dorso sub apice corniculo longi instructis; petalis glabris membranaceis dorso 1-lineatis; corona basilari integra incurva crispifoliata, fauciali filis externis petala brevioribus internis minimis 4-seriatis, mediana integra, incurva crispifoliata; ovario ovato, glabro, stylis villosis.

Tabula nostra XIII. b.

Scandens villosissima. *Rami* teretes graciles. *Folia* brevi petiolata membranacea cordata trilobata, lobis ovatis acutis ciliato-dentatis nervo medio majore, utrinque velutina, pilis capitellatis in marginibus ornata, 0,m030 — 0,m035 × 0,m030 — 0,m040 lg.. *Petioli* lamina demidio breviores velutini teretes, eglandulosi. *Stipulae* parvae profunde laciniatae, laciniis linearibus velutinis pilis glanduligeris ornatae. *Cirri* simplices. *Pedunculi* axillares 1-flores vellutini, teretes 0,m025 — 0,m028 lg. petiolis duplo longiores. *Bracteae* laciniatae flores subaequantae villosae pilis glanduligeris munitae. *Alabastra* ovata, lineata, velutina, apice 5-aristata. *Floris tubus* urceolatus, basi intrusus, villosus, virescens. *Sepala* viridia, patentia, lineari-lanceolata obtusa concava, extus villosa, sub apice dorso corniculo complanato instructa. *Petala* paullo minora, membranacea, alba, lineari-lanceolata, obtusa, patentia. *Corona faucialis* filamentosa, filis externis petala subaequantibus, lutescens ad basin rugulosa, filis internis minimis erectis ad centrum decrescentibus; corona *mediana* membranacea, integra, margine crispifoliata, incurva; *corona basilaris* cupuliformis, membranacea, incurva, crispifoliata. *Gynandrophorum* villosum ad apicem attenuatum. *Filamenta* lata complanata. *Antherae* flavae supra medio dorso affixae. *Ovarium* ovatum, glabrum. *Styli* clavati pubescentes.

HAB. *in* Forte do Cabedello, *prov.* Parahyba do Norte. Maracujá de lagartinho *vel* de cobra *incolis appellatur. Flor. et fruct. Mayi.*

Obs. Posto que esta especie, como a antecedente, não pertença á provincia do Amazonas, comtudo não posso deixar de incluil-a neste pugillo de plantas novas que apresento. Estando eu na provincia da Parahyba, não passei sem ver *in loco* a *P. Barbosae* que meu filho descobrira nas immediações do celebre forte de Cabedello, e correndo as ruinas deste, cobertas de vegetação, encontrei em fins de maio, crescendo sobre os pannos das muralhas a especie de que me occupo, cheia de flores e fructos. Os naturaes denominam seus pequenos fructos alaranjados *Maracujá de lagartinho* ou *de cobra*, por crescer o vegetal sobre os muros, entre as pedras, por onde andam esses pequenos saurios e se occultam os peçonhentos ophidios. Suas flôres são pequenas, extremamente delicadas, com as petalas brancas e transparentes e com os sepalos verdes, tendo os filamentos da corôa amarellos.

Procurando identificar esta especie com as da secção *Dysmodia* de De Candolle, à qual pertence, verifiquei que a nenhuma dellas se identifica, pelo que a dou como nova, impondo-lhe nome especifico que caracterisa seu viver. Excepcionalmente tambem cresce fóra das muralhas, como me informaram; isso, porém, não é commum. Attendendo-se ao polymorphismo das folhas da *P. fœtida* de Linneo ou *P. polyaden* de Velloso, o *Marakuyá chirika* dos naturaes do Amazonas, poderão alguns considerar esta especie variedade daquella antiga, que na verdade algumas apresenta; mas o distinctivo não consiste na maior ou menor pubescencia, na forma dos lobulos da folha, e sim na forma, tamanho e côr das partes componentes das flôres e dos fructos e no seu habito. Pelas bracteas, por exemplo, seria uma variedade da *P. clathracta*, mas a isso se oppõe a forma das folhas e das flôres; assim tambem pelas folhas poderia ser tomada por uma *P. villosa*, si não fossem as estipulas, as bracteas e as proprias flôres.

Companheira e mesmo socia da *P. Barbosae*, ambas, ás vezes, crescem entrelaçadas, pendentes das muralhas do forte do Cabedello, sobre as aguas do Atlantico, onde qualquer viajante as póde encontrar.

6. P. Cabedelensis *nob. sub praes. tab.* foliis membranaceis glabris trinerviis, extus inter nervos ad basin glandulis minimis præditis, transverse ovalibus trilobis, lobis lateralibus oblongis divaricatis biglandulosis, inter medio truncato; petiolis brevibus eglandulosis contortis; pendunculis solitariis petiolis triplo longioribus; corona faucialis biserialis filis teretibus sepala multo minoribus; fructu oblongo minimo.

Tabula nostra XIII c.

Glabra. *Rami* graciles teretes flexuosi. *Folia* membranacea, trinervia, inter nervos prominentes glandulas duas orbicularia gerentia, triloba, lobis lateralibus divergentibus oblongis, obtusis, mucrone brevissimo armato, lobo intermedio lato, truncato, mucronulato. *Petioli* foliis minores, teretes, eglandulosi, contorti. *Pedunculi* solitarii teretes graciles, petiolis multo majores. *Bracteae* parvae dissitae. *Alabastra* pyramidalia basi dilatata. *Flores* viridescentes campanulatae. *Tubus* brevis, latus explanate, a basi intus pubescente. *Sepala* subcoriacea, e basi lata oblonga, lanceolata, obtusa, apice subcucullata, recurva, extus viridia, intus albida, ad margines utroque latere membranacea. *Petala* nulla. *Corona faucialis* filamentosa 4 seriatis, filis externis 2-seriatis majoribus, erectis, violaceis, filis internis bi-seriatis, minimis, incurvis, apice capitatis. *Corona mediana* incurva, membranacea, crispifoliata, denticulata. *Corona inframediana* e medio tubo emergens, annularis, carnosa. *Gymnadrophorum* glabrum, subcurvatum, tere. *Antheræ* lato-oblongæ. Ovarium oblongum, incurvatum. Styli clavati, ondulati, recurvi. *Frutus* oblongus, 0,^{m} 030—0,^{m}035$\times$ 0,^{m}012—0,^{m}024 lg. flavus.

HAB. *arenosis locis ad littora maris, prope* Cabedelo, *prov.* Parahyba do Norte. *Flor et fruct. majo.*

Obs. Nas proximidades das ruinas do historico e celebre forte de Santa Catharina do Cabedello, no Estado da Parahyba, crescendo nas areias das praias, encontrei esta especie, ostentando flôres e fructos. Aquellas todas apetalas, fazem realçar os filetes roxos das suas coróas sobre o branco esverdeado das retorcidas sepalas, as quaes se destacam dos longos e pequenos fructos côr de laranja.

Comparando esta especie com as da secção *Dysmodia* de De Candolle, incluidas nas *Eudecaloba*, entre as quaes deve figurar, não encontro nenhuma que com ella se identifique. Entre as cincoenta e oito dessa secção, escriptas pelo Dr. Maxwell Masters e publicadas em 1872, na sua monographia, incluida na *Flora Brasiliensis*, não vem ella mencionada, e, como não conheça outro trabalho posterior no qual se descrevam novas passifloras, dou a presente tambem como nova.

Ordo MYRTACEÆ Juss.

Gen. MYRCIA D. C.

Myrcia atramentifera (Barb. Rod. *Herb. Mus. bot. Amaz. n. 45*), folliis breviter petiolatis subcoriaceis oblongis lineari-acuminatis supra-splendentibus subtus arguté pellucido-punctatis utrinque reticulato-venosis limbinervis, venulis elevatis: paniculis subterminalibus et axillaribus folio æqualibus v. longioribus, brunneis subsericeis multifloris; sepalis petalisque extus sericeis.

Tabula nostra I Fig. A.

Arbor 5^m×0,^{m}10—0^m,60 lg.; *rami* teretiusculi, cinerei. *Folia* novella rubra, subtus sparsé arguté granulosa; *petiolo* 0^{m}007—0,^{m}010 lg., lamina 0,^{m}08—0,^{m}011×0,^{m}03—0,^{m}05; nervo medio supra impresso subtus elevato, venis plurimis, teneribus, rectis prominulis, arguté pellucidis; venulis interjectis pellucidis, recticulatis. *Paniculæ* erectæ, densé ramosæ, pyramidatæ. *Alabastra* 0,^{m}001; *bracteolis* 2, lanceolatis, ovarium aequantibus, caducis. *Ovarium* densé pellucidum, 4 ovulatum, disco sericeo obtectum. *Sepala* 5, inæqualia, extus sericea, celiolata, 0,^{m}001 lg., subotusa. *Petala* 5, inæqualia; oblongo-rotundata, 0,002 lg. *Stamina* petalis duplo majora. *Stylus* stamina æquans, basi sericeus. *Bacca?*

HAB. *in Prov.* Amazonas *et* Pará *in silvis cæduis vulgo* kapoeira, *prope Manáos. Floret Januario.* Kumaty *v.* cumatê *nuncupatur.*

Obs. Entre as plantas vulgares e uteis destaca-se a especie de que trato, muito conhecida pelos naturaes das provincias do Amazonas e do Pará, que a aproveitam na industria das *cuias*, porém, não é conhecida pela sciencia. Penso que Martius não a viu, nem a colheu, porque em seu *Glossaria linguarum brasiliensium* na parte em que falla dos *Nomina plantarum in lingua tupi*, diz: « *Cumati* (Amazonas) *Apocyneæ* vel asclepidea follicularis? » Pertencendo ella à familia dos Myrtaceas, procurei vêr se a encontrava descripta por Berg na *Linnaea* e na monographia do mesmo autor, publicada na *Flora Brasiliensis*, em 18 de maio de 1857, monographia organizada principalmente com os herbarios de Martius e Spruce, mas não a encontrei. Entretanto a especie *atramentifera* está incluida na divisão, do genero, *Abrupte acuminatæ*, approximando-se da *M. Regeliana* que, apezar do seu polymorphismo, apresentando quatro formas variantes, de nenhuma dellas se approxima, a não ser da variedade *angustifolia*, sòmente pelas folhas. Não sei se posteriormente seria descripta, porém, creio que não. O Dr. Nicoláo Moreira, em seu *Vocabulario das arvores brazileiras*, publicado em 1870, diz: « genero ignorado. Terebenthinacea? » Considerando-a, pois, nova proponho-lhe o nome acima.

O *kumaty* offerece grande utilidade em suas cascas, que, pisadas e de infuzão n'agua fria por espaço de 24 horas expostas aos raios do sol, dão uma especie de tintura arroxeada que applicada, sobre a madeira e expostas estas ás evaporações ammoniacaes da urina, torna-se de um negro de ebano, luzente como o xarão asiatico. Os naturaes aproveitam essa tinta para a pintura de remos e cuias feitas dos fructos do *cabaceiro* ou *cuyeira* (*Crescentia cujete*) que são muito procuradas, constituindo uma industria, que infelizmente vai desapparecendo.

Essas cuias usam-se, em geral, para farinha e para se beber agua. Sobre o fundo negro que serve de mordente, applicam, em variados desenhos, outras tintas como o *karagirú*, *tauá*, etc.

A côr negra dura grande numero de annos, embora o uso das cuias seja constante. O tronco que attinge 0,m60 de diametro, é empregado em construcções de casas. Empregam tambem os naturaes as raspas das cascas do *kumaty* no calafeto das canoas, sendo mais duradouras do que a estôpa. No Rio Negro, em geral, dellas se servem os pescadores. Não se deve confundir esta especie com outra do mesmo nome, que cresce em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, que é o *Psidium albidum* de Cambessedes, tambem conhecido em Minas Geraes pelo nome de *araçá*.

Ordo APOCYNACEÆ Lindl.

Gen. COUMA Aubl.

Couma macrocarpa (Barb. Rod. *l. cit. n. 460*), ramis teretibus cinereo-ferrugineis albido verrucosis; foliis cordatis acutis, basi in petiolum ridigissimum crassé trigonum attenuatis, venosis intus nitidis atroviridibus extus nervis secundariis ferrugineis multo prominentibus; bacca magna flava.

Tabula nostra I. Fig. B.

Arbor 8m—10m×,m02—0,m6 lg. *Rami* subteretiusculi, verrucoso-asperuli; *ramuli* ternato-verticillati. *Folia* longa, atroviridia, rigida, ternato-verticillata, cordata, obtuso-acuminata, supra glabra, subtus mellina, nervi secundarii rigidi, prominentes, ferruginosi; *petiolo* 0,m010 — 0,m012 lg., ferrugineo. *Flores* non vidi. *Bacca* subglobosa, 0,m030—0,m35 in diam., epicarpio rigido immatura. *Semina* plurima, (5—15) oblonga, compressa, in pulpa fibrosa longa nidulantia. *Episperma* brunnea. *Embryo* rectus longitudine albuminis.

HAB. *ad* Rio Negro, *in silvis* Tarumã-uaçu. *Incolis* Kumã-uaçu *v.* Sorva grande *nuncupata*. *Fruct. Mart.*

Obs. O genero *Couma* foi estabelecido pelo celebre botanico J. B. Christophe Fusée Aublet e publicado em 1775 no supplemento da sua *Histoire des plantes de la Guyanne Françoise* à pag. 39, acompanhado de uma estampa sob o n. 392. Caracterisou o genero pela especie a que deu o nome de *C. Guyannensis*, acceita por De Candolle, em seu *Prodromus*.

Aublet, que, para quasi todos os seus generos adoptou para nomes scientificos, com alguma razão, os vernaculos, como neste caso, ouvindo pronunciar o vocabulo indigena *Kumã*, como francez que era, o escreveu com o som de sua lingua, de onde veio *Couma*, que, pronunciado por brazileiro, portuguez ou italiano, parecerá um

outro differente do indigena. O Dr. Martius, adoptando tambem o genero de Aublet, e, achando outra especie com o nome *kumã*, mas que os portuguezes baptisaram por *sorva*, achando nella differenças, creou o genero *Calophora* para a especie *utilis*, commum em todo o Rio Negro. Bentham e Hooker nos seus *Genera* e o Dr. Müller d'Argovia, em sua monographia das Apocynaceas da *Flora Brasiliensis*, entretanto, reuniram este genero ao *Couma*, não apresentando a especie *Guyannensis* e descrevendo outra oriunda da Bahia, o *Mokugê* com o nome de *C. rigida*, apezar de De Candolle o conservar. Martius, creando o genero *Calophora* teve razão porque, comparando-se o *habitus* do seu *Calophora* com o do *Couma*, vê-se que é inteiramente differente. Com o *habitus* do primeiro, encontrei a especie acima infelizmente sem flores, sabendo apenas, por informações de um indio, que são ellas roseas, como as da *utilis* e da *Guyannensis*, porém maiores. A principio tomei-a pela especie de Aublet, porém, comparando os orgãos appendiculares, o *habitus*, e os fructos, encontrei differenças que me levam a apresental-a como nova. A especie da Guyanna é uma *arvore pequena* (arbuscula), de folhas *largamente* ovaes (late ovalibus), com os fructos interna e externamente russos (bacca intus et extus rufescens), emquanto que a de que trato é uma *arvore excelsa*, cujo tronco mede ás vezes o diametro de oitenta centimetros, tem as folhas *cordiformes*, inferiormente pardacentas, e os fructos, mesmo maduros, verde-amarellos por fóra e *verde-esbranquiçados* por dentro. Da *C. utilis* e *rigida* affasta-se então inteiramente. Vulgarmente é conhecida por *Kumã-uaçu* ou sorva grande. Dá abundante leite, rico em borracha e seus fructos são muito saborosos e dôces, tendo o epicarpo um pouco rijo, do qual se destaca a polpa que contém as sementes e que é a parte comestivel.

Ordo LOGANIACEÆ Endl.

Gen. STRYCHNOS Prog.

Sect. LONGIFLORÆ Prog.

1. Strychnos macrophylla (Barb. Rod. *l. cit. n. 249*), alte scandens cirrhifera, ramulis patulis junioribus pubescentibus, internodiis folio brevioribus ; foliis coriaceis ovato-ellipticis acuminatis brevi petiolatis trinervatis supra glabris nitidis subtus pube minutissima adspersis, nervis pubescentibus ; corolla hypocraterimorpha, tubo extus pubescenti intus villoso lobis intus sulcatis tomentoso-barbatis sub triplo longiore.

Tabula nostra II.

Frutex alté scandens ; *cirrhi* pubescenti. *Folia* superiora 0^{m}20—0,22× 0,^{m}12—0,^{m}13 lg., basi rotundata petiolo 0,^{m}01. lg. inferiora multo minora. *Cymae* ad apices ramulorum. *Calyx* 0,^{m}002 lg. *Corolla* tubo 0,^{m}007, lobis 0,^{m}003 lg., pubescentis. *Stamina* filamentis brevibus fauci inserta. *Antherae* lineari insertæ. *Ovarium* glabrum. *Ovula* 3—4. *Stylus* glaber fauci longitudine. *Bacca* globulosa, acuta.

HAB. *in silva inundata ad ripas* Igarapé da Cachoeirinha, *prope* Manáos. *Floreb. Septemb.* Uirary rana *vocatur*

Obs. Encontrei, infelizmente, esta especie sómente com flôres seccas ; porém comparando estas, assim como as folhas, com as especies descriptas, vi que a minha de todas se affastava, embora pelas flores se approxime um pouco ao *S. rondeletioides* Spr. E' um grande cipó, cuja casca suberosa é de um amargo fortissimo, tendo, quando macerada na agua a sua infusão uma bella côr de vinho velho do Porto. O *uirary* ou *curare* que preparei com as cascas desta especie apresenta uma cor negro-esverdeada, e de todos os preparados das especies aqui consignadas, é o mais forte, produzindo mais rapidamente a morte dos animaes em que é inoculado.
A materia colorante toxica é mais soluvel no alcool do que na agua ; por isso os alcoolatos apresentam cor mais carregada, differente por vezes da das infusões.

2. S. ericetina (Barb. Rod. *l. cit. n. 160*), fructicoso-scandens, cirrhifera ; ramulis oppositis suberectis griseo-velutinis ; foliis coriaceis subsessilibus ovato-lanceolatis acutis basi plerisque cordatis trinerviis utrinque griseo-velutinis ; cymis axillaribus 3—4 floris ; floribus 4—meris ; lobis calycinis ovatis acutis convexis velutinis ; corolla hypocraterimorpha, tubo abbreviato cylindraceo lobis subæquilongo intus densissimé lanato, lobis triangulari-lanceolatis acutis tubo paullo majore.

Tabula nostra III. Fig. B.

Ramuli graciles, internodiis folio duplo brevioribus. *Cirrhi* axillares, folio magnitudine, velutini, revoluti, superne incrassati. *Folia* 0m035×0,014 lg., supernè nitida, læviter griseo velutina, subtus tomentosa, nervis nervulisque prominentibus eleganter reticulata. *Cymæ* 2—4 florae, floribus brevi-pedicillatis. *Calyx* tubo triplo brevior. *Corollae* albae, tubo paulo majore. *Stamina* ad faucem inserta, filamenta complanata, antheris majora ; *antheris* sub lineari-lanceolatis, exsertis. *Ovarium* glabrum. *Stygma* longé exsertum, sub truncatum. *Bacca* reniformi v. irregulariter oblonga, compressa, monosperma, aurantiaca, 0,m020×0,m012 v. 0,m017×0,m011. *Semen* compressum, *testa* pergaminea, atrovinosa. *Albumen* corneum. *Embryo* centralis, cotyledonibus lanceolatis.

HAB. *in sylvis cœduis sive* Kapoeira *ad* Manáos. *Flor. Set. Fruct. Febr. Indii* Makuchi *vocant* Uirary Tarerem. *Nom. vulg.* Yuakáka pindá *v.* anzol de lontra.

Obs. Entre as especies brazileiras, torna-se mais distincta esta, que á primeira vista tem o aspecto de um jasmineiro. Posto que proxima ás congeneres *subcordata* e *lanceolata*, ambas de Spruce ; comtudo affasta-se dellas por caracteres que tira de ambas, sem reunil-os em absoluto, circumstancia que a especifica distinctamente.
As flores pela manhã desprendem forte aroma que se approxima ao das amendoas amargas. A parte cortical da raiz é bastante amarga, e, macerada n'agua, esta apresenta a cor de bom vinho Madeira secco.
Pelo constante aborto dos ovulos, o fructo só apresenta uma semente.
Conforme a posição que occupa, em relação a placenta, o ovulo que se desenvolve, dá assim uma fórma ao fructo mais ou menos irregular. Em geral é reniforme, comprimido de um lado e mais ou menos convexo de outro, porém, com a fórma oblonga, mais ou menos regular, tambem se apresenta. Rarissimas vezes em um exemplar coberto de fructos se encontra um delles dispermo.
Uma fórma que tambem ás vezes toma o fructo é o de uma lentilha muito convexa na parte superior, ficando então, bem no apice, diametralmente opposto ao pe-

dunculo o estilete do stygma, ou a sua cicatriz, coincidindo assim o apice organico com o geometrico, o que se não dá nas outras fórmas, em que sempre o apice organico é mais ou menos lateral.

3. S. rivularia (Barb. Rod. *l. cit. n. 698*), scandens cirrhifera, ramis erectopatentibus badio velutinis; foliis coriaceis ellipticis acutis supra nitentibus breviter petiolatis; cymis axillaribus brevibus, floribus tetrameris; lobis calycinis lato-ovatis erectis, margine brevis-ciliatis; corollæ intus densissimé lanatæ, lobis lanceolatis acutis tubo æqualibus; antheræ exclusæ.

Tabula nostra II. Fig. B.—IV. Fig. C.

Frutex scandens, lignosus, $0^m,02$ diam. *Rami* scandentes longissimé, internodiis $0^m,02$ — $0^m,03$ lg. *Folia* basi acuta, $0^m,055$ — $0^m,065 \times 0^m,030$ — $0^m,040$ lg. *Cirrhi* folliis minori, circinati, apice incrassati *Bracteis* pubescentibus. *Cymæ* 6—9 floræ, pubescentæ. *Flores* agglomerati, brevi-pedicellati. *Calyx* glabrescens, $0^m,002$ alt. *Corolla* hypocraterimorpha, alba, tubo extus velutino, $0^m,014$ alt. *Stamina* ad fauce inserta, filamenta glabra, erecta, triplo tubo minora, a basi incrassata. *Antheræ* intorsæ, lanceolatæ, basi marginata. *Ovarium* glabrum, subglobosum, biloculare, loculis pluriovulatis, 5—seriatis. *Stigma* subglobosum, exsertum. *Bacca* immatura oblonga, anticé compressa, posticé convexa, monosperma, $0^m,017 \times 0^m,013$ lg.

HAB. *in ripas humidioribus ad* igarapé do Curro, *prope* Manáos, olim Barra do Rio Negro, *ubi* Yurupari pindá *v.* Anzol do Diabo *vocatur. Flor. Nov. Fruct. Febr.*

Obs. A especie em questão é uma das que se comprehendem na secção que o Dr. Augusto Sprogel, ultimo monographo das Loganiaceas, estabeleceu, adoptando para ella o nome de *Rouhamon*, que é o que os indios Galibis, da Guyana Franceza, dão ao Uirary, e que Aublet, aproveitou para o de genero. Com effeito, muito ella se aproxima do *Rouhamon Guyanënsis* do mesmo Aublet, que Bentham faz synonimo do seu *Strychnos Rouhamon*, mas que me parece não o ser, apezar da autoridade de Sprogel, porque, pelo menos a figura que dá o botanico francez mostra ser especie distincta da que a *Flora Brasiliensis* apresenta. A fórma das folhas e das flores, a inflorescencia e o numero de divisões da corolla, entre as duas estampas são differentes e comparando-se mesmo as descripções vê-se que ellas se affastam. Pondo de parte isso, e admittindo serem synonimas, a planta por mim achada muito se approxima da que Aublet descreve e representa na sua *Historia das plantas da Guyana*, assim como do *Strychnos lanceolata* que Spruce achou nas cachoeiras de S. Gabriel, no Rio Negro e no seu affluente Uaupés. O meu *Strichnos rivularia* affasta-se comtudo do do botanico francez em ter as folhas ellipticas e não sub-arredondadas; em não serem inferiormente quasi cinzentas e sim pubescentes; em ter as flôres maiores e não serem dispostas aos pares; em ter o tubo coberto de pellos e não os lobulos da corolla; e do do botanico inglez em ter as folhas ellipticas e não oblongo-lanceoladas; em serem sempre triplinervias, pubescentes e não opacas inferiormente; serem as flores tetrameras e não pentameras e ter as divisões da corolla iguaes ao tubo e não menores.

Posto que a monographia que me serve de elemento para o estudo não seja moderna, pois data de 1868, comtudo isso em nada penso influir, porque as especies descriptas depois, como a *Crevauxii, Jaubertiana, depauperata* e *densiflora*, descriptas por Planchon e Baillon, affastam-se tambem da que aqui me occupo.

Nos fructos desta especie, acontece o mesmo que observei na antecedente, porém, nunca tornam-se reniformes, são sempre oblongos irregularmente desenvolvidos.

4. S. papilosa (Barb. Rod. *l. cit. n. 680)*, scandens cirrhifera, ramis erecto-patentibus flava-velutinis ; foliis submembranaceis lanceolatis obovatis oblongisve, basi in petiolum brevem attenuatis, triplinervis, subtus pallidioribus, ad venas tomentosis ; cymis axillaribus brevibus, floribus 5-meris ; lobis calycinis laté-ovatis acutis pubescentibus argute ciliatis ; corollæ intus densissimé lanatæ lobis lineari-lanceolatis intus papillosis recurvis tubo minoribus ; antheris exclusis.

Tabula nostra IV.—Fig. B.

Truncus tortuosus, 5—6 met. lg. *Cortice* suberoso, extus lenticellis crebis verrucoso, intus ferrugineo. *Rami* scandenti, longissimi, internodia 0^m,022—0^m,025. *Folia* 0^m,070×0^m,020 lg., apice acuta, supra glabra ad vena media puberula, subtus raro pubescentia. marginibus puberula, petiolo 0^m,005 lg. pubescenti. *Cirrhi* apice circinati paulo incrassati, puberuli. *Cymae* 3—7 floræ, pubescentes ; bracteolis laté lanceolatis, puberulis. *Flores* pedicellati, 5—meri. *Calyx* pubescens, 0^m,001 alt. medio attenuata. *Corolla* alba virescentia 0^m,007 alt. medio attenuata. *Antheræ* longé exsertæ, lineares, filamentis filiformibus basi dilatatis. *Ovarium* glabrum, loculis multi-ovulatis. *Stygma* subtruncatum, exsertum, papillosum. *Bacca* subovata, anticé compressa, posticé convexa, monosperma, 0^m,015×0^m,011 lg., testa pergaminea, glabra. *Semen* oblongum, compressum ; *albumen* cartilaginosum. *Embryo* minimus, centralis, rectus ; cotyledonibus lanceolatis.

HAB. *in* Iguarapé da Cachoeira, *ad* Cachoerinha do Teyú, Rio Negro *prope* Manáos. *Flor. Nov., fruct. Febr.*

Obs.— Entre os Strychnos que tenho descripto este é o que mais se approxima do *S. Rouhamon* Benth. pela fórma das folhas, que, todavia nesta especie são sempre triplinervias, tendo a pagina inferior e as margens pubescentes, assim como as nervuras. A nervura media na pagina superior é toda pubescente, tambem como o é todo o peciolo. Nas flôres as divisões da corolla são sempre em numero de cinco, sendo estas papilosas internamente, como o é tambem o stigma.

O calyce é todo pubescente. A casca tem a epiderme acinzentada, porém a parte suberosa é de um pardo avermelhado, sendo esta muito amarga. O lenho é branco. As flôres, pela manhã, exhalam um aroma muito agradavel e penetrante.

Os fructos teem sempre uma fórma muito irregular, predominando a oblonga, e esta é mais ou menos alongada ou arredondada, apresentando elevações, que correspondem sempre á posição do ovulo, que fecundado se desenvolveu.

5. S. Manaoensis (Bard. Rod. *l. cit. n. 257)* alté scandens cirrhifera, ramulis rufo velutinis : foliis coriaceis glabris superné nitentibus oblongis acutissimis v. acuminatis 5—nervatis basi acutis; bracteis pedicellis majoribus spathulato-trapezoideis incurvis dorsaliter angulatis ; cymis axillaribus; floribus minutis tretameris ; calycibus glabris lobis ovatis acutis marginibus læviter barbatis, corollæ tubo intus pauci lanato lobis lineari-lanceolatis, tubo brevioribus.

Tabula nostra V.

Truncus tortuosus, 0,^{m}10—0,^{m}15 diam:, *rami* cortice pauci suberoso, transversaliter rimoso, griseo; *ramuli* elongati, patuli, velutini. *Cirrhi* hamati, superne paulló incrassati, rufo velutini. *Folia* ramulorum florigerum majora, 0,^{m}13—0,^{m}15×0,^{m}048—0,^{m}050 lg., pedicello 0,^{m}013—0,^{m}015 lg., velutino, illa ramulorum novorum minora, 0,^{m}05—0,^{m}06×0,^{m}014—0,^{m}025 lg., subtus pilis minutissimis sparsa, nervo medio subtus velutino. *Cymae* pedunculis communis 0,^{m}008—0,^{m}010 lg. *Corallae* tubus 0,^{m}005 alt. *Stamina* ad faucem inserta; filamenta gracilia. *Ovarium* uniloculare subrotundum. *Stylus* 0,^{m}006 lg., *Bacca* flavescens, globulosa, monosperma, 0,^{m}017 diam. *Semina* 1, oblonga v. subglobosa; cotyledones oblongæ.

HAB. *in locis inundatis ad ripas* Igarapé do Atterro, Manáos, *olim* Barra do Rio Negro. *Flor. Oct., Fruct. Febr.*

Obs.—Torna-se notavel esta especie pelas suas gavinhas, que, quando os ramos são novos, não os florigeros, alcançam grandes dimensões e grossura, chegando a ter quasi dous decimetros de comprimento, com as quaes se agarram ás arvores a que se apoia a planta para crescer. Encontrei esta especie representada por dous magnificos exemplares já com fructos e muitas flôres não fecundadas, porem todas sem corollas, á excepção de uma, cujas anthéras e stigmas tinham sido destruidos. As cascas do tronco, cujo lenho é branco, são muito amargas.

Comparando esta especie com as diagnoses das descriptas até hoje, a nenhuma dellas se identifica, pelo que a considero tambem nova.

De todas as especies aqui descriptas, é esta a que apresenta o fructo mais regular, sempre mais ou menos globoso.

O albumen é córneo.

6. S. Kauichana (Barb. Rod. *l. cit. n. 202*), subarborea, ramis elongatis junioribus cylindraceis, velutinis, cirrhis hamatis flavo-velutinis; foliis membranaceis ellipticis, apice acutis, basi acuta, brevissime petiolatis quintuplinêrviis, superne glabris ad nervos puberulis, subtus argutè pubentis.

Radix cortice ferrugineo; truncus 1^{m},1^{m},40×0^{m},015—0^{m},020 lg., tortuosus, griseus, lenticellis crebris verrucosus, *rami* erecti, viridi, velutini, internodiis valde incrassatis, folio brevioribus. *Cirrhi* superne incrassati, velutini. *Folia* superne nitida viridia, subtus pallidiora, 0^{m},06—0^{m},10×0^{m},003—0^{m},04 lg., *Petiolus* 0^{m}.003—0^{m},004 lg., *Flores* et *baccam* non vidi.

HAB. *In locis humidis ad* Rio Tonantins. *prov. Amaz. Indii* Kauichanas *vocant* Pohecetá *et* Makakinha namby *v.* Orelha de macaco *tapuyas nuncupatur.*

Insertæ sedis (1)

---

7. S. gigantea (Bard. Rod. *l. cit. n. 202*), altè scandens, cortice suberoso ferrugineo rimoso; ramis glabris, junioribus virescentibus,

(1) As reacções chimicas destas especies as levam para o quinto grupo, de que adiante trato, ou para a secção *Rouhamon*, em que estão incluidos os uirarys dos Konibos e dos Amahuakas do Perú, feitos com o *Strychnos Rouhamon*; mas, pela inflorescencia, poderão pertencer a alguma das outras secções.

cirrhis spinisque nullis; follis coriaceis amplis ellipticis quintuplinerviis acuminatis basi in petiolum brevem attenuatis.

Tabula nostra III. Fig. A.

Truncus cæspitosus, $0^m,12$—0,40 diam. *Ramis* gracilibus, internodiis incrassatis, folio brevioribus. *Folia* caulinaria basi rotundata, ramea acuta, quintuplinervia, superiora majora, $0^m,13$—$0,20 \times 0^m,04$—$0^m,07$ lg., nervis subtus prominentibus, glabris; *petiolo* $0^m,006$—$0^m,010$ lg., currugato. Flores et baccam non vidi.

HAB. *in silvis inundatis ad ripas* Rio Negro, Praia do Capitão, *prope* Moura. *Indii Makuchy vocant* Uirary kamaruá.

Obs.— Esta planta que bem se póde chamar o gigante dos Strychnos, dá em soqueiras que, a principio, estendem galhos pelo chão, elevando-se depois ao cimo das mais altas arvores, confundindo suas folhas com a das ramagens destas, deixando só ver seus cipós que assemelham-se a grossas serpentes que se enroscam e sobem pelos troncos que lhe ficam proximos.

A casca é de um amarello ferruginea, muito suberosa e de um amargo insupportavel. Na camada suberosa é que reside o principio activo e toxico.

8. S. Urbanii (Barb. Rod. *l. cit. n. 228)*, arborescens; ramulis glabris; foliis amplis oblongo-ellipticis brevissime pedicellatis triplinerviis utrinque glabris acuminatis.

Tabula nostra IV.— Fig. A.

Arbor gracilis 4—5 met. alt. *Folia* $0,^m22 \times 0,08$ lg., papyracea, nervis subtus prominentibus, *petiolo* $0,^m004$ lg. Flor. et fruct. non vidi.

HAB. *ad* igapó *v. silvis inundatis in* Rio Yutahy, *Prov.* Amazonas.

Obs. Esta planta foi achada pelo octogenario cidadão *Manoel Urbano da Encarnação*, quando explorou o Rio Yutahy, em 1884, chegando-me, infelizmente, ás mãos o exemplar incompleto. Entretanto, pelas folhas e pelo porte, distingue-se perfeitamente das especies descriptas pelo Dr. Augusto Progel. Desde que encontre a planta completa, será a descripção mais desenvolvida. O nome especifico perpetúa o do descobridor do vegetal, um cidadão honrado e prestimoso, que muitos serviços tem prestado á provincia do Amazonas, como explorador intrepido.

E' dever de gratidão perpetuar os nomes daquelles que são uteis á patria e á sciencia, principalmente quando já se inclinam para o occaso da vida.

9. S. lethalis (Barb. Rod. *l. cit. n. 713)*, fructex alté scandens cirrhifera; foliis subcoriaceis ellipticis v. ovatis acuminatis, basi in petiolum brevem attenuatis quintuplinerviis, subtus ad venas minuté puberulis.

Truncus tortuosus $0,^m05$—0,10 in diam., cortice crasso, rimoso, spongioso, hepatico. *Folia* $0,^m11$—$0,^m15 \times 0,^m05$—$0,^m09$ lg., superne nitide viridia, subtus opaca, pallidiora, prominule venulosa, petiolo $0,^m01$ lg. *Flor.* et *baccam* non vidi.

HAB. *in silvis primaevis ad* Rio Tonantins, *Prov. Amaz. Indii* Kauichana *vocant* Kokoary.

10. S. Tonantinensis (Barb. Rod. *t. cit. n. 714)* frutex alté scandens cirrhifera; foliis coriaceis ovatis acutis, basi in petiolum brevem attenuatis quintuplinerviis, superne nitentibus subtus opacis utrinque glabris, nervulis subtus prominentibus.

Truncus tortuosus, 0,m07 — 0,m10 in diam., cortice crasso longitudinaliter rimoso, hepatico. *Folia* 0,m13 — 0,m15 × 0,m09 — 0,m10 lg., petiolo puberulo 0,m010 — 0,m012 lg. *Flor.* et *baccam* non vidi.

HAB. *in silvis ad ripas* Rio Tonantins, *Prov. Amaz. Indii* Kauichana *vocant* Kuacikuala.

Obs. Estudando as tres especies de *strychnos*, que vi empregadas, que infelizmente estavam sem flôres ou fructos, e procurando identifical-os com os conhecidos, apezar de não colher exemplares completos, todavia, com nenhum delles se identificaram, apezar de sempre presumir que, dous pelo menos, fossem os que o Sr. Jobert diz serem dos Kauichanás, posto que visse fazer o curare no Caldeirão, que é habitado por Tikunas.

Este meu achado vem provar que os ditos indios teem na flora da paragem que habitam, varios Strychnos, que ora empregam uns, ora outros, tanto que empregando á vista do Sr. Jobert só dous, á minha empregaram tres e differentes, cujos exemplares existem no Muzeu, e com as cascas dos quaes preparei extractos para analyses e experiencias que fiz.

Comparando-se os *Strychnos Jobertiana* e *depauperata* com os tres acima descriptos vê-se que não se identificam, bastando para isso comparar-se as diagnoses, das quaes os caracteres especificos se distanciam bastante das minhas especies. Assim, o *Jobertiana*, que, diz Baillon, *não parece ser cipó* tem a *haste tetragona, as folhas glabras, membranaceas com* 0m,20 × 0m,10, *com as tres nervuras grandes divergindo logo da base, com mais duas lateraes, que se fundem nas margens, tendo o peciolo de um centimetro.*

O DEPAUPERATA é *cipó*, tem *a haste rugosa, os ramos avelludados, as folhas subsesseis quasi cordadas na base, com* 0m,04 × 0m,02, *avelludadas em ambas as faces e com cinco nervuras.*

Comparem-se estes caracteres com os das minhas e ver-se-ha que são distinctos.

Os lenhos nas minhas especies *Kauichana*, *lethalis*, *Tonantinensis* são brancos, nas primeiras e amarellados na ultima.

Os venenos que obtive dos indios e os que preparei pelo mesmo processo que elles empregam, me deram reacções que os levam para tres grupos distinctos, da classificação que adoptei, como se vê do quadro junto.

Dos tres *strychnos* que entram na composição toxica dos Kauichanas o unico que fere de morte o animal é o *Kokoary*, pelo que lhe appliquei o nome especifico de *lethalis*.

As experiencias que nestes dous ultimos annos tenho feito com estas especies confirmaram as que fiz em 1873, para conhecer a composição e o antidoto do *curare*, experiencias estas que me levaram a affirmar nas conferencias publicas que fiz no Rio de Janeiro em 25 de agosto e 1º de setembro de 1878, nas da aula de medicina legal, da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, em 17 de setembro do mesmo anno, assim como pela *Gazeta de Noticias*, de 23 de fevereiro de 1879 que: *é sempre um strychnos que produz a morte do animal* [1] *e o cortejo de symptomas que a precedem.* As plantas que entram no fabrico do uirary indigena, por superstição, em algumas tribus, porque outras empregam simplesmente um *strychnos*, apenas servirão para activar a absorpção, sendo sua energia devida á especie da flôra do local em que habitam os fabricantes.

O aspecto vernicoso que algumas especies de *curare* apresentam, como por exemplo, os da Guyanna, não é devido a plantas mucilaginosas, como Aroideaceas, mas sim peculiar a alguns *strychnos*. Preparei varios *uirarys* com *S. Urbanii* e com *macrophylla*, o do primeiro com cascas seccas e velhas, o do segundo com cascas verdes, e ambos apresentavam o aspecto de terem sido preparados com verniz; o mesmo aspecto apresenta os *S. Manaoensis*, *rivularia* e *papillosa* aqui descriptas.

De todas as especies e com exemplares adultos e fortes [2] fiz infuzões theiferas, alcoolatos e extractos, preparando tambem o *curare* pelo processo indigena. Feitas

[1] Esta affirmação foi anterior á creação do laboratorio do Muzeu do Rio de Janeiro, por conseguinte, muito anterior ás experiencias dos Drs. Lacerda e Couty.

[2] Utilisei-me sómente das cascas do tronco e das raizes. Não experimentei as folhas e as flôres, porque os indios não se aproveitam dellas para o fabrico dos seus venenos.

as experiencias em animaes, estes apresentavam os symptomas proprios do envenenamento pelo veneno indigena, sobrevindo a morte mais ou menos retardada, segundo a especie, acontecendo mesmo ser o veneno illiminado pela urina, depois de produzir os primeiros effeitos.

Entre os *strychnos* até hoje descriptos, comprehendidos a *Gubleri* e o *Crevauxii* achados pelo infortunado Dr. Crevaux e descriptos por M. G. Planchon, no *Journal de Thérapeutique*, que disso deu noticia á Academia de Sciencias em 22 de dezembro de 1879, não encontrei uma só especie que se identifique com as que agora apresento. Por essa razão as dou como novas.

Depois de grandes esforços, outr'ora e hoje, consegui formar uma collecção, particular, de especies de *uirarys* ou *curares*, de todas as tribus brasileiras que o fabricam ou usam, assim como das da Guyanna Ingleza, Venezuela e Perú, não só em *panellinhas*, *cabaças*, *canudos* ou *carriços* de takuara, como em *flechas*, de zarabatana, *kurabys* e *murukus*.

De differentes localidades procedem os preparados toxicos pertencentes a differentes tribus e se distinguem pela côr, consistencia, fórma do vazilhame em que são guardados, e pelos instrumentos em que são empregados. Possuo tudo classificado, tendo obtido os venenos directamente ou por amigos, dignos de toda confiança, instruidos por mim, pelo que duvida alguma pode haver sobre as procedencias. Tenho apenas duvida sobre dous, quanto á tribu, e não quanto á localidade, Comparei, por meio de reacções chimicas, os venenos de vazilha com os de flechas e depois de identificados por tribus, passei a analyzal-os tribu por tribu, registrando por meio de pintura, á aquarella, as côres das diversas reacções em um grande quadro, acompanhadas de observações.

Não podendo aqui publical-o apresento um outro que resume o primeiro, por onde se poderá ver que differentes são as especies de *strychnos* que entram na composição pela differença das reacções.

O estudo comparativo da energia do veneno pela experiencia a que os submetti, a côr do pó, dos alcoolatos, e das soluções aquosas de cada um, assim como as côres resultantes das suas reações chimicas, com os mesmos reagentes, me fizeram dividir os *curares* de diversas tribus e procedencias em *quatro ordens*, comprehendendo a *primeira* dous *grupos*, ás quaes denominei: TIKUNA, KAMARAUÁ, LAMISTO, TIYUAKINO e FALSOS.

A estas divisões se filiam os *strychnos* conhecidos. A primeira comprehende os venenos mais fortes e que *matam não só quadrupedes como aves, com promptidão;* a segunda os que produzem os mesmos effeitos da primeira, porém, com *lentidão;* a terceira os que *matam os quadrupedes e não as aves;* a quarta os que, como os da primeira, *matam indifferentemente, com menos promptidão;* e a quinta os falsificados que ou matam, e para os quaes o chlorureto de sodium não é antidoto, ou absolutamente não produzem a morte em nenhum animal.

A *Tikuna*, pertence ás tribus brazileiras do Solimões; a *Lamisto* ás tribus peruanas do Rio Ucayale; a *Kamarauá* ás tribus brazileiras do Rio Negro; a *Tiyuakino*, as das quebradas do Huallaga e a *Falsa* ás tribus civilisadas de ambos os paizes.

Não conheço a planta do Tiyuakino, e sim os fructos aos quaes dão o mesmo nome que tem a planta, o de *A'mbiuasca*, isto é, *cipó venenoso*. Estes fructos, não só os animaes, como os homens comem, por serem muito doces, porém, não é o *strychnos brachiata* de Ruiz e Pavon, cujos fructos, tambem comestiveis, differem muito em tamanho, sendo os deste quasi do tamanho de uma laranja, emquanto que os d'aquelle tem o de uma uva.

O *Tiyuakino* é feito pelos Tarapotinos de *Tiuyako*, e não desce ao departamento de Loreto, pelo que ahi é completamente desconhecido.

O *Lamisto* ou *Pishiuayno* [1] e o *Tiuyakino* [2] sempre são guardados em colmos de taquara ou carriços, de um palmo de comprimento.

A divisão do Lamisto comprehende os venenos mais fracos, como o de Pebas, e a do Tikuna os mais fortes. A Tiuyakino é a intermediaria.

Tive occasião de vêr varias falsificações: ora enchem uma panella ou carriço com uma substancia inocua, a qual cobrem com Tikuna; ora misturam os dous, ou mesmo fabricam o Lamisto incluindo n'elle nicotina, que extrahem das folhas de tabaco, quando não é feito só de *Cocculus*, *Abuta* ou *Onomospermum*, que são

[1] O *Pichiuayno*, é feito no *pueblo* de Pichiuayaco, perto das cordilheiras.

[2] O Tiuyakino é feito pelos indios das *quebradas* de Tiuyaco.

Quadro das reacções dos venenos conhecidos pelo nome de « curare »

	TRIBUS	PROCEDENCIA	NUMEROS	ACIDO SULPH. BICHROM. DE POT.	ACIDO AZOTICO	CHLORURETO DE OURO	PERCHLORURETO DE FERRO	BICHROMATO DE POTASSA
	1º grupo					P.	P.	P.
I Tikuna	Miranhas, pote; Tikunás, pote; Yuris, flecha; Omauas, pote..................	Rios Yapurá e Içá. ...	4	Côr de violeta amarellada e rosada.	Côr de vinho e côr de telha.	Côr de vinho sujo e pardo.	Verde folha secca, violaceo e pardo	Amarello escuro e amarello sujo.
	Mahakus, pote; Mayankongs, flecha; Ipuricotós, flecha; Uakys, cabaça; Arikunás, Makuchys, Uananás, flechas e kurabys, Tukanos, cabaça; Kubeuas, pote; Pauichianás, pote; Piarrhoas, cabaça; *Strychnos lethalis*, planta. Cauichianas, pote; Cauichianas, cabaça e flecha; Uaupé, pote e cabaça grande. Guyana, cabaça	Rios Parimá, Mahú, Uaupés, Padauary, Tonantins, Solimões, Maraviá, Sipabo, Orenoco e fronteiras de Venezuela, Tonantins, Padauary, Uaupés...	17					
	2º grupo							
	Katukinos, flechas; Katauichys, kurabys; Ipurinás, kurabys..................	Rio Purús............	3	Côr de vinho.....	Pardo amarello..	Pardo	Verde folha secca e claro.........	Amarello.
II Kamarauá	Mahakus, * Akangatares, Tarianás, Deçanás, pote e kurabys..	Rio Uaupés e affluentes	4	Côr de violeta azulada...........	Verde escuro....	Pardo roxeado...	Verde folha secca e amarellado...	Amarello pardo.
	Guyana, pote *Strychnos Kauichiana, ericetina e Tonantinensis*, plantas....	Rios Negro e Tonantins	4					
III Lamisto	Lamas, carriço; Piros, Chontakiros, murukus; Yahuas, carriço; Mayoruna, murukus; Passés, pote.	Rios Marañon, Uallaga, Ucayali e Yutahy.	6	Verde esmeralda e verde vegetal.	Côr de telha.....	Pardo amarellado	Verde folha secca escuro.	Amarello sujo e amarello claro.
	Strychnos Urbanii e macrophylla, plantas	....	2					
IV Tiyuakino	Konibos, Amahuakas, murukus; Tikunas, pote; Mayorunas, carriço.	Rios Ucayali, Negro e Javary..............	4	Côr de café......	Côr de telha.....	Pardo amarellado	Verde folha secca escuro.........	Amarello vivo.
	Strychnos Manaoensis, gigantea, rivularia, papillosa, plantas.................	Manáos...............	4					
V Falsos	Tikuna, pote; *Abuta, Onomospermum*, plantas..............................	Rio Içá e Tonantins...	3	Côr de sepia ou pardo escuro..	Pardo escuro....	Pardo rosado ou amarellado.....	Verde folha secca	Amarello.
	Total.....................	....	53					

Observações

A.— As soluções foram feitas com 5 dec. de producto para 10 cent. cubicos d'agua distillada.

B.— A côr das reacções dadas aqui são as mais intensas, variando para mais claro, segundo a tribu.

C.— A lettra P no alto das columnas indica que as côres nellas mencionadas são dos precipitados que sempre se formam.

D.— O uirary ou curare é usado sómente pelos indios do Perú, de Venezuela e da provincia do Amazonas. Os da provincia do Pará não o usam, e o curare que se exporta desta é importado daquella. O curare conhecido como sendo dos Mundurukus é dos Miranhas. Aquella tribu desconhece completamente esse veneno.

* Este curare separa-se deste grupo por ter as reacções com o chlorureto de ouro e perchlorureto de ferro — côr de vinho.

tomados tambem por *strychnos*, não sei se conscienciosamente ou por especulação, como acontece com o fabricado no Rio Içá, que vendem por Tikuna.

Tambem se aproveitam do vasilhame dos Tikunas ou dos Miranhas para enchel-o de materia falsificada !

Aqui dou as côres das reacções dos uirarys, com cinco reagentes, e o seu agrupamento, deixando de mencionar as reacções com o iodureto de potassio, chlorureto de platina, bioxido de chumbo, chlorureto de baryum, sulpho-cyanureto de potassio, para não augmentar o quadro e não serem as suas reacções tão clara e distinctamente caracterisadas como as que apresento, sempre uniformes em cada grupo, variando apenas mui levemente a entonação das côres.

Pelas reacções se vê, que, como provindo dos *Tikunas* existem *dous* venenos inteiramente diversos: um propriamente *Peruano* e outro *Brazileiro*. Este, preparado pelos Tikunas que ainda existem no Brazil, é confundido com o dos *Miranhas* e vae para o Perú e para as cachoeiras do Rio Branco e Guyanna Ingleza. E' o mais forte de todos, sendo mais fraco o do Perú. As plantas com que se prepara o *curare* de cada grupo são differentes, entrando especies com as mesmas propriedades no fabrico. A parte empregada é sempre a casca, quer dos troncos, quer das raizes, que nas especies que conheço são sempre muito amargas. As reacções dessas especies caracterisam perfeitamente os grupos a que pertencem.

A contra-prova tive nas reacções dos diversos strychnos aqui descriptos, que se filiam a diversas de grupo differente, pelo que me parece, que influencia alguma teem as plantas de outras familias, que porventura entrem na composição do uirary indigena não alterando ellas as cores das reacções, servindo talvez para modificar, apenas, a gradação para mais claro ou mais escuro, sendo isso mesmo, creio, devido á especie que é usada, que é sempre a encontrada, como disse, na flora do local da tribu. Em geral os indios empregam uma só Loganiacea no seu preparado, sendo raro incluirem duas, assim como em geral é tambem feito unicamente com essa só planta, entrando as vezes outras supersticiosamente, ou com o fim de activar a absorpção. A's vezes entram as Menispermaceas, para este fim, ou por serem tidas por *strychnos*, pela semelhança que apresentam as folhas de algumas especies.

Para mim as Menisperniaceas representam um grande papel no veneno indigena, quando o querem fortalecer, isto é, quando deve servir, não só contra quadrupedes, como contra aves. O papel das Piperaceas penso que é duplo, activa a absorpção da curarina, pela sua acção estimulante e impede o escoamento do sangue pela ferida deixada pela frecha, coagulando a fibrina e obliterando os pequenos vasos, porque, sempre que o animal é ferido, noto que immediatamente o sangue coagula-se e a ferida fecha-se.

O escoamento do sangue diminuiria a acção do veneno, e por isso o indio, com a intelligencia e dom de observação de que é dotado, incluiu no seu preparado plantas cujas propriedades conhece, que lhe dão um veneno com os predicados que deseja, que lhe facilitam a preza viva, com rapidez, si a quer para domesticar ou aprisionar, ou produz a morte, si a quer para alimento.

Vai nisso apenas a vontade, porque si quer o animal vivo, applica o antidoto, que é o chlorureto de sodio, por elle tambem preparado com diversos vegetaes, e assim obtem com facilidade os animaes, que tornam-se *cherimbabos*.

Tanto é pela acção estimulante das Piperaceas que tornam mais violento o seu uirary, e quando este está velho, fazem um cozimento, quasi extracto, das cascas das Otonias ou Arthantes e nelle dissolvem o veneno, que recupera a sua primittiva força, isto é, com rapidez é absorvido e produz os seus lethaes effeitos. Por este processo tornam assim o seu veneno forte os indios Ipurinás, Katauichys, Kauichanas, Tikunas e outros.

Os *Lamistos* peruanos, em geral, são feitos com *strychnos* cuja acção é semelhante á de algumas Menispermaceas, cujas reacções chimicas são ás vezes iguaes ou muito semelhantes, pelo que teem a sua acção de entorpecimento ou cataleptisadora antes sobre o systema nervoso do que sobre o systema motor.

O Tikuna brazileiro, pelo contrario, tendo os *strychnos* que o compoem muita curarina, ataca logo o systema motor, sem fazer paralysar os movimentos do coração, [1] vindo o effeito das Menispermaceas atacar o nervoso e tambem o cerebro. A acção toda da curarina tem por vehiculos os globulos sanguineos que, quanto

[1] O coração do animal que morre curarisado, ainda depois da morte e de extrahido, pulsa por algum tempo.

mais redondos são, tanto mais rapidamente apresentam os effeitos, chegando a não produzir a morte quando elles são grandes e oblongos, como acontece com certas aves, como os pombos. Dahi vem o Lamisto entorpecer, mas não matar as aves e o tikuna o fazer. Este por um lado ataca o systema motor e por outro o nervoso e nelle actua mais a acção sobre o nervoso, não tendo a curarina o poder de atacar completamente o systema motor, por ser logo eliminado, sendo a sua acção quasi impotente nos globulos oblongos e forte nos redondos.

A absorpção é mais rapida quando o curare tem a addição de certas Menispermiaceas, porque então os principios toxicos das duas plantas actuam simultaneamente. As Menispermiaceas teem um principio amargo toxico e sabemos pelos trabalhos de Mr. Boulay, que certos Cocculos teem alcalis organicos crystallisaveis, entre os quaes existe a picrotoxina e a menispermina, que os professores Orfila e Goupil mostraram á evidencia que tem propriedades toxicas e se filiam ao grupo dos venenos narcoticos-acres. sendo a sua acção physiologica toda cataleptisadora, sobre o systema nervoso e tambem sobre o cerebro e coração.

Os uirarys do 1º grupo que estabeleci, os *Tikunas*, todos são um mixto de *Strychnos*, que por si só causam a morte, com a addição de *Cocculos* ou *Abutas* ou *Onomospermum*, além de outras plantas, que entram mais por superstição, e os *Lamistos* são feitos só de *strychnos*, de Menispermiaceas, ou um mixto, porém cujos *strychnos* não são ricos de curarina ou mesmo não a teem.

Como se sabe, a pedra de toque para a força do uirary são as aves ou os batraceos, porque si estes não foram mortos é signal que o veneno é fraco, isto é, só tem na sua composição *strychnos*, que não actuam sobre os globulos oblongos das aves ou é feito de *strychnos* cujas propriedades são semelhantes quasi á das Menispermiaceas. São os que se consideram falsos.

A'cerca da acção dos uirarys sobre os globulos sanguineos tenho um trabalho, que mais tarde publicarei, no qual minuciosamente me occupo do assumpto, mostrando que a acção do curare é toda produzida pela decomposição do sangue.

A acção do *Onomospermum* e *da Abuta* tive occasião de estudar, empregando nas minhas experiencias os extractos das cascas, cujas reacções são identicas á de alguns *strychnos*, como as dos S. *Manaoensis*, *papilosus*, e as dos curares do Rio Içá, dos Mayurunas, de Itakoahi e do Tikuna, peruano.

Empregado o curare como já tem sido por varios medicos, na Europa, principalmente pelos Drs. Leouville e Voisin, na sua clinica da Bicêtre, contra o tetano, com resultados vantajosos, é de meu dever apresentar estes esclarecimentos, para pôr de sobreaviso aquelles que o empregarem, por não serem a energia e as qualidades as mesmas.

Conforme a especie de curare assim será o resultado, podendo ser favoraveis em uns casos e fataes em outros.

Cumpre que, obtendo-se bons resultados com um, seja este chimicamente comparado com outro, que se queira applicar, para ver si as reacções são as mesmas, e no caso contrario ser rejeitado. A fórma da vasilha tambem não serve de guia, porque os falsificadores aproveitam-se do vasilhame verdadeiro, já servido, para o encher de substancia diversa e passal-a assim ás mãos de outras tribus, das quaes o viajante a obtem crente de que é legitima.

Legitimos são comtudo os verdadeiros Tikuna, kamaraiuá, Lamisto, Tiuyakino apezar de terem propriedades diversas, porém de todos elles existem falsificações contra as quaes o medico deve estar previnido.

A proposito corre-me o dever de destruir uma falsa informação, que levou o illustre Sr. Carlos Morren a dizer, nos *Annalles de la Société d'Agriculture et de botanique de Gand*, que o uirary da Demerara, que é o mesmo brazileiro, como veremos: « c'est un jus préparè avec les *Catasetum*, mais on ne dit pas si le suc des Orchidées y entre seul », affirmação esta que foi aceita pelo Sr. E. de Puydt, que a repete na sua obra intitulada *Les Orchidèes*.

Os *Catasetuns* não teem propriedade alguma toxica, e o gluten que deitam os seus grossos pseudobulbos, quando cortados, é tão innocente e util que outr'ora, e ainda hoje, no interior de algumas provincias, os sapateiros e os violeiros, servem-se delle, em vez de colla, nos misteres de sua arte.

As orchidéas, tão procuradas pela belleza e exquisitice de suas flores, são tão innocentes que até hoje o indio, que dá applicação medicinal a todas as plantas, ainda não descobriu nellas virtude alguma.

O uirary ou curare é o extracto de um *strychnos*, e nada mais.

Dos differentes *strychnos* nasce a energia dos differentes preparados, energia não só devida á especie como ao local em que crescem ; argilloso secco, argiloso hu-

mido e silicoso humido. Pareceu-me a principio que a disposição das flores em corymbos terminaes ou axilares, a fórma das flores, principalmente das corollas, que deu logar ás secções estabelecidas no genero, influissem ; mas tive occasião de verificar que isso se não dá.

As plantas da secção *Rouhamon*, por exemplo, não dão uma só reacção ; ora dão do 2º, ora do 3º, e mesmo do 4º grupo, tudo no tempo da florescencia, devido ao local em que vegetam. As secções, pois, do genero teem especies, que, segundo a natureza do terreno, não se filiam a um só grupo.

E' admiravel como, produzindo todos os uirarys os mesmos symptomas de envenenamento, com mais ou menos intensidade, isto é, atacando sempre, pelos *globulos sanguineos*, o systema motor, os do grupo 4º e 5º não deem as reacções azul-violeta que caracterisam a curarina, mas sim verdes e pardas, quando atacados pelo mesmo reagente, nas mesmas condições. As reacções côr de café, pardo escura, que passa ao amarello e depois ao verde indicam presença de *igasurina*, como a vermelha de sangue, antes de passar ao amarello côr de canario em que se transformam as reacções do 1º grupo com o acido sulphurico e o bichromato de potassa, parece indicar a presença de *brucina ;* desta vem talvez alguns curares produzirem ligeiras contracções tetanicas e vomitos.

Em geral os Strychnos da secção *Longifloræ* conteem maior quantidade de igazurina, do que de *curarina*, como os do 1º grupo conteem brucina. No 3º e 4º grupos predomina um alcaloide cuja reacção com os acidos azotico e sulphurico, com o bichromato de potassa produz immediatamente uma bella côr verde, ás vezes de esmeralda, que passa depois a mais claro ou mais escuro, segundo a especie.

Sendo um producto ás vezes composto, é difficil no uirary indigena obterem-se puras as reacções que caracterisam os differentes alcaloides, pelo que se não póde tambem affirmar ser elle composto de uma só especie vegetal. No do uso proprio dos Mahacus, entram duas especies, uma do 1º e outra do 3º grupo.

Pelo quadro que apresento ver-se-ha que incluidos nos differentes grupos, existem 44 preparados cada um com a sua reacção propria, differençando uns dos outros pela gradação da côr. Salvo influencia de outra planta, é de crer que entrem na sua composição mais de trinta especies vegetaes, empregadas segundo o local, vindo dahi a differença de energia e o se ter vulgarisado, sem razão, haver uma especie para a *caça* e outra para a *guerra*.

Todas as tribus aqui apresentadas conhecem o fallado uirary, mas servem-se tambem além do proprio, do dos Tikunas, por ser mais forte do que os que preparam com as plantas que possuem.

Informações a esse respeito me teem sido dadas por indios, com que tenho lidado, e que pelo seu procedimento são dignos de fé.

Secretamente, á minha vista, teem elles preparado o seu veneno, e pelo seu processo o tenho fabricado com as plantas que tenho colhido.

Deixo de fazer outras observações sobre o veneno produzido pelos strychnos brazileiros, porque delle largamente trato em outro trabalho em que especialmente me occupo tambem com o seu antidoto, o *chlorureto de sodium*. Muito debatida foi a questão do antagonismo das substancias, quando em 1878 eu me apresentei provando praticamente, em reuniões publicas, e em conferencias, que o individuo curarisado, logo que fosse tratado pelo chlorureto de sodio, escaparia da morte.

Tomaram parte nella, além de varios medicos distinctos, a Escola de Medicina, a Imperial Academia de Medicina e a Sociedade Medica e como não me permitta este local tratar do assumpto, termino estas ligeiras observações com o que diz na sua *Botanica geral e medica*, quando trata dos *strychnos*, o illustrado conselheiro Caminhoá, testemunha ocular de muitas experiencias que fiz. Diz elle á pag. 2709 : « Em nossa presença as experiencias feitas em varios porquinhos da India em casa do mesmo Sr. Barbosa Rodrigues e em presença do professor de toxicologia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, o Dr. Souza Lima, os casos de cura foram admiraveis e sem excepção ! »

O illustrado medico Dr. Affonso Pereira Pinheiro, tambem, na sessão publica de 1 de Setembro de 1878, presidida pelo Sr. Dr. Barão de Ibituruna, pediu que fosse inserida na acta da mesma sessão a seguinte declaração, que fez por escripto :

« Tendo assistido, em Pariz, no Collegio de França, ás experiencias feitas com o curare pelo Dr. Claude Bernard, e tendo ouvido dizer áquelle eximio physiologista que ainda não conhecia o antidoto do terrivel veneno, foi com o maior prazer e a mais profunda satisfação que assisti hoje ás experiencias feitas pelo meu intelligente conterraneo o Illm. Sr. Dr. Barbosa Rodrigues, pois vi desapparece-

rem todos os phenomenos toxicos, quando, a tempo, combatidos por meio de chlorureto de sodium. »

Devo aqui observar que existe a crença, na Europa, de que os *curares* que vão do Amazonas são dos indios Mundurukus. E' inteiramente infundada. Os indios Mundurukus são habitantes do rio Tapajós, no Pará, e não usam nem nunca usaram o *uirary*. Não só Germain de Saint-Pierre, no seu *Diccionario de botanica*, como outros, o tem dito, creio que baseados em falsas informações do Pará. Outr'ora a Provincia do Amazonas estava unida á do Pará, e no seu mercado quasi que todos os productos indigenas que desciam do Alto Amazonas figuravam como sendo de procedencia dos Mundurukus, por constituirem estes a maior tribu do baixo Amazonas e ser a que mais serviços presta. Os unicos indios que usam o *curare* são do Alto Amazonas, da região que constitue desde 1852 a Provincia do Amazonas, pelo que o que tem sido usado na Europa nunca foi originario do Pará, e sim exportado do seu mercado, como producto commercial, importado do Alto Amazonas.

Dou aqui a traducção litteral de uma lenda, complemento a este trabalho, qual os indios me referiram em tupy, denominando:

O Uirary

Contam que antigamente os velhos quando caçavam, viam os gaviões, antes de irem buscar as prezas, arranhar a arvore do veneno e, indo buscal-as, rapidamente as matavam. Os velhos então experimentaram; rasparam a casca da arvore e esfregaram na ponta das flechas.

Depois disso rapidamente embebedavam a caça que frechavam.

Disseram elles:

— Será bom, talvez, fazer ferver para engrossar; fizeram ferver e, experimentando, com mais rapidez embriagavam a preza. Fizeram depois ferver mais, coaram no turury e ficou bom para elles.

Ordo ASCLEPIADACEÆ Lindl.

Sub trib. ASCLEPIADEAE R. Br.

Tribu ANOPHOREÆ Tourn.

Gen. ELCOMARHIZA Barb. Rod.

Calyx 5— partitus, eglandolosus. *Corolla* urceolata, profundè fissa, intus ad basi fissuræ læviter velutinis incurvis. *Corona* staminea inter se libera, phyllis a basi dilatatis intus bituberculosis apice incurvis, gynostemium crassè stipitatum superantia. *Antherae* cochleariformae lateraliter cartilaginae. *Stigma* convexum sub papillosum. *Pollinia* erecta parva basi attenuata, *caudiculis* gracilibus horisontalibus, *retinaculis* lineari-lanceolatis patentibus.

Frutices *scandentes*, *glabrescentes*; foliis *oppositis crassis ellipticis* v. *lanceoatis*, cymis *axillaribus*, floribus *parvis inconspicuis*.

Especie unica

Elcomarhiza amylacea (Barb. Rod. *l. cit. n, 715*), caule scandente lignoso ab initio viridi deinde fulvo glandulis sparsi, foliis oblongis v. lanceolatis acutis petiolatis carnosis ; pedunculo petiolum duplo majore, cyma bina umbellata densiflora, pedicellis gracilibus ; calycis profundé fissis, sepalis lineari-lanceolatis acutis ; corollae carnæ tubo lobis minore, lobis lato ellipticis emarginatis concavis erectis incurvis ; coronae phyllis carnosis ; antheris dorso carnoso supra stigma inflexis polliniis erectis parallelis.

Tabula nostra VI.

Frutex volubilis. *Ramuli* virides. *Folia* 0,m10—0,m14×0,m35—1m055, lg. inferiora majora, *petiolo* 0,m015 — 0,m25 lg. supra plano subtus subrotundo. *Flores* 7—9 contemporanei. *Pedicelli* cylindracei 0,m010—0,m012 lg. incurvi. *Calycis* lobis 0,002×0.m001 lg. *Corolla* tubo 0,m002 lg., lobis 0,m003×0,m003 lg. *Folliculi* mihi ignoti.

HAB. *in* Rio Negro, *ad* igarapé Tarumá uaçu. *Indii vocant* Kumakaá, *v.* Cumacaá. *Flor. Apr.*

Obs.—Entre as plantas communs do valle amazonico, pelo seu emprego na medicina caseira e como amavio, figura em logar distincto a de que me occupo, conhecida, não só na Provincia do Pará como na do Amazonas, pelo nome indigena de *Kumaká, Kumakaá* ou *Cumacá.*

Toda a planta é leitosa, e das raizes tuberculosas se extrahe uma linda fecula, empregada vantajosamente, tal qual se obtem, no curativo de ulceras e feridas.

E' muito preconisada contra o pterigio, engrossamento da conjunctiva, ordinariamente no canto interno do olho, pelo que ultimamente o distincto pharmaceutico o Sr. Abel de Araujo preparou a *Cumacaina*, que emprega com vantagens nessa affecção. Em pequenos vidros, bem acondicionadas em uma elegante caixinha, é vendido o medicamento pelo mesmo pharmaceutico, na sua pharmacia á Rua de S. Matheus n. 14, na cidade de Belém do Grão Pará. Os resultados obtidos são magnificos, pelo que o seu emprego é aconselhado pelos melhores medicos.

Se por este lado é procurada, muito mais o é pela gente supersticiosa, que acredita que toda a planta tem virtudes sobrenaturaes ; assim o juiz que assignar uma sentença com tinta que tiver em dissolução a fecula do Kumacaá, nunca a dará contraria ao réo ; aquelle que pelo coração quizer ter preso outro, ou receber sem negativa, um favor escreverá com a mesma tinta ; a mulher ou homem cuja roupa for gommada com o mesma fecula, tornar-se-ha constante o extremoso amante ; as moças que entre os cabellos esconderem uma folha da planta, terão o poder de se mostrar sempre lindas, embora sejam feias, e assim muitas outras crenças que tornam notavel e procurada a planta, não fallando ainda na virtude que tem o leite para curar belides.

Desde 1872 conhecia a planta, sem a poder classificar, por me faltarem para isso os orgãos reproductores, que nunca, por mais esforços que fizesse, pude vêr; entretanto em fins de novembro de 1884, tive a felicidade de encontrar florido um bello exemplar que forneceu-me os elementos de que resultou a presente noticia. Procurando os generos conhecidos, pelos trabalhos de De Candolle, Robert Brown, Endlicher, Decaisne, Walpers, Bentham e Hooker, o que pudesse caracterisar a planta em questão, com nenhum delles pude identifical-a, e, posto que possa estar em algum trabalho mais moderno, comtudo não trepido consideral-a como especie typica de um novo genero.

A ordem das *Asclepiadaceas* de Lindley, outr'ora incluida entre as *Apocinaceas*, esteve dividida em 5 tribus, por todos que della se occuparam, porém os sabios Bentham e Hooker, em 1876, nos seus *Genera Plantarum*, tantas vezes por mim citado, accrescentaram mais duas: a das *Marsdenieas* e a das *Ceropegieas*, estando pois a especie de que trato naquella tribu ou na das *Gonolobeas* de R. Brown. E' uma linda trepadeira cujas flôres não aromaticas, tornam-se notaveis, não pelo seu tamanho e brilho, pois que são pequenas, de uma côr de carne arroxada, mas pelo seu agrupamento sempre em duas umbellas formando um cymos corpioide, tendo cada umbella, invariavelmente, 7 a 9 flôres.

O nome generico que proponho, *Elcomarhiza*, é derivado de *Elcoma*, a ulcera, a ferida, e *rhizos* a raiz, por serem empregadas as raizes medicinalmente contra as chagas, ulceras e outras feridas de máo caracter.

Estavam estas notas escriptas quando me veio ás mãos a monographia do Dr. Eugenio Fournier, publicada em 1855 na *Flora Brasiliensis*, que veio confirmar ter eu razão, quando, como genero novo, considerava o *Kumakaá*. O Dr. Fournier inclue todas as especies brazileiras na sub ordem das *Asclepiadeas verdadeiras* e divide-a em tribus com oito subtribus, caracterisando aquellas —as pollinias em relação aos estigmas. Divide em *Cotophoreas*, ou as que tem as pollinias pendentes sob o estigma ; em *Hypophoreas*, as de pollinias e caudiculas horisontaes em roda do stigma, e, em *Anophoreas*, as que teem as pollinias erectas, com as caudiculas sobre os estigmas, A esta ultima pertence, portanto, a especie que descrevi, não sendo ella nenhuma das descriptas nos seis generos que compõem a tribu, incluindo mesmo os novos por elle creados.

Ordo BIGNONIACEÆ Endl.

Tribu BIGNONIEAE Bojer.

Gen. LEUCOCALANTHA Barb. Rod.

Calyx cupuliformis, truncatus, læviter dentatus, scissus, glandulæ adspersus. *Corollæ* tubus gracilis, teres, elongatus, extus ad apicem glandulosus, limbo 5— partito, lobis subæqualibus, ellipticis, obtusis, anteriore majore, corrugato. *Stamina* 4, inclusa, fertilia didynama, quinto sterili, ad medium tubo inserta ; *filamenta* basi nuda ; *antheræ* loculis divaricatis. *Discus* carnosus, subrotundus, gynobasicus, glaberrimus. *Ovarium* cylindricum, pilosum. *Stylus* cylindraceus, filiformis, pilosus. *Stigma* billamellatum, lobis dilalatis obtusis intra papillosis. *Capsula* siliquæformis, acuta, compressa, linearis, elongata, lævis, glandulosa, septo valvis parallelo. *Semina* plana, transversa, utrinque alata; alis sobrotundis, translucidis, a latere seminis productis ; *hylus* prominens, brevis, cordiformis. *Embryo* complanatus ; cotyledones basi et apice cordatæ.

Frutices *scandentes*. Rami *teretes ad nodos glandulosi*. Folia *opposita, bifoliata, cum cirrho simplici intermedio*. Foliola *elliptica, margine integra, venis subtus prominentes*. Inflorescentia *terminalis in racemis multiflòribus* ; floribus *caducis, albis*.

Especie unica

Leucocalantha aromatica (Barb. Rod. *l. cit. n. 633)*, ramis teretibus ad nodos glandulæ utrinque numerosissimis tectis, lævis cylindraceis violaceis; foliolis ellipticis v. oblongo-lanceolatis obtuse acutis nitentibus petiolatis; racemis foliis majoribus multifloribus, bi-trifloribus oppositis; corolla intus minutè velutina.

Tabula nostra VII.

Rami flexuosi, supra arbores scandenti, adulti nodosi, longitudinaliter argutè striati, grisei. *Folia* coriacea penninervia, nervis secundariis ex utroquè latere nervi medii 5—6, expansa, 0,^{m}090—0,^{m}110 × 0,^{m}050—0,^{m}055 lg; *petiolus* cylindraceus, 0,^{m}02—0,^{m}03 lg; *petiolus* divaricatus, cylindraceus, 0,^{m}012—0,^{m}015 lg. *Calyx* 0,^{m}010—0,^{m}015 × 0,^{m}005—0,^{m}006 lg. *Corolla* 0,^{m}10 lg., *lobis* 0,^{m}025—0,^{m}030 × 0,^{m}012—0,^{m}025, tubo 0,^{m}007 × 0,^{m}004 lg. *Stamen* in medio corollae insertum, 0,^{m}023—0,^{m}030 lg., sterile subulatum, brevissimum. *Antheræ* apice in connecctivum elongatæ subtriangulatum recurvum. *Capsula* 0,^{m}60—0,^{m}80 × 0,^{m}02 lg., mucronata. *Semina* 0,^{m}014 × 0,^{m}024, ala flavescentia, membranacea, 0,^{m}008 lg. apice subrotunda, integra.

HAB. *in* capoeiras *prope* Manáos, *in* Rio Negro, *Prov.* Amazonas.

Flor Jul.

Obs.— Entre as plantas que cobrem as margens do Rio Amazonas, as que mais o enfeitam, dando-lhe ás vezes aspecto phantastico, são as Bignoniaceas, que trepando pelos madeiros seccos, cobrindo a copa das arvores, ou cahindo sobre as ribanceiras, formam columnatas, arcos, ogivas, caramanchões de formas caprichosas, tudo esmaltado de flôres brancas, amarellas e carmezins que embalsamam a sombra que produzem. Para essa construcção exquisita, tecem as especies com seus imnumeros cipós a entrada das florestas, em que não penetra o homem sinão á mão armada, para destruir a rede immensa que se forma.

São essas as gigantes da familia, porque outras não dotadas pela natureza de grande desenvolvimento, apparecem pelas culturas abandonadas e pelas capoeiras que depois se formam.

As especies, de que me occupo aqui, pertencem á duas divisões: uma é das florestas das barrancas do Rio Negro e outras das capoeiras do interior de suas margens.

A primeira é, para mim, um genero novo, que se distingue de todos os que até hoje conheço.

As flores que pelo comprimento e forma do tubo e do limbo á primeira vista se parecem com as de algumas Apocynaceas e Rubiaceas, apenas pelo tubo se approximam entre os Bignoniaceas, do *Millingtonia* do Linneo filho. Não é comtudo só esse caracteristico que se nota; outros muitos, como veremos, se apresentam, que, me levam a considerar a especie como typo de um novo genero.

As Bignoniaceas que Linneo e Adanson incluiram na sua ordem das *Personate*, só em 1789 teve os generos, que andavam diversamente distribuidos, reunidos em um centro, que constituiu a ordem das *Bignoniaceas* estabelecida por Lourenço de Jussieu, porém cujos limites não foram definidos. Coube essa gloria em 1810 ao illustre Robert Brown, secundado em 1830 pelo Dr. John Lindley.

Em 1837 Jorge Don, na Inglaterra, e W. Bojer, na França, quasi ao mesmo tempo, sem que um tivesse conhecimento dos trabalhos de outro, fizeram apparecer seus estudos, com pontos de contacto, ambos modificando as classificações anteriores. N'esse mesmo tempo trabalhava tambem Endlicher, e só em 1840 apresentou a sua nova classificação, que foi em 1845 seguida d'outra de De Candolle, que resumia tudo quando até então se sabia, comprehendendo mesmo os estudos de Barttling, Kunth, Fenzal e Reichenbach. De 1850 a 1862, M. Brogniart, John Miers e Seemann, publicaram diversos estudos, porém, a ultima monographia foi a que em 1864 publicou o Dr. Eduardo Bureau. De então para cá um ou outro artigo do mesmo Bureau, a descripção de uma ou outra especie tem apparecido, porém nenhuma monographia moderna existe que me conste.

O trabalho mais moderno data de 1876 ; é o de Benthan e Hooker, incluido nos seus *Genera Plantarum*. As especies brazileiras que existem foram colhidas pelos botanicos viajantes Martius, St. Hilaire, Weddell e Spruce, e todas essas estão descriptas.

Modernamente muito se devem ter augmentado os herbarios europeus, não só pelas especies que possam ter ido desgarradas em algum herbario, como pelas collecções que enviaram o pharmaceutico Corrêa de Mello [1] (especies de São Paulo) e o meu finado amigo Dr. André Regnell [2] (especies de Minas) que tantos e tão valiosos serviços prestaram á sciencia sobre a flóra do Sul. Grandes contribuições houve, devidas ao zelo desses benemeritos, porém da flóra do Norte não me consta que houvesse um só. Baseado nos trabalhos que existem até 1883, época em que Hooker publicou o seu *Addenda* ao *Genera Plantarum*, aqui dou como novas as especies acima descriptas, passando a fazer sobre ellas algumas considerações.

O genero *Leucocalantha* é notavel por affastar-se da regra quasi geral ; todo o tubo é completamente glabro internamente, mesmo na base dos estames e sua inserção, o que ainda se não notou, que me conste, emquanto que externamente é todo pubescente. Em geral é na face inferior das folhas junto ás proximidades da nervura média, sobre o calice, e poucas vezes sobre a haste, bracteas, corolla, ovario e fructo, que se apresentam as glandulas, porém no genero aqui descripto é na parte interna do peciolo primario que ellas se agrupam, e na parte externa da corolla, isto é, no apice do tubo e na base das divisões da corolla, formando dous grupos parallelos, aos lados do feixe vascular central.

[1] Joaquim Corrêa de Mello, que especialmente se occupou das *Bignoniaceas*, nasceu em S. Paulo em 10 de abril de 1816. Era filho do capitão Fortunato Corrêa de Mello, brazileiro adoptivo. Recebeu o diploma de pharmaceutico em 1836, e morreu em 21 de setembro de 1876. Era membro da Real Sociedade Botanica de Edimburgo e da British Pharmaceutical Conference de Londres. Pelos seus trabalhos obteve duas medalhas de prata, uma do Jardim de S. Petersburgo e outra da Sociedade d'Horticultura de França.

[2] O Dr. André Frederico Regnell, medico notavel e botanico distinctissimo, a quem as provincias de S. Paulo e Minas Geraes devem o descobrimento de centenas de especies da sua flóra, era natural da Suecia, donde veio para o Brazil em 1843, em procura de um clima saudavel que lhe désse a vida, que uma tuberculose rebelde ia minando. Pobre, para ter meios de viver, chegando ao Rio de Janeiro, para clinicar, defendeu these em latim, na Escola de Medicina, e tão brilhante foi a sua defeza que se lhe offereceu depois uma das cadeiras da mesma escola. Não convindo á sua saúde a demora no Rio de Janeiro, a expensas do Consul sueco, em S. Paulo, o Dr. Westin, partiu para ahi e depois para Caldas, em Minas Geraes, fixando nessa cidade sua residencia. Falleceu em 12 de setembro de 1884, na idade de 82 annos. Para chegar a essa idade passou as maiores privações, vivendo sempre em rigorosa dieta, não bebendo sinão agua morna. Estudou os meios de conservar uma temperatura uniforme no corpo, embora o frio fosse intenso ou o calor abrazador, por meio de roupas de linho, algodão ou lã, e de ventiladores na casa. Comsigo sempre trazia um thermometro e um barometro, que constantemente observava, obrigando-o a vestir-se ou despir-se, e a abrir ou fechar as janellas e ventiladores, etc. Seria longo biographar aqui a sua vida passada obscuramente ao serviço do Brazil. Como medico deixou um vacuo, e como botanico descobriu centenas de plantas das quaes a maior parte perpetuam o seu nome, homenagem que lhe foi prestada por varios sabios seus amigos e monographos distinctos. Nos herbarios das Universidades de Stockolmo e de Upsala estão as suas plantas. Como medico grangeou uma immensa fortuna, que em parte empregou em beneficio da sciencia e do Brazil. A expensas suas fundou uma Universidade em Upsala, que tem o nome de *Regnellia*, tendo um fundo de 200:000$ para á custa dos juros virem botanicos suecos explorar o Brazil. A' custa desse peculio já vieram ao Brazil os Drs. Hjalmar Mosen e Salomon Henchen. Cumpro aqui um dever de confrade e de amigo, patenteando, posto que ligeiramente, os serviços que ao Brazil prestou esse modesto benemerito da humanidade e da sciencia.

O tubo é extremamente longo e perfeitamente cylindrico, até a divisão do limbo onde apenas se alarga um pouco, occultando completamente os estames.

As antheras uniloculares tem a sua dehiscencia antes da anthese da flôr e deixam cahir pelo tubo o pollen, cuja fórma aqui represento.

As flôres são aromaticas e de um branco de leite. Apezar da inflorescencia ser em panicula, apenas desabrocham uma ou duas flôres pela madrugada, não se conservando mais do que 6 horas. As corollas são extraordinariamente caducas. O nome scientifico que proponho é derivado de *leucos*, branca, *calos*, bella, e *anthos*, flôr.

Gen. OSMHYDROPHORA Barb. Rod.

Calyx tubulosus, anticè glandulosus, brevissime bidentatus, lateraliter pauci fissus. *Corollae* tubus longissimus, cylindraceus, arcuatus, apice in fauce paulo ampliatus; limbus 2— labiatus, labio postico majore breviter bilobo antico trilobo. *Stamina*. 4 didynama, filamentis contortis glabris, infra medium tubum affixa, exserta; *stamen* quintum sterile hamiforme, antheræ, loculis oblongis linearibusve divaricatis. *Discus* carnosus, crassus. *Ovarium* sessile; ovula in quaque placenta 2 — seriata. *Stylus* filiformis, glaber, exsertus; stigma bilamellatum. *Capsula* ignota.

Frutices *alte scandentes, glabri*. Folia *opposita, bifoliata v. sæpius folioli terminali in cirrhum simplicem mutato, foliolis petiolulatis integerrimis*. Flores *magni, albi, speciosi, ad apicis ramorum racemosi*.

Obs. — Entre as Bignoniaceas Amazonenses destaca-se, pelo tamanho e pela fórma da flôr, esta de que me occupo, que me parece pertencer a um genero inteiramente novo, pelo caracteres que a separam de todos os que são conhecidos.

As flôres são munidas de um longo tubo, tres vezes maior do que os lobulos da corolla, tendo de notavel uma circumstancia que a affasta do geral de todas as Bignoniaceas. As flôres desta familia, quer aquellas cujas corollas são campanuladas, quer as que são munidas de um tubo, sempre os lobulos que formam o labio posterior são menores do que os do anterior; entretanto nas flôres desta especie o labio é muito mais longo. Entre os generos de corolla unida de tubo cylindrico e longo, mencionados não só por De Candolle, Bureau, Benthan e Hooker com nenhum se identifica, pelo que proponho para o genero, da especie que caracterisei, o nome de *Osmhydrophora*, de *Osmi*, cheiro, aroma, *hydro*, agua, e *phorus*, trazer, allusão ao liquido que sahe dos caules quando cortados, cujo aroma se assemelha muito ao das amendoas amargas.

Osmhydrophora nocturna (Barb. Rod. *l. cit. n. 38*), ramis teretibus ad nodos eglandulosis lævis cylindraceis viridis; foliis bifoliatis cum cirrho intermedio foliolis triplinerviis ellipticis acutis supra nitentibus petiolulatis; racemis terminalibus.

Tabula nostra VIII e *IX*.

Alte scandens. *Rami* flexuosi, virenti, adulti fuscescenti, longitudinaliter striati. *Folia* bifoliata cum cirrho simplici sæpe caduco: *petiolus* 0,^{m}04—0,^{m}06 lg., cylindricus; *petiolulus* 0,^{m}05—0,^{m}06 lg., *foliola* elliptica, acuta, basi subrotundo-retusa, triplinervia, nervsi

secundariis penninerviis, subtus prominentibus. *Inflorescentia* laxa, pauciflora, terminalis, 5—10—florae. *Flos* 0,ᵐ11—0,ᵐ14 le. *Calyx* 0,ᵐ01 lg. *Corolla* alba ; lobis patentibus, subovatis, obtusis prope basin glandulosis. *Stamina* 0ᵐ,10 lg. infra medium tubum inserta ; sterile minutissimum ; *antherae* lobulis lanceolatis, acutis, divaricatis. *Discus* subannuliformis, minimus. *Ovarium* longe, conicum, lateraliter subsulcatum. *Ovula* in utroque loculo biseriata. Stylus filiformis. *Fructus* ignotus.

HAB. *in silvis primœvis ad* Rio Purùs *et in locis arvensis ad* Manáos *Prov.* Amaz. *Flor. Febr.*

Obs.— De longa data conheço esta planta, empregada pelos naturaes, como parte componente dos vegetaes que entram nos perfumes que fazem os tapuyos para aromatisar os banhos, e os pós que preparam para a roupa. As flôres, e principalmente os cipós, teem um aroma forte e muito semelhante ao das amendoas amargas exudando os caules um liquido alvo e transparente, com o mesmo cheiro, que tambem é empregado para aromatisar os cabellos. Vulgarmente é no Amazonas conhecida esta planta por *Korimbó da matta*, que se não deve confundir com o *korimbó uaçu*, do Pará, conhecido ahi tambem por *Canella de yakamim*, que é uma *Piperacea* do genero *Arthante*, nem tão pouco com o cipó *Korimbó*, ou *Cipó payé* que é uma *Ipomoea*, cujas folhas tem o mesmo aroma do da seiva da especie de que me occupo. Cresce extraordinariamente esta planta, chegando a cobrir litteralmente grandes arvores, que desapparecem sob as suas folhas, e torna completamente fechado o espaço. E' uma das plantas que Linneo denominou *nocturnas*, pela circumstancia das flores desabrocharem só á noite. Esta circumstancia levou-me a não poder classificar esta especie por espaço de tres annos, apezar do maior cuidado que tinha em visitar sempre um magnifico pé existente em Manáos, no sitio Cachangá. As corollas das flôres são extremamente caducas, abrem á noite e logo depois de raiar o dia despegam-se e cahem, ficando occultas entre a densa folhagem, apparecendo uma ou outra por terra sempre roida pelos insectos, que se apossam logo dellas, atrahidos pelo aroma.

Dá além disso muito poucas flôres, que nos racemos se abrem umas após outras. São de um branco puro, na anthese ; porém logo que estão para cahir tomam uma côr levemente amarellada ou de marfim velho. Mui raro é encontrarem-se glandulas nas corollas das flôres desta familia, quando entretanto, é vulgar vêl-o sobre o calyce ; apezar disso a especie que aqui descrevo, como a *Leucocalantha aromatica* de que já me occupei, torna-se notavel pela sua presença. Pouco acima da abertura dos lobulos do labio interior, desta especie, cada um destes tem dous grupos alongados de glandulas do lado externo, que terminam os quatro feixes de vasos que percorrem o parenchyma de todo o tubo da corolla.

Os lobulos do labio posterior tem a fenda que os divide só até ao meio do comprimento das dos outros ; por essa razão os grupos de glandulas são abaixo da abertura no mesmo cyclo dos outros.

Semelhantes a estes grupos são tambem os quatro que ornam a parte anterior do calyce.

Gen. TYNANTHUS Miers.

Syn. SCHISOPSIS Bureau.

Tynanthus igneus (Barb. Rod. *loc. cit. n. 662*) foliolis cinereis velutinis elipticis ; inflorescentia longé paniculata, axibus pubescentibus ; calyce cylindraceo v. obconico quinque dentato, dentibus excurrentibus velutino ; tubus corniculatus extus velutinus ; petalis lineari-lanceolatis acutissimis, utrinque velutinis.

Tabula nostra X.

Rami teretes. *Folia* 3—foliata v. cum cirrho intermedio foliolis longiore; *petioli* petiolulique laterales pubescenti, cylindracei; *foliola* elliptica, acuta, basi subrotunda, penninervia, nervis secundariis obliquis cum costa subtus prominentibus, utrinque griseo velutina tardé glabescentia; cirrhus filiformis, apice uncinatis ad basi griseo velutinis, lignosus. *Inflorescentia* terminalis et axillaris, laxa, paniculata, folio plerumque multo longiores, axibus gracilibus griseo velutinis, secundariis angulo recto patentibus v. divaricatus. *Calyx* 0,^{m}006—0,^{m}007 lg. *Corolla* ignea, extus velutina, labii inferioris lobi lineari-lanceolati, acutissimi, recurvi, lobis superioribus ad basin connatis, erectis, apice recurvis; tubus intus infraque staminum insertionem pubescens. *Stamina* 0,^{m}012 a basi corollæ inserta, fertilium filamenta pauló arcuata glabra; antheræ loculis oblongis, divaricatis. *Ovarium* cylindraceum, basi incrassatum, glabrum; stylus glabrus; *stigma* lamellis lanceolatis, acutis. *Fructus* siliquœformis, glabris, nitentibus, 0,^{m}00×0,^{m}015 lg.

HAB. *in locis arvensis ad ripas* Rio Negro *prope* Manáos, *prov. Amaz. Flor. Aug. Sept.*

Obs.— O genero *Tynanthus* foi estabelecido em 1863 por Miers, em uma memoria, hoje rara, que publicou nos *Proceedings of the Royal Horticulture Society of London* [1], tratando das plantas encontradas por M. Weir. Mais tarde, em 1865, Eduardo Bureau, no quinto volume da *Adansonia*, não tendo conhecimento dos trabalhos do botanico inglez, estabeleceu o genero *Schisopsis*, no qual reuniu sete especies, que descreveu. Avisado por um artigo de Seeman, publicado no *Journal of Botany*, tendo conhecimento da memoria de Miers, foi o primeiro a respeitar o seu trabalho e no volume 8º da *Adansonia*, de 1868, á pags. 273, passou todas as especies do seu *Schisopsis* para o *Tynanthus*, conservando os mesmos nomes especificos que o primeiro havia dado. Até 1876, época em que Hooker publicou a parte dos seus *Genera*, que comprehende os desta ordem, sómente as mesmas sete especies eram conhecidas, porém como desta data ao presente tenham decorrido dez annos, é provavel que o seu numero se tenha augmentado, porém, como esteja eu no caso do Professor Bureau, isto é, não conhecendo trabalho algum que noticie novas especies, arrisco-me a dar a presente como nova quando possa ser já conhecida. Em todo o caso nunca será trabalho perdido, porque com isso aproveitará a parte geographica da botanica. A inflorescencia fórma grandes paniculas, desabrochando, entretanto 2—4 flôres apenas, de um bello amarello gemma d'ovo, ou côr de fogo. As corollas são muito caducas e não duram mais de 12 horas, e com o mais leve movimento na planta ellas se despegam. Não são aromaticas, mas pela côr e numero das flôres e do acinzentado das folhas, tornam-se muito recommendaveis, como plantas ornamentaes, para grades, caramanchões e alpendres de jardins.

Gen. BIGNONIA Linn.

1. Bignonia platidactyla (Barb. Rod *loc. cit n. 670*) scandens, glabra, foliis 3—foliolatis v. 2—foliolatis cirrhosis; cirrho diviso apice divisionis glanduligero; foliolis ellipticis-subcordatis subtus velutinis marginibus laevibus v. laté-serratis; racemis

[1] III. n. V, 1853, pag. 179.

vexillaris multifloris,calyce longo longe-obconico obtuse-tridentato tubo corollae longitudine demidio minore posticé carinato.

Tabula nostra XI.

Arbuscula scandens ramosa. *Rami* tenui rufescenti, glabri, juniores cum petiolis petiolulis læviter pubescentibus. *Folia* alia trifoliata, alia bifoliata chirrifera, cirro diviso cum glandulis qui ab arboribus adhærescunt. *Petiolo* subcylindrico, velutino, 0,^{m}015 lg.; petiolulus lateralibus cylindraceus velutinis, 0,^{m}020—0,^{m}025 lg., medius minore, in cirrho bi-trichotomo divisus, foliolis minore. *Foliola* acuta v. acuminata utrinque velutina, 0,^{m}050—0,^{m}070$\times$0,^{m}045—0.^{m}040 lg. *Racemo* axillari, laxo, 14—16 florae, folio majore. *Flos* 0,^{m}00—0.^{m}11 lg. *Calyx* membranaceus, læviter velutinus, 0,^{m}035—0,^{m}045 lg. et 0,^{m}011 in diam. *Corolla* longe infundibuliformis, tubo ad medium cylindrico a basi dilatato, superne campanulato compressso antice extus longitudinaliter bi-sulcata, intus ima stamina pilosa, lobis magnis, subrenifsrmis, interdum emarginatis convexis, recurvis, subcrispifoliatis. *Stamina* infra medio tubo inserta; fertilium filamenta arcuata, a basi complanata, contorta, glabra; sterile breve, filiforme, apice plus minus dilatato. *Discus* carnosus, anuliformis. *Ovarium* cylindraceum, arcuatum pilosum. *Ovula* in utroque loculo 4—seriata. *Stylus* erectus, glaber. *Stigma* rhomboidale, angulis lateralibus obtusis, superiore acuto, lamellis intus pubescentibus. *Fructus* 0,^{m}60$\times$0,0^{m}12 lg. siliquæformis, complanatus, novellis laeviter pubescentibus, basi acutis, apice acutis; valvae dorso norvo medio angusto prominenti percurso. *Semina* 0,^{m}009$\times$0,^{m}006; ala tenuissima, albescenti, pellucida, obtusa.

HAB. *in locis arvensis prope* Manàos,*olim* Barra do Rio Negro, *in Prov. Amaz. Flor. in mense quintili.*

Obs.—Entre as numerosas especies de differentes generos, que representam a familia das Bignoniaceas, no Amazonas, distingue-se a que acima descrevo, propria dos logares cultivados e que em geral orna as cercas de madeira e as arvores seccas.

E' muito notavel esta especie, não por suas bellas flôres amarellas lavadas de carmim, na parte interna do tubo, mas pela singularidade de transformar-se o foliolo central, dos tres que compõe cada folha, não em cirrho ou gavinha, como se dá commummente, ou em garras ou unhas, como acontece na *Bignonia unguis*, Linn., pelo que tem esta no Sul o nome *Unhas de gato* (1), mas por se dividir em tres ramos que terminam, quando novos, em uma pequena glandula, que se agarra como uma ventosa e que á medida que a planta cresce e vigora vae-se estendendo circularmente sobre a madeira a que se apega, donde não é possivel destacar se sem rebentar os ramos. Estes ramos, muitas vezes, ainda se subdividem, irregularmente em dous ou tres ramusculos, todos tambem munidos de glandulas, que igualmente crescem e se alargam até um diametro, que nunca excede de um centimetro.

O Dr. Eduardo Bureau, na sua magistral *Monographia das Bignoniaceas*, estudando organographicamente as especies e tratando largamente das folhas, apresenta todas as suas transformações, mas não trata desta, que me parece ser inteiramente desconhecida á sciencia; pelo menos não tive ainda occasião de ver tratada essa modificação das folhas em compendio ou tratado algum de botanica, e o facto não é tão somenos para se passar por elle despercebido.

As folhas são trifoliadas, porém geralmente se alternam a ser um grupo trifoliado e outro cujo foliolo central se transforma em cirrho glanduloso, ficando assim um grupo bifoliado e outro trifoliado.

Por essa disposição a planta sobe sempre em linha recta até onde chega o seu apoio, começando dahi a curvar-se sob o proprio peso, a se esgalhar e a se apegar sobre si mesma, formando lindos festões.

Logo que deixa de ter um ponto solido onde as glandulas se agarrem, o ramo desta se alonga e forma uma gavinha commum, em espiral, para alcançar um ponto de apoio e logo que este encontre pela glandula que leva sempre na ponta, se fixa e segura o vegetal, que assim vae se sustentando.

Não é planta que cresça ou se alongue como muitas de suas congeneres; em geral não cobre um espaço maior de 6 metros, que se veste de ramos de flores de um amarello côr de enxofre, com inflorescencia indefinida. As placas que formam as glandulas até certo tempo são sempre verdes, porem depois seccam continuando os seus ramos verdes, para mais tarde, na parte mais antiga, tambem seccar. Essas placas como que nos lembram os *dedos das osgas* (geckos) como as unhas da *B. unguis* nos lembram as *unhas dos gatos*.

Pelo seu porte, suas folhas e suas flores, é uma planta que muito se recommenda aos floricultores.

2 B. vespertilia (Barb. Rod. *loc. cit. n. 192*) scandens, caule ramoso glabro, foliis conjugatis, petiolo in cirrhum trifido-uncinatum rigidulè incurvum brevem producto, petiolulis petiolo demidio brevioribus, foliolis primo ovatis acutissimis post plantâ adultâ lanceolatis obtusis reticulato-nervosis, racemis axillaribus v. terminalibus multifloribus nutantibus, calyce laxè campanulato truncato crispifoliato anterioriter ad basin triglanduloso, capsulâ lineari longissimâ lineari longissimâ compressâ utrinque longitudinaliter angulosâ obtusâ.

Trbula nostra XII.

Frutex altissimè scandens. *Folia* ramorum pluriflorum bifoliata, cirrhosa, chirris trifidis, uncinatis. *Petioli* 0,m015 lg. petiolique, medius 0,m003, laterales 0,m01, cylindracei, incurvi. *Foliola* 0,m45×0,m027, post. 0,m084×0,m830. *Calix* 0,m01 alt. *Corolla* flava, infundibuliformis; lobis subrotundis, repandis, ad marginibus crispifoliatis; tubo utrinque glabro, rectiusculo, depresso, ad faucem bisulcato, ad basin attenuato, infra insertionem staminum pilis brevissimi puberulo hinc subgloboso-dilatato, 0,m03 lg. *Stamen* sterile ondulatum, 0,m01 lg. *Staminum* fertilium filamenta cylindracea, glabra. *Antheræ* loculis linearibus. *Discus* carnosus, annuliformis. *Ovarium* compressum, bisulcatum, glabrum; *Ovula* in utroque loculo 4—seriata. *Stylus* cylindricus, glabrus. *Stigma* lamellis rhomboidalibus, glabris. *Fructus* 0,m5—0,m5×0,m013—0,014 lg., justa complanata, 0,m002×0,m044 lg. in alam pellucidam obtusam utrinque producta.

HAB. *in silvis* Rio Negro, *prope* Moura. *Incolis vocatur* Andirá poampé *v.* Unhas de morcego. *Flor Octobri.*

Obs.—Vulgar e muito conhecida, é principalmente no Sul do Imperio, a *Bignonia unguis L.* que pela conformação dos cirrhos o povo denominou *Unha de gato*, porém, comquanto essa especie tenha uma área geographica bastante extensa, comtudo não é a especie de que trato, que, como ella tem tambem o foliolo medio transformado em cirrho truncado, donde lhe veio o nome dado, com mais propriedade, pelos tapuyos, o de *Andirá-poampé* ou *Unhas de morcego*.

Pelas fórmas das folhas, do calyce, do tubo da corolla, do do disco, pela inserção das flores, pela inflorescencia e pelas fórmas e tamanho dos fructos afasta-se esta especie da de Linneo; e mesmo com as variedades *gracilis* e *radicans* não se identifica.

No Rio Yauapery, quando pacificava os selvagens Krichanás, encontrei uma outra especie, infelizmente sem flores, que pelas folhas tambem dellas se affasta.

A de que trato encontra-se no Rio Negro e facil é vel-a pelos seus grandes cachos de flores côr de ouro, que depois enfeita-se de innumeros longos fructos, que ficam pendentes. Posto que os cirrhos sejam trifidos e não quinquifidos, comtudo lembram muito os dedos dos morcegos, pelo que, a exemplo do vulgo, denominei-a *vespertilia*.

O PHYCOSTEMA

OU

O DISCO DAS BIGNONIACEAS

Estampas XIV e XV

Durante o mez de março as capoeiras dos arredores da cidade de Manáos cobrem-se de flores de uma trepadeira, descripta por De Candolle, a *Lundia densiflora*, que apresenta no colorido e na consistencia da corolla de suas flores duas variedades, as quaes derramam na atmosphera um aroma mellifluo e suave que a embalsama. Uma apresenta a corolla completamente branca, outra côr de camurça ou de marfim velho, com o tubo pela parte externa e a fauce de um amarello gemma d'ovo ; aquella tem as flores maiores e menos consistentes.

Ambas as variedades desta especie forneceram-me factos, que reproduzidos, chamaram a minha attenção e levaram-me a observal-os cuidadosamente.

Elles vieram-me confirmar o juizo que por observação propria eu formava, ácerca dos discos, considerando-os verdadeiros phycostemas.

Apresento aqui o desenho (Est. XIV) detalhado de uma das variedades da *Lundia desinflora*, a de tubo amarello, assim como seis exemplos (Est. XV) de flores anormaes que vão de encontro ao typo normal e que apparecem principalmente, quando cresce a planta em logares em que a terra contém muito humus. Ha occasiões, que as suas paniculas apresentam essas anomalias ou monstruosidades em todas as suas numerosas flores. Essas monstruosidades, estudadas convenceram-me de que o disco é um verdadeiro verticilio de orgãos, em que os estames predominam, podendo só elles formarem-n'o. Além do que expendi sobre o assumpto, quando me occupei da *Salacia polyanthomaniaca*, neste mesmo trabalho, passo a fazer um ligeiro historico sobre o *disco*, para que melhor comprehendam o assumpto, aquelles que não são versados na sciencia de Linneo. Quando dessa *Proteacea* tratei, disse, baseado no estudo que sobre o vivo fiz, que, para mim, o disco não era mais do que um verticilio de estames disfarçados, opinião que aqui agora confirmo, apresentando as provas em que para isso me baseio.

Não sou o primeiro a descobrir isso, mas presumo que o estudo que agora faço vem confirmar a opinião de Robert Brown, que não foi acceita; e mostrar que em erro andaram todos, quando só elle tinha descoberto a verdade, que perfeitamente occulta e mascarada anda, mas que, por uma traição da natureza se mostra. As anomalias e monstruosidades, para um espirito observador, são fachos de luz que esclarecem muitos factos não só da organização essencial e fundamental de certas partes dos vegetaes, como diz Brogniart, como sobre a structura particular de alguns grupos de plantas, mostrando a verdadeira natureza de certos orgãos, suas relações, e a analogia que ha entre elles, a patentear as diversas partes que os constituem.

O nome *disco*, que a maioria dos botanicos classicos toma por *nectarios*, o *sarcoma* de Link, foi dado em 1763 por Adamson, considerando-o uma especie de receptaculo dependente do eixo. Quasi da mesma opinião foram De Candolle, Schleiden, Decaisne, Le Maut, Schacht e outros. Payer, por exemplo, diz, que a reunião dos nectarios fórma o disco como a dos estames o androceo.

Ainda Baillon, em 1886, no seu *Diccionario de botancia*, diz que: *o disco não póde se derivar senão de uma modificação parcial e especial produzida no tecido de um dos orgãos preexistentes da flôr;* que o disco *provem de uma inchação do receptaculo;* e finalmente que não *conhece caso algum bem verificado de disco que provenha do calyce, da corolla ou dos estames*. Vem pois os factos que dei da *Salacia*, e que agora aqui apresento, comprovar que o disco é um verdadeiro verticilio estaminal modificado.

Dunal, quando mudou o nome de disco para o de *torus*, entreviu a verdade, porque para elle essa parte não era mais do que um dos verticilios dos orgãos fioraes.

Torus, o leito conjugal, o logar em que se inserem os orgãos da fecundação, não é comtudo propriamente o disco, e sim a modificação que este soffre apresentando outras fórmas.

Depois de Brown ter visto a verdade foi que Turpin, com justa razão, querendo perpetuar a opinião do notavel botanico inglez, passou a dar a denominação de *Phycostema*. Ainda A. Richard perguntou: «qual é a natureza do disco?» não querendo que fosse produzido por estames.

Sachs e Van Tiegehn no seu magistral *Tratado de botanica*, dividindo os nectarios em duas categorias, querem que o disco seja um nectario da segunda, ou antes protuberancia dos receptaculos que não são folheares.

Lindley; entretanto, tambem era da opinião de Brown.

Augusto de Saint Hilaire, na sua *Morphologia vegetal*, não admitte que o disco seja sómente a reunião de estames disfarçados, porque então poder-se-hia tambem dizer que a corolla era um calyce disfarçado e, define-o como sendo um verticilio completo ou não, que se acha entre os estames e o ovario. Para elle é um nectario, sem dizer qual a natureza dos orgãos que o formam.

Se a opinião não foi acceita geralmente, se até hoje a natureza do disco esteve encoberta, foi por falta de observação e por não ter havido occasião de ser ella verificada em alguma flôr, que clara e distinctamente mostrasse os estames que ella tem em si disfarçados.

Por um desses casos, antes uma d'essas revelações em que o Creador se patenteia, tive a ventura de, em mais de uma planta, vêr desvendado o

mysterio, que tem intrigado muitos botanicos, o da natureza do disco, e que me leva a adoptar o nome de *phycostema* proposto por Turpin, por que é o unico que verdadeiramente exprime o que elle é.

Depois d'esta ligeira exposição sobre o que se pensa ser o disco e estame, para sustentar a minha opinião, mostrando o que ha de verdadeiro, tratarei das anomalias da *Lundia* em questão que mais claramente me mostraram, ainda uma vez o que em outras plantas tinha observado.

Todas as Bignoniaceas teem sempre quatro estames *didynamos*, apresentando em alguns generos um quinto, rudimentar, abortado.

O genero *Catalpa* comtudo só tem dous perfeitos, sendo os outros tres estaminodios, ao estames abortados. Sendo o numero *cinco* o que caracterisa todas as divisões de suas flôres, entretanto organogenicamente é o numero dez que se occulta n'ellas, como mostrarei. São os estames que me obrigam a assim pensar, levado pela lei da symetria e da alternancia, que se mostra em todas flôres.

Quando mesmo disfarçados os estames em phycostema, vemos em alguns generos este em vez da fórma annular ou outra, apresentar ás vezes cinco protuberancias, que não são mais do que os cinco estames modificados. Como disse Saint Hilaire, o disco ou phycostema só se apresenta quando a flôr tem perdido a sua energia vital, e, é isso uma verdade, por que sempre que as plantas de flôres munidas de phycostema, como tenho visto, tem um excesso de vida, pela cultura ou pela natureza do sólo, principiam a apresentar flôres monstruosas, em que os estames se apresentam, mais ou menos normaes, ou petaloides, modificando-se então a fórma do phycostema, apparecendo a modificação na parte que alterna com os estames onde em alguns generos existem as protuberancias.

Sendo os estames sempre oppostos ás sepalas e alternando com as petalas, claro está que nas Bignoniaceas, essas protuberancias que são estaminodios, devem tambem se oppôr a outras tantas sepalas e alternarem com outras tantas pétalas que organogenicamente estão por concreção intimamente ligadas, não formando mais do que um corpo, mas que se distingue em algumas petalas, que por isso quasi nunca são agudas e sim lobuladas, sendo cada lobulo uma petala disfarçada.

Quando observamos as flôres das Bignoniaceas, fallando em geral, vemos sempre, como disse, o androceo composto de cinco estames, dos quaes um aborta, inseridos em uma corolla gamopetala, quasi sempre bilabiaba, cujo limbo tem cinco lobulos geralmente retusos ou emarginados e raras vezes agudos. Conforme o genero essas flôres são providas ou não de disco.

Quer n'um quer n'outro caso, apparentemente, a fôr tem a mesma estructura, quando assim não é. Nas Bignoniaceas brasileiras que tenho examinado, todas anatomicamente mostram que as corollas são formadas de dez petalas que se alternam com dez estames, dos quaes cinco visiveis e cinco occultos.

Quando a flôr é ornada de um disco, eis como se dividem os feixes de vasos proprios da corolla e os que formam os estames:

Da base do tubo, inteiramente unido a elle, sahem quatro feixes de vasos que mais ou menos acima da altura do calyce dous se destacam e formam os dous estames maiores, e logo acima destes, quando não na mesma altura, se separam os outros dous que são os dous menores.

Um quinto estame de entre estes feixes tambem se destaca vindo os vasos que o formam tambem unidos do tubo.

Os feixes libero-linhosos dos vasos dos estames maiores se desligam todos da corolla, e os dous menores, parte fica unida a esta, e d'ahi o serem menores ; e quanto ao quinto dá-se o seguinte : os vasos se dividem em sete partes, ficando seis unidas á corolla, e a setima, a central, forma o estaminodio. São esses os cinco estames visiveis, porque os outros cinco destacam-se da corolla, atrophiam-se e formam o disco, não com todos os vasos que formam cada feixe, mas com menos um ou tres que se ligam á corolla e seguem, sem se ramificarem, atravessando todo o tubo até á extremidade do lobulo da corolla, formando assim, como que a nervura media da petala.

Parallelos a esse vaso percorrem o tubo da corolla, dous feixes de outros vasos proprios das petalas, que se alternam com os estames visiveis, sem se ramificarem até aos lobulos, onde cada um se bifurca, a tornar cada lobulo quinquilinhado. Quando a flôr é destituida do disco dá-se o mesmo facto que observamos acima com os estames visiveis, porem quanto aos invisiveis esses passam todos para a corolla, formando tambem a nervura media das petalas, sem se desunirem. Os vasos proprios das petalas soffrem tambem uma modificação, em vez de dez feixes distinctos, só se apresentam seis, quatro seguem até ao ponto em que o tubo se divide em lobulos e ahi se bifurcam, indo um ramo para um lobulo e outro para outro, para, por sua vez, depois cada um se bifurcar e dous correrem parallelos ao estaminodio, seguem até a divisão dos dous lobulos do lado posterior indo um para um, e outro para outro, para n'elles então se bifurcarem.

Esses dois feixes com as divisões dos vasos do estaminodio são que dão a forma bilabial da corolla.

Esses cinco feixes de vasos estaminaes que se concretam á corolla são geralmente marcados na base, entre os estames visiveis, por uma linha de pellos.

Essa união de todos os orgãos, que formam os dez estames, com a corolla dá-lhe maior espessura e torna os lobulos mais retusos ou emarginados. Os estames, como se nota nas corollas das flôres sem disco, organogenicamente dividem os lobulos em duas verdadeiras petalas, que formam assim o numero de dez, que alternam com os dez estames, sendo cinco livres e cinco concretos á corolla, quando não ha disco, eu em parte destacados quando existe este.

Quando tratei da *Salacia polyanthomaniaca*, deixei propositalmente de me estender mais sobre a formação do disco para apresentar as provas, que aqui apresento, que me levam o tomal-o como um verdadeiro phycostema. Estas provas, em seis exemplos dos que me forneceram a *Lundia* em questão, aqui os apresento, que, como outros de outras congeneres, quasi sempre apresentam factos de monstruosidade em que os estames claramente se mostram.

Porque razão se dão esses factos com as Lundias e não com especies de outros generos ?

Porque estas, sendo destituidas de disco, todos os vazos que formam os estames estão na corolla e um excesso de energia vital faz com que elles procurem se destacar do todo e tornarem-se livres, apresentando-se com anthéras, e essas munidas de pollen. Com esta separação os vasos proprios da corolla ficam isolados, divididos por conseguinte, os lobulos em duas porções, tendendo a corolla a apresentar-se com dez divisões, ou dez verdadeiras petalas (dialypetala), que alternam com os dez estames : Os exem-

plos que aqui represento (Est. XIV) fallam melhor que toda e qualquer explicação, e bem nos provam, que, se as Lundias não teem disco, é porque sendo este formado de estames, e estes não se separando da corolla, elle não póde se formar, como em outros generos, em que não ha exemplo das corollas apresentarem mais estames do que os normaes.

Entre muitos exemplos que tenho tido, apenas represento aqui seis, pelos quaes se me dará razão para affirmar que o disco é um phycostema ou um *verticilio de estames disfarçados*. Se o facto que aqui apresento se désse em especies de generos caracterisados por discos, razão alguma teria, mas reproduzindo-se elle sempre em especies sem discos, vê-se que são os estames que o formam.

Nas Bignoniaceas a falta de disco augmenta o numero de estames na corolla; na *Salacia* dá-se o contrario : os discos se transformam em estames; quer dizer que a natureza do disco é toda estaminal.

Com a desapparição do disco e a presença de maior numero de estames com anthéras perfeitas e ferteis, as corollas tendem tambem a tornar-se dobradas, apparecendo, nas flôres monstruosas, casos em que o limbo em vez de cinco divisões apresenta dez, sendo algumas imperfeitas e irregulares, mas apresentando outras, posto que não em numero de dez, porém em que as divisões apresentam petalas com os limbos regulares, iguaes aos lobulos das divisões normaes, e longamente unguiculados, como se fôra de uma corolla polypetala ou dialypetala.

Esse facto nos mostra além do numero, tambem a fórma das pétalas, que organicamente se soldaram á formar a corolla gamopetala, que caracterisa as especies da familia das Bignoniaceas, mostrando-a como o autor da natureza organizou as suas flôres, que pela adaptação em meio differente posteriormente se modificaram, como fizeram tambem as flôres das *orchidéas* e outras.

As petalas são longamente unguiculadas, e pela união das unhas se forma o tubo, como da união dos limbos a corolla, passando a ser monopetala a flôr dialypetala.

Não podia deixar de registrar aqui essas obscuras observações, para que outro mais habil melhor desenvolva e esclareça o facto, baseando-o em outras observações, porque, me parece, que ellas contribuem para explicar a verdadeira natureza desse orgão, até aqui tido como sendo um nectario, ou fazendo parte do receptaculo, continuação do eixo das flores. Si, por ventura, factos posteriores me provarem que estou em erro, serei prompto em reparal-o, porém até então não deixarei de considerar esse orgão, senão como um verticilio de estames atrophiados e degenerados, para o qual o nome de *phycostema* é mais expressivo e apropriado do que o vulgar de *disco*.

Pelo que se reproduz nesta Lundia, o phycostema não é mais do que uma anomalia, porque os factos da apparição de estames e petalas no caso vertente, não constituem uma monstruosidade, pois em vez de ir contra a natureza, se reproduzem de accordo com as leis invariaveis da symetria e da alternancia. Não é uma dessas anomalias accidentaes que modificam a organisação propria de uma especie que constitue um facto teratologico, mas dessas que do genesis, por hereditariedade, se perpetuam disfarçando a verdadeira structura.

Se essa monstruosidade nos rompe o véo que mysteriosamente occultava os dez estames das bignoniaceas que se disfarçam completamente em

cinco, como é o seu caracter absoluto, poderemos considerar monstruosidade aquillo que nos patenteia a structura? O caracter normal não é antes a anomalia? O facto que se nos apresenta não é mais do que um atavismo bem caracterisado. As flores das bignoniaceas foram polypetalas; e pela lei do progresso ou aperfeiçoamento, a *teleosis*, de Haëkel, tornaram-se gamopetalas, confirmando assim o que diz o notavel naturalista: as flores polypetalas precederam as gamopetalas, e que o aperfeiçoamento, quer no reino animal quer no vegetal, depende do numero de orgãos, assim as flores que tem numerosos estames são mais imperfeitas das que as menos ricas destes orgãos. Para mim a forma actual da corolla das Bignoniaceas é anomala, e o resultado de estudos que tenho em mão, talvez melhor me esclareça e me leve a considerar como tal tambem a forma das corollas das *Gesnereaceas*, *Labiadas*, *Verbeneaceas*, *Acanthaceas*, *Gentianaceas* etc., que me teem fornecido materia para estudos morphologicos analogos.

Ordo CONVOLVULACEÆ R. Br.

Iribu CONVOLVULINAE Meisn.

Sub. trib. ARGYREIEAE Choisy

Gen. MARIPA Aubl.

Maripa paniculata (Barb. Rod. *loc cit n. 368*)—foliis coriaceis oblongis obtusé acutis supra lucidis subtus distincte nervosis, paniculis elongatis, terminalibus v. axillaribus, ramis brevis plurifloris pubescentibus, sepalis subrotundo-ovalibus læviter emarginatis cano-velutinis, interioribus emarginatis marginibus ciliatis; corolla infundibuli-campanulata lobulata, striis 5 extus sericeo-villosis, tubo albo marginibus violaceis.

Tabula nostra XVII.

Caulis volubilis, teres, elongatissimus. *Folia* sæpe subopposita, petiolo tereti, transversaliter rugoso, supra canaliculato, 0,^{m}010—0,015 lg.. limbo 0,^{m}05—0,^{m}18$\times$0,^{m}03—0,^{m}09 lg., nervo medio supra insculpto subtus fortiter prominente, nervis lateralibus prominentibus arcuatim, venulis crebis tenuissimis. *Panicula* terminalis v. axillaris, elongata, stricta, sub-aphylla, 0,^{m}010—0,^{m}30 lg., rachi glabra, ramis alternis v. subopposititis, bracteis caducis, *floribus* 0,^{m}005—0,^{m}010 lg., cymosis, pedicellis 0,^{m}003—0,^{m}005 lg. *Sepala* coriacea 0,^{m}005—6,^{m}007 lg., convexa, dua exteriora densé cano velutina paullo minora. *Corolla* limbo plus minus lobata, lobulis

obtusis, tubo intra calycem angusto cylindrico, supra infundibuli-campanulato, 0,m023 lg. *Stamina* corollæ duplo breviora; *filamenta* basi triangulari-dilalata, lateraliter ciliata; *antheræ* oblongæ subsagittatæ. *Stylus* stamina superantis; *stigmate* sub disciformi capitato. *Fructus* ignotus.

HAB: *in* Rio Negro, *prope* Manáos *ad ripas* Igarapé do Aterro. *M. Octobri florens.*

Obs. Os sabios professores Hooker e Bentham. em 1876, nos seus *Genera plantarum*, dão como conhecidas, unicamente nove especies, excluindo a *Maripa spectabilis* de Choisy, que é a *Prevostea spectabilis* de Meisner. Oito dessas estão descriptas na *Flora Brasiliensis*, sendo que tres já o estavam por Choisy, no *Prodromus* de De Candolle, que na sua monographia inclue a *scandens* que servio de typo a Aublet, para o genero que na sua *Histoire de plantes de la Guyanne Françoise* creou, aproveitando-se para nome scientifico do vulgar que teem as especies entre os Karaïbas, nome que tambem dão aos indios da Guyanna a uma palmeira. a *Maximiliana maripa* de Drude, que antes o Dr. Martius classificára como *Attalea*.

A especie de que me occupo cresce nos logares humidos das margens dos igarapés, sobe a grandes alturas, agarrada pelas arvores. e cobrindo as suas copas de basta folhagem orna-se de paniculas de flores branco lilases. Entre as especies, *fructicosae* e *scandentes*, minuciosamente descriptas na *Flora*, não existe esta, e como não conheça trabalho algum que modernamente noticie novas especies, a considero nova, até que o contrario me seja provado.

Gen. OPERCULINA Manso

Operculina violacea (Barb. Rod. *loc. cit. n.* 645)—undique glabra, foliis ellipticis acutis basi rotundatis, racemis lateralibus multifloris; pedicellis teretibus pubescentibus; sepalis coriaceis apice rotundatis v. emarginatis, extus dense cano-velutinis; corolla magna cœruleo-violacea extu quinque vittata, vitta extus cano-argentata.

Tabula nostra XVII.

Caulis lignosus, ramosus; ramis in cirrhus terminatis. *Folia* arcuata 0,m10—0,17 × 0,m06—0,m9 lg.; petiolo cylindraceo, super plano, rugoso, contorto, 0.m02—0,04 lg, *Racemo* elongato, erecto, 0.m30—0,m60 lg. *Pedunculi* cylindracei, multiflori. *Bracteæ* primaria caduca, secundariæ persistentibus; *pedicelli* 0,m01 lg. *Sepala* convexa 0,0m012—0,014×0,011—0,015 lg. *Corolla* hypocraterimorpha, cœruleo-violacea, plicata, marginibus crenulata, 0,m08—0,m10 in diam. *Stamina* inclusa ad faucem inserta, subsigmoidea, ad basin muricata; *antherae* oblongæ. *Discus* læviter annularis; *ovario* lævi; *stylo* attenuato, lævi; *stigma* bilobatum, lobis subglobosis. *Capsula* depresso-globosa, diam. 0,035, calyce cincta, lævis, bilocularis 2—4 spermis, vertice acuminato, 2—4 gibba.

HAB. *ad ripas* igarapés *prope* Manáos, *prov. Amaz. Flor. Aprili.*

Obs.—O genero *Operculina* foi creado por A. L. P. da Silva Manso, em 1836, na sua *Dissertação das plantas brasileiras que podem promover a catharse*, servindo de typo a *Batata de purga*, que denominou: *O. convolvulus*, mas que o Dr. Martius na sua *Materia medica* levou para o genero *Piptostegia* de Choisy, denominando-a *P. Gomesii*, como prova de consideração dada ao Dr. Bernardino Antonio Gomes (1). Antes porém, de Manso, já Plumier em 1755 a tinha descripto, (2) como *Convolvulus foliis pedato-palmatis*. O genero Operculina não tem sido recebido por alguns botanicos, tanto que o Professor Endlicher o faz synonimo do genero *Batatas* de Rumphio ; De Candolle o inclue no *Ipomea* de Linneo e Bentham, Hooker tambem querem que deva fazer parte desse ultimo, todavia o Dr. Frederico Meissner, o ultimo monographo da familia, o considera e com muita razão, genero distincto.

Com effeito attendendo-se para a conformação da flor, fórma e posição dos estames, structura dos fructos etc., só muito forçadamente o incluiremos entre as *Ipomeas*, posto que faça necessariamente parte da tribu das *Convolvulinaceas*.

O Dr. Martius levando a *Batata de purga* para o genero *Piptostegia* não considerou que o genero de Manso estava publicado, emquanto que o de Hoffmannsegg então era manuscripto.

Entre a meia duzia de especies de Operculinas conhecidas, só a de Manso pertence ao seu genero, porque as outras apresentam mais caracteres de Ipomeas. tanto que o proprio Dr. Meissner as leva para o genero de Manso, duvidosamente.

Os caracteres desta especie não deixa a menor duvida que pertença ao verdadeiro *Operculina*, pelo que é a segunda especie que se apresenta.

E' uma planta que vem disputar um logar distincto entre as da sua familia, pelas suas bellas flôres de uma linda côr de violeta, pelos seus botões prateados, dispostos em grandes racemos, offuscando mesmo outras plantas sarmentosas e ornamentaes, pelo tamanho e numero de flôres.

Se não apresenta propriedades medicinaes, tem os de encantar a vista e prestar-se a cobrir grandes caramanchões de jardins, tendo a vantagem de conservar as suas flôres abertas todo o dia, o que não acontece com as Ipomoeas.

Segundo me informam é uma planta venenosa, não se me sabendo dizer qual parte della, o que faz excepção entre as suas irmãs, que em geral são medicinaes.

Verdade ou não, ella tem nas suas flores uma cor que a torna muito suspeita.

Gen. IPOMOEA Linn.

Sect. STROPHIPOMOEA Choisy.

Ipomoea supersticiosa (Barb. Rod. *loc. cit. n. 634*, — petiolis pedunculis calycibusque arguté pubescentibus, foliis profundê 7—partibus lobis e basi angustata lanceolatis acutissimis exterioribus triplo minoribus apice subrotundis, limbo supra arguté piloso, pedunculis foliis minoribus apice densé—5—8 floris ; sepalis subrotundis concavis obtusis, carolla infundibuliformia limbo lobulato, 0,055.

Tabula nostra XVIII.

Caulis alté-volubilis basi lignescens, ramosus. *Foliola* 0,^{m}009—0,011 × 0,^{m}016—0,^{m}22 lg., nervis supra et subtus prominulis, utrinque

(1) Autor das *Observações botanico-medicas sobre algumas plantas do Brazil*, publicadas em 1812, nas Memorias da Real Academia de Sciencias de Lisboa III. 1ª pag.

(2) *Plantarum Americanarum* pag. 80 Tab. XCI. fig. I.

læviter argutė pubesentibus. *Petiolus* 0,^{m}025 — 0,^{m}060 lg., arcuatus, supra canaliculatus. *Peduneuli* 0,^{m}03—0,^{m}6 lg, *Sepala* herbaceocoriacea, sub æqualia 0,^{m}0066 lg., interiora nitentia exteriora paululum breviora. *Corolla* rosea, glabra, 5 vittata, tubo limbo subæquante lobis latis, emarginatis. *Capsula* ignota.

HAB. *in* Rio Negro *et in* Rio Yauapery, *prov. Amaz. M. Apr. Jun. et Dec. florens. Incolœ* Tamakoaré-y *nuncupatur*.

Obs.—Entre as plantas procuradas pelos indigenas, não é raro encontrar-se cultivada a *Ipomoea* de que aqui me occupo, o *Tamakuaré-y*, não só porque as suas flores, de corolla rosea e tubo carmesim, servem de ornamento, como por ser uma das que a crença popular liga virtudes, mais supersticiosas do que medicinaes.

D'essas virtudes já tratei quando me occupei das *Caraipas* ou *Tamakuarés* por isso só me resta dizer que as raizes da especie em questão são purgativas e empregadas contra as gonorrhéas; sendo devida essa propriedade á resina que contem.

A fecula, que tambem encerra, em pequena quantidade, é uzada sómente quando d'ella se quer tirar algum proveito, sempre como amavio. Em geral são as mulheres da classe baixa, para prenderem os amantes, que d'ellas se servem.

Comparando a especie amazonense com os diagnoses e descripções das que o Dr. Meissner, na sua extensa monographia, publicada em 1869, menciona com nenhuma pude identifica-la. Comprehendida no seu sub-genero *Euipomoea*, na secção *Strophipomoea* de Choisy, e serie de *folhas apalmadas* afasta-se de todas as especies ahi incluidas pela forma de suas folhas, sempre 5 palmadas, tendo nos dous dentes externos um appendice que as torna sub 7 — apalmadas, cujo dente nunca chega a ter um terço do comprimento d'aquelle ao qual se liga, e é sempre muitoobtuso e não agudo, posto que seja cortado por uma nervura.

A falta de um herbario devidamente classificado e mesmo de uma bibliotheca onde possa consultar todas as Revistas modernas, me obrigam a em duvida apresentar as minhas especies novas, mas antes passem ellas para a synonymia, se realmente não forem novas, do que por incuria continuem desconhecidas.

Ordo SOLANACEÆ Juss.

Trib. HYOSCYAMEÆ Benth el Hook

Gen. DATURA Linn.

Datura insignis (Barb. Rod. *loc. cit n. 658*) — arborescens; foliis longe petiolatis oblongis acutis basi raro obliqua integerrimis supra sparsé minute pubentibus subtus in nervis densé pubescentibus; floribus maximis sub nutantibus; calyce infundibuliformi angulato argutė pubente, dimidiam corollæ tubi partem æquante, regulariter 5 — dentato ;corollæ tubo plicato, ad de midium angusto-cylindrico extus pubente, abinde infundibuliformi ampliato, limbo magno longé acuminato; staminibus tubum majoribus; antheris conglutinatis; stylo recto cum stigmate elongato exserto. Capsula non vidi.

Arbusculœ 2—3 met. altæ. *Folia* cum petiolo pubente laminam minore, 0,^{m}19—0,^{m}22×0,^{m}06—0,^{m}09 lg, *petiolo* 0,06—0,14' lg. pubescenti. *Flores* 0,^{m}33 lg. *Pedicelli* 0,^{m}030—0,^{m}035 lg. pubescenti.

Calyx 0,m135 lg., dentibus 0,m03 lg. lanceolatis acutissimis, æqualibus. *Corolla* 0,m33 lg., limbi diametro 0,m19, roseo-sanguinea. *Stamina* 0,215 lg., antheris 0,m025 lg. *Stylo* 0,m26 lg., antheræ exserto. *Stygma* 0,m025 lg.

HAB. *in locis humidioribus ad ripas* Solimões *et* Marañon. *Planta speciosissima. Florebat Aug.* Toé *v.* Thoé *v.* Marikaua *incolis vocata.*

Obs. Entre as plantas toxicas occupa lugar proeminente a ordem das Solanaceas, que fornece a atropina, a nicotina e a daturina, venenos energicos que residem nas suas folhas e nos seus fructos.

A daturina é uma substancia amarga e acre, obtida das Daturas, e que se cristalisa; é volatil, soluvel n'agua, no alcool e no ether, e excessivamente venenosa, com a propriedade de dilatar as pupillas. Este principio narcotico-acre é mais energico que o da atropina e penso que para não se afastar de suas congeneres, a especie em questão tambem deve as propriedades que possue a esse mesmo principio.

Os indios peruanos das margens do Amazonas, no territorio em que este toma o nome de Maranhão, isto é, de Tabatinga para a republica do Perú, tem em muita consideração a planta que elles denominam *Toè*, *Thoè* ou *Marikaua*, e pelas virtudes que n'ella encontram, servem-se sempre d'ella nos seus dias de tristeza e de alegria. Fui informado que quando os indios querem vêr um parente, um amigo ausente ou morto, um facto que está se passando longe ou se passou; quando desejam lembrar-se e assistir a uma victoria de suas guerras; achar um objecto perdido, passar, emfim, horas agradaveis em que só sensações bôas sintam, tomam um meio calyce da infuzão de 5 ou 6 folhas, o que produz um lethargo e embriaguez durante o qual o espirito adquire lucidez hypnotica.

Sabemos que a belladona, o stramonio e o tabaco produzem o narcotismo com visões, delirios, cephalalgia e sensações desagradaveis e más; porem, a embriaguez que occasiona o *Thoé*, é como a do *hashisch* dos arabes, o *liamba* ou *diamba* dos africanos (Cannabis indica L.) toda voluptuosa, cheia de prazeres e bem estar, alem de tornar o individuo um verdadeiro medium lucido.

Essas propriedades narcoticas das Daturas de longa data é conhecida, tanto que as cortezãs da India, segundo Acosta, para roubarem os seus amantes deitavam o pó das sementes da *Datura stramonium* L., a nossa *Figueira do inferno*, em qualquer bebida agradavel, para durante o somno lethargico commetterem os crimes. Em Paris, o mesmo pó misturado com o tabaco ou no vinho, era empregado, outr'ora, pelos ladrões, para adormecerem as suas victimas. A propriedade do Thoé de fazer ver o que está occulto é a mesma, que segundo Humboldt e outros naturalistas, tem a *Datura sanguinea* de Ruiz e Pavon, tambem do Perú, porque, segundo este sabio, os oraculos de Bochicha do templo do sol, em Lagamosa, mastigavam as sementes d'esse vegetal, assim como aquelles que procuravam riquezas ou os mysterios dos sepulchros. O nome que tinha então esta Datura era *Luacacacha* ou *Herva dos sepulchros*, com os fructos da qual tambem preparavam a *tonca*, que era a bebida predilecta dos *Macsas*, Sacerdotes que conversavam com os *Conobas* ou penates.

A embriaguez do Thoé prolonga-se tanto quanto o deseja o individuo, porque logo que quer deixar o mundo de phantazias em que se mette, provoca vomitos e com estes cessa o effeito do vegetal.

Se perde de todo a consciencia, se o estado hypnotico é profundo, os companheiros, então, provocam-lhe os vomitos.

Aquelles que tomam o Thoé, passam depois um mez em rigorosa dieta, durante o qual não bebem bebidas alcoolicas. O Thoé nos lembra a *Herva da advinhação* introduzida no Mexico.

Como o effeito desta é igual ao do Thoé, transcrevo aqui o que disse á respeito um jornal:

« Toma-se em differentes dóses e em poucos instantes sobrevem um adormecimento semelhante, em todos os seus symptomas, ao sonho hypnotico, e póde até dizer-se identico, porque o paciente responde com os olhos fechados ás perguntas que fazem, estando em completa insensibilidade.

O estado pathologico em que faz cahir a herva a qualquer que a tome, proporciona uma especie de condão de advinhar e de dupla vista. Ainda mais o sujeito perde a vontade propria e fica inteiramente escravisado ao mando de qualquer por modo

tal, que póde precipitar-se de uma janella, disparar um tiro ou cravar um punhal em si, se isso lhe for ordenado.

Voltando a si, não se recorda do que fez durante o somno provocado pela *herva da advinhação*.

O *Thoé* é uma arvoreta de dous a tres metros de altura emittindo ás vezes mais de um tronco fraco, molle, e medulloso com a casca esbranquiçada dividindo-se em galhos bi ou trifurcados, verdes, pubescentes quando novos, cobertos de folhas alternas distanciadas, as quaes são ellipticas, acuminadas no apice, agudas na base, inteiras, com as nervuras e a pagina superior pubescentes tendo na inferior só as nervuras e seus reticulos pubescentes. As folhas superiores são menores terminando-se a base do limbo obliquamente.

São pecioladas, sendo os peciolos da metade do comprimento das folhas e pubescentes.

As flôres são axillares e solitarias. O calyce é verde corniculado, curtamente quinquedentado, com cinco nervuras pubescentes e salientes na parte externa.

A corolla tem o tubo, muito maior do que o calyce, cylindrico, o limbo infundibuliforme, 5—6 dentado, com os dentes longamente acuminados, tendo cada divisão tres linhas salientes e pubescentes na parte externa, sendo o tubo branco amarellado e o limbo de uma bella cor de rosa sanguinea. Nem as folhas e nem as flores teem aroma.

O genero *Datura* é um dos creados por Linneo e quasi todas as suas especies são classificadas pelo mesmo sabio, mas, posto que antigo, o numero de suas especies não se tem augmentado, tanto que, apenas 12 eram conhecidas em 1876, quando Hooker publicou no seu magistral *Genera plantarum*, a familia das Solanaceas. A monograpia do Dr. Otto Sendtner, se bem que já antiga, pois data de 1846, só menciona seis especies encontradas no Brazil e uma peruana, a *D. sanguinea*, conhecida no Perú por *Floripondio-encarnado*, segundo Ruiz e Pavon, que a descreve na sua *Flora Peruviana et Chilensis*. O Dr. Otto dividiu as *Daturas* em duas secções : a de antheras ligadas ou adherentes e a de antheras livres.

Nesta divisão apenas cita a *D. suaveolens* Humb. e Bompl., antiga *Brugmansia*, em que está incluida a especie de que trato.

Pela cor se aproxima da *D. sanguinea*, da qual Ruiz e Pavon não diz se as antheras são ou não ligadas, mas affasta-se pelo calyce, que não é oval, pequeno e variegado ; pelas folhas que não são glabras e luzentes na parte superior, nem angulosas ; pelo peciolo que não é duas vezes menor do que a folha ; pelos pedunculos que não são terminaes e pela altura da arvore que tem mais de *quadriorgyalis*.

Eu aqui dou o *Thoé*, como especie nova ; os sabios porém que decidam.

Sectio ACOROLLIFLORÆ D. C.

Ordo LAURINEÆ Vent.

Gen. NECTANDRA Roll.

Nectranda elaiophora (Barb. Rod. *loc. cit. n. 646*) arbor ; foliis sparsis coriaceis e basi acuta subondulata oblongis acutis supra nitidis subtus prominulo-reticulatis ; bacca magna ; cupula conica sub rugosa striata, margine crasso reflexo quinquedentato.

Tabula nostra XVIII.

Arbor, ramis stricteis albido-cinereis, rimulosis. *Folia* rigida, reflexa, petiolata, *petiolo* contorto, supra canaliculato, subtus convexo, 0,m02 lg., margine ondulata, costis 7—10 subopposítis, supra immersis, subtus prominulis, 0,m13—0,m15×0,m15—0,06 lg. *Flores* ignoti. *Pedunculi* axi axillares et subterminales, solitarii, 0,m04—0,m07 lg. *Cupula* verrucosa-rugosa, crassa, 0,m02 alta, 0,m025 diam. *Bacca* oblonga, obtusa, lævis nitentis; *endocarpio* carnoso, sulphureo, resinifero, odore fortiter therebinthinaceo.

HAB. *ad ripas* Rio Negro, *in* Prov. Amazon. *Incolis* Namuy, Nhamuy, vel Louro, Louro Rosa, Louro precioso, Pau-rosa. *Fruct. Jun.*

Obs.— Entre as plantas uteis da provincia do Amazonas, tenho convicção que, esta será uma das que para o futuro bons serviços prestará não só a medicina como á industria. E' conhecida no Valle do Rio Negro pelos tapuyos por *Namuy*, *Nhamuy*, nome dado a quasi todas as Laurineas, como pelos de *Louro rosa*, *Pão rosa e Louro precioso* que lhes dão os civilisados.

O seu lenho é empregado em canôas, porém ahi não está o seu melhor emprego, e sim no oleo que em abundancia dá quando se fere o tronco.

Este é excessivamente claro, transparente, aquoso, muito aromatico, tendo o cheiro da terebentina, ardendo como esta, dando fumaça negra e espessa. Esta propriedade faz com que se dê tambem o nome de *Gaz vegetal*, porque em geral o tapuyo em vez do petroleo, do qual tem a consistencia, o emprega em suas candeias. A não ser como combustivel, ou usado contra empingens, frieiras, queimaduras e para matar os bichos da cabeça, esse oleo não tem, por ora, outro emprego; mas creio que conhecidas as suas propriedades chimicas será de grande uitlidade, quer na medicina, quer na industria. Foi baseado nisso que mandei pelo chimico deste Museu, o Dr. Francisco Pfaff, em 1º de abril de 1887, analysal-o, máo grado meu, e contra toda a minha espectativa começou a analyse, mas não a concluio.[1]

Não é só esta expecie que fornece oleo, ha ainda outra do Rio Autás, que tambem o dá, porém de uma cor trigueira.

O principio que dá o aroma forte ao oleo está em toda a planta desde o tronco até aos fructos. Estes, de que são avidos os peixes, principalmente o *Tambaky*, o tem em tal quantidade, que no tempo dos fructos, que é o tempo da enchente, a carne dos peixes fica de tal maneira impregnada delle, que se não póde comer, pelo gosto e cheiro que tem de terebentina.

A pezar de esforços, não consegui ver ainda suas flores, porém na primeira opportunidade com ellas me occuparei, e talvez possa breve completar a descripção.

Muitas são as *Nectandras* conhecidas, mas penso que entre ellas não está a de que me occupo, pois que entre as 59 descriptas pelo professor Carlos Frederico Meissner, na sua monographia da *Flora Brasiliensis*, nenhuma d'ellas se identifica com a minha. Posto que a monographia do illustre Professor de Basiléa seja já antiga, pois data de 1866, comtudo, tambem não encontro, em publicação mais recente especie alguma que possa identificar-se com a que aqui descrevo, pelo que como nova a offereça á consideração dos sabios.

Consta-me que depois de ter sido por mim entregue ao Chimico o oleo para ser analysado, este, particular e occultamente obteve amostras das plantas e, infringindo o Regulamento deste Museu, as remetteu para Europa, não sei se com flores, por isso talvez fosse alli classificada; porém, desde já aqui protesto contra toda e qualquer denominação que por ventura se tenha dado, porquanto, quando se deu esse facto já por mim estava a planta classificada sabendo perfeitamente isso o Chimico, porque, por mais de uma vez, interessando-me pela analyse, lhe declarei que desejava publicar esta com a descripção, por ser uma especie nova.

A demora da publicação foi devida ao facto de se me demorar a analyse, que nunca foi concluida.

O genero *Nectandra* estabelecido por M. Rollander em 1778, servio de typo para Nees, d'Esembeck, em 1836, estabelecer a tribu das *Nectandreæ*, passado depois, em 1864, por Meisner para a das *Oreodaphnœ*, e por Bailion para a das *Ocoteeæ*.

[1] Nos primeiros ensaios achou no corpo bruto dois oleos, sendo um mais pesado do que a agua, segundo me informou, e posteriormente obteve tambem um principio cristalisavel.

Endlicher no seu *Genera*, o conserva na mesma tribu de Nees Esembeck, porém Hooker e Bentham, levaram-o em 1880, para a das *Perseaceae*, baseados em bons caracteres.

E' um dos generos, que maior cópia de productos fornece á actividade humana, já pelo lado da medicina, já principalmente pelo da industria, e presumo que com o novo producto que agora apresento mais notavel se tornará.

Ordo PROTEACEAÉ Juss.

Trib. GREVILLEAE Endl.

Gen. ROUPALA Aubl.

Sec. SIMPLICIFOLIAE D. C.

1. Roupala Yauaperyensis (Bard. Rod. *loc. cit. n. 223)*, foliis lineari-oblongis sub obtusis v. acutis planis utrinque pubescentibus breve venis leviter prominulis petiolatis, racemis axillaribus et terminalibus densifloris folia superantibus ferrugineo pubescentibus, sepalis extus pubescentibus, pedicellis calyce majoribus, glandulis hypogynis triangulatis, stigmate clavato.

Tabula nostra XIX. Fig. A.

Arbor 4—5 met. alt. *Ramis* junioribus fulvo pubescentibus. *Folia* excluso petiolo $0,^{m}08—0,^{m}14 \times 0,021—0,^{m}036$ lg., rigida, supra læte viridia, subtus fulva. *Racemi* axillares, $0,^{m}10—0,^{m}14$ lg., recti, terminales folia superantes, basi parum tumidulus, obtuso. *Sepala* lamina concava, recurva. *Filamenta* basi sepali inserta, apice atenuata, complanata, recurvata. Squamulæ hypoginœ 4 carnosæ, triangulare, brevissime. *Ovarium* sub sessile hirsutum. *Stylus* calyce breviore. *Stygma* obtusum. *Capsula* ignota.

HAB. *ad ripas* Rio Negro. *prope* Moura *et in* Rio Yauapery *in locis inundatis*. Flor. Nov.

Sec. PINNATAE D. C.

2. R. arvensis (Bard Rod. *loc. cit. n. 695)*, foliis polymorphis serratis supra nitentibus subtus tenuissime elevato-venosis glabris aliis simplicibus ovato oblongis, aliis pinnatifidis pinnatisve, liberis, acuminatis longi petiolatis, racemis folio majoribus densifloris, pedicellis, subliberis calyce minoribus tomentosis, glandulis hypoginis oblongis, ovario hirsuto, stigmate clavato.

Tabula nostra XIX. Fig. B.

Arbor 4—5 met. alt. *Ramis* juvenilibus albo tamentosis. *Folia* alia indivisa serrata basi acuta, alia pinnatim 5—7 foliata, foliolis distinctis, terminali majore, lateralibus alternis oppositis, oblongis, obtusé acutis, brevissimé petiolulatis, ramorum fertilium excluso petiolo, 0,m07—9,m13×0,m035—0,m067., coriacea, indivisa ovato-oblonga, serrata, utrinque acuminata, glabra, nitida, subtus elevato-venosa. *Racemi* axillares, solitarii, 0.m10—0,m13 lg.. folia superantes. *Calyx* 0,006 lg., pedicello duplo longior, clavatus. *Sepala* linearia, apice dilatata, concava, acuta, interioriter mucronata, extus pubescentia, recurva. *Filamenta* supra medio sepali inserta, incurva. *Squamulæ* hypoginæ, oblongæ. *Ovarium* hyrsutum. *Stylus* clavatus.

HAB. *in* Rio Negro *prope* Manáos, *Prov. Amaz. Flor. Jul.*

Obs.— O genero *Roupala* foi creado por Aublet, na sua *Histoire des Plantes de la Guyane,* mas como alguns autores o fazem derivar do grego ῥόπαλον, a clava ou massa, pela fórma do stylo, e vulgarmente o escrevem *Rhopala, ropala, rupala,* que se é conforme a orthographia grega, comtudo modifica a do botanico francez. Com Baillon e Hooker, conservo a primeira orthographia, porque segundo as leis da nomenclatura botanica, o nome de um genero deve subsistir tal qual foi creado, salvo o caso de uma correcção de erro puramente typographico, facto que se não dá aqui.

Duas especies deste genero Ruiz e Pavon levaram para o *Embothrium* de Linneo, o *emonospermun* e a *pinnatum,* como se vê na *Flora Peruviana e Chilena* e estampas 98 e 99. Pertencem a este genero alguns *Kutukañeê* ou *Cutucanhem,* e as *carnes de vacca,* do Rio de Janeiro, porém algumas especies, com este nome vulgar são tambem do genero *Adnostephanes* de Klotzsch em que está incluido o *Decnekeria* de Velloso, e mesmo é dado a especie de familias differentes, como tive occasião de verificar no *Rodeio,* provincia do Rio de Janeiro onde com esses nomes vi uma *Myrsinea.*

O Dr. Saldanha da Gama, na sua *Configuração dos vegetaes seculares do Rio de Janeiro,* descreve a *Rhopala Brasiliensis* Kl. com o nome de *Katukanheê* [1] e a representa, porém, comparando-se a sua descripção e figura, com as que o Professor Meisner apresenta na *Flora Bsasiliensis,* vê-se que a do botanico brazileiro forma uma variedade.

São notaveis as plantas deste genero pela rigeza e grande duração do seu lenho, que é muito empregado nas construcções civis em obras ao ar. Não são arvores de grande diametro, e as fibras do duramem ou cerne são grossas e em geral côr de carne crua, donde vem o appellido das especies, de *Carne de vacca.* Em geral só se aproveita o tronco quando novo, porque quando velho se torna ôco. As flôres pela manhã são excessivamente aromaticas.

Ordo THYMELAEACEAE Meisn.

Gen. LINOSTOMA Wall.

Linostoma albifolium (Barb. Rod. *loc. cit. n. 63*), foliis ovalibus obtusis oppositis supremis albescentibus; pedunculis brevibus apice corymbosis; pedicellis brevissimis; calycis tubis cylindricis gracilis intus puberulis extus pubescentibus.

[1] *Kuty* ou *akuty,* cotia, *kaa,* folha, *eê,* doce ou *kutuk* ferir *kaë* seccar—o que fere quando secco.

Tabula nostra XX.

Ramuli teretes, graciles, brunneo-fusci, et lenticellis albidis transverse puncticulati. *Folia* 0,m30—0,m045×0,m017—0,m023 lg., *petiolo* 0,m02—0,m03 lg. tereti caniculato supra veridia opaca, subtus albescente, nervo supra caniculato subtus prominulo, venis patentissimis parallelis vix 0,m001 ab invicem distantibus subtus lævissimis prominulis. *Paniculæ* ramis oppositis sub angulo recto ortis, foliorum paria 2—10 gerentibus, supremis albescentis, 2—12 floris, 0,m02 lg., pedicellis, 0,m002 longis ebracteatis. *Calyx* caducus, tubi tenui, apice vix dilatato, limbo labio expansis sub obtuso. *Ovario* conico, puberulo. *Stylus* glaber ad medium tubo attingens. *Fructus* crustaceus, pyramidato-pediculatus, profundé sulcato-dentatus, perianthio papyraceo persistente basi inflato inclusus.

HAB. *in* Rio Negro, *circa* Manáos. *Floret m. Januario*

Obs.— Encontrei esta especie na margem esquerda do Rio Negro, em terreno arenoso, que desapparece com as enchentes. E' uma pequena arvore copada, que se esgalha desde o sólo, apresentando em todas as summidades dos galhos, proximo aos corymbos, duas folhas terminaes branco-amarelladas que a tornam distincta. E', muito proxima, a sua congenere *calophylloides*, mas d'ella se afasta no tamanho e numero de folhas, na fórma destas, no comprimento do pedunculo, na pubescencia do tubo calycinal e no comprimento do estilete.

Na especie em questão as folhas são pequenas, ovaes e não acuminadas, dispostas nos ramos aos pares em longa extensão ; os pedunculos são curtos ; o tubo do calyce pubescente na parte externa, assim como a parte externa das divisões calycinaes ; o estylo que genericamente vae ás antheras dos estames menores não attinge nesta senão o meio do tubo, justamente onde terminam os pellos cotonosos, que impedem a queda do pollen para o fundo do tubo e favorecem a fecundação.

Considero esta especie nova, porque não encontro outra descripta além da que já citei do Rio Negro e outra da India.

A monographia das Thymelaeaceas escripta pelo sabio Meisner, só menciona essas especies. São passados quasi trinta annos de publicação e entretanto nem uma especie foi addicionada ao genero, que me conste. Walpers, até 1868, não addiciona especie alguma em seus *Annales Botanices*, e não a encontro descripta em outras publicações, como a *Linnaea*. Impuz-lhe o nome *albifolia*, porque, na época de florescencia, as duas folhas terminaes dos ramos são brancas, destacando-se notavelmente das outras verdes. Bentham e Hooker nos seus *Genera Plantarum*, publicado em 1880 nas *Thymaeleaceas*, mencionam no genero de que me occupo duas especies, uma a de Meisner e outra que não conheço, mas que deve figurar no herbario do Museu de Kew. Será a especie acima ?

Os fructos das especies conhecidas até hoje variam de uma para outra, pelo que não foi ainda o genero bem caracterisado. Aqui represento o desta, em estado de madureza, porém não secco, que torna-se notavel pela fórma curiosa que apresenta.

Ordo MONIMIACEÆ Lindl.

Gen. SIPARUNA Aubl.

Siparuna fœtida (Barb. Rod. *loc. cit. n. 686*), ramis ex fasciculis minimis sparsim punctatis, foliis obovato-oblongis acuminatis basi subacutis brevissime petiolatis supra glabris subtus petioloque fasciculis minimis pilorum conspersis, cymis petiolo triplo longio-

ribus pubescentibus recurvis perigonio masc. obovoideo v. subrotundo fasciculis minimis pilorum adspersis lobis 4 lunatis brevibus intus glabris, staminibus 4—6 et ultra exclusis, fem. oblongo lobis 4 pilorum adspersis, fructu pyriformi.

Tabula nostra XXI.

Arbuscula 2—3 met. alt., monoeca. *Rami* foliosi ; novelli trigoni, rufotomentosi, medullosi, seniores glabrati, virescenti. *Folia* opposita vel decussatim-opposita, patentia, obovato-oblonga, abrupte-acuminata, basi-subacuta, brevissime petiolata, supra-glabra, subtus pellifera, 0^m,09—0,^{m}13×0,^{m}04—0,^{m}06 lg. ; venis secundariis exillibus, cum media subtus prominulis ; *petiolo* brevissimo, 0,^{m}003—0,^{m}005 lg., sub erecto, pilloso, supra canaliculato, subtus sobrotundo. *Cyma* (anthemia) modo unisexualia, modo bisexualia, una unaquaque axilla, 0^m,010—0,^{m}015 lg., rufo-tomentosa, simplicia, raro bifurca, circinata, petiolo longiora, 5—10 flora, floribus subsecundis. *Masc.* perigonium obovoideum v. subrotundum, densissime pilosum, apertum et 4 crenatum, andrœceum exsertum et 4—6-andrum. *Fem.* perigonium oblongum, 4—crenatum, densissime pilosum, intusque 4—10 locellatum. *Carpidia* sessilia, obovalia, superneque ob pilos erectos adspersa in *stylum* solidum breviter exsertum singillatim desinentia uniovulata. *Ovulum* anatropum. *Fructus* immaturus pubet ; maturus flavus, glabrus.

HAB. *prope* Parintins *olim* Villa Bella da Imperatriz, *et* ad Manáos, *in urbis viccinia. Flor. Aug.*

Obs.— O genero *Siparuna* é muito antigo ; foi estabelecido em 1755 por Fussée d'Aublet, nas suas *Plantas da Guyana Franceza*, porém, sem razão, foi para elle adoptado o nome de *Citrosma*, que, em 1798, Ruiz e Pavon propuzeram, ignorando, sem duvida, que existia o do botanico francez. O sabio Renato Tulasne, na *Monographia Monimiacearum*, publicada nos Archivos do Museu de Pariz, corrigindo etymologicamente o nome generico de Ruiz e Pavon, o modificou para *Citriosma*. O legislador da botanica, porém, o notavel professor Alphonse De Candolle no seu *Prodromus*, reivindicou para o botanico francez, por direito de prioridade, o nome que elle propuzera, o que foi aceito pelos sabios professores Baillon, Bentham e Hooker. A posição desse genero, na familia tem sido diversamente entendida ; assim o professor Endlicher o colloca na tribu das *Monimeas*, o monographo Tulasne (1855) e Bentham e Hooker, (1880) na das *Atherospermeas ;* Baillon (1869) na das *Tamburisseas* e finalmente De Candolle (1868) creou uma nova tribu, a das *Siparuneas*, onde o inclue. Estudando as *Monimiaceas* esses diversos botanicos, baseados em caracteres differentes, estabeleceram tribus, adoptando para ellas nomes anteriormente creados ou dando-lhes outros, porém distribuindo diversamente as especies por ellas, cada um baseado no que entendeu ser mais natural.

Os caracteres das antheras, dos ovarios, dos ovulos e dos fructos serviram de base para a classificação.

As especies brazileiras conhecidas até 1857 fôram todas mencionadas na monographia da Flora Brasiliensis por Tulasne, e mais tarde, nove annos, Walpers nos seus *Annaes*, ainda as relaciona apresentando apenas mais duas novas, colhidas por Seeman, em Santa Catharina. Em 1868 De Candolle no seu *Prodromus* diagnostica todas as especies conhecidas até então, e d'ahi para cá até 1880 não me consta que novas especies tenham sido descriptas.

O Dr. Hooker apenas cita 60, que são as mesmas de De Candolle. Na duvida de estar esta especie classificada, prefiro correr o risco de uma dupla classificação, a deixal-a desconhecida.

A *Siparuna fœtida* é conhecida vulgarmente por *Kaà-pitiú*, isto é, planta que exhala *mào cheiro*, de *kaà*, folha, planta, e *pitiú*, morrinha, cheiro de peixe, cheiro desagradavel. Com effeito, toda a planta, quer as cascas, quer as folhas, teem um aroma forte e mào, sentindo-se entretanto alguma cousa que nos lembra o do oleo de limão e o da goyaba madura.

E' sabido que as *Monimiaceas*, principalmente as Siparunas, são plantas que quasi todas teem virtudes antifebris, diureticas, carminativas, tonicas, diaphoreticas, e estimulantes, pelos oleos essenciaes que conteem além de acido citrico e tannico, pelo que a especie de que trato não se afasta de suas congeneres e é reputada como muito medicinal e empregada como antifebril poderoso e estimulante.

Usam-se as folhas postas de infusão aos raios solares ou em cozimento, para banhos. Toma-se internamente em infusão theifera (*). Contra as hydropesias e o *beri-beri* se tem tirado magnificos resultados, podendo por experiencia propria affirmar a sua grande virtude.

Empreguei os banhos do *Kaà-pitiú*, sempre depois de ter sinapisado as pernas com as raizes do *Cipó-taia*, o *Caparis urens*, que descrevi, misturadas com as da *Mukura-kaà* que no sul do Imperio teem os nomes de *Raiz de Guiné* e de *Herva-pipi* (*Petiveria alliacea*). Logo depois do banho sente-se grande allivio, desapparecendo a dormencia, o formigamento, o peso, as dôres e a inchação, que voltam depois menos fortes, indo assim desapparecendo paulatinamente o mal até o completo restabelecimento.

Não são já poucos os casos de beribericos [1] completamente curados por estas plantas, que são muito empregadas em Parintins, pelo meu amigo o Coronel José Augusto da Silva, que tornou-se o benemerito dos doentes atacados d'essa terrivel enfermidade, caridosamente tratando indistinctamente todos os que do seu prestimo se utilisam.

Cresce nas capoeiras ou matas de nova apparição e proximas dos logares cultivados. E' uma pequena arvore, que não attinge a mais de 4 metros de altura, esgalhando desde o solo, com 5 a 10 centimetros de diametro. O tronco é meduloso e de madeira branca, a casca fina, lisa, sendo verde nos ramos novos, que são exparsa e levemente pubescentes. Os ramos são semi-erectos e oppostos, oblongos, rostilhados, com as margens lisas, luzentes na lamina superior e mais clara na inferior, onde é toda glandulosa, quando nova, com pellos compostos exparsos, tendo as nervuras salientes. Inflorescencia em pequenos cymos semi-scorpioides de flores masculinas e femininas.

Ordo ARISTOLOCHIACEAE Lindl.

Gen. ARISTOLOCHIA Linn.

Sect. UNILABIATAE § ECAUDATAE Mast.

1. Aristolochia silvatica (Barb. Rod. *loc. cit. n. 625)*, perennis volubilis glabra ; foliis obovato-lanceolatis breviter acuminatis basi inæqualis subtus venoso-reticulatis ; floribus e caule suberoso supra annulis enatis solitariis nutantibus, perianthio basi ventricoso, medio sub-arcuato cylindrato, fauce in labium carnosum oblongum papillosum geniculatum abeunte.

(*) Não poucos são os casos em que tenho obtido boas curas em febres rebeldes.

[1] O *beri-beri* no Amazonas não é molestia nova, tanto que em 1786, como attesta o naturalista Rodrigues Ferreira, grassou no Rio Negro com intensidade, sendo então tratado com banhos de *Mangericão bravo*, nome hoje desconhecido e que se não sabe a que planta pertenceu.

Tabula nostra XXII et XXIII. Fig. B.

Caules lignescentes, teretes, suberosi, sulcati. *Folia* 0,^{m}15—0,^{m}20$\times$ 0^{m},05—0,^{m}07 lg., 7-nervia, nervis subtus prominentibus, utrinque glabra; *petiolus* glaber, cylindraceus; 0,025 lg. *Pedunculi* axillares, solitarii, elongati, bracteati, unifloro raro triflori. *Perianthium* glabrum, 0^{m}05 lg., basi ventricosum, pars ventricosa justà pedunculus acuta, læviter bilineata, 0^{m},12 lg., pars media cylindrata, glabra, 0,02 lg., annuli ins pars ventricosam productam, labium geniculatum, incurvum, oblongum, emarginatum, canaliculatum, intus papillosum, lateraliter revolutum. *Columna genitalis* 0,^{m}003 lg., obconica, in lobos triangulari-acutos, 6-divisa, lineis stigmatosis crassis, papillosis. *Antheræ* oblongæ, obtusæ, parallelæ, basi loborum attingentes. *Capsula* pendula, post dehiscentia 0^{m}11$\times$0^{m},08 lg., glabra, in sex valvas coriaceas extus nervo medio prominente percursas, intus transversaliter sulcatas cum totidem partitionibus extremi pedunculi continuas.

HAB. *in silvis primævis ad* Cachoeira Grande *in* Rio Negro, *prope* Manáos. *Floreb Aug.*

2. A. chrysochlora (Barb. Rod. *loc. cit. n. 78*), perennis volubilis; foliis sagittatis, lobis obtusis v. subrotundis, supra glabris metalinis aureo marginatis subtus glaucinis puberulis; floribus basi ventricoso utrinque puberulo, medio arcuato cylindrato barbato, fauce in labium incurvum, extus quinquelineatum abeunte.

Tabula nostra XXIII.— Fig. A.

Caules lignescentes, teretes, virescentes. *Folia* 0,^{m}06—0,^{m}09$\times$0,^{m}06—0^{m},08 lg., nervis subtus prominentibus, pubescentis; *petiolus* sub asperus, cylindraceus, 0^{m},03—0^{m},05 lg. *Pedunculi* axillares, solitarii, pubescenti, uniflori, arcuati. *Perianthium* 0^{m},11 lg. basi ventricosum, pars ventricosi oblonga, extus lineata, 00^{m},20$\times$0^{m},014 pars media cylindrata, incurvata, 0^{m},03 lg., aunuli in parte ventricosam transversaliter obstructi, labium incurvum lanceolatum, acutum, anticè concavum, pillis elongatis marginatum. *Columna genitalis* 0^{m},005 lg. usque ad tertiam longitudinis partem superne 6 loba, lobis angustis, triangularis, intus incurvatis, lineis stigmatosis papilosis. *Antherae* oblongæ, obstusæ, parallelæ, basi loborum attingentes. *Capsula* pendula, glabra, longé-obovoidea, sexangularis, dehiscentiá basilari pedunculo 6-partibili, 0^{m},04$\times$0,15 lg.

HAB. *in locis arvensis ad* Tarumã, *in* Rio Negro, Urubu-kaá *incolis vocatur Flor. Sept.*

Obs.— A ordem das Aristolochiaceas, a antiga *Sarmentacea* de Linneo, é representada no Brazil, segundo o Dr. Maxwel Masters, sómente pelos generos *Holostylis* de Duchartre, que contém uma só especie, e *Aristolochia*, que conta muitas em todo Brazil, conhecidas por *Melombe* ou *Milome*, que adulteraram para *Mil homens*, mais ou menos consideradas pelas suas virtudes contra o veneno ophydico e propriedades emmenagogas.

As propriedades emmenagogas que dizem ter as Aristolochias não são baseadas em observações indigenas; são simplesmente o resultado da tradição importada,

porque desde a mais remota antiguidade, no Egypto, se considera as plantas desta familia como tendo o poder de facilitar a expulsão da placenta e de facilitar o corrimento lochial. As mesmas propriedades, que dizem ter, contra o veneno ophydico, tambem são fructos da mesma tradição, divulgados pelo emprego da *A. Serpentaria*, de que se servem no Egypto os domadores de cobras, para entorpecel-as.

No Amazonas, em geral, são ellas conhecidas pelo nome vulgar de *Urubu-kad* e reputadas excellentes nas molestias de garganta, nas inchações, etc. [1] São plantas dos alqueives e apenas na floresta virgem encontrei a que aqui descrevo.

Considero novas as duas especies, por não se acharem diagnosticadas, nem na monographia que em 1864 Duchartre publicou no *Prodromus* de De Candolle, nem na ultima publicada pelo Dr. Martius em 1876, na *Flora Brasiliensis*. Publicações posteriores tambem não mencionam estas especies.

A *A. chrysochlora*, pelo numero de suas flores e pelas suas folhas, de um verde metallino, marginadas de uma côr de ouro fusco, muito se recommenda aos floricultores como sendo uma das trepadeiras mais dignas de apreço. Suas flôres são verdes, maculadas e mosqueadas de pardo-arroxado.

Museu botanico do Amazonas, em 1 de junho de 1887.

[1] Tomadas em gargarejos, chá e banhos.

ADDENDA

Por motivos independentes da minha vontade sahe, depois de um anno no prélo, o presente volume que devia sahir em Dezembro de 1887 ; como, porém, não ha mal que não traga o bem, favoreceu-me essa falta o poder incluir aqui uma declaração necessaria.

Tendo publicado uma memoria sob o titulo O *Tamakoaré, especies novas da ordem das Ternstroemiaceas*, na qual descrevi as que aqui na *Eclogae plantarum* junto, por ter sahido com alguns erros, a *Revista Pharmaceutica* do Rio de Janeiro, sem razão, achou que essas especies não eram mais do que as que o dr. Henrique Wawra von Fernsee apresentou na sua monographia, que chegou á Côrte do Imperio, na mesma data em que ahi appareceu a minha memoria, pelo que fui obrigado, por compromisso anteriormente tomado pela imprensa, de publicar no *Jornal do Commercio* de 25 de junho de 1888 a declaração abaixo que agradecido, transcrevo como a *Gazetilha* do mesmo jornal a apresentou ao publico.

« **Botanica.**— E' sempre com prazer que abrimos espaço a communicações interessantes para a sciencia, tenham por fim ventilar ponto questionado, dar noticias de estudos novos ou firmar ou defender o direito que brazileiros hajam adquirido á precedencia de descobrimentos. Desta ultima cathegoria é a seguinte communicação que nos manda do Amazonas o Sr. J. Barbosa Rodrigues, o qual tem alli, na incomparavel flora da vasta região, campo fecundissimo de estudos uteis da sua especialidade. »

« A 24 de abril quiz essa redacção publicar uma reclamação minha ácerca da classificação que havia eu feito, de cinco *Caraipas* novas, e que taes não pareceram á *Revista Pharmaceutica* por se presumir que estavam descriptas na monographia que a respeito das *Ternstroemiaceas* escreveu na *Flora Brasiliensis* o meu sabio amigo Dr. Wawra von Fernsee.

Venho agora desempenhar-me da promessa que então fiz a essa redacção, invocando mais uma vez o grande zelo com que ella se dedica a fomentar os interesses da sciencia, e do qual tenho muitas provas recebido na minha não curta vida de trabalho.

« Logo que me chegou ás mãos o fasciculo da *Flora*, publicado a 1º de abril de 1886, dei-me immediatamente ao estudo da questão e considero-me feliz por me ser dado declarar de modo cathegorico que nenhuma das minhas cinco especies de *Caraipas* foi indicada pelo Dr Wawra. Apresenta este tão sómente oito especies e nenhuma se identifica com aquellas que, portanto, são verdadeiramente novas.

« Felizmente, nem careço de entrar em particularidades ou explicações para o provar, porque para isto me fornece elementos o Dr. Wawra. Com effeito, no seu *Conspectus specierum*, divide o notavel botanico as oito especies em dous grupos: um de *paniculas glabras*, outro de *paniculas tomentosas*, incluindo duas especies no primeiro grupo e seis no segundo. Ora, em algum dos dous grupos, devem de achar-se as minhas cinco especies, a terem sido mencionadas por Wawra. Examinemos, pois.

« As minhas especies todas teem *paniculas tomentosas* e *folhas pubescentes* ou *glandulosas*. Não podem, portanto, achar-se no primeiro grupo. Restam as seis do segundo. Vejamos se são identicas ás minhas.

« Divide Wawra o segundo grupo em duas secções pela fórma das *paniculas*, sendo as da segunda subdivisão, que abrange quatro especies, todas *folia* de *undique glaberrima*. No numero daquellas não estão, pois, as minhas, que teem folhas interiormente *glandulosas* e *pelludas*.

« Restam duas especies de Wawra, uma de *folia hirtinervia* e outra de *panicula tomentella*, não dizendo o autor no *Conspectus* nem na diagnose, ou descripção, si as folhas são pubescentes ou pelludas. Tambem a estampa que representa a planta, não menciona nenhuma pubescencia. Por esta duvida, e apezar de tal omissão, fica tão sómente em combate uma especie, porque a de *folia hirtinervia* nada tem que ver com as minhas, as quaes não teem sómente *cobertas de pellos as nervuras*, mas sim toda a pagina inferior. Ainda mesmo, pois, que uma especie, a C. *grandifolia* de Martius, se identificasse com alguma das minhas, que são cinco, quatro sahiram victoriosas, sendo proclamadas distinctas e novas.

« Confrontemos, no entanto, com a C. *grandifolia*, a minha *palustris* ou *Tamakoaré do igapó*, que se approxima daquella. Não posso presumir que Wawra não fizesse cabedal desta pubescencia, que é especial por ser formada de *pellos estrellados* que lhe dão aspecto particular, quando do simples tomento se utilisa o eminente botanico para distinguir algumas

especies do segundo grupo, e até para distinguir este grupo do primeiro. Já por este lado afasta-se da de Martius a minha especie.

« Dado, porém, que este caracter haja sido posto de parte, o que não é para acreditar, a confrontação de outros os caracteres não chegará a resultado diverso. As folhas da *grandifolia* são *caudato-acuminatis*, e as do *palustris* são *acutis;* o ovario daquella é *vittato* e *pubescente* e o desta é *laevi* e *glabrum;* a inserção e disposição dos estames é inteiramente differente nas duas plantas; as antheras tambem muito differentes; os ovulos teem estructura completamente diversa, não fallando da fórma e posição das sepalas e petalas, nem de muitas outras particularidades que fôra longo enumerar, mas que resaltam bem do exame da estampa, a qual sahiu por equivoco com a denominação *rupestris* em vez da de *palustris*. Só o aspecto geral é commum. A diagnose comparada afasta toda a identificação. Assim arredada esta approximação, ficam de pé as minhas cinco especies, cabendo-me portanto, perfeitissimo direito de assegurar que o Brazil possue 13 especies de *Caraipas* conhecidas, das quaes oito classificadas por botanicos estrangeiros e cinco por botanico brazileiro. »

J. Barbosa Rodrigues.

EXPLICAÇÃO DAS ESTAMPAS

PRIMEIRA SERIE

EST. I — Cymbopetalum odoratissimum, Barb. Rod.

1. Flôr aberta, de tamanho natural.
2. Botão novo.
4. Pétala exterior, de tamanho natural.
5. Dita interna, idem.
8. Calyce, disco e estames, idem.
15. Fructo, idem.
17. Semente vista pela parte superior ; *a*, a mesma, pela parte anterior ; *b*, a mesma, pela parte lateral e uma cortada verticalmente, tudo de tam. nat.
18. Uma sepala, idem.
20. Folhas em um galho, idem.

EST. II — Capparis urens, Barb. Rod.

1. Flôr aberta, tamanho natural.
2. Botões em dous gráos de desenvolvimento, idem.
6. Uma pétala, idem.
7. Escama do disco.
9. Córte vertical de uma flôr, mostrando a posição de dous estames, e o estylo, idem.
10. Estigma, cinco vezes augmentado.
11. Ovarios cortados vertical e horizontalmente, o primeiro cinco vezes augmentado e o segundo dez.
12. Estylo, tam. nat.
13. Antheras vistas de frente e pelo dorso, oito vezes augmentadas.
13. Fructo cortado verticalmente, mostrando a massa e a posição das sementes, estando algumas cortadas, tam. nat.
20. Uma folha vista pelo dorso, idem.

EST. III — Corynostylis palustris, Barb. Rod.

1. Uma flôr aberta, de tam. nat.
2. Um botão, idem.
4. Sepalas vistas pelo dorso, idem.
6. Pétalas, idem.
8. Estames envolvendo o estylo, idem.

11. Ovarios cortados vertical e horizontalmente, tendo aquelle o estylo tambem cortado, tudo tres vezes augmentado.
12. Ovario e estylo, visto exteriormente, idem.
13. Antheras vistas pela parte interna, em estames unidos mostrando o esporão barbado, tudo duas vezes augmentado.
20. Uma folha, vista pelo dorso, tam. nat.

EST. IV — *Fig. A* — SECURIDACA ROSEA, Barb. Rod.

1. Uma flôr vista de lado, nove vezes augmentada e a mesma cortada verticalmente, para mostrar a posição do ovario e dos estames.
8. Estames, vistos internamento, 20 vezes augmentados.
81. Os mesmos vistos de lado, idem.

Sem numero. Uma sepala exterior e a carina, 20 vezes augmentada.

Fig. B — BREDEMEYERA ISABELIANA, Barb. Rod.

1. Uma flôr de tamanho natural e outra cortada verticalmente, quatro vezes ougmentadas.
8. Estames e petalas, vistas de frente, e de lado, idem.
11. Ovario visto de lado e cortado horizontalmente, 16 vezes augmentado.
12. Estigma, muito augmentado. Por engano na impressão ficou invertido.
13. Antheras vistas de frente e quasi de lado, 20 vezes augmentadas.
15. Fructos vistos de lado e verticalmente cortados.

EST. V — *Fig. A* — CARAIPA PALUSTRIS, Barb. Rod.

A. Ramo florido de tamanho natural.

1. Flôr apetala, tres vezes augmentada.
2. A mesma cortada verticalmente, mostrando o receptaculo e o ovario, idem.
3. Uma sepala, vista pelo exterior, idem.
4. Dous pellos da sepala, muito augmentados.
5. Corte vertical do ovario, mostrando a posição dos ovulos, seis vezes augmentado.
6. Dito horisontal do mesmo, idem.
7. Estame visto pelo dorso, muito augmentado.
8. Anthera, de frente, idem.
9. Fructo immaturo, de tamanho natural.
10. Córte transversal do mesmo, idem.
11. Uma semente vista pelo dorso, idem.
12. Uma cotyledone, com o embryão, idem.
13. Uma porção da folha mostrando as glandulas e um pello estrellado, muito augmentado.
14. Diagramma da flor.
15. Pollen inteiro, com o valor micrometrico $^1/_{32}$).
16. Dito partido, idem.
17. Fructo secco depois da dehiscencia, tamanho natural.

Fig. B — C. SILVATICA, Barb. Rod.

1. Uma folha vista de frente, tam. nat.
2. Uma porção da mesma, mostrando as glandulas.

Fig. C — C. SPURIA, Barb. Rod.

1. Uma folha vista pela pagina superior, tam. nat.
2. Fructo immaturo, idem.
3. Córte transversal do mesmo, idem.
4. Uma semente, idem.
5. Uma cotyledone e radicula.
6. Uma porção da folha mostrando as glandulas e um pello claviforme ramoso, muito augmentada.

EST. VI — CARIOCAR TOXIFERUM, Barb. Rod.

3. Calyce persistente no fructo de tam. nat.
15. Fructo inteiro e cortado verticalmente, mostrando os espinhos da semente, idem.
20. Uma folha, tamanho natural.

EST. VII — *Fig. A* — LASIANTHERA AMAZONICA, Barb. Rod.

1. Uma flôr, 10 vezes augmentada.
3. O calyce, idem.
6. *a*—Uma petala vista pelo interior, idem.
9. *a*—Estame visto de frente, idem.
9. *l*—Dito visto de lado, idem.
11. Ovario visto exteriormente e cortado verticalmente.
13. *a*—Anthera no estame, vista de frente, mais augmentada.
13. *l*—Dita vista de lado, idem.
15. Um galho de frutos e os mesmos cortados vertical e horizontalmente, tam. nat.
17. Uma semente, idem.
20. Uma folha presa ao galho, vista pelo dorso, idem.

Fig. B — ENTADA PARANAGUANA, Barb. Rod.

1. Uma flôr muito augmentada e outra de tamanho natural.
2. Um botão, muito augmentado.
6. Uma petala, idem.
12. Ovario e estylo, idem.
13. Anthera vista de frente, idem.

Fig. C — SWARTZIA CHRYZANTHA, Barb. Rod.

1. Uma flôr, tam. nat.
6. Petala, idem.
11. Ovario cortado verticalmente, idem.
13. Antheras de frente e de lado, augmentadas.

EST. VIII — SALACIA POLYANTHOMANIACA, Barb. Rod.

1. Flôr aberta e botões naturaes em um ramo e uma pequena porção dos ramos de flôres produzidas pela multiplicação dos estames.
10. Um grão de pollen, muito augmentado.
11. Ovario, estylo e estames cortados verticalmente mostrando o disco na flôr natural, depois da anthese e em botão, tudo muito augmentado.

13. Estame e anthera visto de frente, no botão, muito augmentados.
13. *a* — Anthera depois da anthese vista de frente, 10 vezes augmentadas.
13. *l* — Dita vista pelo dorso, idem.
15. Fructo, tamanho natural.
16. Dito cortado verticalmente, mostrando a disposiçãs das sementes idem
17. Uma semente cortada verticalmente, idem.
20. Folha presa a um galho florigero, vista de frente, idem
D — Diagramma da flôr.

EST. IX — PASSIFLORA HEXAGONOCARPA, Barb. Rod.

1. Uma flôr n' um ramo, de tamanho natural e outra cortada verticalmente, duas vezes augmentada.
|| Sepalas por engano, na estampa está o signal 11.
6. Petalas.
11. Ovario.
12. Estigmas.
13. Antheras.
15. Fructos, inteiro e cortado horisontalmente.
20. Folhas.
22. Corôa faucial.
23. Dita mediana.

EST. X — DILKEA JOHANNESII, Barb. Rod.

1. Flôr em um galho, tam. nat., e outra cortada verticalmente, duas vezes augmentada.
2. Botões.
4. Uma sepala.
6. Petalas.
13. Anthera.
15. Fructo inteiro e corte transversal do mesmo, tam. nat.
17. Sementes vistas de frente, de lado e partidas transversal e verticalmente, idem.
20. Uma folha, idem.

EST. XI — TACSONIA COCCIÑEA, Barb. Rod.

1. Uma flôr n'um galho de tamanho natural e outra cortada verticalmente, duas vezes augmentadas, mostrando o gynandrophoro, o ovario, os estames, uma anthera e os stigmas.
10. Um grão de pollen, muito augmentado.
15. Fructos, inteiro e transversalmente partido, tam. nat.
20. Folhas, idem
22. Corôa faucial.
23. Dita mediana.

EST. XII — PASSIFLORA AMALOCARPA, Barb. Rod.

4. Sepalas. 6. Petalas. 12. Stigmas. 13. Anthera. 11. Ovario. 22. Corôa faucial, duas vezes augmentadas. 4. Sepala. 6. petalas.
14. Fructos, inteiro e cortado transversalmente, de tam. nat.
20. Folhas pelo dorso e de frente, idem.

22. Corôa faucial.
23. Dita mediana, e uma parte muito augmentada.
24. Dita basilar
Sem numero — Uma sepala, tam. nat.

EST. XIII — Passiflora hydrophila, Barb. Rod.

1. Uma flôr cortada verticalmente, tam. nat.
4. Sepalas. 6. Petala. 10. e 12. Stigma. 13. Anthera. 15. Ovario.
22. Corôa faucial.

EST. XIII a — Passiflora Barbosae, Barb. Rod.

1. Galho, folhas, gavinhas e botão, de tamanho natural.
2. Córte vertical de uma flôr, duas vezes augmentada.
3. Córte de uma metade da flôr mostrando as coròas, muito augmentado.
4. Um fructo de tamanho natural.
5. Córte transversal do mesmo.

EST. XIII b — Passiflora muralis, Barb. Rod.

1. Folhas, gavinhas, botões e fructo, de tamanho natural.
2. Córte vertical de uma flôr, tamanho natural.
3. Uma bractea, tam. nat.
4. e 4 a. Sepalos visto pelo dorso e de face, duas vezes augmentadas.
5. Petala vista pelo dorso, duas vezes augmentado.
6. Anthera, vista de face, duas vezes augmentada.
7. Dita vista pelo dorso, com um estame, ibidem
8. Fructo maduro, tam. nat.
9. Córte transversal do mesmo.

EST. XIII c — Passiflora cabedelensis, Barb. Rod.

1. Uma folha vista pelo dorso, tam. nat.
2. Um botão, ibidem.
3. Córte vertical de uma flôr, duas vezes augmentado.
4. Corôa mediana, muito augmentada.
5. Fructo, tam. nat.
6. Córte transversal do mesmo.

SEGUNDA SERIE

Est. I. *A* — Myrcia atramentifera, Barb. Rod.

1. Uma flôr muito augmentada, cortada verticalmente,
2. Uma petala, vista pelo dorso, muito augmentada.
3. Uma anthera, idem.
4. Córte horisontal do ovario, idem.
5. Um grão de pollen.

B — COUMA MACROCARPA, Barb. Rod.

1. Fructo cortado verticalmente, de tamanho natural.
2. Uma semente despida da massa que a envolve, idem.
3. A mesma mostrando o embryão.

Folhas de tamanho natural.

Est. II. *A* — STRYCHNOS MACROPHYLLA, Barb. Rod.

Folha, vista pelo dorso, de tamanho natural, e uma gavinha.
1. Uma flôr de tamanho natural.
2. A mesma, duas vezes augmentada.
3. A mesma, cortada verticalmente.
4. Calyce, duas vezes augmentado.
5. Anthera, quatro vezes augmentada.
6. Fructo, de tamanho natural.
7. Dito cortado verticalmente.

B — STRYCHNOS RIVULARIA, Barb. Rod.

Folhas e gavinha, vistas pelo dorso e de tamanho natural.
1. Uma flôr, de tamanho natural.
2. A mesma, tres vezes augmentada.
3. A mesma, cortada verticalmente.
4. Anthera, vista de frente, augmentada.
5. A mesma, vista pelo dorso, idem.
6. Ovario, cortado transversalmente.

Est. III. *A* — STRYCHNOS GIGANTEA, Barb. Rod.

a. Uma folha, de tamanho natural, vista pelo dorso.

B — STRYCHNOS ERICETINA, Barb. Rod.

1. Uma flor, duas vezes augmentada.
2. Calyce aberto, visto pela face externa, idem.
3. Corolla aberta, vista pela face interna, idem.
4. Dita, vista pela face externa, idem.
5. Anthera, vista de frente, muito augmentada.
6. Dita, vista pelo dorso, idem.
7. Dita, depois da anthese, mostrando o pollen.
8. Ovario, muito augmentado.
9. Stygma.
11. Fructo de tamanho natural.
12. Dito, cortadado verticalmente.
13. Dito, cortado horisontalmente.

a Uma folha, de tamnho natural, vista pelo dorso.
1. Outro fructo, de tamanho natural.
2. O mesmo, cortado verticalmente.
3. Dito, cortado horisontalmente.
4. Um cotyledone, mostrando o embryão.

EST. IV — STRYCHNOS URBANII, Barb. Rod.

a Uma folha, de tamanho natural, vista pelo dorso.

B — Strychnos papillosa, Barb. Rod.

a Uma folha, de tamanho natural, vista pelo dorso.
b Uma folha, idem, idem, idem.
1 Uma flôr, de tamanho natural.
2 Dita, quatro vezes augmentada.
2 Corolla aberta mostrando a parte interna, quatro vezes augmentada.
3 Uma petala, vista pela parte interna, cinco vezes augmentada.
4 Ovario, idem.
5 Stygma muito augmentado.
6 Córte transversal do ovario, dez vezes augmentado.
B. 1. Fructo, visto pelo dorso, de tamanho natural.
2 Dito visto de lado, idem.
3 Córte vertical do mesmo, idem.
4 Córte transversal do mesmo, idem.
6 Embryão, tres vezes augmentado.

C — Strychnos rivularia. Barb. Rod.

1 Fructo, visto pelo dorso, de tamanho natural.
2 Dito, visto pela frente, idem.
3 Dito, visto de lado, idem.
4 Córte transversal do mesmo, idem.

Est. V — Strychnos manaoenses. Barb. Rod.

A. *a*. Uma folha, vista pelo dorso, de tamanho natural.
B. *b*. Outra, idem, idem.
1. Haste de flôres, depois da anthese, duas vezes, augmentada.
2. Bractea, dez vezes augmentada.
3. Uma flôr e ovario, de tamanho natural.
4. Dita, cinco vezes augmentada.
5. Calyce, dez vezes augmentada.
6. Córte vertical do ovario, dez vezes augmentado.
7. Córte transversal do mesmo, idem.
8. Fructo, de tamanho natural.
9. Córte transversal do mesmo, idem.
10. Córte transversal do mesmo, idem.
11. Embryão, quatro vezes augmentado.

Est. VI — Elcomarhiza amylacea. Barb. Rod.

a Uma folha, vista de frente, de tamanho natural.
b Galho de flôres, de tamanho natural.
1. Uma flôr, tres vezes augmentada.
2. Corôa estaminal, vista de cima, vinte vezes augmentada.
3. Corolla aberta, mostrando a parte interna, tres vezes augmentada.
4. Corôa estaminal, vista de lado.
5. Phylloide, visto de frente, muito augmentado.
6. Antheras e stygmas, vistas de lado.
7. As mesmas, vistas de cima, vinte vezes augmentada.
8. Pollinias e stygmas, vinte vezes augmentadas.
9. Ditos, soltos, vistos pela parte anterior, muito augmentados.
11. Retinaculo, visto de frente.

Est. VII—Leucocalantha aromatica, Barb. Rod.

a. Peciolo e foliolo vistos pelo dorso, tamanho natural.
1. Uma flôr, de tamanho natural.
2. A mesma, aberta.
3. Parte do tubo e da corolla, mostrando externamente as glandulas.
4. Anthera, vista de frente, cinco vezes augmentada.
5. Dita, vista pelo dorso, idem.
6. Ovario e stigma, idem.
6 *a*. Dito, cortado transversalmente, idem.
a Pollen, muito augmentado.
B Pollen da *Datura insignis*, muito augmentado.

Est. VIII—Osmhydrophora nocturna, Barb. Rod.

a. Peciolo, foliolo e gavinha, de tamanho natural.
b. Ramo e flôr, de tamanho natural.
C. Diagramma.

Est. IX—Osmhydrophora nocturna, Barb. Rod.

1. Uma flôr, aberta, de tamanho natural.
2. Corolla da mesma, vista pela parte externa, idem.
3. Calyce e filete, de tamanho natural.
4. Ovario, idem.
5. Dito, cortado verticalmente, muito augmentado.
6. Dito, mostrando os ovulos, idem.
7. Dito, cortado transversalmente, idem.

Est. X—Tynanthus igneus, Barb. Rod.

A. Peciolo e foliolos, de tamanho natural.
a. Grão de pollen, muito augmentado.
1. Uma flôr, de tamanho natural.
2. A mesma, aberta, idem.
3. A mesma, cortada verticalmente, idem.
4. Calyce, muito augmentado.
5. Anthera, vista pela frente, muito augmentada.
5 a. A mesma, vista pelo dorso, idem.
6. Córte vertical do ovario, muito augmentado.
6 a. Dito transversal do mesmo, idem.
7. Stygma, muito augmentado.

Est. XI — Bignonia platydactyla, Barb. Rod.

a) — Folhas e gavinhas, de tam. nat.
1. Uma flôr, ibidem.
2. A mesma aberta, ibidem.
3. Base do tubo da corolla, ibidem.
4. Calyce, ibidem.
5. Ovario, ibidem.

6. Stigma, duas vezes augmentado.
7. Córte longitudinal do ovario, ibidem.
8. Dito transversal do mesmo, ibidem.
9. e 10. Antheras, augmentadas.
11. Anthera, vista de face.

Est. XII — Bignonia vespertilia, Barb. Rod.

a) — Uma folha, tam. nat.
b) — Gavinhas e folhas, tam. nat. Estas duas figuras mostram o dimorphismo das folhas.
1. Uma flôr, tam. nat.
2. Corte da base do tubo da corolla mostrando os estames, tam. nat.
3. Córte longitudinal do ovario, e stigma, cinco vezes augmentados.
4. Córte transversal do ovario.

Est. XIII — Bignonia vespertilia, Barb. Rod.

1. Uma porção do fructo aberto, outra do que resta depois da queda das valvulas, mostrando os filamentos, e uma semente com o grão do lado do hilo, e as azas.
2. *Bignonia platydactyla*, Barb Rod.
Uma porção do fructo fechado, outra do que resta do mesmo depois da queda e uma semente, tam. nat.
3. *Leucalantha*.
Uma porção do fructo fechado, outra do que resta do mesmo depois de aberto, duas sementes mostrando o grão e o hilo e um grão destacado, tam. nat.

Est. XIV — Lundia densiflora, D. C.

a) — Uma folha e uma gavinha, tam. nat.
1. Botões em dous gráus de desenvolvimento, de tam. nat.
2. Uma flôr, tam. nat.
3. Dita aberta, mostrando os estames, tam. not.
4. Base do tubo de uma flôr, com o calyce, cortada verticalmente, mostrando o ovario, e este cortado transversalmento tres vezes augmentado.
5. Um pello do ovario, tres vezes augmentado.
6. Estylo tam. nat.
7. Stigma, tres vezes augmentado.

Est. XV — Flôres monstruosas da lundia densiflora, D. C.

1. Flôr aberta mostrando os cinco estames normaes e cinco unidos formando duas petalas, tam. nat.
2. Outra com seis estames distinctos e quatro petaloides, tam. nat.
3. Outra com seis estames distinctos e quatro petaloides.
4. Outra com seis estames distinctos e tres petaloides e uma petala.
5. Outra com sete estames distinctos, duas petaloides e uma petala.
6. Outra com seis estames distinctos, um petaloide e duas petalas.
Todòs os estames normaes são proliferosos as figuras de tam. nat.

Est. XVI — A. Maripa paniculata, Barb. Rod.

a) — Folha, vista pelo dorso, tam. nat.
1. Flôr, tam. nat.
2. e 3. Sepalos, ibidem.
4. Corolla aberta, ibidem.
5. e 6. Estames e antheras, vistos de face e pelo dorso, muito augmentados.
7. Ovario, estylo e estigma, quatro vezes augmentados.
8. Córte transversal ao ovario, quatro vezes augmentando.

B — Operculina violacea, Barb. Rod.

1. Haste com botões, flôres abertas, e murchas, tam. nat.
2. Secção vertical da flôr, mostrando o ovario e a posição dos estames, duas vezes augmentada.
3. Uma porção ao estylo com o stigma, duas vezes augmentado.
4. Córte transversal ao ovario, idem.
5. Um grão de pollen, muito augmentado.
6. Córte transversal ao fructo, maduro, de tam. nat.
7. Córte de uma semente tam. nat.

EST. XVII — Ipomoea superstitiosa, Barb. Rod.

A. Galho, folha e flôr, de tam. nat.
1. Uma flôr, aberta, tam. nat.
2. Base de um estame, tres vezes augmentado.
3 e 4. Antheras, vistas pelo dorso e de frente, depois da anthese, cinco vezes augmentadas.
5 e 6. Antheras, antes da anthese, idem, idem.
7. Ovario, stylo e stigma, duas vezes augmentados.
8. Grão de pollen, muito augmentado.

EST. XVIII — Nectandra elaiophora, Barb. Rod.

1. Folha, fructo, tamanho natural.
2. Fructo aberto longitudinalmente, idem.
3. Semente, mostrando o embryão, idem.
4. Embryão, muito augmentado.

EST. XIX — A. Roupala yauaperyensis, Barb. Rod.

A. Folha, tam. nat.

1 e 2. Flôres de tamanho natural e trez vezes augmentadas.
3. Flôr fechada, idem.
4. Petala e estame, seis vezes augmentados.
5. Estylo, seis vezes augmentado. *a*. Grão de pollen, muito augmentado.

EST. XX — Linostoma albiflorum, Barb. Rod.

a. Folhas e fructo de tamanho natural.
1 e 3. Flôres de tamanho natural.

2. Flôr aberta, duas vezes augmentada.
4. Uma porção da flôr, aberta, quatro vezes augmentada.
5 e 6 Antheras de frente e pelo dorso, oito vezes augmentadas.
7. Stigma tres vezes augmentado.
8. Ovario, tres vezes augmentado.
1. Fructo, tam. nat.
2. Córte vertical ao mesmo, idem.
3. Córte transversal ao mesmo, idem.

EST. XXI — SIPARUNA FOETIDA, Barb. Rod.

a Galho e folhas, tam. nat.
1 e 2. Flôres femeas, de tam. nat. e muito augmentadas.
3. Córte de uma flôr femea, muito augmentada.
4. Ovario, muito augmentado.
5. Flôr masculina, idem.
6. Córte da mesma.
7. Antheras, idem.
8. Fructo, tam. nat.
9. Córte vertical ao mesmo.
10. Dito horizontal do mesmo.

EST. XXII — ARISTOLOCHIA SILVATICA, Barb. Rod.

1. Galho e flôr, tam. nat.
2. Córte vertical de uma flôr, idem.
3. Antheras e stygmas, tres vezes augmentados.
4. Córte transversal.
5. Fructo, depois da dehiscencia, tam. nat.

EST. XXIII — ARISTOLOCHIA CHRYSOCHLORA, Barb. Rod.

A. Folha de tam. nat.
1. Flôr de tam. nat.
2. Corte vertical da mesma, tam. nat.
3 e 4. Córte transversal, idem.
5. Fructo, tam. nat.
6. Córte transversal do mesmo.
B. *A. silvatica*, Barb. Rod.
Uma folha, tam. nat.

EST. I — Porte do ASTROTARYUM MANAOENSE, Barb. Rod.

EST. II — MAXIMILIANA LONGIROSTRATA, Barb. Rod.

1. Apice de um foliolo, tam. nat.
2. Porção de um foliolo, idem.
3. Spatha, muito reduzida.
4. Ramo de flôres, femeas e masculinas, tam. nat.

5. Flôr masculina, tam. nat.
6. Flôr augmentada.
7. Gyneceo abortivo muito augmentado.
8. Flôr femea, tam. nat.
9. Petala, tam. nat.
10. Calyce, idem.
11. Androceo abortivo, idem.
12. Córte transversal do ovario, idem.
13. Fructo, idem.
14. Córte vertical do mesmo.
15. Córte transversal do mesmo.

PALMAE AMAZONENSIS NOVAE

Palmae Amazonensis novae

AUCTORE

J. BARBOSA RODRIGUES

Direct. Musei bot. Amàz.

1884-1886

Ordo **PALMAE** Endll.

Tribu COCOINAE Mart

Gen, **GEONOMA** Willd.

Geonoma Beccariana Barb. Rod. (*Sertum Palmarum, MSS.*(*) *et in Herb. Mus. bot. Amaz. n. 154.*) Caudex elatus gracilis caespitosus 6-10 foliis contemporaneis; folia simplicia bifida utrinque 19-20 nervis, triangulari-falcata acuminata longè mucronata; spadix brevissime pedunculatus multi-ramosus, ramo inferiore ramificato, pedunculo brevi cylindraceo rachi duplo majore, ramis patentibus incurvatis apice laeviter mucronatis; alveolis immersis in spira tristichis; flores fem. calyce trisepalo, sepalis oblongis concavis obtusis marginibus argutè serratis, petalis connatis usque ad medium concavis subacutis.

Caudices 4-10 contemporanei, 2-2^{m}50×0^{m},006—0^{m},010 remote-annulati, flavidi. *Folia* arcuato-patentia; *lamina* 0^{m},54×0^{m},11 lg.; nervis utrinque elevatis. *Spadicis* pedunculo 0^{m},035 lg.; rachis 0^{m},070 lg.; ramis 10-contemporaneis 0^{m},20—0^{m},27 lg.

HAB. *in silvis humidis ad ripas* Rio Negro, *propè* Kuireru; *prov.* Amazonas.

Obs. Em Setembro de 1884, encontrei esta especie sem flores ou fructos, tendo alguns exemplares apenas os espadices perfeitos, porém seccos, pelo que não pude

(*) Esta obra que ainda se conserva manuscripta, tem sido, comtudo, exposta em varias Exposições Nacionaes, e contém quasi duzentas estampas coloridas, representando as partes das plantas de tamanho natural, pelo que forma um in-folio de grande dimensão, que comprehende todas as minhas especies novas.

NOTA DO AUTOR.

examinar senão algumas flores femininas, já com os ovarios estragados. Apezar porém d'essa falta, que mais tarde compensarei, apresenta ella caracteres que a distinguem de todas conhecidas até hoje, em vista do que me apresso em apresentar sua diagnose para não perder o direito na prioridade da classificação. Dedico a ao meu illustre amigo *Eduardo Beccario*, botanico florentino, a quem o mundo scientifico deve o conhecimento das novas palmeiras da Malasia e das ilhas da Papua, publicadas em sua *Malesia*, trabalho de grande valor scientifico e que revela a maior erudição no autor.

Gen. DESMONCUS Mart.

1. Desmoncus macrocarpus (Barb. Rod. *loc. cit. n. 142.*)
Caudex crassus validus scandens caespitosus foliis magnis approximatis vestitus ; folia erecto-patentia longa, vaginâ et ochreâ cylindraceâ aculeis setulosis nigris pungentibus a basi callosis densi obtectâ ; petiolo valido brevissimo intus et extus aculeatissimo dorso convexo-anguloso, rachi aculeis setulosis nigris tecto, intus bifaciali-anguloso, extus convexo, foliolis 4-5-jugis lanceolatis acutissimis suboppositis v. sparsis ad basin aculeis nigris compactis armatis, nervurâ mediâ utrinque aculeis magnis armatâ, flagello valido inermi spinis 6-7 jugis magnis, spatha exterior brevis laevis, interior lanceolata mucronata cculeis nigris erectis densè armata ; spadix longè pedunculatus erectus ramosus, pedunculo usque ad rachis densè aculeatos, rachis inermis; rami 14-16 validi; flores ignotae. Drupa magna oblonga, mesocarpio succulento putamine osseo fusco.

Caudex flexuosus 5-6 m. altus et 0^m,025—0,0^{m}030 in diam. *Folia* 1^m,80 =I^m,85 lg,. *Flagellum* 0^m,62—0^m,65 lg.. *Foliola* 0^m,18—0^m.28× 0^m,03—0^{m}04 Ig. *Spinae infimae* 0^m,020 Ig., patentes v. reflexae. *Aculei* vaginam investiunt erecti, pungentes, acuti 0^m,002—0^m,006 Ig., supra petiolum erecti compacti 0^m,01—0^m,02 Ig.. *Spatha* interior usque ad rachin 0^m,22×0^m,05 lg.. *Spadix* ochreis inclusis. *Pedunculus* totus 0^m,23 Ig., parte libera 0^m,07 lg.. *Rami* 0^m,05—0^m,08 lg.. *Drupa* oblonga in vertice brevissime apiculata 0^m,025×0^m,015 lg,, rubra; *mesocarpio* flavo. *Putamine* 0^{m}0,022×0^{m}011 lg.

HAB. *in Brasilia aequatoriali, in silvis aboriginibus, ad flum,* Yauapery, *qui in* Rio Negro *influit. Indii* Makuchy *vocant* Uaiapé. *Fruct in Junio.*

Obs. Esta magnifica especie, que forma grandes soqueiras, a que os indios vulgarmente denominan Yacitara, de *Y-acê-tára, o que prende os individuos*, cresce nos lugares humidos, á margen do rio Yauapery, e muitas vezes fica dentro d'agua, subindo ás arvores das margens, agarrada pelos ganchos de suas folhas. Os fructos são os maiores do genero.

Cabe-me aqui a dar uma ligeira noticia da vegetação do rio Yauapery e dos resultados botanicos das escursões que n'elle fiz.

Incumbido, em Janeiro de 1884, pelo Governo Provincial do Amazonas, por conta do Ministerio da Agricultura, de pacificar uma tribu de selvagens que habitam o rio Yauapery, afluente do Rio Negro, tribu que ha longos annos, por suas correrias, e malvadez, trazia em sobresalto as povoações do mesmo rio, dirigi-me em Março do mesmo anno para esse porto, afim de desempenhar essa commissão.

Posto que essa obra fosse unicamente humanitaria e não scientifica, não deixei, comtudo, de fazer alguns estudos todas as vezes que o tempo e as circumstancias m'o permittiam.

Percorridas as margens pelos selvagens, ignorando-se o logar de suas habitações, sabendo-se apenas que silenciosamente accompanhavam, longe de olhares estranhos, as canôas que sulcavam as aguas, não podendo-se por isso navegar senão pelo meio do rio, afastado das margens, sendo-se obrigado a dormir sobre as aguas, chegando-se até a preparar comida dentro da propria canôa, não me foi possivel tentar uma só herborisação, durante minha primeira excursão, até o dia em que encontrei os selvagens pela primeira vez.

Contentava-me em vêr as lianas suspensas e as arvores esmaltadas por flores variegadas. Respeitava-as, entretanto, deixando-as guardadas pela ponta das flechas selvagens que imaginavamos existirem por toda a parte.

Depois do primeiro encontro, tendo tido depois a felicidade de pacificar os selvagens da tribu, cujo nome, *Krichaná*, até então era desconhecido no baixo Rio Negro, ainda não me sobrava tempo para entregar-me á *res herbaria*.

Durante todo o dia, ou parte delle, rodeado de selvagens,em explicações diversas, nada podia fazer. As horas que me restavam serviam para descanso e restabelecimento das forças perdidas no exercicio barbaro de dansas forçadas, ao rigor do sol em praias arenosas.

Nas excursões que se seguiram, emquanto esperava os selvagens aproveitei o tempo correndo as mattas, sem me afastar dos poucos companheiros que ficavam de guarda á canoa, sempre ao alcance da voz de chamada, não podendo afastar-me para longe, já pelo receio que tinham os meus quando delles me separava, já para não deixar de receber os selvagens logo que se approximavam, e tranquilisal-os com minha presença.

Apezar disso, porém, consegui juntar uma colleção não destituida de interesse. Seria ella maior si a epoca da florescencia me protegesse.

Infelizmente raras eram então as plantas ao alcance da mão que se apresentavam floridas e difficil se tornava a obtenção de outras, que, em grande altura, só se poderiam possuir cortando troncos a machado.

Restringi-me, pois, áquillo que as margens me offereciam, durante a passagem e não pequena foi a messe, que constitue para a sciencia uma boa contribuição.

Vou dar aqui, em rapido esboço, uma ideia das margens do rio e da vegetação que as cobre.

O Yauapery corre em um valle de terrenos de alluvião moderna até algumas leguas acima da foz, alluvião formada pelo antigo Rio Negro, cujo leito tem-se modificado pela grande diminuição das aguas. Isto faz com que a vegetação seja toda igual á desse rio e só se encontrem florestas primitivas em uma ou outra ponta de terra firme que se adianta para o rio.

Essas margens baixas que formam vargens e que se alagam pela repreza das aguas que tudo destroem e onde não apparecem as madeiras reaes e só cresce uma vegetação rasteira, são invadidas por gramineas que, apossando-se dos terrenos, os esterilisam.

Só mais tarde, quando a grande camada de restos putrefactos começa a formar *humus*, surgem hervas e arbustos que, transformando-se com o correr dos annos, formam uma floresta baixa, intrincada pelos cipoáes de *Banisteras*, *Ipomoeas*. *Jacquemontias*, *Allamandas*, *Bignonias* e *Sapindaceas* que cobrem os galhos, fazendo desapparecer a ramagem, matando muita vezes a arvore protectora e dando um aspecto exquisito á paisagem que toma formas caprichosas de montanhas, columnas, atrios e alpendres de verdura trepadora.

Ahi vêm-se as *Cecropias* ,o *Salix Humbold iana*, as *Swartias*, os *Bombax* (piriquiteira) as *Eugenias*, os *Triplaris* (tachy), algumas *Lucumas*, as *Plumerias*(makukú). as *Tabernaemontanas*, as *Guatterias* e *Rollinias*, o *Astrocaryun Jauary*, o *Bactris bidentula*, um ou outro *Desmoncus*, algumas *Geononas*, a *Clitoria Amazonum* e as *Clusias* matadoras, quando a floresta vai adiantada em annos.

Elevando-se deste modo o terreno, solidificado pelas raizes onde se accumulam os detritos que as aguas acarretam, começa a formação das terras altas onde apparecem as *Melastomaceas*. *Alchorneas*, *Artanthes*, *Ottonias* e *Piperomias*; os *Ingás*, *Cassias* e *Piptadenias* e as *Parkias*, as *Seringueiras*, como as *Hevea Spruceana*, *Brasiliensis* e *Guyanensis* que dão a gomma elastica ordinaria, vendo-se comtudo a *Hevea discolor* Muell., que dá a verdadeira borracha.

Unindo-se esses terrenos á terra firme, notamos a *Pentaclethra filamentosa* Mart., a *Maximiliana regia*, a *Euterpe edulis*, a *OEnocarpus baccaba*, as *Qualeas*, os *Orchideas* representada por varios generos, os *Philodendruns*, cujas raizes pendem das arvores, os *Hyospathes*, as *Geomonas pychnostachys* e *acaule*, em sociedade, e os *Astrocaryuns mumbaca* e *gymnacanthum*.

As madeiras cujo cerne a mercenaria,as construcções e a industria reclaman, têm como representante o pào rôxo *(Peltogyne)*, o *Copaifera*, os *Acrodiclidiuns*, conhecidos por itaúba, as *Nectandras* e *Aydendruns* (louros e puchiris) e os *Mespilodaphnes*. Torna-se notavel a *Boiaaçu*, *(Oreodaphne Cayanensis)*, cujas folhas de um bello tom argentado se destaca do verde escuro da folhagem.

As *Leguminosas*, *Laurineas*, *Euphorbiaceas*, *Sapotaceas*, *Apocynaceas*, *Myrtaceas*, etc., formam o docel da floresta, á cuja sombra crescem os *Rubiaceas*, as *Marantas*, as *Helosis*, as *Voyrias*, e uma multidão de pequenos arbustos, typos de differentes familias, cuja enumeração seria longa,

Finalmente, encontrei pelas matas, representados por cinco especies dos generos *Couratari* e *Tecoma*, os *tauarys*, cujo liber os naturaes aproveitam para *mortalhas* de cigarros.

E' enorme a riqueza vegetal dessa região, quer a tomemos pelo lado scientifico, quer pelo commercial. Entretanto o trabalho não encontra compensação, em consequencia da distancia que separa os individuos. Havendo boas *seringueiras*,, *copahybeiras*, *pão cravo*, etc., não existem seringaes, copahybaes, etc.

O trabalho nesso ponto poderá ser sempre bem recompensado, porém nunca com a presteza e facilidade em geral exigidas.

Como recordação desses lugares que percorri, onde por vezes minha vida perigou, consigno nestas paginas não só a especie acima, como outras que se acham distribuidas por familias differentes.

2. D. nemorosus (Barb. Rod. *loc. cit. n.° 150.*) Caudex tenuis caespitosus longê scadens; folia gracilia, vagina aculeatâ aculeis minimis erectis e basi gibbosis, conicis, ochreâ densè aculeatâ aculeis brunneis argutè setosis, petiolo minimo laeviter setoso costâ super angulosâ subtus convexâ aculeis incurvis e basi gibbosis conicis armata, foliolis subboppositis 4—jugis 1—2 aproximatis elliptico-lanceolatis acuminato-cuspidatis, flagello sparsim aculeato aculeis uncinatis basi gibbosi spinis 8—4 jugis e basi validâ tumescente gracilibus subulatis; spadix longê et incluse pedunculatus parte emersâ quam costa multo breviore 5—6 ramosus, rachi gracili ramos tenues; spatha exterior minutissime aculeata, interior longe vaginans, in basi parve setulosa deinde in parte aperta usque ad apicem rostrato acuminata aculeis e basi gibbosi tenuibus rectis vel incurvis dense armata ; florum fem. calyx annularis truncatus tridentatus, corolla triplo majora urceolata tridentata; ovarium corolla longê emergens ampullaceum stigmatibus recurvis; drupa minima coccinea.

Caudex 3—6 m. altus, 0m005 —0m,006 diam. *Folia* 0m,60 lg.; ochrea 0m,08—0m,09 lg.; *foliola* 0m,115—0m,165×0m,015—0m,030 lg., subtus in nervurâ medianâ aculeata, *Spatha* parte aperta 0m,166×0m, 0,20 lg. aculeis brunneis 0m,001—0m005 lg. armata. *Spadix* omnino laevis 0m,002 diam,, *rachi* 0m,06 lg.

HAB *in silvis ad ripas flum.* Yauapery in Rio Negro. *Florebat in Octobri. Indii Makuchy vocant* Kamuá.

Obs. Para um olhar pouco acostumado á observação minuciosa, esta especie seria tomada pelo *D. phêngophyllus* de Drude, que, em duvida, levou á synonimia desta o meo *D. olygacanthus*, que se afásta de ambas. O *phengophyllus* tem os aculeos da vagina das folhas longas e erectos, quando os da especie de que se trata são pequenos filiformes, com a base gibbosa. Os foliolos daquella são alternos e os desta inermes por pares, tendo a nervura media superiormente aculeada, na base e inferiormente munida de 2-3 espinhos longos ; a spatha em uma tem os aculeos erectos e incurvos, em outra recurvos; na minha especie o espadice tem 4-8 ramos, na de Drude 16-20.

Existem ainda outras differenças nas flores e nas bracteas. Entre o meu *oligacan-*

thus e a que agora descrevo, além da fórma da espatha que é differente. Este orgão n'aquella é pendente e nesta erecto, como tambem é no *phengophyllus*. O *oligacanthus* tem os espinhos do peciolo gancheados (uncinatus) e os da vagina de 0m,01—0m,02 de comprimento. Entre as tres especies ha differenças que as separam.

3. D. caespitosus (Barb. Rod. *loc. cit.*) Caudex tenuis scandens caespitosus; folia longè vaginantia, vaginâ in ochream aculeolis setiformibus brevibus basibus incrassatis tectâ, petiolo brevissimo canaliculato inermi, rachi supra plano subtus subanguloso aculeis unciformibus ad basin incrassatis tecto, foliolis irregulariter jugatis 10—12 utrinque lanceolatis acuminatis marginibus undulatis basi attenuatis; spadix longè inclusus, pedunculo erecto argutè aculeato, rachi brevi inermi ramis 12-13 contemporaneis ad basin compressis; spatha exterior inermis, interior late-lanceolata acuta densè argute aculeolata; florum masc calyx tricuspidatus brevissimus, petala lanceolata acuta androcaeum pluries superantia, staminibus in filamentis brevissimis disco, insertis; florum fem. calyx annularis truncatus tridentatus, corolla urceolatatruncata calycem quadruplo excedente ad oram pilis ciliata; gymnaeceum e corolla longè emergens stigmatibus tridentatis.

Caudex tenuis, 3—5 m. altus, 0m005—0m007 in diam.. *Petiolum* 0m,70 lg., *flagellum* 0m,31 lg., *spinae* 6-juga e inferiora foliosa. *Spadicis* pedunculo 0m,29 lg., parte libera 0m05, spatha exterior laevi acuminata interior 0m 14×0m,05 lg.. *Flores* lutei. *Drupa* ignota.

HAB. *in silvis* capoeiras *in* Serra do Rodeio, *prov*, Rio de Janeiro. *Floret in Decemb.*

4. D. Philippiana. (Barb. Rod. *l. cit. n. 212.*) Caudex tenuis; folia gracilia vaginâ primitiva pauci aculeatâ, aculeis basi incrassatis patulis horridis petiolo brevissimo vel sub-nullo, rachi ad basin canaliculato post bifaciali dorsaliter aculeato aculeis uncinatis basi gibbosis, foliolis oppositis aculeis distitutis, 8-utrinque contemporaneis lineari-lanceolatis acuminatis, flagello rachi aequaliter aculeato, aculeis e basi gibbosa uncinatis, spinis subulatis 5-jugis armato; spadix foliis quadruplo brevior 6-7 ramosus, spatha interiori lineari-lanceolata mucronata aculeis minimis uncinatis e basi gibbosa pauci armatâ; florum masc. calyx minutissimus tridentatus, petala lanceolata acuminatissima; fem. calyx tridentatus, corolla profunde tridentata duplo majori. Drupa ?

Caudex 5m—6mlg.,0m006—0m008 in diam.. *Folia* 0m80 lg., *foliolis* 0m12—0m,20×0m,016—0m032 aculeis nigris, minimis utrinque armatis.

HAB. *in silvis humidis propè* Manáos, *prov.* Amazonas. *Florebat mensibus Setembri.* Yacitara *in lingua generali.*

Obs. A confrontação da especie acima com as que já se acham descriptas, pelos caracteres da diagnose supra, me leva a consideral-a desconhecida da sciencia, pelo que, como homenagem ao sabio amigo Director do Jardim Botanico de Santiago do Chile, autor do *Catalogus plantarum vascularium Chilensium*, o Dr *Frederico Philippi*, á elle a dedico.

8. D. macrodon (Barb. Rod. *loc. cit. n. 614.*) Caudex tenuis; folia gracilia, vaginâ et ochreâ minuté aculeis brunnei setiformibus obtectis, petiolo sub nullo, rachi elongato aculeis minimis e basi gibbosâ reflexis in acumen subtile nigrum productis hamatam excurrente, flagello gracilimo rachi sub triplo minore versus apicem inermi, spinis 3-jugis subulatis armato, foliolis irregulariter 7-8-jugatis planis lineari-lanceolatis longissime acuminatis et cuspidatis; spadix costa duplo minor, spathâ superior longé vaginans; aculeis in parte apertâ usque ad apicem e basi gibbosâ canescente brunneo-acuminatis reflexis pungentibus dense armatâ, rachi gracili ramos tenues 8-contemporaneis laxe et distiche exserentes inferioribus rachi triplo minoribus; florum fem. calyx corollâ triplo minor annularis tridentatus, corolla cupulliformi conica tridentata dentibus elongatis digitiformibus corolla duplo minoribus stigma excedentibus; drupa globosa minima coccinea.

Caudex 3m—5m lg. et 0m003—0m004 in diam., caespitosus scandens; *Folia* 0m,50 lg., rachi 0m,30 lg., *flagello* 0m,20 lg.; *foliolis* in acervos subopposititis 1-2, raro 3-4 jugis 0m,10—0m12×0m,010—0m,015 lg.. *Spadix* supra ochream 0m,12—0m,24 lg., *rami* 8-10 exserentes 0m,04 —0m,08, rachi om,13—0m,17 lg.. *Flores* fem. 6-17 contemporanei 0m,002—0m,003 lg., in scrobiculis densis dispositi.

HAB. *in dumetis ad marginibus lacûs* Yauary, *propè* Itakoatiara, *in flum.* Amazonas, *Florebat Octobri.*

Obs. Entre as especies *Eudesmoncus* consignadas por Drude na *Flora Brasiliensis*, cujas espathas têm *aculeis a basi gibbosa conicis induratis uncinatis horrida*, divisão que comprehende os *D. polyacanthus* Mart., *phengophyllus* Dr., *leptoclonos* Dr e *setosus* Mart. onde incluo o *nemorosus*, o *Philippiana* e o *oligocanthus*, especies minhas já descriptas, não se encontra a de que trato que é bem caracterisada pelos longos dentes da corolla que excedem o estigma. A armadura das vaginas, a disposição dos foliolos e seu tamanho, o pouco comprimento do espique, o aspecto geral, emfim, a separa de todas as especies conhecidas. O nome especifico que proponho caracterisa a particularidade dos grandes dentes da corolla, semelhantes a tres dedos.

Gen GUILIELMA Mart

Guilielma speciosa Mart. *var.* **coccinnea** Barb. Rod. *Enum. Palm. Nov. pag. 23*; var. **flava** Barb. Rod. *loc. cit. pag. 23*; Mart. *Flor. Bras., pag. 363.*

Var. **ochracea** (Barb. Rod. *loc. cit. n° 303.*) drupa oblonga ad basin truncata 0m,038×0m,036; calix corolla persistentes, calycem annuliformem corolla multo minorem marginibus irregulariter fissis, basi drupae subconcava qua condictur corolla, epicarpio glabro lucente flavo-ochraceo, mesocarpio amylaceo oleoso-fibroso flavescenti, endocarpio subrotundo marginibus pororum erectis fibris reticulato; albumine corneo excavato; embryo conico minimo.

HAB. *in silvis primaveis flum.* Yauapery, *in* Rio Negro. *Fructi maturescunt April. Indii* Krichanâ *vocant* Tepiré.

Destas variedades do *Guilielma speciosa* Mart., as duas primeiras foram reconhecidas e publicadas na *Flora Brasiliensis*. Addiciono agora mais uma terceira que os indios Krichanás cultivam para alimentação, servindo-se dellas cozidas, em massa ou em vinho a que dão o nome de *uakurò*. O nome *pupunha* que Martius pela pronuncia alemã chama *bubunha* é uma corrupção de *pipiynha* ou pelle vermelha, côr de fogo, de *pir*, pelle epiderme e *pyè*, braza. A variedade *mitis* Dr. cultivada no Passeio Publico do Rio de Janeiro, communicada pelo Sr. Glaziou é o typo do *G. speciosa* Mart., que é a mais cultivada, apresentando por isso geralmente o espique sem espinhos.

Todas as variedades crescem em *soqueiras*.

Gen. BACTRIS Jacq.

1. Bactris Gastoniana (Barb. Rod. *loc. cit. n. 362.*) Caudex brevissimus inermis ; vaginâ aculeis minimis sparsim vestitâ, petiolo rachique aculeis longis subulatis armatis, foliolis utrinque bijugatis, supremis latioribus ; spadix recurvos rachi breviore, spathâ aculeatissimâ ; drupa oblongâ obovoidea magna glabra vertice acuto nigropurpurea.

Caudex solitarius 0m,1—0m,2×0m,10—0m,12 lg., infernè nudus supernè vaginis aculeatis obtectus, inermis. *Folia* 0m,95 lg., 5-6-contemporanea, longê petiolata; *petiolo* 0m,35 lg. tomento brunneo tecto, aculeis compressis nigris, horridis, subulatis, 0m,03—0m,05 lg., 1-5-zonatis armato ; rachi tomentoso, supra bifaciali, subtus plano, aculeis magnis sparsim armato; *foliolis* marginibus aculeolatis, lineari-falcatis, acuminatissimis 8-9 utrinque, bijugatis,jugis alternis inferioribus sub erectis (0m,27—0m,22×0m,02—0m,03) mediis patentibus, (0m,24×0m,038—0m,040) omnibus uninervis, supremis 5-nervosis (0m,27—0m,055—0m,075) nervis supra prominentibus in supremis ad apicem aculeolatis. *Spatha* exterior lineari lanceolata, acuta, bialata badio tomentosa, inermi, 0m,10—0m12×0m,014—0m,016 lg ; interior triplo major, arcuata, aculeis ater-brunneis minimis densê armata, acuminata. Spadix arcuatus, gracilis, pedunculo badio-tomentoso in apicem densè aculeato aculeis minimis, 0m,17×0m,002 lg., rachi multo minore crassiori, densiflori, *Florum* fem., post anthesin calyx corolla subaequalis urceolatus laeviter tridentatus inermis; *corollâ* badio lepidotâ, ovario aequali laeviter tridentata, *ovarium* ovatum, basi attenuatum, glabrum. *Drupa* 0m.030 0m,014 lg., brevissimê rostellata, umbonata ; epicarpio tenui, fibroso ; putamine osseo, flavescenti, oblongo, apice acuto, supra medium foraminibus evolventibus fibrae plurimas cum mezocarpio cohaerentibus ; *albumine* solido, corneo ; *embryo* minimus, conicus.

HAB. *in silvis primaevis propè* Manáos, *ad* Cachoeira-grande. *Fruct, Decembri.*

Obs. Pelos fructos e pelo porte esta especie se approxima muito do meu *Bactris oligocarpa*, porém afasta-se na disposição e forma dos foliolos, pela espatha interior aculeada, e pelo pedunculo do espadice curvo e aculeado.

Entre as especies de espadices simples, que o sabio professor Drude, apresenta na sua monographia publicada em 1882, não se encontra esta. Com este caracter apenas onze especies são conhecidas, pelo que vem mais esta mostrar qne a provincia do Amazonas é a que se orgulha de ter em seu seio maior numero de mem-

bros d'esta familia, caracterisada por Linneo como sendo a dos principes da flora universal. Devo dar a razão da denominação especifica que impuz a esta palmeira, uma das mais elegantes e propria para ornamentação de jardins e salões. Em 1886 herborisando eu e procurando alguma planta ornamental que podesse figurar na Exposição de floricultura que, annualmente, fazem Suas Altezas Imperial e Real a Sra D. Isabel e o Sr. Conde d'Eu na cidade de Petropolis, tive a ventura do encontrar esta especie, representada por muitos exemplares, infelizmente só com fructos. Transplantei um pé, que por não ter havido em 1887 a dita exposição, só em Maio de 1888 figurará. O facto de ter sido o achado motivado por um pedido de Sua Alteza e de ter de figurar ella em uma Exposição promovida pelos mesmos regios protectores da floricultura, e symbolisando as palmeiras o poder, a grandeza e a magestade, entendi dever denominal-a *Gastoniana*, dedicando-a ao Augusto Principe *Gastão de Orleans*, Esposo da mesma Imperial Senhora.

2. B. Krichaná (Barb. Rod. *loc. cit. n. 152.*) Caudex gracilis caespitosus aculeatus tomento tabacino tectus; folia 12-14 contemporanea, vaginâ dorsaliter aculeatâ aculeis basi incrassata racurvis tomento tabacino tectâ, petiolo super aculeato sulcato rachi inermi super bifaciali, foliolis inferioribus 2-jugatis lineari falcatis acuminatis longé cuspidatis superioribus connatis 9-nervatis furcatis lato-falcatis acuminatis omnia marginibus argutè setulosis; spadix in ramis 4-partitus. Spatha aculeata aculeis brunneis.

Caudices 9—10 contemporaneis, 1^{m}—1^{m},40×0^{m},010—0^{m},015 subtus cicatrices internodiorum aculeati, aculeis 0^{m},010—0^{m},025 lg. compressis. brunneo-nigris, horridis. *Folia* 0^{m},77—0^{m},78 lg. ;*vaginâ* 0^{m}20, lg., subinermi; *petiolo* 0^{m},15 lg.; *foliolis* inferioribus 0^{m},019—0^{m},022× 0^{m},30—0^{m},040 lg., parte cuspidata 0^{m}10—0^{m},12 lg,. superior 0^{m}, 44×0^{m},12 lg., cum nervis supra elevatis ; spadix 0^{m}, 12 lg.

HAB. *in silvis primaevis et humidis ad Rio* Yauapery *et ad ripas* Rio Negro *propê* Kuireru.

Obs. Quando, no mez de Setembro encontrei esta especie, não vi um só exemplar florido ou com fructos; apenas encontrei espathas e espadices imperfeitos. Apezar disso, porém, notando caracteres que a distinguem das especies descriptas por Martius, Spruce, Trail e Drude, e, tendo-a por nova como tal a diagnostico. Segundo o exemplo do saudoso mestre o sabio Dr. Martius, que entre as Lauraceas deu a varias especies novas nomes de tribus salvagens, como os *Sparantanthelium Borororum*, *Tupiniquinorum*, *Botucudorum* ;procedendo do mesmo modo Humboldt que deu a uma Bignonea o nome de *Carichanenses* por tel-a encontrado em uma aldeia de indios Krichanás, nas margens do Orenoco, dei á de que se trata o nome de Krichaná, não só por encontral-a na região dominada pelos selvagens desse nome, como por empregarem elles, o espique d'esta palmeira nas hastes das flechas que usam na pesca.

3. B. penicillata (Barb. Rod. *loc. cit. n. 213.*) Caudex 1—3 m. lg. ad internodia aculeis complanatis nigris per acervos armatus ; petiolus et vagina tomentosi aculeis brunneis complanatis dense armati, foliolis irregulariter dispositis 2—5 utrinque in apicce laminâ magnâ bifidâ, lanceolatis--falcatis longê acuminatis; spatha exterior inermis, interior lanceolata mucronata tomentosa aculeis brunneis penicillatis armata ; spadix pedunculo inermi v, argutè aculeato 6—8 ramosus ; flores masc. calyce brevissimo longê trifido, corolla calyce duplo majore ; fem. ante anthesin calyce inermi tridentata duplo corollâ majore post triplo minore, corolla tridentata setulosa ante anthesin dupliminore calyce post triplo majore; drupa ignota.

Caudex caespitosus 1—3 met. lg., 0m010—0m18 in diam., remotè annulatus aculeis 0m,010—0m,035 lg,. subulato-compressis, nigris armatus, *Folia* 1 met. lg. inaequaliter pinnatisecta, *petiolo* et *vaginâ* 0m,40 lg. aculeis brunneis 0m,010×1m,025. retrospectantibus; rachi inermi rara ad basin aculeato: foliolis 0m,20×0m,50, alternis, ad basin oppositis, 0m,04—0m19 inter se distantiâ, foliolo summo integro, 7—8 nervato, nervis supra salientibus. *Spadix* patens, denique nutans, 0m,20—0m,22 lg., pedunculo compresso, 0m,10 —0m,12 lg; rachi 0m,020—0m,022 lg.; *Spatha* exterior 0m,10 lg., interior 0m,26 lg,, densè aculeata, aculeis brunneis, compressis, penicillatis, imbricatis. *Flores* masc. densissime congregati fem. omnino obvelantes, qui prioribus delapsis ramorum tertio inferiore apparent. Drupa?

HAB. *in silvis aboriginibus ad* igarapé da Cachoeira, *prope* Manáos, *prov.* Amazonas, *Florebat Octobri,*

4. B. formosa (Barb. Rod. *loc. cit. n. 601.*) Caudex solitario v. raró 3—4 caespitosus tenuis pauci aculeatus fusco-tomentosus, vagina atro-aculeata fusco-tomentosa; petiolus brunneus tomentosus inermis longe-cylindraceus; foliolis linearibus concinnis acuminatis sub oppositi utrinque 30 ferê aequidistantibus secus nervos et margines in facie inferiore minutissime setosis; spadix parvus pedunculo densè setoso inflexo patente ramis 2 densifloris; spatha lanceolata mucronata erecta densè aculeata; corolla fem. calyce minutissimo multo major densâ hirto-setulosa tridentata, ovarium setulosum; drupa?

Caudex tenuis annulatus, vaginis persistentibus densê aculeatis involutus, fusco-tomentosus, aculeatus, aculeis minimis appressis, 1—2m ×0m,012—0m015 lg., internodiis 0m,04—0m,006 lg., *Folia* 1m,20 lg., gracilia 3—4 contemporanea; *vagina* 0m,16 lg. ad basin badio-flocoso-tomentosa, aculeata, aculeis minimis appressis; *petiolo* foliis majore, 0m,60 longo, inermi; rachi 0,44 lg., supra minutissimè brunneo-setuloso, subtus inermi foliola superiora minora, 0m,12×0m,006, media et inferiora aequalia, 0m,25×0m01 omnia lineari-lanceolata, acuminatissima, supra glabra, subtus in nervis setosa. *Spadix* parvus, 0m,1 lg., pedunculo compresso, arcuato, densè setoso, ramis 0m,04—0m,05 lg., scrobiculato. *Flores* fem. virides, calyce minutissimo, annuliformi, tridentato, inermi; corollâ cylindraceâ densè setosâ, tridentatâ, urceolatâ. Drupam non vidi.

HAB. *in silvis primaevis* ad Tarumá-miri, *in* Rio Negro, prov. Amazonas. Floret Aprili.

Obs. Forçadamente poderia identificar esta especie com a minha *B. syagroides* ou com a minha variedade da mesma a *linearifolia*, porque si, pelas folhas como que se approxima, pelos aculeos da vagina e principalmente pelo numero de ramos do espadice, semelhante ao do *B. cuspidata* Mart., a afastam da *syagroides*, que os conta de 5 a 8. A mesma disposição das folhas para quem conhece as plantas, pelo vivo, a afasta muito de todas as especies conhecidas já pelas formas e aspecto, já pela elegancia que ostenta chamando a attenção de quem por ella passa, pelo que appliquei o uome especifico acima, que bem a distingue.

5. B. Tarumanensis (Barb. Rod. *loc. cit. n. 266.*) Acaulis : folia longissima, petiolo inermi, vagina aculeatissima, foliolis imparipinnulatis per acervos dispositis alternis linearibus falcatis longissime acuminatis ; spadix spathâ aculeatâ, rachi brevi ramos 33 contemporaneos tenues graciles quam ipsa majores densifloros exserente ; corollâ fem. calyce aequante aculeatâ ; drupa subglobosa coccinea aculeolis nigris densa obtecta.

Planta solitaria. *Folia* 2^{m},60 lg., patentia et sub-erecta, irregulariter pinnatisecta, foliolis per acervos dispositis alternis, 1—3—5 contemporaneis; *petiolo* vaginante (vaginâ 0^{m},40., aculeis nigris, compressis 0^{m},01—0^{m},04 lg. armatâ) inermi, cylindraceo, 0^{m},60 longo, rachi inermi, trigonâ 1^{m},60 lg., dorsaliter brunneâ tomentosâ, foliolis e basi conduplicatâ, nervo medio superne prominente, inferioribus 0,02^{m}×0^{m},60 lg., linearibus,caudato-acuminatis, medianis 0^{m},20×0^{m}, 45 lg. acuminatissimis, terminalibus 5 conjunctis 0^{m},07×0^{m},40 lg., marginibus inermis. *Spadix* 0^{m}20—0^{m},22 lg., spatha inferiore 0^{m}, 12×0^{m},04 lg., tomento brunneo dense obtectâ, superiore ventricosâ, mucronatâ, aculeis tenuibus, setiformibus. 0^{m},004—0^{m},005 lg., brunneis, densè obtectâ, pedunculo valido, cylindraceo 0^{m},008 in diam., tomento brunneo et aculeis minimis dense obtecto, rachi brevi 0^{m},08 lg., ramos tenues flexuoso 0^{m},05×0^{m},010 lg., *Flores* masc. non vidi; fem. vix 0^{m},003 lg., calyce cupuliformi, laevi, obscuré tridentato, corolla magnitudine; corollâ capulari tridentatâ, setis minimis armatâ,germine oblongo, ad basim setulifero, apice stigmatifero. *Drupa* globoso-turbinatâ, vertice depresso, diametro 0^{m},012, pericarpio coccineo, aculeolato, aculeolis atris sparsim obtecto. mezocarpio pulposo albo, endocarpio osseo, nigro.

HAB. *in silvis primaevis ad* Rio Tarumá, *in* Rio Negro, *prov.* Amazonas. *Floret et fructificat* Aprili.

Obs. Sendo á primeira vista, pelos fructos, muito parecida com *a B. acanthocarpa*, de Mart., afasta-se todavia em ser perfeitamente acaule, viver solitaria, ter as folhas imparipinnuladas, o rachis inerme, os foliolos glabros e inermes inferiormente, em ter o pedunculo do espadice muito aculeado, o calice das flores femeas igual á corolla o esta setosa, A' primeira vista, pelas espathas e pelos fructos toma-se-a por uma *acanthocarpa*, porém, examinada mais attentamente, encontram-se differenças que a levam para longe da de Martius. O professor Drude estabeleceu para a especie de Martius uma variedade, a *crispata* da qual suppõe a minha *B. acanthocarpoides* synonima, quando é especie inteiramente nova e differente, já no habitus, já em todos os detalhes dos orgãos appendiculares e reproductores, tendo além disso tamben differente a côr dos fructos, amarellos e não vermelhos. Si o notavel professor e director do Jardim Botanico de Dresda visse os exemplares vivos jámais entraria em duvidas. Não levo a considerar qualquer variedade, baseado em pequenos detalhes, como especie, pelo gosto de multiplicar e crear novidades ; pelo contrario, restrinjo muito, considerando mesmo o que para muitos é especie como simple variedades. Não acompanhando a doutrina evolucionista, seria considerado retrogrado, mas como Linneo ainda digo : *Species tot sunt diversae. quod diversae abintio creavit infinitum ens.* O que considero especie é sempre a que se reproduz com os mesmos caracteres qualquer que seja o terreno, qualquer que seja a latitude. Apresentando esta nova especie, aproveito a occasião para reivindicar aqui ainda uma vez a especie minha *acanthocarpoides*, de que é muito distincta.

6. B. bifida Mart. *Palm. Bras. 105 tab. 73 C.;* Kunth *Enum. plant.* III. *pag. 265.*; Spruce *Palm. Amaz. 150 ;* Trail *in Journ. of*

Bot. 1877, pag. 47; Drude *Flor. Bras. vol. III. pars II, pag,* 322 *n.* 2.

Spatha exterior lanceolata acuta tomentosa $0^m,140 \times 0^m,17$, glabra, interior incurva lanceolata badio tomentosa aculeis brunneis tenuibus incurvis obtecta et illis triplo major; flores masc., plurimi densè congregati, fem, omnino obvelantes qui prioribus delapsis racheos in dimideo inferiori apparent, calyce masc. trifido laciniis triangularibus acuminatis, petalâ subtriangulatâ acutâ v. obtusâ, staminibus inclusis, fem. calyce urceolato anguloso argutê tridentato, corollâ ovatâ tridentatâ calycis longitudine tomentosa-spinescente, ovario corollâ paullo majore ovato argutè et sparsè spinescente,

HAB. *in sylvis* Rio Negro, *propè* Yanauary, *in* Manáos. *Prov.* Amazonas. *Florebat Novembri.*

Obs. Não descrevo d'esta especie senão as espathas e as flores, que, tendo escapado á observação do Dr. von Martius, fizeram com que a descripção da palmeira ficasse incompleta. Este sabio disse *flores et spatha non observati.* O Dr. Spruce, que depois do venerando palmagrapho descreveu outras palmeiras amazonenses, tratando da especie em questão, apenas ligeiramente trata do calyce e de corolla persistentes no fructo, por não ter tido occasião de vêr as flores. Posteriormente o Dr. James Trail, que encontrou duas variedades da mesma especie, o que é vulgar no mesmo terreno, tambem não descreveu as flores, pelo que na monographia das Palmeiras que faz parte da *Flora Brasiliensis*, escripta pelo Dr. Oscar Drude, este sabio professor nada disse em relação aos orgãos reproductivos. Felizmente encontrei a especie com flores, o que me permittiu completar a descripção. Por isso aqui a menciono.

Gen. ASTROCARYUM Meyer.

Muito antes de ser publicada a *Monographia das Palmeiras* do sabio Dr. Drude, que sahiu á luz em Maio de 1882 e que vem na parte II do volume III da *Flora Brasiliensis*, já eu tinha estabelecido para este genero tres secções, tanto que, em 14 de Julho de 1879, mostrando o manuscripto das minhas palmeiras, assim como as estampas coloridas que representam de tamanho natural as diversas partes da planta, á Sua Alteza o illustrado Principe D. Fernando de Saxe Coburgo, actual Rei da Bulgaria e ao sabio Dr Wawra von Fernsee, botanico notavel e medico do infeliz imperador Maximiliano, do Mexico, por occasião de uma visita particular com que me honraram nesse dia, fazendo eu algumas considerações sobre o genero, apresentei-lhes a minha subdivisão, que é a que adiante apresento, por me parecer mais pratica.

Vejo agora quanta razão tive para isso, porquanto o mesmo professor Drude, subdividindo o genero, achou-se de accordo quando tomou para a sua subdivisão o principal caracter que eu havia tomado.

Dividiu Drude o genero em 4 secções ás quaes deu os nomes vulgares de especies typicas, as mesmas que tomei para typos das minhas, e que facilmente torna as especies reconhecidas por aquelles que praticamente as conhecem. Denominou-as: *Mumbaca, Ayri, Tucumá* e *Malybo.* Minha subdivisão encontrar-se-ha mais adiante.

Entretanto, a ultima secção de Drude não tem razão de ser, porque as especies *acaule* Mart. e *caudescens* Barb. Rod., pertencem á sua secção *Tucumá* e á minha *Leiocarpeae*, e a terceira, a *humilis*, de Wallace, está fóra do quadro, por ser a *Bactris acanthocarpa* Mart., vulgarmente conhecida no Pará por *Yurupary Yu* espinhos do diabo.

Não comprehendo no meu quadro o *plicatum* e o *segregatum*, por serem da Guyana, nem o *minus* por ser simples variedade do *Rodriguesii.*

Eis minhas palavras, depois de algumas considerações sobre as espathas, estigmas e androceo abortivo das flores femininas :

« Estudando este genero, tres divisões naturaes se me apresentaram sempre com caracteres que poderiam estabelecer tres generos differentes. Entretanto, aproveitei-os para uma simples subdivisão. Quem compara o *A. Mumbaca* Mart., o verdadeiro *fructo* ou *noz estrellada* (ἄστρον estrella e Κάρυον, noz), de Meyer, com um *A Yauary* Mart., ou com o *A. Ayri* Mart., encontra logo, sem fallar dos caracteres das flores, differenças muito notaveis, não só no facies, como nos fructos. O primeiro tem o pericarpo dehiscente, o segundo indehiscente e setuloso, e o ultimo glabro e luzidio. Essas differenças bastante sensiveis me levaram a estabelecer um quadro analytico, que comprehende todas as especies brazileiras, quadro baseado nas flores femininas e nos fructos. Eil-o :

Tabula analytica specierum generis

ASTROCARYI

I. ASTROCARPEAE. Flores feminei solitarii, calyce et corollâ densè aculeatis. Fructus parvus, stylo longo et persistente, pericarpio dehiscente in lacinias irreguláriter diviso et endocarpium submittente.

α. *Epicarpio inermi.*
Calyce annuliformi et corollâ urceolatâ.
Androceo abortato libero.
Drupâ ovatâ miniata.................. *A. aculeatum* Meyer,
— obovatâ, aurantiacâ............ *A. Mumbaca* Mart.
— oblonga coccineâ.............. *A. gynacathum* Mart.

β. *Epicarpio aculeato.*
Calyce et corollâ tridentatis.
Androceo abortato corollâ adnato
Drupâ oblongâ, coccineâ............... *A. Rodriguesii* Trail.
— — aurantiacâ............ A. *acanthopodium* Barb. Rod

II. ACANTHOCARPEAE. Flores feminei solitarii, corollâ aculeatâ. Fructus magnus, pericarpio indehiscente, tomentoso, setuloso, setuloso ant spinescente, raro inermi

α. *Epicarpio rostrato lignoso, setuloso aut spinescente,*
Drupâ obovatâ, vinoso-fuscâ, setulis castaneis.. *A. Ayri* Mart.
— turbinatâ, fuscescente, — nigris..... *A. farinosum* Barb. Rod.
— — , rubiginosâ — —....... *A. sociale* Barb. Rod.
— — , fuscescente, — brunneis... *A. Yauaperyense* Barbc Rod.
— obovatâ; — — nigris. ... *A. rostratum* Hook
— oblongâ, flavo-fuscescente, setulis nigris.. *A. Paramaca* Mart.
— pyriformi, dense setosa aculeatâ.......... *A. horridum* Barb. Rod.

β. *Epicarpio tenui, setuloso; mesocarpio carnoso-mucilaginoso.*
Drnpâ pyriformi, compresâ, miniatâ............ *A. Murumuru* Mart.

γ. *Epicarpio tenui, inermi; mesocarpio carnoso-mucilaginoso.*
Drupâ elongato-pyriformi, aurantiacâ........... A. *Chonta* Mart.

III. LEIOCARPEAE. Flores feminei 2—5 contemporanei; calyce glabro corolla aculeatâ aut inermi. Fructus parvus, pericarpio inermi, lucente.

α. *Epicarpio lignoso.*
Drupâ obovato-globosâ, luteâ...,............ *A. Yauary* Mart.
— subglobosâ v. subovatâ,flavescente viridi. *A. acaule* Mart.
— obovatâ, subcoccineâ.................. *A. Caudescens* Barb. Rod.
— ovato-subglobosâ, flavo aurantiacâ....... *A. Huaimi* Mart.
— obovato-rostratâ, virescenti............. *A. campestre* Mart.
— ovatâ-miniatâ........................ *A. vulgare* Mart.
— obovatâ pyramidato-rostellatâ........... *A. Weddelii Dr.*
— ovatâ conico-rostratâ, flavo virescenti.... *A. pigmaeum Dr.*
— obovatâ rostellatâ..................... *A. Manaoense* Barb. Rod.

β. *Mesocarpio lignoso, mucilaginoso.*
Drupâ oblongâ, flavescente.................. A, *Tucumã* Mart.
— globosâ, aurantiacâ.................. *A. Princeps* Barb. Rod.

Sect. ACANTHOCARPEAE Barb. Rod.

1. Astrocaryum Yauaperyense (Barb. Rod. *Sert. Palm. Herb. Mus. Bot. Amaz. N, 141.*) Caudex speciosus longissimė aculeatus; folia patentia v. erecto-patentia 12-14 contemporanea aequaliter pinnatisecta concinna, petiolo basi persistenti cylindraceo canaliculato densė aculeato, rachi anticė bifaciali aculeata posticė convexa longė aculeata foliolis oppositis v. sub oppositis 132 utrinque inaequaliter acuminatis, facie inferiore albo tomentosa marginibus aculeolis parvis hinc inde ciliati; spatha interior compacto-aculeatissima aculeis ater-brunneis minimis ; drupa turbinata fusca aculeata.

Caudex solitarius 10^m,—12^m,×0^{m}18 alto. *Folia* 8 m. lg., vaginâ et petiolo 2^m,50,; foliolis majoribus 1^m,40×0^m,075 lg., Spatha interior 1^m, 25 lg.

HAB, *in silvis humidis flum.* Yauapery, *ad* Rio Negro. *Prov.* Amazonas. *Indii* Krichanás *vocant* Kaikumaná

Obs. Espero mais tarde dar uma descripção detalhada desta especie que é uma das mais elegantes, já pelo porte altaneiro, já pela disposição das folhas longas, de um verde negro na parte superior e brancas na inferior.

2. A. sociale (Barb. Rod. *loc. cit. n. 567.*) Acaule, 6 foliis erecto-patentibus-aequaliter pinnatisectis concinnis, petiolo loñgo cylindraceo refuscenti-tomentoso in dorso aculeis validissimis congregatis nitide armato, rachi pauci sparsé aculeata foliolis linearibus acutis-ruminatis secus marginis laevibus in facie inferiore tomento albido adspersis ; spadix inter folia erupens erectus, pedunculo aculeato rubenti-tamentoso, spathâ densė aculeatâ ; drupa magna turbinata aculeata rostrata.

Folia 6—7 contemporanea, 4^m,50—5^m, lg.; petiolus 1^m,50 Ig., aculeatus aculeis in grege annulari, mediis longissimis, 0^m,05—0^m,06×0^m,003 lg. ad basin versus margines zonis sensim decrecentibus ; *foliola* linearia, plicata, utrinque 60, intervallibus ad basin latioribus et angustioribus ad apicem inferiora 0^m,71×0^m,013, media 0^m,70×0^m,030, superiora 0^m,43×0^m,020, terminalia 4—6 in laminâ conjuncta, angulo 10°, nervo medio superne argute prominente, inferne prominente, nervis lateralibus 3—5 utrinque plicas folioli referentibus. *Spadix* 0^m,60 lg.; *rachi* 0^m,07—0^m,08; *spathâ* 0^m,30—0^m,35 lg. lanceolatâ, acuminatâ densė aculeatâ. *Flores* fem. 0^m,008 lg. *calyce* corollâ majore, aculeato, tridentato; *corollâ* tomentosâ, setulis minutissimis appressis armatâ; *ovario* conico, tomentoso, setulis minutissimis, appressis armato. *Drupa* turbinata 0^m,05×0^m,035 alt, ad basin induviis 0^m,018 lg. setulosis; *epicarpio* fusco tomentoso, setulis minimis appressis armato; *mezocarpio* pulposo, luteo; *endocarpio* 0^m,033× 0^{m}027 lg., osseo, ater-fusco 0^m,002—0^m,003 crasso; *albumine* corneo, excavato. *Embryo* minimus, oblongus.

HAB. *in silvis aboriginibus ad igarapé* Tarumá-mirí, *in* Rio Negro, *prov.* Amazonas. Murumurú *indianorum.*

Obs. Esta especie afasta-se do meu *A. farinosum* em ser acaule, ter o numero de folhas menor, os foliolos tambem menores e sem aculeos nas margens, o pedunculo do espadice menor e menos aculeado, a espatha com as cerdas menos duras e com o aspecto do pêllo de um animal, e em ter os fructos menores. Os indigenas, com os grêlos tecem chapéos que, depois de seccos, tomam côr vermelha, como se fossem tintos. Vive socialmente.

3. A. horridum. (Barb. Rod. *loc. cit. N. 720.*) Caudex speciosus inermis foliis erecto-patentibus aequaliter, pinnatisectis concinnis, petiolo costâque horridi aculeatissimis tomento destitutis, foliolis acquidistantibus aproximatis lineari-acuminatis acumine praemorso in facie inferiore albidis (et intra tomentum sparsim microscopicé setiferis) secus margines remote aculeatis. Spadix erectus longe pedunculatus pedunculo corneo aculeis longis validis ad apicem contortis horrido, rachi ramos plurimos exserente inermi, spathâ inferiore setis fuscis dense velutina ut pellem animalis referat, superiore duplo majore lanceolatâ ad basin pilis tristis ad medium setis ater-brunneis dense vestitâ, apicem versus aculeis ater brunneis contortis flocoosis armatâ; flores fem. longe bracteati ovoidei stigmatibus emergentibus, calyce tridentato dense setuloso corollam aeque dense setulosam includente, androeceo rudimentario annuliformi, germine ovato attenuato; drupae pyriformes dense seto-aculeatae in vertice conico-rostratae, (putamine obconico e basi acutâ.

Caudex 2—6 m. alt. et 0m,150—0m,200 in diam., annulis perminentibus, internodiis congestis, inermis. *Folia* 10—12 contemporanea 3 m. lg., petiolo 0m,90 lg. aculeis validis 0m,05—0,30 lg., horrido, costâ minus aculeatâ; foliola utrinque 60—80, inferiora 0m,64×0m,02 lg., media 0m,85×0m,035 lg., superiora 0m,30×0m,13m lg,, 3—4 conjuncta nervo medium utrinque prominente. *Spadix* 0m,80—0m,95 lg., pedunculo tereti compresso 0m,40—0m,50×0m,03—0m,035 lg., ad basin tomento carneo obtecto, inermi versus rachin aculeatissimo, aculeis nigris, contortis,0m,02—0,m03 lg., ad basin carneolanatis, pungentibus, patentibus; *rachis* 0m,18 lg., inermis multiramosus, ramos densissime confertos erectos cum flore fem., basilari solitario, inferiores breviores (0m,08—0m,09 lg.,) deinde longiores (0m,12—0m,13 lg.) cum pedicelo 0m,02—0m.05 lg.; *Spatha* exteriora 0m,40×0m,10 lg., utrinque dense setulosa, interiora marcida 0m,60×0m,16 lg., *Flores* masc. non vidi. *Flores* fem., 0m015×0m,008 lg., *calyce* corollâ aequante, tridentato, dense setulis contortis armato; *corolla* laeviter tridentata, setulis contortis aeque armata; cum androceo rudimentario subtridentato cohaerentibus , *ovario* incurvo, sub conico, setis apressis armato. *Drupa* 0m,06×0m,035 lg.,aculeis ater-brunneis pungentibus armata, *mezocarpio* flavo; *endocarpio* 0m,46×0m027 lg., ater-fusco, 0m,002 crasso, *albumine* corneo, excavato. *Embryo* oblongus.

HAB. *in silvis primaevis siccioribus ad* Rio Javary. Uanapo *v* Uikungo *incolarum Fruct. Dec.*

Obs. Subindo-se o rio Javary, antigo Yauary, passando-se a quarta corredeira, que apparece no tempo da vasante antes de se chegar ao seu affluente Uirary

encontram-se nas terras firmes e elevadas quer da margem brazileira quer da peruana esta magnifica palmeira.

Não attinge a altura da *Chambira* ou Tucum o seu congenere *Astr. vulgare*, porém apresenta a sua fronda magestosa sahindo por entre os galhos das outras arvores, mostrando os seus cachos de fructos compactos, ouriçados de aculeos pungentes que ferem o incauto que d'elles lança mão.

Confrontando esta especie com as já conhecidas não encontro nenhuma que com ella se identifique, porquanto, mesmo o *A. plicatum* de Drude, que mais se approxima, offerece caracteres que a afastam muito.

Considero-a não descripta e nova para a sciencia, pelo que como tal aqui a publico.

Sect. LEIOCARPEAE Barb. Rod.

4. A. Manaoense (Barb. Rod. *loc. cit.* N. 701.) Acaulis v. depressus inter annulos dense aculeis validis horridus, foliis longe vaginantibus arcuato patentibus-5 serialis dispositis, petiolo costâque aculiatissimis, foliolis 3—6 natim irregulariter dispositis in facie inferiore pallidis linearibus oblique acuminatis. Spadix maximus multiramosos. Spathâ interiora caducâ incurvâ acuminatâ aculeolis setiformibus armatâ ad apicem horridissimâ, rachi albo tomentosa ramos plurimos dense exserente nutantes longe bracteatos; flores fem. in parte inferiore 3-4 bracteis cuspidatis suffulti ovoidei, ovarium in stylum longe conicum angustatum exserens, androcei rudimentarii annulo crasso impresso brevissime 6-dentato. Drupa ex induviis obovoidea in vertice rostellata.

Caudex, si adest, $2^m,20\times0^m,22$ alt., zonis $0^m,16$ latis aculeorum dense congestorum fere $0^m,15$ lg., obtectus. *Folia* $5^m,50$ 6^m lg., vaginâ petiolo costâque aculeis nigris $0^m,01$—$0^m,16$ horridis armatis, petiolus $1^m,55$ lg. subcylindraceus aculeatissimus; foliola utrinque 100—120 in greges 3—6 aproximata, inferiora $0^m,80\times0^m,30$, media 1^m, $35\times0^m,55$, superiora $0^m,23\times0^m,015$ superne nitida, in facie inferiore pallidiora, subtileter striata, aculeis marginibus fere $0^m,001$—$0^m,002$ lg., remote insertes. *Spadix* erectus, $1^m,40$ lg.et longior, pedunculo cylindraceo, $0^m,80$—$0^m,90+0^m,045$—$0^m,50$ lg. brunneo tomentoso, acculeis erecto-patentibus usque ad $0^m,02$ lg., cum minoribus mixtis nitide atris per zonas consociatis vestito; rachi inermi, albotomentoso, $0^m,60\times0^m,70$ lg., *Spathâ* interiore lanceolatâ, ad basin attenuatâ, mucronatâ, incurvâ, aculeis nigris $0^m,001$—$0^m,06$ lg, dense horrida armatâ. *Flores* masc, non vidi, fem. turbinati fere 0^m, 015 lg., bracteâ cuspidatâ, *calyce* urceolato tridentato, setis minimis appressis, corolla majore; *corollâ* tomentosa, setulis minimis apappressis armata, tridentata, marginibus ciliata; *ovario* longe conico, albo tomentoso, sub inermi; *androecae* rudimentario laeviter tridentato. *Drupa? endocarpio* $0^m,037\times0^m,029$ lg. osseo, subnigro, 0^m005 crasso: albumine solido; *embryone* minimo, cylindrico.

HAB. *in* Manáos ad Rio Negro, prov, Amazonas. *Incola* Tukumá-y uaçu *noncupant. Floreb. Octobri.*

Com o nome de Tukumá-y, isto é, tukumá pequeno, existem na provincia do Pará e do Amazonas, algumas variedades do *Astrocaryum acaule* de Martius, algumas, principalmente a dos terrenos arenosos, cujos individuos são sempre acaules e muito pequênos, e outros dos terrenos humidos e argillosos, que tambem acaules, comtudo tomam grande proporção, vindo com o correr dos annos a terem um pequeno tronco.

Em geral estes teem as folhas muito crespas, porém os cachos são sempre iguaes e os fructos que, sempre, são pequenos, não são comestiveis por terem o mezocarpio fihoso e seco.

Confundido com tukumás-y encontrei a especie acima, conhecida pelos indigenas por *Tukumá-y-uaçu*, nome dado pelo tamanho dos fructos, que são muito grandes.

Não sendo propriamente acaule, porque com o correr de muitos annos, mais de vinte, apresenta um espique, comtudo nos primeiros tempos de seu viver tem o habitus do tukuma-y e d'ahi vem a denominação indigena.

Posto que habitus seja o d'essa especie, comtudo apresenta caracteres nas folhas, flores, fructos, que o tornam bem distincto.

Os fructos assemelham-se aos do *tukumã uaçu (Astr. princeps.* Barb. Rod.) e são muito saborosos, pelo que os naturaes muito os estimam.

Infelizmente com a devastação que vae destruindo todas as florestas, esta especie vae desapparecendo, porque sendo acaule, não é respeitada pela fouce destruidora, como d'ella escaparam algumas de espique.

Considerando-a nova aqui a apresento á consideração dos sabios.

Torna-se notavel esta especie pela disposição das folhas em cinco ordens muito regulares.

5. **A. princeps** (Barb. Rod. *Enum. Palm. nov. pag. 22; Rev. Hort. n. 2. pag. 25; Gardn. Chronicle, Apr. 1 1876, pag. 442;* Kerchove *Les palmiers, pag. 242;* Mart. *Flor. Bras. pag. 387, n. 26, Tab.* LXXXI, fig. IV.)

Var. α. **aurantiacum** Barb. Rod. *Sert. Palm. mss.* Drupa pyriformis vertice rotundato piramidato-rostellato 0^m,050×0^m,033; calyx paullò corollâ majore ; epicarpio tenuissimi viridi-flavescenti laevi striato-rimoso punctato, mezocarpio carnoso aurantiaco efibroso dulci 0^m,008 endocarpio osseo ater-brunneo obovoideo basi acuto 0^m,002 albumine corneo paulló excavato 0^m,006.

Indii eam vocant Tukumá Piririka.

Var. β. **flavum** Barb. Rod. *loc. cit.* Drupa globosa compressa apice rotundato piramidato-rostellata, calyx multô majore corolla 0^m,050 ×0^m,045 epicarpio viridi tenui laevi; mesocarpio carnoso flavo insipido 0^m,004, endocarpio osseo ater-brunneo globoso compresso basi obtuso 0^m,004 ; albumine corneo excavato 0^m,006.

Indii eam vocant Tukumá uaçú rana.

Var γ. **vitellinum** Barb. Rod. *loc. cit.* Drupa oblonga v. globosa apice piramidato longê rostellata; calyx sub duplo corollae longitudine 0^m,040×0^m,036, epicarpio ochraceo badio maculato tenuissimi, mesocarpio carnoso vitellino 0^m,003 endocarpio osseo ater-brunneo globuloso 0^m,003—0^m,004; albumine corneo paulò eucavato 0^m,005 —0^m,007.

Indii eam vocant Tukumá purupurú.

Var δ. **sulphureum** Barb. Rod. *loc. cit.* Drupa oblongo-globulosa apice brevi rostellata, calyx corollae longitudine 46×42, epicarpio alboviridi paullò rimoso, mesocarpio sulphureo dulci 0^m,004 globu-

loso basi acutissimo ater-brunneo ; albumine corneo excavato $0^m,005$ $0^m,007$

Indii eam vocant Tucumà arara.

HAB. *in silvis* Rio Negro, *propè* Manáos, *in prov.* Amazonas. *Fructificat Jun. vel Jul.*

Obs. Todas essas variedades crescem nas mattas de nova apparição (capoeiras) e nos terrenos cultivados da cidade de Manáos, sempre isoladas, não attingindo o porte da especie typica, que cresce nas immediações de *Villa Bella da Imperatriz*, hoje *Parintins*. O habito é inteiramente igual, havendo differenças apenas nos fructos. Poder-se-hiam estabelecer quatro especies como o Dr. Drude o fez involuntariamente com o *Astrocaryum tucumà* Mart. creando uma nova o *A. tucumaoides* que não é mais que a especie de Martius cultivada no Passeio Publico do Rio de Janeiro, da qual o Sr. Glaziou, que não conhece a natureza viva da especie de Martius, enviou amostras a Drude. Estudando-as ambas, comparei-as e encontrei differença influenciada sómente pela cultura. O *Astrocaryum princeps*, vulgarmente conhecido por *tukumà uaçú*, apresenta variedades que não escaparam á observação dos selvagens que as distinguem por nomes apropriados e caracteristicos tirados dos fructos. Assim o *A. aurantiacum* é chamado *tukumà piririka*, que significa o *takumã que se abre* ou cuja *pelle* (epicarpo) se *fende* ou se *rompe ;* o *vitellinum* é o *purupurú*, isto é, o *manchado maculado*, o *sulphureum*, o *arara*, porque a côr do mesocarpo é, a da arara amarella scientificamente conhecida por *ara arauna*. Todos esses fructos são procurados pelos naturaes, que muito os apreciam, comendo-os com farinha. O mesocarpo é polposo e oleoso.

Gen. ACROCOMIA Mart.

Acrocomia microcarpa Barb. Rod. *l. cit. n. 569*. Caudex excelsus cylindricus vaginis petiolorumque basibus dum novus obtectus post internodiis paullò aculeatis annulis approximatis; folia multa contemporanea cernua crispata ad petiolos et rachi aculeis atris horridis sparsim armata densè tomento fusco ad basin obtecta; foliolis oppositis irregulariter dispositis subtus pallidioribus v. glaucis laevibus linearibus acutis ; spadix maximus nutans, spathâ lignosâ lanceolatâ rostratâ tomento denso fusco tectâ; drupa minima globosa laeviter puberula monosperma olivaceo-flavescens.

Caudex $5^m,10 \times 0^m,25$—$0^m,30$ altus. *Folia* multi contemporanea, $3^m,50$ — 4^m, lg., in comam densam crispatam congesta ; *petiolo* $1^m,45$ lg., supra concavo, subtus convexo, supra plana aculeis erectis armato $0^m,01$—$0^m,09$ lg., rachi ad basin subtus convexa lateraliter concava, apicem subtus convexa, sopra carinata; *foliola* regulariter et equidistantė disposita, inferiora $0^m,50 \times 0^m,006$ lg., media $0^m,60 \times 0^m,026$ lg. superiora $0^m,20 \times 0^m,05$ lg., 124 utrinque. *Spatha* exteriora mihi ignota ; interiora $1^m, \times 0^m.18$—$0^m,28$; spadix $0^m,30$—1^m lg., pedunculi compressi, tomento albo obtecti, recurvi, $0^m,40$ lg., aculeati, aculeis nigris, compressi, $0^m,01$—$0^m,02$ armati; rachis $0^m,4$ lg. ramos 300—400 contemporaneis $0^m,20$—$0^m,25$ longos, incluso eorum pedicello $0^m,03$—$0^m,04$ lg., mutua pressione angulatos, $0^m,004$—$0^m,005$ in diam. *Flores* masc. $0^m,006$—$0^m,007$ lg., calyce quam corolla 7-plo breviore, sepalis lanceolatis, acutis; petalis lanceolatis, subacutis, apice cuculatis ; antheris excertis; germinodio minimo oblongo, trifido. *Flores* fem. recti v. purum obliqui $0^m,009$ lg., 3—6 contem-

poraneis; calyce corollâ triplo minore sepalis subreniformis; petalis convolutis, lati-reniformibus, acutis, imbricatis, cum androceo rudimentalis urceolato sex dentato cohaerentibus; *ovario* conico puberulo, sepalis paullò majore. *Drupa* globulosa, compressa, in vertice brevissime mucronulata, $0^m,03 \times 0^m,28$ lg., epicarpio cartilagineo, $0^m,001$ crasso, mesocarpio miniato, gommoso-pulposo, $0^m,005$ crasso, endocarpio osseo, $0^m,018$—$0^m,020$ diam. et $0^m,003$ crasso; *albumine* solido; *embryo* oblongo-cylindricus.

HAB. *in* Rio Urubú, *prope* Çarakà *in prov.* Amaz. *Flor Jan. Fruct. April.* Mobkayá-y *in lingua generali.*

Obs. Entre as *Acrocomias* conhecidas, que não passam de tres, a especie em questão é hoje muito rara e apenas quatro exemplares conheço em uma só localidade do Amazonas, no districto de Silves, no logar denominado « Enseada » proximo á foz do rio Urubú. Pelas folhas, espatha, flores e fructos distingue-se bem esta especie das que desde minha infancia conheço do Rio de Janeiro, Minas Geraes e Pernambuco, onde o vulgo as distingue pelos nomes de *Coco de catarrho* e *Makaúba* ou *Makayba* e *Mokayá*.

A proposito do primeiro d'estes nomes, cumpre-me aqui esclarecer um engano do professor Oscar Drude que disse que se originava por ser empregado contra *affectiones catarrhales*, quando o nome se deriva da polpa gommosa amarellenta que contém o mesocarpo que muito se assemelha, quando mastigada, ao catarrho humano.

A especie de que trato comparada com as descriptas, approxima-se da *glaucophylla*, de Drude, no que pude comparar, sómente pela espatha, afastando-se pelas folhas e pelos fructos. O porte é semelhante ao da *sclerocarpa*, de Martius e nada tem de semelhante á figura que o mesmo palmologo nas suas *tabulae physiognomicae (XXIII)* apresenta, que o sabio monographo da *Flora Brasiliensis* pergunta se pertencerá á sua *glaucophylla*. Essa figura bem representa a especie que o mesmo Drude denominou *intumescens*, (a Makaubá) que é o *cocos ventricosa* que o Dr. Arruda Camara descreveu na sua *Centuria das Plantas de Pernambuco*, e que vem em sua *Dissertação sobre as plantas do Brazil*, publicada no volume IX (1841) á pags.274 do *Auxiliador da industria nacional* que se publica no Rio de Janeiro. Esta especie vi em Pernambuco; é de todas a mais elegante. O indigena que denomina as suas plantas por caracteres botanicos que lhe saltam aos olhos, distingue tambem esta. Elle denomina a uma *Mokayá* e a outra *Mokayá-y* ou *Mokayá* pequeno, como separa o *inayá* do *inayá-y*. O nome *Mokayá* é composto de *mobka* e *yuá*, isto é, fructa que arrebenta, referencia que faz ao fructo, que, para ser comido, deve-se arrebentar o epicarpo.

Gen. SYAGRUS Mart.

Syagrus Chavesiana (Barb. Rod. *l. cit. n. 267*. Beccari, *Malpighia, I, Fasc, VIII.) Caudex* parvus remoté annulatus vaginis denudatus; folia erecto-patentia arcuata, foliolis per acervos 2—4 orum congregatis alternis lineari-lanceolatis acuminatis; spadices androgini; spatha inferior inferioré bialatâ tomento brunneo ad basin obtectâ, superior fusiformis mucronatis; ramis plurimis tenuibus; flores masc. calyce minutissimo, petalis lanceolatis acutis coriaceis; staminibus monadelphis inclusis, germinodio minutissimo tridentato; flores fem. masc. paullò minores irregulariter ovoidei calyce corollam convolutam includente coriaceo, androeceo magno urceolato sexdentato paullò germine minore, germine subgloboso

stigmatibus sessillibus apiculato; drupa oblonga ad basin rotundata in vertice conico subumbonata, endocarpio utrinque acuto oblongo extus inter foramina poroso laté vittato, intus vittis latis cum prioribus alternantibus laevibus nitentibus; semine trigono ellipsoideo vittato; embryo rectus.

Caudex 2—3 met. altus vix 0m,10—0m,12 diam., ligno versus peripheriam durissimo, flavo. *Folia* 20 contemporanea, adulta, 3m,90 lg.; *vaginâ* reticulato-filamentosâ, tomento cinnamomeo obtectâ 0m,30 lg.; *petiolo* 0m,40—0,50 lg.; anticé sulcato, tomentoso, rachi 2m,60 lg., subtus convexâ, in facie superiore carinatâ, sectione transversali triangulari; *foliolis* 90—95 utrinque, 36—38 gregariis dispositis, inferioribus linearibus, acuminatis, 0m,75×0m,01 lg., mediis latioribus, 0m,87×0m,04 lg., superioribus minimis, 0m,28×0m,01 lg. nervo medio supra elevato. *Spadices* 2—3 contemporaneis, 1m,05 lg., *pedunculo* 0m,80 lg., tomento cinereo obtecto, *rachi* 0m,25 lg., *ramos* 36—40 excerentes 0m,36—0,55 lg., *bracteâ* tridentatâ; *spathâ* exteriori 0m,75 lg., interiori 1m,10 lg., extus longitudinaliter striatâ. *Flores* masc. ochroleuci 0m,009—0m,010 lg., calyce trifido, laciniis acutis; petalis concavis, acutis, staminibus, feré duplo majore, includentibus, fem. 0m,006 lg., virescentes, in spadice androgino a basi ramorum usque ad apice cum 1—2 masc. consociati. *Drupae* 0m,055×0,030 —0m,038 lg.; mezocarpio fibroso, mucilaginoso; semine 0m,025—0,035×0m,017—0m,021 lg..

HAB. *in silvis propè* Manáos. *Fructif. Januarii. Incolae* Pupunharana *nuncupant*.

Obs. Em 1873 tive occasião de descrever uma palmeira que então se encontrava facilmente nas mattas dos arredores de Manáos, hoje destruidas, á qual dei o nome de *Cocos aequatorialis*, por não pertencer ao genero *Maximiliana*, para o qual a levou Spruce classificando um individuo que encontrou na foz do Rio Negro, com o nome especifico de *Inajai*, agora apresento uma outra, que com aquella cresce e que por poucos exemplares é hoje representada, porque a destruição que fez, quasi, desapparecer o Cocos aequatorialis, tambem attingiu a que acima descrevo. O *Cocos aequatorialis*, (syagrus aequatorialis B. Rod.) [1] sem razão, foi pelo professor Drude levado á synonimia do *C. Inajai* de Spruce, porque mesmo se fosse guiado pelo que publicou em 1877 o Dr. Trail, nas *Descriptions of new species of palm collected in the Valley of the Amazons*, havia de vêr que o mesmo Dr. Trail, se bem que apresente o *Cocos inajai* como de Spruce, diz nas considerações que faz « Dr. Rodrigues has given the name *Cocos aequatorialis* to this species. *Iquote his reasons which seem to me to need no comment.* » Quando o Dr. Spruce no seu herbario corrigisse o engano, não o publicou e o primeiro que o fez fui eu, em 1873, publicando em 1875 dous annos antes do Dr. Trail. A especie de que trato, vivia em sociedade com a outra, como em sociedade vivem differentes Geonomas, Bactris, etc., pelo que então me passou desapercebido as differenças que apresenta, tomando-a por uma e mesma especie.

Hoje, porém, que estão fóra da floresta, crescendo nos primitivos logares, mas no meio das culturas, pude e póde-se bem avaliar as differenças que apresentam comparando-as. Não se pode attribuir á mudança de terreno, cultura, e meio differente porque são filhos das florestas e ambos soffrem a mesma acção do tempo e crescem em iguaes terrenos ás vezes um individuo junto a outro.

Comparando-se as descripções vê-se bem em que uma se afasta da outra. Aqui não se dá o facto do *C. Geribá* do Sul, que pela cultura de centenares de annos modificou a especie typica que ainda se encontra, a ponto de dar logar a considerar-

[1] *Protesto, appendice* ao *Enumeratio palmarum novarum*, Rio de Janeiro, 1879, pag. 33; *Le. palmiers*, Rio de Janeiro, 1882. pag. 19.

se novas especies o que não é mais do que uma modificação devida ao novo meio em que, actualmente vivem.

Essa modificação deu logar aos pseudo *C. acrocomioides* e *Martiana de* Drude.

O nome especifico que proponho, é um d'aquelles a que são obrigados a dar os que como eu, recebem auxilio, protecção para a sciencia que cultivam, segundo se tem resolvido em congressos.

Fundando o Museu Botanico do Amazonas, em lutas com difficuldades de todo o genero, deve este estabelecimento o poder fazer acquisição de muito material e poder montar o seu laboratorio ao auxilio relevante que a elle prestou o Exm. Sr. Dr. *Ernesto Adolpho de Vasconcellos Chaves*, então Presidente da Provincia, facultando-me e facilitando-me os meios de poder herborisar e trabalhar ; é pois um dever de gratidão perpetuar o nome d'esse benemerito da sciencia, é o que faço, a exemplo de todos que trabalham e teem coração.

O notavel botanico Eduardo Beccari publicou esta especie, com uma diagnose sua, feita pelos fructos que lhe remetti.

Gen. ORBIGNYA Mart.

Orbignya sabulosa (Barb. Rod. *loc. cit. n. 484.*) *Acaulis*; folia 3—4 contemporanea concinna arcuata brevissimè petiolata foliolis pectinatis linearibus ad basin paullò attenuatis, ad apicem abruptè et caudato-cuspidatis obtusis; spadices longè pedunculati; masculi femineis multo graciliores ramos breves spiraliter dispositos exserenti flores densè onustos staminibus 9—13 intra petala oblonga acuta evolventibus; spadices fem. masculis robustiores, rachi simplici, floribus masc. distituti; drupa ovoidea vertice umbonato.

Folia 1—2 m. lg.; *petiolis* 0m,30—0m,40 lg. canaliculatis; *rachi* 1m,20—1m,60 lg., primum canaliculata, deinde carinata; *foliolis* utrinque 40—55 infimis 0m,35×0m,008, mediis 0m,40×0m,027, superioribus 0m,1×0m,008. *Spadix* masc. 0m,40 lg.; *spathâ* superiore crassè lignosâ, lanceolatâ, ad basin invaginante, mucronata, profundé-sulcatâ extus fuscâ, tomento brunneo adspersâ, intus flavâ dein castaneâ, 0m,25×0m,05 lg.; *ramis* 14 erectis, 0,05 lg., dense scrobiculatis. *Spadix* fem. 0m,60 lg., spathâ superior crassè lignosâ, lanceolatâ, ad basin invaginante, longè mucronata, profundè sulcata, extus fusca, tomento brunneo adspersa, intus flava, dein castanea 0m,20×0m,08 lg.; *ramis* 3—4 floribus, 17—18 contemporaneis, 0m,03 lg., *Flores* masc. 0m,012 lg. *calyce* brevissimo 0m,001 lg.; corolla tripetala convulata androeceo corollam $^1/_3$ aequante discum in fundo floris lati stellatum formante, *antheris* oblongo-convolutis, crassis, *filamentis* inaequalibus circum *germinodium* longé ovatum trifidum disco insertum congestis , flores fem. 0m,018 lg. *bracteis* 2, cordatis, acutis quam sepala triplo minoribus sufulti; sepalis cordiformibus, acutis apice carinatis, petalis cordiformibus, sépalisque aequalibus, tridentatis; *urceolo* 0m,006 alt.; annulato, brunneo-tomentoso; *stylus* ovatus, tomentosus, stigmatus ante anthesin erectis conniventibus longè excertis. *Drupa* monosperma, ovoidea, umbonata, tomento brunneo adspersa, enduviata 0m,40×0m,03 lg.; *epicarpio* indurato ; *mezocarpio* carnoso, paucifibroso, dulci, aurantiaceo; *endocarpio* osseo, su-

per acuminato, subtus obtuso, $0^m,035 \times 0^m,006$ crasso, mellino ; albumine $0^m,020 \times 0^m,011$ lg., solido ; *embryo* obliquus, sub conicus, $0^m,005$ lg..

HAB. *in gregaria in pascuis sabulosis ad* Rio Tarumá-uaçu, *in* Rio Negro, *prov.* Amazonas. *Fructificat Martio. Incolae* Inayá-y *vel* Kuruá-y *nuncupant.*

Obs. O tempo e a observação vieram confirmar o que eu disse quando protestei contra a expoliação que tinha soffrido em minhas palmeiras novas. Tratando de meu *Cocos aequatorialis* que o Sr. Dr. Trail denominou *Cocos inajai*, depois de ter reconhecido ser eu o classificador d'esta especie [1], em meu segundo protesto assim me exprimi : [2] « Les indiens sont très observateurs, et dans leur langage ils ont, pour « les plantes, une classification très juste. Ils font de la botanique à leur façon, mais « elle sert bien d'auxiliaire au botaniste. Ils emploient pour distinguer les plantes, « des mots tirés de la couleur, de la dureté, de la forme, de l'utilité, de la grandeur, « etc., comme un botaniste toujours un caractère saillant les guide. Dans le cocos en « question ils ne donneraient jamais le nom de *Inayá-y* à la *Pupunha-rana*, car le « premier nom veut dire *Inajá petit*, e le fruit de ce cocos, en outre de n'avoir aucune « ressemblance avec le *inayá* (Maximiliana regia), est encore plus grand. » O nome *Inayá-y* não me era conhecido e nunca vi ser applicado a palmeira alguma, quer no Pará, quer no Amazonas durante minha longa estada nessas provincias, até 1875 ; voltando, porém, em 1883 ao Valle do Amazonas, tratei logo de conhecer qual a palmeira que tinha esse nome, porque o Sr. Dr. Spruce não o podia ter inventado. Depois de muitas pesquizas, em Março de 1884, fui achar esse nome no Rio Negro, entre os habitantes de seu affluente Tarumá-uaçú. Apenas o soube, quiz logo ver si o nome *inajá-y* se identificava ao *Cocos* que tinha descripto, e qual não foi meu contentamento verificando que não só não era elle dado á minha especie, que Trail quer que seja *Inajài*, como confirmou a minha opinião de que os indios, em seus nomes, perfeitamente caracterisam as plantas. Ainda mais, vi que se tratava de uma especie nova que se me offerecia coberta de flores e fructos ! Com effeito, os fructos da especie em questão são muitos semelhantes aos do *Inayá (Maximiliana regia* Mart.), porém menores, o que na lingua vernacula so traduz por *Inayá-y*. Vê-se, pois, ainda uma vez que o notavel professor de Aberdeen ligou o nome vulgar de uma especie a outra mui differente. Deu nome vulgar de uma *Orbignya* a um *Cocos!* Grato sou, comtudo, ao Sr. Dr. Trail, porque, se não fosse elle não teria eu mais esta especie nova que encontrei, levado pelo nome vulgar que m'a deu a conhecer. Ella veio dar-me mais uma confirmação favoravel á classificação indigena. Em outros logares, como no Tarumá-uaçu, no proprio Rio Negro, os indios dão a esta palmeira tambem o nome de *kuruá-y*, isto é, *kuruá pequeno*, e com muita razão. A planta tem na verdade o aspecto de um kuruá *(Attalea)*, porém menor, não só no porte como nos fructos. Ambos os nomes são, pois, bem applicados a essa palmeira, semelhante ao *kuruá*, porém menor *(y)* e com fructos parecidos aos do *inayá*, porém pequenos. Nunca teve nem terá, pois, o *Cocos* (Syagrus) *aequatorialis* o nome de *inajá-y*, que foi dado por Spruce, quando o achou e publicou como *Maximiliana* [3] e por Trail, quando, dopois de mim, o levou para o genero *cocos*. Não sendo praxe estabelecida em botanica dar-se para nome scientifico de uma especie o vulgar que faz conhecer outra inteiramente differente, razão me dará o Sr. Dr. Oscar Drude vendo-me ainda uma vez reivindicar o direito que tenho ao *Cocos aequatorialis*, se não por ter descoberto a planta, ao menos por tel-a levado para o genero a que pertence, ao *Cocos* (*Syagrus*).

Depois de escriptas estas observações chegou-me ás mãos o fasciculo VIII da MALPIGHIA, onde o eminente professor Eduardo Beccario, de Florença, no seu estudo *Le palme incluse nel genere* cocos, restitue-me o meu *Cocos aequatorialis* e passa para a synonimia deste o *Cocos Inajai* de Trail. A pag. 16 do mesmo estudo, que foi tirado em avulso, poder-se-ha verificar o que affirmo.

[1] *Journal Soc. Linu.* Vol. XI. 1869, pag. 163.

[2] *Les Palmiers.* Rio de Janeiro. 1882. Pag. 22.

[3] *The Journal of botany.* Vol. V. 1776, Pag. 80. Obs. 3.

MAXIMILIANA Mart.

Maximiliana longirostrata. (Barb. Rod. *l. cit. n. 900.*) Caudex procerus petiolis superne persistentibus foliis amplis erectis pinnatisectis, foliolis 3-4 aggregatis in gregibus suboppositis. Spadix maximus, masculus androgynus spathâ supra profunde sulcatâ longissime rostratâ, rostrum anceps acutum ; flores masc. plurimi conferti graciles, calyce minutissimo, corollâ subcylindricâ, staminibus 6 epitalorum filamentis corollae majoribus quam antherae triplo brevioribus; flores fem. 5 — 10 in ramis androgynis dense aggregati ovoideo-oblongi, calyce vix $^2/_3$ corallam aequante, sepala mucronata, androcei abortivi cupulâ $^1/_2$ corollae aequante sex dentato ; drupa supra basin induviata oblonga sensim acuminata, putamine acuminato foramina a basi remota evolvente bispermo.

DESCR. *Caudex* 4^m, 5^m alt et 0^m,30 in diam., superne petiolis persistentibus in diametrum majorem incrassatus. *Folia* suberecta, contemporana 5^m—6^m, lg., petiolo 0^m,90 lg., costâ 4^m, 80—5^m, lg.; foliola per gregis sub-oppositas, inferiora 0^m,73×0^m, 16 lg., mediana 1^m,16×0^m,042, superiora 0^m,50×0^m,015, linearia, oblique acuta, nervo medio super prominente. *Spadices* 0^m,07—0^m,08 lg., pedunculo 0^m,40—0^m,50 lg., compresso, 0^m,05 in diam.; spatha inteiora extus fulvo tomentosa in rostrum 0^m,46—48 longum attenuata ; rami plurimi; flor masc. 0^m,010—0^m,012 lg.; calyx 0^m,001 lg.; corolla 0^m,003 alta ; filamenta 0,^{m}002 lg., antheras 007—0^m,009 lg.; *Flor. fem.* 0^m,03 alti, calyce firme convoluto, sepala dorsaliter carinata manifeste mucronata. Corolla petala breviter mucronata ad margines eroso-denticulata androceo 0^m,06—0^m,007 alt., sexdentato, dentibus triangularibus. *Drupa* cum induvia 0^m,05×0^m,25, mezocarpio albo, insipido ; indocarpio 0^m,35×0^m,017, oblongo acuminato.

HAB. *in silvis propé* Manáos. *Flor. Jun et Fruct. Decem.*

Obs. Por diversas vezes encontrei esta bellissima palmeira, porém sempre em occasião que via-se despida de flores e de fructos.

Isoladamente, vi tambem por vezes os seus fructos nas maõs de crianças, entretanto nunca pude estudal-a.

Ultimamente, encontrando um exemplar, na chacara de meu amigo o Sr. Tenente-Coronel Bacury, por elle fiz os meus estudos. Espontaneamente ahi nasceu e ficou, como representante da vegetação que foi destruida quando se preparou o terreno, para a edificação e cultura.

D'entre as Maximilianas descriptas, se destacava esta que vivia desconhecida, e só hoje appareceu augmentando o limitado numero de suas congeneres, achadas no Amazonas, na Colombia e na Bolivia.

A spatha d'esta especie é empregada pelos indios como panella. Para isso molham-a antes de ser levada ao fogo. Os tapuyos tambem servem-se d'ella como banheira para as crianças.

Os fructos cujo endocarpo é de um branco sujo, e de um gosto insipido e acre, distinguem-se facilmente dos da *M. regia*, que tem o endocarpo amarello e doce.

Museu Botanico do Amazonas, Setembro de 1886.

GENERA ET SPECIES

Orchidearum novarum

Genera et Species orchidearum novarum

AUTORE

J. BARBOSA RODRIGUES.

Tribu. MALAXIDEAE § PLEUROTHALLIDEAE Lindl.

PLEUROTHALIS R. Br.

Hymenodanthae. § Pelaphylla Barb. Rod. (1)

a ** Flores solitariis. α Caule primario brevi, secundario elongato.
* Spica foliis minore

1. **Pleurothalis longisepala** Barb. Rod. *Icon des Orch. du Brés*. Pl. 849. (2)

Caule secundario ad basin uni-articulato, subtriangulare, antice sulcato, erecto, foliis majore; folio lanceolato, tridentato, erecto; scapo sub-nullo; sepalis, superiore lineare-oblongo, acuto, basi concavo apice convexo, inferioribus duplo minoribus latioribus, apice bidentato; petalis sub rhomboïdalibus, marginibus dentatis, acutis, sepalis minoribus, labello trilobo, lobulis lateralibus erectis, minimis, marginibus argute denticulatis, lamellae carnosis erectis, papillosis, lobo medio linguiformi papilloso. Gynostemio clavato — mentoso, apice dentato.

---

[1] *Genera et species orchidearum novarum, II*, pag. 9.

[2] Com o titulo *Iconographie des Orchidées du Brésil*, conserva-se inedita a obra que contém as descripções e as estampas, copiadas do natural, e acompanhadas dos detalhes botanicos. Comprehende não só as especies do *Genera et Species orchidearum novarum*, como tambem as publicadas por outros autores. Tem figurado essa obra em varias exposições nacionaes.

DO AUTOR.

HAB. *perto de* Uatukurá, *no rio Yauapery, affluente do* rio Negro, *provincia do* Amazonas. *Floresce em abril.*

Obs. Os sepalos desta especie são amarellos; o superior trilinhado de escuro e os inferiores trilinhados com a base da mesma côr. Os petalos são amarellos unilinhados de pardo, com o labello violaceo.

2. **P. albiflora** Barb. Rod. l. cit. Est. 860.

Caule secundario biarticulato, subtrigono, folio aequale; folio lineari-lanceolato, apice tridentato, erecto, dorso carinato; spica folio triplo minore, pendula, 4—6—floribus contemporaneis; sepalis superiore lanceolato, acuto, dorso carinato, inferioribus bidentatis, dorso bicarinato; petalis paulo minoribus, subtrapezoïdalibus, obtusis; labello petalis subaequale, inter lobulis lateralibus bi-lamellato, trilobo, lobulis lateralibus rotundatis v. oblongis, lobulo medio linguiforme, acuto, apice recurvo. Gynostemio clavato, marginibus clinandri serrulatis.

HAB. *nos grandes troncos das mattas do rio* Yauapery, *provincia do* Amazonas. *Cresce em soqueiras.*

Obs. As flores são inteiramente brancas.

β ** Flores solitariis.

3. **P. Yauaperyensis** Barb Rod. l. cit. Pl. 851.

Caule primario repenti triarticulato, squameis ochreatis tecto; caule secundario exarticulato, folio longitudine, sulcato; folio elliptico, apice tridentato, 0,m 04 × 0,m 02, scapo minimo; sepalis, superiore lanceolato basi attennato, sulcato, apice convexo, recurvo, inferioribus triplo latioribus, basi excavato intus argute granuloso connatis, apice bidentatis; petalis oblique rhomboidalibus, marginibus serratis; labello unguiculato, trilobo, lobulis lateralibus acutis, erectis, laevis, lamellae carnosae, erectae, laevis; lobo medio papilloso, marginibus ciliatis.

HAB. *perto de* Chichiuahu, *no rio* Yauapery, *affluente do* Rio Negro. *Floresce em abril.*

Obs. Os sepalos são brancos linhados de violeta-vinhoso, com os apices inteiramente desta ultima côr; os petalos são roseos unilinhados de violeta-vinhoso; sendo tambem desta ultima côr o labello.

4. **P. Josephensis** Barb. Rod. l. cit. Pl. 825.

Caule primario repenti; caule secundario paulo minore folio, antice excavato, uniarticulato; folio, lanceolato, apice tridentato; flore solitario; sepalis superiore ligulato, acuto, erecto, apice subrecurvo,

quinquelignato, inferioribus connatis usque medium, acutis, concavis, dorso bicarinatis; petalis lanceolatis, acutis, basi attenuatis, marginibus in apicem sub-serratis; labello basi utrinque unidentata, in centrum calloso, trilobato, lobulis lateralibus, minimis, argute dentatis, subrotundis, erectis, medio linguiformi, obtuso. Gynostemio claviformi, clinandri marginibus dorso dentatis.

HAB. *nas rochas dos logares humidos da matta da* Serra de S. José d'El-Rei, *provincia de* Minas Geraes. *Floresce em Agosto.*

Obs. Sepalo superior verde quinquelinhado de purpura-escuro; inferiores da mesma côr com 6 linhas. Petalas verdes e trilinhados da mesma côr; labello verde com veios purpureos e trilinhado.

Esta especie é muito proxima á *P. translucida.*

LEPANTHES Sw.

Longicaulae Barb. Rod.

α. Scapo elongato fractiflexo folio majore.

1. **L. Yauaperyensis** Barb. Rod. l. cit. Pl. 846.

Caule secundario cylindraceo, biarticulato; folio duplo majore caule, elliptico ad basin attenuato, apice tridentato, convexo basi sulcato; scapo filiforme, fractiflexo, unifloro, inflorescentia indefinita; sepalis, superiore elongato, acuto, concavo, dorso corinato, apice recurvo, inferioribus connatis, apice retuso, concavis; labello sub panduriformi, apice truncato, unguiculato, centrum pubescente, dorsaliter trilamellato. Gynostemio ad basin mentoso, clinandri marginibus cucullatis denticulatis, antice excavato.

HAB. *nas cascas das arvores das mattas do rio* Yauapery, *perto de* Chichiuahu. *Floresce em Abril.*

Obs. As flores teem os sepalos amarellados, manchados de um escuro purpureo.

α. * Floribus multi-contemporaneis; sepalis inferioribus connatis.

2. **L. Blumenawii** Barb. Rod. l. cit. Pl. 822.

Caule secundario cylindraceo-clavato, uniarticulato, antice sulcato, folio minore; folio oblongo-lanceolato, apice obtuso, basi, conduplicato, sulcato, erecto; scapo triplo majore folio, erecto fractiflexo, multifloro; floribus 4 a 6 contemporaneis, secundis; sepalis, superiore apice recurvo, convexo obtuso, dorso carinato, concavo-sulcato ad basin, ad medium piloso, inferioribus connatis usque ad apicem, bidentato, concavis ad basin, ad medium compresis, pilosis, margi-

natis, geniculatis, dorso bicarinatis; petalis unguiculatis, rhomboidalibus, acuminatis; labello lanceolato, recurvo, subacuto, apice carnoso-granuloso, sulcato. Gynostemio claviformi, incurvo, clinandri marginibus denticulatis.

HAB. o Tubarão, *perto de* Itajahy, *provincia de* Santa Catharina. *Floresce de Março a Maio.*

Obs. Caule vermelho escuro ; flores esverdeadas com os sepalos trilinhados na base e manchados de carmim escuro no apice. Petalos trilinhados ; labello trilinhado na base e manchado no apice.

α. Plantae mediocris.

3. **L. funerea** Barb. Rod. l. cit. Pl. 843.

Caule secundario minimo, folio triplo minore ; folio lanceolato ad basin attenuatissimo, apice tridentato, erecto, scapo erecto, apice breviter fractiflexo, unifloro, inflorescentia indefinita; sepalis, superiore lanceolato, acuto, dorso carinato, erecto, inferioribus aequalibus, ad basin coalitis, apice recurvis; petalis duplo-minoribus, lanceolatis, acutis, apice recurvis, labello duplo majore petalis, trilobo, lobulis lateralibus minimis, erectis, truncatis, medio linguiforme, recurvo. Gynostemio clavato, apice cristato, lateraliter unidentato.

HAB. *os ramos delgados das arvores das mattas do rio* Yauapery. *Floresce em Março.*

Obs. Todo o perianthio é côr de bórra de vinho carregado.

Brevicaulae. Barb. Rod.

β. ** Sepalis basi connatis laevis.

4. **L. plurifolia** Barb. Rod. l. cit. Pl. 852.

Planta mediocris, caespitosa ; caule secundario sub nullo ; folio oblanceolato, apice tridentato ; scapo duplo folio majore, apice fractiflexo, erecto, filiformi ; floribus 10 - 12 contemporaneis, distichis, alternis, sub-secundis ; sepalis, superiore lanceolato, acuminato, concavo, laeviter carinato, apice recurvo, inferioribus connatis apice bidentatis, acutis, recurvis, carinatis ; petalis duplo minoribus, oblongis, obtusis ; labello oblongo, laeviter subtrilobo, apice sobrotundo, billamellato, inter lamellae pubescente ; gynostemio clavato, apice tridentato, ad basin mentoso.

HAB. *em soqueiras nos troncos das arvores das florestas virgens do rio* Yauapery, *affluente do* Rio Negro, *provincia do* Amazonas. *Floresce em Março.*

Obs. Todo o perianthо é branco amarellado. As folhas teem 0,^{m}05 — 0,06 × 0,005 — 0,006. As flores teem 6 mill. de extensão.

Phyllocaulae Barb. Rod.

α. Scapo elongato fractiflexo. Inflorescentia indefinita.

5. **L. quartzicola** Barb. Rod. *loc. cit. PL. 829.*

Caule secundario 6-articulato, squameis tecto ; squameis vaginantibus, striatis atque ostio explanato ovato, marginibus ciliolatis ; folio caule secundario minore, oblongo, apice tridentato ; scapo triplo majore folio, fractiflexo, uni-blifloro ; inflorescentia indefinita ; sepalis superiore subrotundo, acuminatissimo, basi concavo, apice recurvo, inferioribus connatis basi usque apice bidentato, lanceolatis, basi concavis, apice recurvis ; petalis sepalis minoribus, cuncatis, apice emarginato dentato, erectis ; labello recurvo, trilobato, lobulis lateralibus unciformibus, erectis, minimis, medio linguiformi, obtuso, convexo, ad basin bicalloso.

HAB. *nas pedras das florestas da serra de* S. José d'El-Rei, *provincia de* Minas Geraes. *Floresce em Agosto.*

Obs. Sepalo superior amarello-óca, trilinhado de purpura ; inferiores da mesma côr, quadrilinhados ; labello da mesma côr, quadrilinhado.

β. Scapo erecto ; floribus multo contemporaneis

6. **L. densiflora** Bar. Rod. *loc. cit. PL. 828.*

Planta pusilla, caespitosa. Caule secundario folio paulo minore, triarticulato squameis tecto ; squameis vaginantibus, striatis, apice dilatatis lato-lanceolatis acutis, marginibus pauci-fimbriatis ; folio oblongo, apice tridentatis ; scapo filiformi, erecto, multifloro ; floribus compactis, distichis, alternis ; sepalis superiore ovato-acuminato, concavo ad basin, apice recurvo, inferioribus minoribus, connatis usque ad apicem, bidentatis, revolutis, basi concavis ; petalis minimis, reniformibus, concavis ; labello sepalis inferioribus paulo minore, lanceolato, sub-acuto, apice recurvo, basi concavo-striato.

HAB. *as arvores dos lugares sombrios e humidos da matta que circunda o cume da serra de* S. José d'El-Rei, *provincia de* Minas Geraes. *Floresce em Junho e Agosto.*

Obs. Sepalos amarello-esverdeados, com o apice purpureo. Petalos amarello-esverdeado; labello purpura.

γ. Scapo sub nullo 1 - 4 contemporaneis. Floribus solitariis

7. **L. cryptantha** Barb. Rod. *loc, cit.* Pl. *838*.

Caule secundario folio majore, teneritate tecto vaginis imbricatis, nervuris parallelis salientibus, pubescentibus, quinque articulato; folio elliptico, marginato, apice tridentato ad basin contorto; scapo sub nullo, 1—3 contemporaneis, uni-bifloro; floribus, minimis; sepalis, superiore lanceolato, acuto, concavo, erecto, inferioribus basi connatis, saccatis, acutis; petalis minoribus, oblongis, acuminatissimis, marginibus serratis; labello linguiformi, obtuso, marginibus argute ciliatis, in medium depresso, minimo; gynostemio clavato, mentoso, clinandri marginibus denticulatis, apice cristato, lateraliter unidentato.

HAB. *o tronco das arvores das florestas do rio* Yauapery, *provincia do* Amazonas. *Floresce em Março.*

Obs. Os sepalos são brancos, de apice violaceo. Petalos brancos unilinhados de violeta. Labello violaceo.

STELIS Sw.

Patuliflorae Barb. Rod.

α. Scapo folio májore * floribus monosepalis

1. **S. plurispicata** Barb. Rod. *loc. cit.* Pl. *847*,

Caule secundario cylindraceo, folio minore, uni-articulato, novo squamâ invaginante acuta tecto; folio oblongo, basi attenuato, apice tridentato, erecto; spatha brevi, lanceolata, acuta, compressa; scapo folio majore, 1—4 contemporaneis; floribus secundis; sepalis basi connatis, superiore majore, oblato, acuto, convexo, inferioribus subrotundis, acutis, omnia puberulis; petalis oblato-sagittatis, obtusis, carnosis, minutis; labello petalorum eadem longitudine, carnoso, cucullato, centro sulcato, apice obtuso, marginibus lateralibus erectis; gynostemio minutissimo, clavato, clinandri marginibus sinuato.

HAB. *nas velhas arvores das mattas do rio* Yauapery, *affluente do* Rio Negro, *provincia do* Amazonas. *Floresce em Maio.*

Obs. Flôres verdes manchadas de purpura.

2. **S. Yauaperyensis** Barb. Rod. loc. cit. Pl. 861.

Caule secundario cylindraceo, biarticulato, triplo folio minore; squamâ longâ, invaginante acutâ tecto; folio oblongo, basi atte-

nuato, apice tridentato; erecto; spatha brevi-lineari lanceolata, acuta; scapo folio majore; sepalis connatis aequalibus, triangularibus, subobtusis, convexis, laevibus; petalis carnosis, oblatis, apice emarginatis; labello carnoso, centro sulcato, marginibus erectis, apice incurvo apiculato, gynostemio minimo, clavato, apice cristato, cristâ incurvâ.

HAB. *as velhas arvores do rio* Yauapery, *provincia do* Amazonas. *Floresce em Abril.*

Obs. As flores são verdes.

MASDEVALLIA Rz. Pav,

M. Yauaperyensis Barb Rod. loc. cit. Pl. 836.

Caule segundario nullo; folio oblanceolato, erecto, subacuto; scapo folio longitudine; sepalis connatis, cupuliformibus, cum aristis longe-productis, recurvis; petalis carnosis, antice canaliculatis, postice convexis, unidentatis in marginibus externis, apice truncatis, apiculatis; labello recurvo, unguiculato, sulcato, lateraliter in medium bicalloso; gynostemio erecto, mentoso.

HAB. *em soqueiras nas arvores das mattas humidas do rio* Yauapery *Floresce de Janeiro a Março.*

Obs. Os sepalos são brancos trilinhados de purpura, com arestas amarellas; labello branco levemente manchado de purpura; gynostemio branco na parte posterior e purpura na anterior E' uma especie lindissima.

OCTOMERIA R. Br.

Planifoliae B Rod.

α, Floribus fasciculatis, raro solitariis, sepalis liberis.

Macrophyllae. b. Pauciflorae. * Foliis carnosis.

1. **Octomeria xanthina** Barb. Rod. loc. cit. Pl. 842.

Planta caespitosa; caule primario sub nullo; caule secundario cylindraceo, erecto, quadriarticulato, folio longitudine; folio oblongo ad basin attenuato, apice, obtuso, erecto; floribus 1-2 coaetaneis; sepalis petalisque conformis, lanceolatis, acutis, recurvis; labello late unguiculato, trilobo, lobis lateralibus erectis, falcatis, obtusis, lamellis antice convergentibus, erectis, lobo medio rhomboidali, emarginato, recurvo.

HAB. *os troncos das arvores velhas das mattas do rio* Yauapery, *perto de* Tauakuera. *Floresce em Março.*

Obs. Todo o perianthio é amarello, menos o labello que tem as palhetas côr de vinho.

Teretefoliae Barb. Rod.

β. Microphyllae. ** Sepalis inferioribus liberis.

2. **O. Yauaperyensis** Barb. Rod. loc. cit. Pl. 837.

Caule primario nullo; caule secundario triarticulato, cylindraceo-complanato, sub triplo folio majore; squameis ad basin tecto; folio cylindraceo, antice plano longitudinaliter sulcato, acuto, incurvo; floribus 1-2 coaetaneis; sepalis liberis, superiore lanceolato, acuto, erecto, inferioribus oblique lanceolatis, acutis latioribus; petalis lineari-lanceolatis, acutis, erectis; labello trilobo, cum duabus callis carnosis inter se, lobulis lateralibus, erectis, acutis, lobo medio oblongo, acciso, cum tribus carinis carnosis ellevatis; gynostemio erecto, clinandri marginibus crenatis, rostellum, eminens, convexum. Polliniis 4-6 coaetaneis.

HAB. *em soqueiras nas arvores dos arredores do rio* Chichiuahu, *no rio* Yauapery. *Floresce em janeiro e, algumas vezes, cultivadas, até maio.*

Obs. Os sepalos e os petalos são amarellos e o labello violaceo marginado de amarello. O gymnostemio é manchado de violeta. Especie muito notavel.

Tribu EPIDENDREAE Lindl.

EPIDENDRUM Linn.

Encyclium § hymenochila Lindl.

α. Lobo intermedio acutissimo v. acuminato. Lindl.

1. **Epidendrum Yauaperyense** Barb. Rod. *l. cit. Pl. 855.*

Pseudobulbis conicis-elongatis diphyllis; foliis elongatis acutis; scapo paniculato 1—3 pedali. foliis minore; sepalis oblongis, acutis ad basin attenuatis; petalis oblongis, acutis, unguiculatis, incurvis; labello sepalis paulo minore, trilobato, lobulis lateralibus aliformis, apice recurvis obtusis, striatis, gynostemium basi amplectens,

lobo medio majore lanciforme, acutissimo, apice recurvo, longitudinaliter ondulato-striato; gynostemio lateraliter compresso; anthera cristata, emarginata.

HAB. *as arvores das mattas virgens do rio* Yauapery. *Floresce em março*

Obs. Sepalos e petalos verdes, labello com lobos lateraes, amarellos com linhas purpureas, e o medio branco com bordos amarellos. Gynostemio amarello com linhas purpureas.

2. **E. Randii** Barb. Rod. *l. cit. Pl. 841.*

Pseudobulbis conicis, rugosis, diphyllis; foliis elongatis, oblique acutis; racemo foliis minore, erecto, paucifloro; floribus magnis; sepalis oblongis, acutis, ondulatis, reflexo-incurvis; petalis obovalibus, unguiculatis, ondulatis, reflexis; labello sepalis majore, trilobo, lobulis lateralibus oblongis, magnis, acutis, apice recurvo, lobo medio reniforme, emarginato, magno.

HAB. *as mattas de* Teffé, *rio* Solimões. *Floresce em outubro.*

Obs. Sepalos e petalos levemente striados de carmin; labello branco com veias pronunciadas de carmin. As flores muito cheirosas murcham somente depois de 4 a 6 semanas. Especie notavel. Dedicada ao Sr. EDWARD SPRAGUE RAND, autor das « *Flowers for the parlor and garden* » e das « *Orchideas* » que descobrio-a e della fez-me communicação.

Lanium Lindl.

3. **E. Yatapuense** Barb. Rod. *l. cit. Est. 834.*

Caulibus ramoso-pseudobulbiferis, articulatis; pseudobulbis compressis, anceps, trifoliatis; foliis envaginantibus, vaginis anceps, oblongis acutis, marginibus recurvis; scapo erecto, squamato, compresso, anceps, paniculato; triplo foliis majore; floribus minimis; sepalis oblongis acutis, apice recurvis; petalis linearibus, acutis; labello carnoso, lateraliter complanato, trilobo, lobulis lateralibus aliformibus, acutis, medio linguiforme, majore, recurvo, acuto; gynostemio minimo, clavato.

HAB. *as arvores das praias humidas do rio* Yatapú, *onde a encontrei em 1873, e no rio* Yauapery, *onde florescia em janeiro.*

Obs. Pouca attenção merece esta especie. Suas flores são inteiramente verdes e muito pequenas.

Planifolia umbellata Lindl.

4. **E. myrmecophorum** Barb. Rod. *l. cit. Est. 859.*

Caulibus caespitosis apice foliatis; foliis distichis lanceolatis acutis; racemo minimo umbellato; sepalis, superiore oblongis, concavis,

acutis, inferioribus latioribus oblique acutis; petalis linearibus, acutis, supra gynostemium convergentibus; labello repando, antice sinuato, emarginato basi, quadricalloso; gynostemio clavato.

HAB. *o igapó do rio da* Cachoeirinha, *em* Manáos, *provincia do* Amazonas.

Obs. As flôres são inteiramente verdes e sem attractivos. Torna-se, porém, notavel esta especie pela grande quantidade de raizes que se entrelaçam, formando uma figura espherica, suspensa ás lianas, onde cresce, servindo sempre de ninho ás formigas.

ORLEANESIA Barb. Rod.

1. **O. Yauaperyensis** Barb. Rod. *l. cit. Pl. 835.*

Caule erecto cylindraceo, basi squamato, 4—phyllis; foliis distichis, envaginantibus, concavis, linearibus, oblique acutis; scapo erecto, longissimo, paniculato ramis distichis, basi squamato, squameis envaginantibus; plurifloro; floribus minimis; sepalis, superiore oblongo, acuto, marginibus recurvis, inferioribus latioribus; oblique-oblongis, acutis, reflexis marginibus recurvis; petalis linearibus, acutis, erectis; labello obovali, subretuso, revoluto. gynostemio sub clavato, mentoso, apice cristato, antice, sulcato, Ovario pubescenti.

HAB. *as margens do rio* Yauapery, *perto de* Tanakuera. *Floresce em Janeiro.*

Obs. As flores têm todas as lacinias vermelhas, côr de vinho. Esta especie estabelece uma divisão para o genero, pois na especie *Amazonica*, publicada em 1887, no vol. 1º de meu *Genera et species*, as flôres são em umbella e nesta em panicula, cuja haste tem a base semelhante á da inflorescencia do sub genero *Amphiglotium* das *Epidendreaceas*.

Póde-se, pois dividir em duas secções.

α — *Umbellatae*.

β — *Paniculatae*.

Tribu. VANDEAE Lindl.

JANSENIA Barb. Rod.

Perianthuim clausum. *Sepala* lateralia basi in calcar elongata. *Petala* erecta, apice recurva. *Labellum* corniculatum, indivisum gynostemio continuum. *Gynostemio* erecto ovarium continuo sub

calcarato; *clinandrium* sub planum; *stigma* antico, reniformi, convexo. *Pollinia* 2, obovalia, cereacea; *caudiculâ* elongatâ, filiformi; *glandulã* minuta.

Herbae epiphytae, pseudolbulbosae,. pusillae. *Folia* erecta, carnosa, acinaciformi. *Flores* solitarii speciosi albae.

A' primeira vista, este genero, por seu *habitus*, tem alguma affiinidade com o *Ornithocephalus* Hook. porém ás flores o afastam completamente deste, não só pela fórma do gynostemio, como pelas pollinias e labello. As flôres são enormes relativamente á planta, o que a torna digna de nota. Pela manhã é muito cheirosa.

Os auxilios prestados ao *Museu Botanico do Amazonas* pelo DR. JOSÉ JANSEN FERREIRA JUNIOR, presidente da provincia do Amazonas, o tornaram credor da homenagem perpetuada pelo nome generico desta pequena orchidea.

Jansenia cultrifolia Barb. Rod. *l. cit. Pl. 857.*

Pseudobullo lenticulari, squameis-foliis, distichis tecto, monophyllo; folia acinaciformi, erecta, acuta, basi attenuata; scapo minuto basilari, unifloro; ovario trigono, elongato; sepalis superiore fornicato, oblongo, acuto, concavo, inferioribus, conformibus, basi in calcar elongato ovarium magnitudine; petalis sepalisque aequalibus, apice recurvo, labello flabelliformi, emarginato, corniculato, basi lateraliter sub saccato; gynostemio erecto, dorso anguloso, minuto; anthera subglobulosa, uniloculari.

HAB. *nos galhos musgosos das mattas humidas do rio* Yauapery. *Floresce em Abril.*

Obs. As flores são inteiramente brancas tendo sómente o labello veios amarellos côr de ouro.

CYCNOCHES Lindl.

Cycnoches pentadactylon Lindl., Bot. Reg. XXIX. 1843. tab. 22 misc. 26: Barb. Rod. *l. cit. Pl. 866.*

Caule erecto 1—3—floro; sepalis, superiore lanceolata, acuta, ad basin attenuata, concava, erecta, apice recurva, patentia, inferioribus latioribus paulo minoribus; petalis reflexis lanceolatis, subunguiculatis, acutis sepalis latioribus; labello carnoso hypochilio super convexo, subtus concavo, metachilio transversaliter prominenti, epichilio lanceolato, acuto, subtus concavo. Gynostemio brevi, incurvo, cylindraceo, clavato.

HAB. *sobre os terrenos do rio* Purús, *perto de* Canutama. Floresce em Março e Abril.

Sepalos, superior branco amarellado largamente mosqueado de vermelho-sanguineo, inferiores com o centro maculado transversalmente e

listrados da mesma côr; petalas menores, porém mais largamente mosqueadas do que o sepalo superior; labello branco-marfim com o hypochilio amarellado. Gynostemio amarellado finamente mosqueado.

Obs. E' commum entre os *catasetuns* o dimorphismo das flores, produzindo um mesmo individuo, ás vezes na mesma epocha, flores com fórmas differentes que correspondem aos sexos e mesmo ao hermaphroditismo. Assim o *catasetum* é o macho, o *monachantus* a femea e o *myanthus* o hermaphrodita. Não só em hastes differentes se apresentam com differentes fórmas, como muitas vezes na mesma, como tive occasião de observar. Em geral o *myanthus* dá no anno seguinte ao da florescencia do *catasetum* e *monachantus*, que dão simultaneamente. Na restinga do Umirisal e na do Taramú-uaçu, no Rio Negro, onde aos centos crescem exemplares de *catasetum*, o que aqui descrevo sop o nome de *monachantus discolor*, vi todos floridos representando só as duas especies, quando no anno anterior só tinha visto florescer o *myanthus*. O que se dá com os *catasetuns*, dá-se tambem com os *cycnoches*, como já foi observado por Skinner, em Guatemala, e por Robert Steynner Holford Sq. e referido por Lindley e Darwin. Como verdadeiramente o *unico brazileiro* que a sciencia conhecia é o que Lindley descreveu em 1843, no *Botanical Register*, o *C. pentadactylon*, encontrado depois por mim em 1873 e do qual á unica fórma diagnosticada era a do sabio orchidographo inglez, que é a que apresenta a forma masculina. Depois de decorridos 46 annos sem que se conhecessem outras fórmas a não ser a já conhecida, se me apresentou elle agora com sua heteranthia plenamente patente em um mesmo individuo. Depois de, em Março, apresentar a forma que aqui diagnostico, tomando-o por especie distincta, em Abril, o mesmo pseudobulbo emittiu dous racemos um com quatro flores e outro com sete, todas identicas á especie de Lindley. Outro exemplar apresentou um só racemo com doze flores.

As flores de fórma masculina sobre a manhã, exhalam um cheiro forte de vanilla.

Gen. CATASETUM Rich.

Monachantus discolor Barb. Rod. *l. cit. Est. 867.* et *Herb. Mus. Bot. Amaz. n. 568.*

Racemo magno paucifloro (3-5) pseudobulbum triplo superante erecto; sepalis erectis, reflexis, oblongis acutis, subtus subcarinatis; petalis conformibus paulo majoribus; labello magno-carnoso, ovato, saccato-cuculato, anticé acuto, lateraliter longe cirrhato. Gynostemio minimo ecirrhato.

HAB. *in campis sabulosis ad* Umirisal *et* Tarumá-uaçu *in* Rio Negro, *prov.* Amazonas,. *Florebat Aprili.*

Sepalos e petalos verdes ligeiramente lavrados de rôxo, labello verde com as margens rôxas.

Obs. O sabio classificador das Orchideaceas John Lindley descreveu e representou em seu *Botanical Register* o *Monachantus discolor*, do qual o professor Hooker descreveu uma variedade, *viridiflorus*, no *Botanical Magazine* que não é mais do que o *M. Bushnani* do mesmo Hooker e *fimbriatus* de Gardner. Estes individuos, comtudo, não representam mais do que um verdadeiro *Catasetum* como depois o reconheceu o proprio Lindley. O aspecto da flôr é o de um *Monachantus*, mas, quando comparado com a verdadeira fórma que distingue esse pseudo genero, (fórma feminina) vê-se que não ha razão para assim ser considerado. Aqui apresento a sua verdadeira fórma, *monachantus*, achada conjunctamente com o

Catasetum em um mesmo pseudobulbo e em exemplares differentes, todos crescendo socialmente na mesma região. A haste dos *Catasetuns* chega a apresentar 18 flores, emquanto que dos *Monachantus*, muito mais forte e grossa, só chega a dar cinco, todas quasi com o triplo do tamanho e muito aromaticas, aroma este que chama para ellas grande quantidade de *mangangauas* (vespas) que entram bojo do labello, facilitando assim a fecundação.

CYRTOPODIUM R. Br.

Clavis Generis

I — *Macrobulbosae*...	α foliis plicatis rigidis...	*C. Andersonii*
		C. punctatum
	* scapo paniculato brateis magnis..........	*C. glutiniferum*
II — *Microbulbosae*...	α foliis plicatis rigidis...	
	* scapo paniculato ; bracteis magnis..........	*C. Brandonianum*
	** scapo racemoso; bracteis magnis..........	*C. Josephense*
	β foliis solitariis v. geminis coriaceis nervatis.	*C. album*
	* scapo racemoso ; bracteis minimis.........	*C. Yauaperyense*

Quando Robert Brown estabeleceu seu genero *Cyrtopodium*, só conhecia uma unica especie que immediatamente foi seguida de duas outras, cujos caracteres se adaptavam aos fixados pelo celebre botanico inglez. Ultimamente, porém, tendo eu encontrado outras que se afastam completamente das anteriormente descriptas, pela fórma dos pseudobulbos, não sabendo em que genero incluil-as e não querendo tocar em seus caracteres, resolvi estabelecer duas secções : uma comprehendendo as que se adaptam a esses caracteres e outra as que se afastam pelos pseudobulbos e pelas folhas, tendo entretanto as flores bem caracterisadas. A cor das flores da secção *microbulbosae* tambem se afasta. Todas as especies são terrestres e epiphytas, como as da secção *macrobulbosae*.

Macrobulbosae

α ** Scapo racemoso; bracteis magnis.

1. **C. Josephense** Barb. Rod. l. cit. Pl. 864.

Pseudobulbis coniciis vestigiis foliorum vestitis; foliis plicatis lineari lanceolatis, acutis, basi attenuatis, sub envaginantibus ; scapo erecto, racemoso, pseudobulbis majore, bracteis magnis. Floribus luteo-viridis.

HAB. *os campos arenosos do cume da serra* de S. José d'El-Rey, Minas Geraes. *Floresce em Julho*

Obs. Encontrei esta especie florescendo em 1881, [1] porém a perdi ao voltar de minha viagem, sem a ter descripto. Emprehendendo uma segunda viagem na época da florescencia, encontrei os campos queimados, obtendo sómente 5 individuos, porém sem flôres.

Estes trazidos para a provincia do Amazonas e ahi cultivados até hoje, não deram flores, embora todos os annos appareçam rebentos cada vez mais enfraquecidos. Receiando a morte da planta, dou aqui esta resumida diagnose.

Microbulbosae

β * Scapo racemoso; bracteis minimis.

1. **C. Yauaperyense** Barb. Rod. l. cit. Pl. 832.

Pseudobulbis aggregatis, conicis, 2-3-phyllis; foliis elongatis; lineari lanceolatis, quinquenervatis, acutis; scapo erecto paulo minore foliis, bracteis minutis, racemoso, multifloro; sepalis oblongis, apice rotundatis, incurvis; petalis subæqualibus, convexis, incurvis; labello unguiculato, basi bicristato, trilobo, lobulis lateralibus rotundatis, erectis, medio minore, reniforme, marginibus recurvis, in medium longitudinaliter concavo; gynostemio cylindraceo, claviformi, subgeniculato.

HAB. *as arvores das mattas humidas do rio* Yauapary, *formando grandes soqueiras. Floresce em Junho.*

Obs. Os sepalos e petalos são amarellos côr de óca finamente salpicados de escuro; o labello é branco tambem salpicado de carmim.

BURLINGTONIA Lindl,

1. **B. Negrensis** Barb. Rod. l. cit. Pl. 839.

Pseudobulbis oblongis longitudinaliter sulcatis transverse rugosis, compressis, monophyllis; folio lorato, acuto, erecto; scapo simplice, pendulo, multifloro; floribus magnis, alternis; sepalis superiore oblongo, acuto, apice recurso, basi attenuato-canaliculato, inferioribus connatis, apice acuto, conduplicatis; petalis sepalisque majoribus, oblique-oblongis, acutis, basi attenuatis, apice acutis, recurvis, marginibus ondulatis; labello cum gynostemio parallelo, unque canaliculato, apice cuneato emarginato, lateraliter crispifoliato, lamellis 4-jugis, carnosis, quarum anteriores multo longiores. Gynostemio gracilis, erecto, teres, clavato, apice bidentato, dentibus carnosis, erectis, acutis.

---

[1] Vide *Resultado botanico de uma breve excursão a S. João d'El-Rey, Minas Geraes. Revista de Engenharia*, 1881. Ns. 4 e 5.

HAB. *as cuieiras (Crescentia cujete) da povoação de* Moura, *á margem direita do* Rio Negro, *provincia do* Amazonas. *Floresce em Junho.*

Obs. Esta magnifica especie tem as flores, grandes, de um branco sujo, manchado de carmim sujo, com as petalas raiadas longitudinalmente por fóra e finamente pontuadas de carmim sujo. O labello tem o apice manchado de carmim e a base finamente pontuada. O gynostemio é branco com a base pontuada e com linhas de carmim. As flores são cheirosas.

MAXILLARIA Rz. et Pav.

Acaules

β * Unifloris

1. **M. monantha** Barb. Rod. *l. cit. Pl. 826.*

Pseudobulbis ovalibus, compressis, rugosis, monophyllis; foliis lineari-lanceolatis, acutis; scapo solitario, pseudobulbum majore, squamato, squameis envaginantibus, compressis, acutis, supremâ ovario minori; sepalis, superiore lineari-lanceolato, acuto, erecto, inferioribus latioribus, patentibus, omnibus marginibus recurvis; petalis multo minoribus, erectis, angustioribus, acutis, convexis; labello trilobo, lobulis lateralibus, subrotundis, erectis, intus pubescentibus, lobo medio lanceolato, acuto, recurvo, apice sub conduplicato, callo carnoso, compresso, pubescenti.

HAB. *as mattas da provincia do* Espirito Santo. *Floresce em Dezembro.*

Obs. Sepalos amarellos côr de enxofre, pontuados de carmim escuro nos bordos; petalas pontuadas, no apice, da mesma côr; labello amarello com os lobos lateraes linhados-pontuados por dentro: gynostemio carmim escuro.

2. **M. Yauaperyensis** Barb. Rod. *l. cit. Pl. 844.*

Pseudobulbis oblongis, compressis, laevibus, monophyllis; foliis lineari-lanceolatis, elongatis, basi attenuato-conduplicatis, acutis; scapo solitario duplo pseudobulbum majore, a squameis quinque vaginantibus embricatis tecto; sepalis, superiore incurvo naviculare mucronato, inferioribus latioribus incurvis, concavis, mucronatis, omnia obtusis; petalis sepalis angustioribus, obtusis, mucronatis, concavis; labello trilobato, minore petalis, lobulis lateralibus erectis, oblongis callo elongato inter se carnoso elevato oblongo, lobo medio sub orbiculari, emarginato, recurvo, marginibus ondulatis, intus et extus laeviter pubescenti.

HAB. *os troncos das arvores das margens do rio* Yauapery. *Floresce em março e abril.*

Obs. Os sepalos são amarello carregado; as petalas brancas amarelladas; da mesma côr o labello com o centro e o apice do callo amarello côr de ouro e os lobos lateraes linhados de purpura escuro.

β ** Plurifloris

3. **M. xanthosia** Barb. Rod, *l. cit. Pl. 848.*

Pseudobulbis oblongis, compressis, monophyllis; folio lineari lanceolato, elongato, oblique acuto, ad basin conduplicato; scapo 2—6 contemporaneis, squameis 7 - envaginantibus, carinatis, acutis, prima ovarium paulo minore; sepalis, superiore lanceolato, acuto, apice recurvo, intus, convexo, inferioribus latioribus, majoribus oblongis, acutis, concavis, apice recurvis; petalis lanceolatis, multo angustioribus, acutis apice recurvis; labello elliptico trilobato, lobulis lateralibus oblongis, obtusis, erectis, callo inter se elongato, carnoso, erecto, attenuato, basi pubescenti, lobo medio subrotundo, emarginato, pubescenti, recurvo.

HAB. *as arvores das mattas do rio* Yauapery. *Floresce em abril.*

Obs. Tendo eu perdido a etiqueta desta especie não posso dar a côr exacta. Lembro-me sómente que é amarella côr de enxofre com o labello branco e carmineo.

QUEKETTIA Lindl.

Q. chrysantha Barb. Rod. *l. cit. Pl. 858.*

Pseudobulbis minimis oblongis, monophyllis; foliis carnosis, cylindraceis, compressis, antice sulcatis, acutis, elongatis; scapo erecto folio majore, paniculato, multifloro; sepalis, superiore erecto, oblongo, acuto, dorso anguloso, apice recurvo, inferioribus basi subgibbosis, connatis, bifidis; petalis oblongis, sub acutis, apice recurvis, dorso anguloso; labello unguiculato oblongo, basi bicalloso, excavato, apice acuto, lateraliter plicato; gynostemio erecto, tereti, subclaviformi, apice auriculato; anthera sub-globosa. Pollinia 2, postice excavata, caudicula minuta, lineari; glandula minuta.

HAB. *os galhos delgados e musgosos dos logares humidos de* Chichiuahú, *no rio* Yauapery. *Floresce em abril.*

Obs. Esta especie por seu porte e flores amarello-douradas, é superior á sua congenere descripta pelo fallecido Lindley, em 1835. E' a segunda conhecida, representando uma o sul e outra o norte do Imperio. A 1ª *Q. microscopica* Lindl. é do Rio de Janeiro e a 2ª, a que aqui descrevo, do Amazonas.

NOTYLIA Lindl.

N. Yauaperyensis Barb. Rod. *l. cit. Pl. 862.*

Pseudobulbis minimis, oblongis; folio lineari-oblongo, basi attenuato, apice apiculato, ondulato; racemo folio minore, nutante, paucifloro; floribus albescentibus; sepalis, superiore lanceolato, concavo, incurvo, acuto, inferioribus bipartitis, apice oblique acutis, recurvis; petalis incurvis, oblongis, acutis, concavis; labello unguiculato, sagitato, obtuso, basi sub unguis puberulo; gynostemio cylindraceo.

HAB. *os ramos delgados e musgosos das arvores das mattas humidas do rio* Yauapery. *Floresce em abril.*

BATEMANIA Lindl.

1. **B. Yauaperyensis** Barb. Rod. l. cit. Pl. 854.

Pseudobulbis ovatis, tetragonis, lucidis, sub-corrugatis, bifoliis; foliis oblongis, acutis, basi angustatis, racemus pendulus 2-4 florus; sepalis superiore oblongo, acuto, incurvo, concavo, inferioribus majoribus, patentibus, marginibus incurvis; petalis oblongis concavis, acutis, erectis; labello trilobo lobulis lateralibus oblongis, serrulatis, medio subrotundo emarginato, recurvo, ondulato, disci in medium laevi.

HAB. *as mattas do rio Yauapery. Floresce em junho.*

Obs. — Sepalos e petalos esverdeados, manchados de carmim escuro; labello branco.

2. **Batemania Petronia.**

Petronia regia Barb. Rod. *Gen. sp. I.* 1878, pag. 107, n. 1.

Estudando melhor esta especie encontrada no rio Yauapery, vi que ella pertencia ao genero *Batemania* de Lindley, estabelecido em 1835 e não ao genero *Petronia* que para ella havia creado. Em consequencia disso, aqui corrijo o erro que commetti levando a especie para a synonimia.

Tribu ARETHUSEAE Lindl.

SOBRALIA Rz. et Pav.

Sobralia Yauaperyensis Barb. Rod. l. cit. Pl. 841.

Plantae caespitosae, epiphytae, caulis tri-quadripedalis, flexuosis, ramosis teretiusculis, foliis oblongo-lanceolatis, acuminatis, subondulatis quinque nervosis; spathae exsertae, acuminatae; sepalis basi, in

tubum connatis, longe-lanceolatis acutis, inferioribus lanceolato-trapezoidalibus, acutis; petalis longe obovalibus, acutis, basi attenuatis, latioribus; sepalis petalisque omnia anthesi revolutis; labello oblongo, basi bilaminigero, apice lateraliter sinuato, profunde emarginato, marginibus crispifoliatis, apice recurvo; gynostemio clavato, apice trilobo, lobulis lateralibus retrorsis, acutis, antice carinato.

HAB. *as arvores das mattas humidas do* rio Yauapery. *Floresce em junho.*

Obs. As flôres, embora menores que as do *S. macrantha*, são lindissimas e de um lilaz admiravel. Murcham com muita facilidade.

Tribu GEOBLASTEAE Barb. Rod.

Pollen extus laeviter cohaerens in massis (polliniis) laevis excavatum, intus pulvereum granulosum facilè solutum. Anthera opercularis, terminalis persistens.

Herbae terrestres, radicibus fasciculatis rigidis, basi corrugatis apice carnosis tuberculiformibus, amylum plenis. Folia membranacea in vaginam caulem circumdantem expansa. Flores spicati

A especie que me obriga a estabelecer esta nova tribu afasta-se inteiramente de todas as estabelecidas pelo sabio Dr. Lindley e em nenhuma póde ser incluida, porque nem as pollinias, nem as flôres teem os caracteristicos determinados. Só pelas flôres é um pouco afim das *Neottiaeas.*

As pollinias são pulverulentas, com o pollen completamente desaggregado, porém, quando comprimido na anthera, apresenta duas massas ôcas, divididas, cada uma, por um sulco profundo que lhes dá o aspecto de quatro.

Este pollen assim se une sem gluten algum, ou caudiculas, apresentando externamente uma superficie lisa de um aspecto ceraceo e internamente a massa granulosa, destacando-se facilmente os grãos. A materia elastica que liga o pollen das *Neottiaeas* e das *Arethuseas* ou a que fórma a rede do das *Ophrideas* não existe na planta de que me occupo. Os grãos do pollen isolados são pyriformes.

Pelas raizes esta orchidacea afasta-se tambem das suas companheiras, pois são mui duras, rigidas mesmo aquellas providas dos tuberculos, que reproduzem a planta. O tecido celular dá-lhes um aspecto carnudo, mas é atravessado este por um feixe de tecido fibroso solido e muito duro. Todas as celulas do tecido celular são cheias de amido. A parte inferior das raizes, que são glabras, isto é, a parte que se prende á planta é inteiramente lenhosa, quadrangular e transversalmente muito enrugada.

Foram estes os principaes caracteres que me levaram a propor a nova tribu para n'ella incluir o novo genero que, por emquanto, é representado pela unica especie aqui descripta, que serve de typo.

GEOBLASTA Barb. Rod.

Sepala superiora subcoriacea, erecta ; lateralibus erectis, cruciatis, labello suppositis.

Petala translucida, inter sepalis erupta, recurva.

Labellum gygnostemio parallelum, trapezoideum, glandulis filiformibus apice oblique obsitum, basi villosum.

Gynostemio clavato, apice auriculato, semiteres, lateraliter anguloso; *stigma* magnum, convexum.

Anthera fixa gynostemium continua, bilocularis; *pollinia* 2 elongata, extneré suleata, laevis: intus pulverulento-granulosa, extus laevis.

Flores spicati.

Herbae *terrestres*, radicibus *tuberculiferis-corrugatis*, foliis *radicalibus, tactu mollibus, sub succulentis.*

Pelas folhas seria esta planta um *Sarcoglottis*, si as raizes sem pellos não a afastassem, tambem, pela sua rigidez e rugosidade. A haste coberta de squamas ou bracteas é muito semelhante á dos *Spiranthes*, porém as flôres são inteiramente differentes. O ovario é liso, lustroso e obconico. Pelo porte e pelo habitus, parece uma *Neotiteas*, emquanto que pelas flôres se liga ás *Vandeas*, com pollinias que se não prendem á tribu alguma.

O nome *Geoblasta* deriva-se de γῆ terra, βλαστάνω germinar, pela circumstancia de ser terrestre, extherantha, e só crescer no solo duro das estradas, batidas pelos passageiros.

Especie unica.

Geoblasta Teixeirana Barb. Rod. *loc. cit. Pl. 865.*

Foliis 2—3 contemporaneis, envaginantibus, extheranthis, oblongis, acutis, planis; scapo erecto squameis envaginantibus embricatis tecto, unifloro. Sepalis oblongis, acutissimis, concavis, striatis, erectis, inferioribus cruciatis; petalis minore sepalis, oblique oblongis, acutis, concavis, apice recurvo-convexo; labello basi gynostemio adnexo, erecto, concavo, basi villoso, anticé ad medium subsquamato, marginibus laciniatis in glandulis piliferis erectis et recurvis.

HAB. *crescendo nos terrenos argilosos e batidos das estradas de* Curityba, *na provincia do* Paraná. *Floresce em Outubro.*

Os sepalos são transparentes, verdes com veios purpureos; as petalas são brancas com veios da mesma côr dos sepalos, e o labello é cor de vinho escuro, com os pellos do apice brancos e os dos lados pardacentos.

Descrevi esta especie em 1881, logo que recebi o exemplar secco, que me foi communicado pelo Ex.mo Barão de Capanema; porém só completei o meu estudo no anno seguinte quando recebi exemplares vivos e completos. Esta magnifica e exquisita especie é dedicada ao Sr. *Augusto de Assis Teixeira*, o que primeiro a encontrou e a esforços do qual devo possuir exemplares perfeitos.

Museu Botanico do Amazonas, março de 1886.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

A

B

C

D

E

G

H

I

J

K

L

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

Y